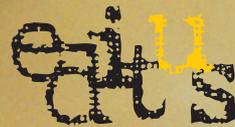


DE TABOÇAS A ITABUNA

UM CAMINHO HISTÓRICO - GEOGRÁFICO

Maria Palma Andrade
Lurdes Bertol Rocha

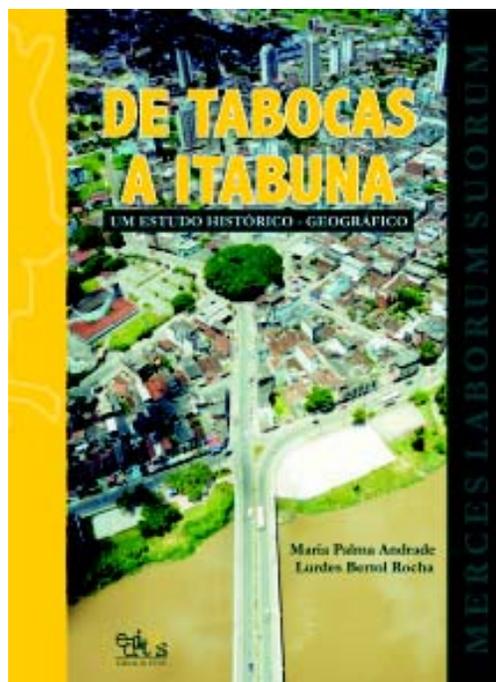


Editora da UESC

MERCES LABORUM SUORUM

DE TABOCAS A ITABUNA

UM ESTUDO HISTÓRICO - GEOGRÁFICO



CAPA:

Detalhe do centro da cidade, tendo em primeiro plano a ponte César Borges sobre o rio Cachoeira. No centro, o Jardim do Ó. As cores preto e amarelo, que margeiam a foto, são as cores oficiais da bandeira de Itabuna. O lema em latim *Mercēs laborum suorū* (encontrado no escudo) significa “A recompensa de seus trabalhos”.

Concepção e organização

Maria Palma Andrade

Lurdes Bertol Rocha

DE TABOCAS A ITABUNA

UM ESTUDO HISTÓRICO - GEOGRÁFICO

Colaboração

AGENOR GASPARETTO

CLARICE GONÇALVES S. DE OLIVEIRA

GILMAR ALVES TRINDADE

JOÃO CORDEIRO DE ANDRADE

Ilhéus - Bahia

2005



Editora da UESC

© 2005 by MARIA PALMA ANDRADE E LURDES BERTOL ROCHA

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45650-000 Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (073) 680-5028 - Fax: (073) 689-1126
http://www.uesc.br e-mail: editus@uesc.br

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
PAULO GANEM SOUTO - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
ANACI BISPO PAIM - SECRETÁRIA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
ANTÔNIO JOAQUIM BASTOS DA SILVA - REITOR
LOURICE HAGE SALUME LESSA - VICE-REITORA

DIRETORA DA EDITUS
MARIA LUIZA NORA

FOTO DA CAPA
GERALDO BORGES

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA
NOVA IDÉIA - PROJETOS GRÁFICOS E EDITORIAIS
novaideiaonline@hotmail.com

EQUIPE EDITUS

DIRETOR DE POLÍTICA EDITORIAL: JORGE MORENO; **REVISÃO:** MARIA LUIZA NORA; **SUPERVISÃO DE PRODUÇÃO:** MARIA SCHAUN;
COORD. DE DIAGRAMAÇÃO: ADRIANO LEMOS; **DESIGN GRÁFICO:** ALENCAR JÚNIOR.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D479 De Tabocas a Itabuna : um estudo histórico-geográfico / concepção e organização Maria Palma Andrade, Lurdes Bertol Rocha ; colaboração Agenor Gasparetto ... [et al.]. – Ilhéus, Ba : Editus, 2005.
183p. : il.

Bibliografia: p. 177-183
ISBN: 85.7455.094-9

1. Itabuna (BA) – História. 2. Itabuna (BA) – Descrições. 3. Itabuna (BA) – Geografia. 4. Itabuna (BA) – Usos e costumes. I. Andrade, Maria Palma. II. Rocha, Lurdes Bertol. III. Gasparetto, Agenor.

CDD 981.42

Ficha catalográfica: Silvana Reis Cerqueira - CRB5/1122

SOBRE OS AUTORES

Maria Palma Andrade, professora aposentada do curso de Geografia da UESC. Fez parte do corpo docente desta Universidade de 1968 a 2003. Tem vários livros publicados sobre Itabuna, Ilhéus e a região, como: *Itabuna, estudo monográfico* (1972) *Geografia da microregião cacauzeira* (1978), *Estudo geoeconômico da Bahia* (1978), *Ilhéus passado e presente* (1996).

Lurdes Bertol Rocha, professora de Geografia da UESC desde 1988. Tem publicados dois livros, pela EDITUS: *Iniciação à linguagem cartográfica* e *O centro da cidade de Itabuna: trajetória, signos e significados*, além de artigos em revistas e capítulos de livros.

Clarice Gonçalves S. Oliveira e Gilmar Alves Trindade, professores do curso de Geografia da UESC desde 1990, têm artigos publicados em revistas e periódicos.

Agenor Gasparetto, sociólogo e professor do curso de Geografia da UESC, tem livros publicados, além de artigos em revistas e jornais regionais.

João Cordeiro de Andrade, professor licenciado em História pela UESC, servidor público estadual lotado na UESC-CEDOC - Centro de Documentação e Memória Regional.

APRESENTAÇÃO

Escrever um livro é, em primeiro lugar, registrar nele as idéias que foram gestadas dentro de um espaço de tempo. As idéias transformam-se em palavras, as palavras em frases, as frases em parágrafos, os parágrafos viram páginas, que viram folhas, que viram um livro. É como se um corpo fosse se formando no útero das idéias.

Este livro destina-se especialmente para quem é, se tornou ou se sente grapiúna itabunense. A escolha dos temas, dos mapas, dos gráficos, das fotos, das palavras, teve você, caro leitor, estudante, como nosso foco principal. Além dos autores constantes nesse volume, muitos foram os colaboradores. Impossível nomear a todos. Mas, alguns merecem destaque: Ellen Márcia e Xanda (secretárias do Colegiado de Geografia), e os que gentilmente aceitaram ser entrevistados e ofereceram subsídios para o enriquecimento do livro, como: Dagoberto Brandão (urbanismo), Gladys Almeida (cultura), Ubaldo Dantas (política) e Carlos Roberto Bortolon (transporte – ORSUB). Um agradecimento especial deve ser feito à Elizabeth Moreira (Beth), filha do grande artista plástico grapiúna, Valter Moreira, por sua incansável disponibilidade em permitir fotografar e usar as imagens das telas de seu pai, que retratam a gente e as coisas de Itabuna e da região cacauêira.

Nossa intenção, ao apresentar este livro, é que Itabuna seja conhecida desde o seu nascimento, ou melhor, desde o tempo em que suas terras faziam parte da Capitania de São Jorge dos Ilhéus. É necessário conhecer o chão que nos viu nascer, que nos abriga, que nos acolhe, que nos recebe. Só podemos amar o que conhecemos. Se conhecemos, amamos. Se amamos, cuidamos. Se cuidamos, queremos ver o objeto de nossos cuidados (no caso, Itabuna) crescer, desenvolver-se, fazer parte do mundo, não apenas como mais uma cidade, mas como uma cidade que tem algo a ensinar, a oferecer, a partilhar.

Desejamos que este livro seja útil a você. Que você possa conhecer um pouco mais desta cidade que tem seus valores próprios, sua cultura, sua gente que está inserida no contexto da globalidade, sem perder, contudo, sua identidade.

Lurdes Bertol Rocha

ITABUNA: SUA HISTÓRIA

1

✓ ITABUNA NA REGIÃO CACAUEIRA	13
✓ A FORMAÇÃO ÉTNICA	18
✓ Os índios	18
✓ Os negros	19
✓ Os brancos	20

O MUNICÍPIO DE ITABUNA

2

✓ POSIÇÃO GEOGRÁFICA E DIVISÃO ADMINISTRATIVA	29
✓ CRESCIMENTO POPULACIONAL	33
✓ DESEMPENHO ECONÔMICO DO MUNICÍPIO	37
✓ ATIVIDADE COMERCIAL	38
✓ SERVIÇOS	41
✓ QUADRO NATURAL	42
✓ O rio Cachoeira	42
✓ As cheias do rio Cachoeira	47
✓ As ilhas do rio Cachoeira	49
✓ Problemas ambientais na bacia do rio Cachoeira	49
✓ As pontes do rio Cachoeira na cidade de Itabuna	51
✓ O CLIMA E A VEGETAÇÃO DE ITABUNA	56

A CIDADE DE ITABUNA

3

✓ AS ORIGENS	63
✓ O CENTRO HISTÓRICO DE ITABUNA	64
✓ OS BAIRROS DE ITABUNA	67
✓ AVENIDA CINQUENTENÁRIO - CORAÇÃO DA CIDADE	70
✓ PRAÇAS DO CENTRO DA CIDADE DE ITABUNA E SUAS FUNÇÕES	72
✓ Praça Santo Antônio	72
✓ Praça Olinto Leone	73
✓ Praça Adami	74
✓ Jardim do Ó	75
✓ Praça José Bastos	75
✓ Praça Otávio Mangabeira (Camacan)	76
✓ Praça Rio Cachoeira	77
✓ Praça Laura Conceição	77
✓ Outras praças	78

ITABUNA: REDES E FLUXOS URBANOS

4

✓ AS REDES	81
✓ Rede de Transportes	82
✓ Rede Bancária	87
✓ Rede de Comunicação	88
✓ Rede de Educação	89
✓ Rede de Saúde	91

O USO DA TERRA

5

✓ ESTRUTURA FUNDIÁRIA	95
✓ OPORTUNIDADES AGRÍCOLAS PARA O MUNICÍPIO DE ITABUNA	98

ATIVIDADE INDUSTRIAL

6

✓ ANTECEDENTES HISTÓRICOS	105
✓ DISTRITO INDUSTRIAL DE ITABUNA: ASPECTOS GERAIS	106
✓ PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO	107
✓ CONHECENDO ALGUMAS INDÚSTRIAS	111
✓ Companhia Produtora de Alimentos Nestlé-Itabuna	111
✓ Indústria Postes Nordeste S/A	113
✓ Cooperativa Grapiúna de Agropecuaristas Ltda - COOGRAP	114
✓ Kissex	114
✓ Itabuna Têxtil - Tri Fil	114
✓ Indústria de Calçados Itabuna - Kildare	115
✓ Cambuci S/A Penalty	115
✓ PENSANDO NA CONSOLIDAÇÃO DA ATIVIDADE INDUSTRIAL EM ITABUNA	116

CULTURA E TRADIÇÃO

7

✓ EXPRESSÕES FOLCLÓRICAS DE ITABUNA	119
✓ Usos e costumes da cultura do cacau	119
✓ Festas e folguedos	120
✓ São João	120
✓ Carnaval	121
✓ Literatura de cordel	122
✓ Trovas do cacau	123
✓ LITERATURA E ARTE	124
✓ Música	124
✓ Teatro	128
✓ Literatura	130
✓ Pintura e escultura	131
✓ Dança	132
✓ Órgãos de divulgação da cultura	132
✓ SÍMBOLOS DE ITABUNA	135
✓ Bandeira e Escudo	135
✓ Escudos e Bandeiras de Itabuna	137
✓ Como deveriam ser os Símbolos de Itabuna	138
✓ Hino a Itabuna	139
✓ MUSEU CASA VERDE	140
✓ SANTA CASA DE MISERICÓRDIA - UMA INSTITUIÇÃO FILANTRÓPICA	141

CALENDÁRIO HISTÓRICO

8

✓ CALENDÁRIO HISTÓRICO DE ITABUNA	145
✓ INTENDENTES E PREFEITOS	150
✓ Intendentes	150
✓ Prefeitos	151
✓ FOTOS DE BUSTOS DE PERSONALIDADES DA HISTÓRIA DE ITABUNA	157
✓ FIGURAS DE ITABUNA E A POESIA DE CYRO DE MATTOS	158

TEXTOS COMPLEMENTARES

9

BIBLIOGRAFIA

ITABUNA: SUA HISTÓRIA

1

Lurdes Bertol Rocha
Maria Palma Andrade

- ✓ **ITABUNA NA REGIÃO CACAUEIRA**
- ✓ **A FORMAÇÃO ÉTNICA**

- ✓ Os índios
- ✓ Os negros
- ✓ Os brancos

“Itabuna,
nossa cidade, nossa força.
O teu crescimento enche nossos olhos
carrega nossos corações de orgulho
e nos dá força de dizer
SOU GRAPIÚNA”.

CARLOS CARDOSO



ITABUNA NA REGIÃO CACAUEIRA

A história de Itabuna confunde-se com a história de Ilhéus até 1906, quando fazia parte da sua área territorial, como um dos seus distritos. Dominada pela floresta tropical, povoada por indígenas, catequizados ou não, servindo de passagem para tropeiros, teve suas terras invadidas pelos colonos brancos interessados no cultivo do cacau que florescia na ex-capitania de São Jorge dos Ilhéus.

Para melhor entender Itabuna no contexto regional é mister levantar, em linhas gerais, a história da formação da região cacaueira do sul da Bahia, já que o cacau foi a mola propulsora da expansão, crescimento e identidade de uma região que, durante muito tempo, se chamou região cacaueira.

Nos primórdios da história do sul da Bahia, a área era povoada por várias tribos indígenas, entre elas a dos Aimoré, dos Pataxó, dos Camacan, que, com frequência, inconformados com a invasão de suas terras pelos homens brancos, atacavam seus estabelecimentos e suas lavouras, confinando-os quase que exclusivamente à faixa do litoral.

Entre 1600 e 1603, a vila de Ilhéus amargou grandes baixas de sua população, devido ao ataque dos índios. Foi necessário, para pôr fim ao conflito, o Governador Geral Dom Diogo Monteiro, enviar da Bahia (Salvador) um exército de índios Potiguar, já apaziguado, para combater os Aimoré. Até 1755, continuaram as incursões dos índios, tentando expulsar os colonos brancos de suas terras. De início, portanto, foi muito difícil a penetração para o interior do sul da Bahia, e a ocupação das terras indígenas pelos brancos.

O início do plantio do cacau na Bahia

ocorreu a partir de 1746, quando o francês Luiz Frederico Warneaux trouxe sementes do Pará que foram plantadas por Antônio Dias Ribeiro na fazenda Cubículo, às margens do rio Pardo, em áreas que hoje constituem o município de Canavieiras. Já em 1752 a cultura do produto atingiu Ilhéus, expandindo-se em seguida para Belmonte, Itabuna, Barra do Rio de Contas, entre outros. Das áreas ocupadas pelo plantio do cacau, a de Ilhéus foi a que mais prosperou, às margens do rio Cachoeira, sobrepujando as outras culturas, tais como cana-de-açúcar, algodão, fumo, arroz, milho e café. Em 1910 este produto ocupava o primeiro lugar na economia baiana. Em 1924, com a produção de mais de um milhão de sacas, ocupava o segundo lugar na produção mundial.

De 1746 a 1820, a Capitania de Ilhéus, após um período de progresso no início da ocupação portuguesa, teve as atividades dos engenhos e de criação de bovinos estagnadas, tornando-se elas complementares; a capitania passou a sobreviver do comércio da madeira. A burguesia, que começava a se formar, precisava de uma atividade produtiva, mais rentável do que a do comércio da madeira e da exportação de açúcar, para progredir. O produto que despontava como promissor era o cacau. A cacaucultura foi financiada pelo capital comercial e, a partir daí, começou-se a fazer a desapropriação de terras indígenas. Nesse período foram realizadas tentativas de implantação do cacau na área que vai do atual município de Cairu até Porto Seguro, caracterizado pela dispersão de iniciativas de plantio e pelo pouco significado do produto na pauta

de exportações. O cacau em amêndoas produzido no Brasil, nesse período, já era exportado através do Pará, num máximo de 1.800 toneladas, proveniente de plantações que mais tarde se desorganizaram com o advento da borracha.

Entre 1821 e 1895, o ano de 1834 se constituiu no marco do fornecimento regular de amêndoas para o exterior, e também no marco do aumento de interessados aderindo ao cultivo do cacau. Este período foi também o do recrudescimento da crise da produção açucareira, queda dos preços do algodão e início da cultura cafeeira que se implantou com base nos recursos terra, capital e trabalhadores subutilizados na região de antiga mineração.

A produção cacauicultora, entre 1896 e 1930, foi responsável, em grande parte, pelo crescimento da urbanização e das atividades urbanas de comercialização e exportação do cacau e também pelo crescimento de bens necessários às populações do campo. O aumento da produção do cacau levou ao aumento do fluxo monetário que, por sua vez, trouxe prosperidade à região, tornando o antigo desbravador um “coronel”, possibilitando-lhe viver na cidade. Apesar de o coronel não viver no fausto e luxo dos senhores de engenho e dos barões do café, havia uma grande diferenciação social. Como coronel, não mais residia na fazenda, porém na cidade, e passou a ser um agente que iria interferir e comandar a política local. Os coronéis tornaram-se homens com poder muito grande sobre a população, tornando-a refém de seus caprichos, e fazendo da política local o meio de impor suas vontades e realizar seus interesses e, para impor sua força, cercaram-se de jagunços.

Nos anos de 1930 a região cacaueira alcançara o *status* de região rica, onde o comando político e econômico era exercido pelos coronéis do cacau, servidos pelos jagunços e

trabalhadores rurais. Esta década caracterizou-se pela conquista da terra, sendo o cacau o produto em torno do qual girava a economia e a dinâmica social. A identidade da terra do cacau era composta pela força do fazendeiro, pela submissão e ignorância do trabalhador rural, pelos jagunços, meretrizes, com seus costumes, crendices e superstições. “As lutas políticas, os choques das ambições entre os donos das terras, as disputas nas posses das propriedades, os crimes de morte, as injustiças praticadas, os insultos lançados, a maldade humana não atingiram os cacaueiros” (PEREIRA FILHO, 1960). Fica claro, que os homens do cacau podiam ser atingidos pela morte, pela injustiça, pela miséria, mas a produção devia ser preservada e ampliada a qualquer custo, pois significava dinheiro, riqueza, poder.

O período de 1930 a 1980, o mais importante da lavoura cacaueira, “foi um tempo de conquista da terra, cultivo, colheita, comercialização e exportação do cacau, de muita riqueza e muitas distorções sociais”. Este período constituiu-se num tempo em que a região foi conhecida como “pobre região rica”, período áureo da Região do Cacau, da febre da riqueza, dos “valores centrados no ter”. A expressão “pobre região rica”, significava que, apesar da riqueza, campeavam as distorções sociais, a miséria do trabalhador rural, os caxixes (grilagem), a ignorância. Hoje, a expressão está sendo substituída pelo dito popular “avô rico, pai nobre, filho pobre”, sintetizando a imagem atual que se faz desta região.

Entre 1951 e 1957, enquanto a exportação em amêndoas cresceu em média 1,4% ao ano, passando de 73 para 104 mil toneladas, a área cultivada cresceu 4,0% ao ano e os preços das amêndoas do cacau para exportação oscilaram de forma acentuada, conforme dados da CEPLAC.

Esta situação teve como conseqüência

uma grave crise, levando vários negócios à falência e à insolvência dos produtores junto às exportadoras, bancos e agiotas. Para saldar suas dívidas, um número significativo de produtores teve que se desfazer de suas propriedades. De acordo com levantamentos feitos pela CEPLAC e pelo ICB (Instituto de Cacau da Bahia), houve uma redução de 10.000 cacauicultores no período. Para agravar mais ainda esta situação, a crise mundial de 1929, de exportação, proveniente dos anos da Segunda Guerra Mundial, influenciou decisivamente para a desestruturação de um grande número de produtores de cacau, que acabou se urbanizando. Os que não se desfizeram de suas terras, foram obrigados a mudar a forma de se relacionar com a propriedade, dando-lhe mais atenção, principalmente no que se refere à administração do imóvel, que normalmente ficava sob a supervisão de um administrador.

Outras causas responsáveis pela crise desse período foram o esgotamento das terras férteis e a implantação da cacauicultura em áreas de solos pobres e distantes dos centros de comercialização quando, de acordo com o sistema produtivo da época, eram ocupadas terras férteis e próximas do centro de comércio.

Para salvar a lavoura cacauceira do colapso, já que era a principal atividade geradora de divisas da Bahia, foram tomadas medidas de política agrícola que viessem atuar na esfera da comercialização e da infra-estrutura. Em junho de 1931, foi criado o ICB (Instituto de Cacau da Bahia), instituição de caráter cooperativo, cuja principal função era divulgar preços, efetuar operações de compra e, com isso, evitar as especulações que caracterizavam o comércio do cacau. Em 1957, o governo federal criou a Comissão Executiva do Plano de Recuperação da Lavoura Cacauceira (CEPLAC), com o objetivo de desenvolver pesquisas agrônômicas, prestar assistência técnica ao

produtor, orientar o crédito e proceder a venda de insumos agrícolas.

A partir de 1958 começa um período de recuperação; os preços voltaram a subir, as exportações aumentaram sensivelmente, surgindo inclusive algumas indústrias para processar o cacau e exportá-lo em forma de manteiga de cacau ou de pasta para a produção do chocolate, além, é claro, de continuar a exportação do produto em amêndoas. Mas a crise não foi embora e novos problemas surgiram. A partir da década de 1980, a crise na lavoura do cacau se agravou mais ainda, devido a diversos fatores, entre os quais podem ser citados o baixo preço no mercado internacional, o alto custo da manutenção das fazendas, a falência do modelo administrativo, a proliferação de uma doença típica dos cacauais da Amazônia, a vassoura-de-bruxa. A doença já era conhecida desde o século XVIII, registrada por um naturalista baiano, Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, em suas viagens pelos estados do Pará, Amazonas e Mato Grosso. Em 1785, ele denominou-a de “lagartão”.

Dentro deste período há de se salientar, de forma especial, a década de 1970, quando a comercialização e a exportação de cacau ainda permitiam que as taxas retidas pelo Governo Federal retornassem à região através da Comissão Executiva para o Plano da Lavoura Cacauceira, (CEPLAC). Este órgão foi criado em fevereiro de 1957, no governo de Juscelino Kubitschek, pelo Decreto-Lei de número 40.987. Permitia-se, nessa época, que os recursos fossem aplicados na região, principalmente em Itabuna e Ilhéus, para a construção de estradas, escolas, prédios. O Campus da hoje Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), à época FESPI (Federação das Escolas Superiores de Itabuna e Ilhéus), foi construído pela CEPLAC, com os recursos dessas taxas.

O cacau trouxe muita riqueza para a

região, principalmente para Itabuna. Para os cacauicultores, parecia que esta riqueza não teria fim. Consideravam a região e a cidade opulentas, contentando-se com isso em deixar que a natureza continuasse produzindo os frutos. Orgulhavam-se da riqueza e do poder. Esta mentalidade preocupava as pessoas de visão mais larga, pessoas que sabiam das consequências funestas da monocultura e da falta de tecnologia adequada para o manuseio da terra.

Como tem ocorrido com outras monoculturas, a decadência da produção chegou também à lavoura cacauêira, cujos sinais mais visíveis tiveram seu início na década de 1980. As taxas do cacau não mais retornavam de forma direta à região, ficando centralizadas no orçamento federal. A podridão parda, doença comum do cacau, invadiu as plantações, causando queda na produção. Esta doença, “causada por um fungo denominado *Phitophora*, ocorre em todas as regiões onde se cultiva o cacau, com maior ou menor intensidade, de acordo com as condições existentes. Sua ocorrência se verifica apenas nos frutos e em qualquer etapa de seu desenvolvimento, causando prejuízos de 20% a 30% da produção”.

No final dos anos de 1980 e início da década de 1990, além da permanência da podridão parda, surge, nos cacauais do sul da Bahia, outra doença causada por fungo com grande poder de destruição, conhecida como vassoura-de-bruxa (*Crinipellis perniciososa*), completando assim o quadro de decadência da lavoura cacauêira. A vassoura-de-bruxa é uma enfermidade do cacauêiro, natural da região amazônica. Ocorre também em outros países da América do Sul e ilhas do Caribe. Sob condições de umidade e calor, favoráveis ao fungo, mais de 90% dos frutos podem ser atacados e destruídos. Na região cacauêira da Bahia, esta doença foi constatada pela primeira vez em maio de 1989. Enquanto na podridão par-

da os fungos atacam o fruto, os esporos do fungo da vassoura-de-bruxa penetram no tecido em crescimento do cacauêiro, produzindo sintomas que são observados tanto na copa como no tronco.

O cacau passou por várias crises em sua produção e comercialização ao longo de sua história, devido ao ataque de diversas doenças, às flutuações no preço internacional, entre outros fatores, trazendo reflexos para a economia regional e, em especial, para a economia de Itabuna. A crise sempre foi uma constante na lavoura cacauêira do Brasil e, em particular, na do sul da Bahia. Por esta razão, há um adágio popular que diz que produzir cacau é “assinar um contrato de risco com cinco tipos de incertezas: a) os caprichos da natureza, sobretudo clima; b) os ataques impiedosos das pragas e doenças; c) as irregularidades do mercado e dos preços; d) o descaso ou intervenções extemporâneas do governo; e) as inevitáveis flutuações da receita líquida em divisas pela variação do câmbio” (MENEZES; CARMO-NETTO, 1993, p. 9).

Os órgãos de imprensa já chamavam a atenção, desde 1956, para o perigo da derrocada, da euforia seguida de depressão, pois o cacau era motivo de alegria na época das vacas gordas e de queixa nos períodos difíceis. Até o dia em que ruíram seus alicerces, como ruíram os da borracha na Amazônia. Trinta e três anos após o grito dado pela imprensa, constata-se o desastre, afirmando que o cacau chegou ao “fundo do poço” e que a “festa acabou”.

Há duas versões para a entrada da vassoura-de-bruxa na região cacauêira do sul da Bahia. A primeira defende a idéia de que, como na década de 1980 era intenso o movimento de mudas e de sementes vindas da Amazônia, via caminhões que traziam mercadorias do Pará, a doença teria vindo através desta movimentação.

ção. Segundo esta hipótese, a doença teria se instalado nos cacauzeiros de forma acidental. Como os esporos da vassoura de bruxa são carregados pelo vento, nesse caso teria havido uma disseminação contínua. A outra versão é a de que sua introdução teria sido proposital, através de pessoas insatisfeitas com a CEPLAC, que naquela época já estava em crise, uma vez que se pode constatar que a doença se instalou de forma violenta e, simultaneamente, em Uruçuca e Camacan, distantes entre si 200 km, não afetando a lavoura cacauzeira que estava situada entre esses dois municípios. Este fato trouxe muita discussão, inclusive porque o ministro da Fazenda, à época, Delfim Neto, estava interferindo na CEPLAC, alegando que ela era detentora de muito dinheiro, comportando-se como uma entidade independente no Brasil. Isto porque ela não dependia do governo federal, nem do estadual. Era autônoma, arrecadava 10% da produção de cada cacauicultor e aplicava o dinheiro como considerava melhor. O ministro não concordava com esta política e começou a se movimentar para institucionalizar a CEPLAC. No momento da institucionalização, a região não tinha nenhum líder que pudesse defender seus interesses. A CEPLAC foi institucionalizada em 1988, e uma das primeiras providências foi cortar sua ligação com a Federação das Escolas Superiores de Itabuna e Ilhéus (FESPI), à época mantida por ela, hoje Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

Itabuna, por ter crescido e se desenvolvido com a produção monocultora e o comércio do cacau, foi uma das cidades que mais sentiram o impacto da crise. Acostumado a uma agricultura lucrativa e sem muito esforço, o antigo cacauicultor procura fórmulas que se aproximem do modelo do cacau e, por esta razão, a pecuária extensiva e agora o café tornaram-se as formas mais práticas de ter o re-

torno do capital, mas, nessas práticas, utilizando modelos que levam à devastação indiscriminada da Mata Atlântica o que contribui para a degradação ambiental de forma irreversível.

A queda da produção, da exportação e, conseqüentemente, da entrada de divisas repercutiu sensivelmente na vida da população das cidades regionais, em especial na de Itabuna, baixando-lhe o nível de vida. Um dos indicativos desta situação refletiu-se nas famílias abastadas, sendo obrigadas a trazer de volta seus filhos que sempre estudaram nas grandes cidades do país e até do exterior. Sem o dinheiro do cacau, já não seria possível mantê-los em bons colégios e faculdades. O padrão de vida de grande parte da população ligada ao cacau caiu e o comércio foi atingido de forma significativa.

O cacau, e o que ele significou para a população regional, talvez fique apenas como uma lembrança na poesia de Valdelice Pinheiro, poeta itabunense: “Há uma árvore/ que implantou/ meus sonhos. / Há uma árvore/ que conheceu/ meus braços/ e fecundou/ minhas asas./ Há uma árvore/ que dourou/ meus olhos/ e me ensinou/ a luz./ Há uma árvore/ que me alimentou/ na alegria infantil/ do chocolate”. Há de se esclarecer, porém, que o acesso ao chocolate por parte das crianças que conviveram com o cacau sempre foi muito restrito. Como o produto final do cacau é caro, as crianças que vivem ou viviam no meio dessas roças, raríssimas vezes puderam saborear um bombom de chocolate. Por outro lado, muitas crianças da cidade, que podem ou podiam desfrutar do sabor do chocolate, não sabem o que é um pé de cacau.

A população regional, como um todo, empobreceu. É claro que, antes disso, havia pobreza, como em todo mundo, mas não havia miséria. Já se foi o tempo áureo, os cacauais foram atacados pela praga que veio da

Amazônia, os preços despencaram e as cobichadas fazendas perderam o seu valor. O desemprego na zona rural aumentou, o inchaço na periferia da cidade cresceu. Contudo, para sair da crise, tentam-se novas alternativas, buscando a diversificação através de novas cultu-

ras agrícolas, instalação de novas indústrias, intensificação do comércio. Ao lado disso, tenta-se a recuperação da lavoura cacaueteira, principalmente através do processo de clonagem. Enfim, busca-se a reestruturação econômica regional.

A FORMAÇÃO ÉTNICA

Os índios

Nas terras que formavam o município de Itabuna, viviam os índios das tribos Pataxó, Guerem e Camacan, descendentes, em linha direta, dos primeiros índios encontrados no Brasil em 1500.

Em 1815, o Conde dos Arcos, então Governador da Bahia, ordenou a transferência dos índios aldeados próximos ao rio Almada, para outro local, sendo escolhido Ferradas, por onde passava uma estrada que permitia o transporte de gado e servia para a penetração de colonizadores em direção à vila imperial de Vitória da Conquista, na época chamada também de Sertão da Ressaca.

Os índios trazidos para Ferradas estavam a cargo dos frades capuchinhos que se encarregavam de catequizá-los. Um dos capuchinhos mais notáveis foi frei Ludovico Liorne, de Livorno, (Itália) que chegou a Ilhéus em 17 de março de 1816 e, durante 32 anos, promoveu um intenso trabalho de evangelização. Dois anos depois do início da catequese, em Ferradas, já havia uma comunidade formada por treze famílias de índios Guerem, originários do Almada e 120 Camacan, que res-

taram de uma epidemia que quase os dizimou. Em 1829, os índios de Ferradas não passavam de 90 e na aldeia Barra do Salgado (Itapê) viviam apenas 50 índios.

Nessa época, iniciava-se o período da “civilização” do cacau, mas os índios, incomformados com a invasão do homem branco e com a transferência do antigo aldeamento, dificultavam a vida do colonizador. O Frei Ludovico conquistou sua confiança e os pacificou, promovendo uma convivência de paz e harmonia entre eles e os colonos.

Ferradas foi a primeira vila da região, chamada anteriormente de vila Dom Pedro de Alcântara, tendo por ela passado os naturalistas alemães Von Spix e Von Martius e o príncipe Maximiliano Alexandre Felipe.

Frei Ludovico encontrou nas redondezas outros selvagens Camacan que viviam não catequizados, porém dóceis, logo se aproximando do frei com quem mantiveram longa experiência missionária. Tinham uma língua própria, porém muito rudimentar, composta de uns duzentos vocábulos apenas. Quando faltavam as palavras, usavam mímica.

Ferradas tornou-se inadequada para os índios. Frei Ludovico, então, transferiu um

grande número deles para a aldeia Barra do Salgado, situada a quatro léguas acima. No entanto, o frei continuou atendendo no centro missionário de Ferradas.

Por ocasião de seu falecimento, aos 76 anos, em 1849, frei Ludovico foi substituído pelo Frei Vicente Maria Filesi d'Ascoli, que acabou morrendo afogado nas águas do rio Cachoeira pouco tempo depois.

Os índios catequizados abriam roças para o cultivo de subsistência e se dedicavam também a atividades artesanais com materiais encontrados na natureza. Eram índios mansos que viviam conforme as leis da natureza e não se consideravam no dever de prestar contas de suas ações a ninguém. Acreditavam na sobrevivência da alma que só se separava do corpo depois de total decomposição, quando, então, migravam para a lua, seu destino final. Para eles, o eclipse lunar era um sinal de cólera de seus antepassados e previsão de graves calamidades. Veneravam os mortos e sepultavam-nos. Admitiam a existência de um ser supremo ao qual chamavam de Guegiaora. Sabiam distinguir o bem do mal como: furto, calúnia, homicídio, adultério. Eram bastante solidários entre os membros do mesmo clã. Colaboraram efetivamente para a abertura da estrada para a vila imperial de Vitória da Conquista e garantiram a segurança dos colonos contra os assaltos dos índios da tribo dos Pataxó que viviam na redondeza.

Os Pataxó e Botocudo que viviam mais para o interior, defendiam suas terras contra a invasão de outras tribos e dos brancos, manejavam o arco e flecha com habilidade, mas não conheciam outra ocupação além da caça e da pesca.

Apesar de serem em número reduzido e reconhecendo sua inferioridade, os índios, que sabiam ser inútil o uso de suas flechas contra as espingardas, bacamartes e mosquetões

usados pelos colonos, embrenhavam-se nas matas preparando armadilhas, com o intuito de conter o avanço dos colonos. Os fazendeiros que não souberam conquistar a amizade dos índios foram atacados e as brigas constantes, mas, os que souberam conviver com eles, tornando-se amigos, eram sempre presenteados com caça que abatiam com flechas.

A influência do indígena na cultura do povo de Itabuna é representada pelo uso de alimentos à base de mandioca e milho como, por exemplo, cuscuz, beiju, farinha; de folhas como taioba, bredo de veado entre outras. Na toponímia, várias palavras foram incorporadas ao vocabulário: Itabuna, Itapé, Itajuípe. No uso doméstico entraram a rede, a cerâmica de barro, os cestos, entre outros. Em razão da pequena quantidade de indígenas encontrados nas terras que se constituíram no município de Itabuna, a miscigenação foi insignificante.

Os negros

Os negros, descendentes dos escravos que aportaram em Ilhéus nos séculos XVII e XVIII, foram atraídos pela necessidade de mão-de-obra nas roças para o cultivo do cacau e para os serviços domésticos dos fazendeiros. Os mulatos e negros vindos de Sergipe e do sertão da Bahia e que chegaram a Itabuna a partir de 1850, foram atraídos pela riqueza da região onde plantaram suas roças dando origem ao povoamento e constituindo ilustres famílias como a de José Firmino Alves, fundador de Itabuna, entre outras. Os negros que permaneceram na área urbana fixaram-se na margem direita do rio Cachoeira, onde se tinha iniciado o povoamento com Félix Severino do Amor Divino. Em razão da concentração de negros nessa área, o local passou a ser chamado de Abissínia (hoje bairro

Conceição), em referência a antigo país africano.

A miscigenação com o branco foi acontecendo paulatinamente e sua influência na cultura do povo de Itabuna, como no restante do Brasil, está presente na alimentação, com o acarajé, vatapá, muoqueca; na religião, pela prática do candomblé; na música, com o samba, a batucada; na dança, com a capoeira. A influência do negro na formação étnica do povo de Itabuna foi muito maior que a do indígena, resultante de uma miscigenação observada até os dias de hoje.

Os brancos

Os capuchinhos que permaneceram na área que seria o município de Itabuna podem

ser considerados os primeiros brancos a povoar essas terras. Eles colaboraram com o processo de ocupação da terra e expansão da cultura do homem branco.

Outros brancos que chegaram às terras de Itabuna foram alguns dos desbravadores vindos de Sergipe, do nordeste da Bahia, do Oriente Médio, e descendentes dos europeus que se estabeleceram em Ilhéus no início do século XIX.

Os migrantes sergipanos e do nordeste da Bahia, brancos e negros, foram fundamentais no desbravamento, expansão e crescimento do que viria a ser o município de Itabuna. Nos quadros a seguir estão os principais grupos que para cá vieram, suas localidades de origem e o período de chegada.

Quadro 1: Sergipanos vindos na segunda metade do século XIX e início do século XX

Local de procedência	Migrantes
Chapada dos Índios / Vila Cristina	<ul style="list-style-type: none">· Félix Severino de Oliveira· Pedro Severino de Oliveira· Luís Severino Pereira· Martim Severino de Oliveira· Manoel Severino Pereira· João Severino de Oliveira· Francisco Severino Pereira· Militão Severino de Oliveira· Joaquim Severino de Oliveira· Antônio Severino Pereira· Máximo Severino de Oliveira· Serafim Severino de Oliveira· Josefa Severina de Oliveira· Donata Severina dos Reis· Maria do Carmo Severina O. Alves· Ramiro Nunes de Aquino· Francisco Benício dos Santos· Anacleto Alves da Silva· Teófilo Coelho· Timóteo Edwrigens Ferreira

Continua...

Quadro 1: Continuação

Local de procedência	Migrantes
Chapada dos Índios / Vila Cristina	<ul style="list-style-type: none">· Manoel Benício dos Santos· Manoel da Silva· Antônio Menezes de Souza· Cícero Menezes de Souza
Itabaianinha	<ul style="list-style-type: none">· Dr. José Zacarias de Souza Freire· Gabriel Soares do Nascimento· Maria José Soares do Nascimento· José Pedro do Nascimento· Ana Joaquina Soares de Souza· Paulino Vieira do Nascimento· José Bezerra Monteiro· Boaventura José de Souza· João de Souza Lima· João Pedro de Souza Leão· Oscar Marinho Falcão· João de Souza Leal
Capela	<ul style="list-style-type: none">· Augusto Andrade
Estância	<ul style="list-style-type: none">· Melquisedek Amado de Faria· João Amado de Faria· Álvaro Amado de Faria· Francisco Fontes da Silva Lima· João Gualberto do Nascimento· José Pio do Nascimento· Pedro de Araújo Borges· Etelvina Borges de Miranda· João Borges da Rocha Neto· Eugênio Simões Ramos· Luís Manoel da Cruz (oito filhos)
Buquim	<ul style="list-style-type: none">· Alípio Ribeiro de Araújo· Lindolfo Ribeiro de Araújo· Antônio Ribeiro de Araújo· João da Rocha Franco· Carpóforo da Rocha Franco· Eudóxia Franco de Araújo· José da Rocha Franco· Edite da Rocha Franco· Etelvina Franco de Santana· Alípio da Rocha Franco· Floro da Rocha Franco

Continua...

Quadro 1: Continuação

Local de procedência	Migrantes
Buquim	<ul style="list-style-type: none">· Maria da Rocha Franco· José Fernandes de Araújo· Joaquim Simões Freire· Antônio Batista de Oliveira
Simão Dias	<ul style="list-style-type: none">· Manoel José de Souza (Manoel Sergipano)· João Paulo de Andrade· Claudemiro José de Souza· Francino Andrade de Souza· Júlio José de Souza· Severina Andrade de Souza· Pedro Modesto de Souza· Apolinário Modesto de Souza· João Modesto de Souza· Constância Modesto de Souza· João Paulo Dantas· João Francisco de Andrade
Itaporanga D'Ajuda	<ul style="list-style-type: none">· Leopoldo Freire· Ernestina Góes Freire (cinco filhos)· Manoel do Carmo· Otávio do Carmo· Ascendino Fontes· Rosentina Barroso Fontes· Anphilófilo Fontes· Jardelino Fontes· Otávio Fonseca Azevedo· Manoel Alvarindo dos Santos
Tobias Barreto	<ul style="list-style-type: none">· João Alves de Oliveira· José Alves de Oliveira· Francisco Alves de Oliveira· Antônio Alves de Oliveira· Miguel Alves Padilha· Hermes Alves Padilha· Ernesto Alves Padilha· Regina Alves Padilha de Menezes· Eurídice Briglia Sodrê· Antônio Serafim de Menezes
Cristinápolis	<ul style="list-style-type: none">· João de Oliveira Menezes (onze filhos)· João Dantas de Carvalho (Mangabinha)

Continua...

Quadro 1: Continuação

Local de procedência	Migrantes
Itabaiana	<ul style="list-style-type: none"> · Paulo da Silva Nunes · Rubem da Silva Teles · Antônio da Silva Nunes · José Arnaldo Fonseca

Fonte: Entrevista com Moacir Garcia

Elaboração: Maria Palma Andrade/Lurdes Bertol Rocha

Houve intensa migração para a região do cacau que necessitava de braços para a lavoura além de outras atividades necessárias a uma comunidade emergente, tais como: sapateiros, funileiros, ferreiros, comerciantes, engenheiros, farmacêuticos, médicos e dentistas.

Em razão da seca que assolava o sertão da Bahia e que deixou muita gente sem trabalho, estimulou a vinda de inúmeras famílias, algumas bastante numerosas atraídas pela fama de região rica, um verdadeiro eldorado.

Alguns migrantes que chegavam de Feira de Santana traziam recursos financeiros para iniciar algum negócio, animados pela esperança de um futuro promissor, ou eram portadores de uma profissão. Negociavam com jóias fabricadas em Feira de Santana, tornando-se absolutos nesse mercado. Mais tarde tornaram-se abastados fazendeiros, destacando-se, entre eles, Firmino Ribeiro de Oliveira, presidente do Primeiro Conselho Municipal, e Antônio Gonçalves Brandão, segundo Intendente de Itabuna (1912-1915).

Quadro 2: Migrantes do Nordeste Baiano vindos na primeira metade do século XX

Local de procedência	Migrantes
Vila Nova da Rainha	<ul style="list-style-type: none"> · Francisco Pereira da Costa
Feira de Santana	<ul style="list-style-type: none"> · Antônio Gonçalves Brandão · Joaquim Gonçalves Brandão · Manoel Gonçalves Brandão · Crescenciano Gonçalves Brandão · Salvador Gonçalves Brandão · Salvador Ayres de Almeida · Amâncio de Oliveira · Ambrósio Rubens · José Samuel da Costa · Álvaro do Patrocínio
Tucano	<ul style="list-style-type: none"> · Antônio Cordeiro de Miranda

Continua...

Quadro 2: Continuação

Local de procedência	Migrantes
Aporã	· José Valentino de Menezes
Conde	· Afra Teles de Brito · Alcides Brito · Edgar Brito
Itiúba	· Antônio Gonçalves Brandão · José da Silva Monteiro
Rio Real	· Juvenal da Silva Garcia (cinco filhos) · Joaquim da Silva Lins (cinco filhos)
Abadia	· Celso Fontes Lima
Itapicuru	· Otávio Moreira de Macedo · Manoel Moreira de Macedo
Cícero Dantas	· Zacarias Dantas do Nascimento · Arquias Moreira da Silva
Inhambupe	· Jeremias Celestino dos Santos (dezessete filhos)
Paripiranga	· Eduardo Alexandre de Menezes · João Dantas da Silva
Jandaíra	· Manoel Faria dos Reis · Antônio Hackel F. Faria · Artumiro Fontes de Faria · Cedar Fontes de Faria · Arlindo Fontes de Faria
Cipó	· Josepha Maria da Anunciação (oito filhos)
Entre Rios	· Maria de Souza Oliveira
Esplanada	· Lourival de Almeida Batista
Ribeira do Pombal	· Francisco Celino Souza Filho

Fonte: Entrevista com Moacir Garcia

Elaboração: Maria Palma Andrade/Lurdes Bertol Rocha

Os brancos estrangeiros que primeiro contribuíram para a formação étnica do povo de Itabuna, presume-se, tenham sido os sírio-libaneses. Estes, insatisfeitos com a situação sócio-político-econômica no Oriente Médio, sob o domínio do Império Otomano, na segunda metade do século XIX, resolveram migrar para um país onde pudessem viver em paz, longe da violência, massacres, insegurança, fome e doenças. Muitos deles escolheram o Brasil.

No Brasil, os sírio-libaneses eram algumas vezes registrados, ora como turcos, ora como sírios, ora como libaneses. São Paulo foi o estado brasileiro onde se registrou o maior número desses migrantes. A falta de recursos e de conhecimento de técnicas agrícolas que

já eram praticadas no Brasil, bem mais avançadas que as do Oriente Médio, levaram os sírio-libaneses a se dedicar ao comércio e à venda a domicílio, pelo que eram também chamados de mascates ou de gringos. Vendiam suas mercadorias de fazenda em fazenda, numa primeira etapa levando-as nas costas e, numa segunda etapa, no lombo de burro. Mais tarde instalaram-se em lojas no centro comercial de Itabuna onde hoje é a avenida Cinquentenário. Algum tempo depois, já capitalizados, passaram a adquirir roças para o cultivo de cacau.

Entre 1901 e 1945 chegaram a Itabuna as seguintes famílias sírias, libanesas, judias e árabes que contribuíram para a história e formação do povo de Itabuna, conforme quadro 3.

Quadro 3: Migrantes vindos do Oriente Médio na primeira metade do século XX

Migrantes	
<ul style="list-style-type: none"> · Felipe Abou · Atanasio Sanson · Bittar · Abílio Daack · Joseph Raffle Salume · Michel Dracolack · Michel Halla Aguad · Gedeon · Hirs 	<ul style="list-style-type: none"> · Maron · Midlej · Rachid Midlej Habib · Rihan · Hagge · Kauark · Princharck · Chicourel

Fonte: Entrevista com Moacir Garcia
Elaboração: Maria Palma Andrade/Lurdes Bertol Rocha

Foi grande a influência dos sírio-libaneses na culinária, presente nos pratos como quibe, tabules, charutininhos, entre outros, e no comércio, na venda a prazo. Produtos importados pelos sírio-libaneses como vestuário e adereços faziam parte da indumentária das esposas dos cacauicultores, além de louças e mobiliários usados pelas principais famílias itabu-

nenses do início do século XX.

De Ilhéus vieram vários descendentes de europeus que haviam se instalado na região desde o final do século XVIII, como os Cordier, Kruschewsky, Berbert, entre outros.

Entre as décadas de 1930 e 1960, a migração predominante era de trabalhadores rurais que procuravam a região por ocasião da

colheita de cacau. Muitos retornavam às suas cidades de origem, enquanto outros permaneciam em busca de melhores empregos. Vieram também profissionais como médicos, advogados, dentistas, engenheiros, entre outros, que aqui se instalaram, dotando a cidade de serviços essenciais.

Até a década de 1960, os descendentes dos primeiros migrantes tornaram-se ricos caucicultores, formando uma sociedade fechada. Estes “novos ricos” consideravam forasteiro aquele que aparecia em Itabuna em busca de melhoria de vida.

A relação dos imigrantes não se esgota aqui faltam muitos que formaram importantes famílias em Itabuna o que torna necessário continuar a pesquisa.

A partir de 1960, com a criação da CEPLAC, das faculdades de Filosofia e Economia, das possibilidades de grandes negócios em todos os setores da economia, a migração tornou-se intensa, vindo pessoas de toda parte do Brasil e do exterior, formando uma sociedade aberta. A cidade de Itabuna tornou-se um centro de migrantes em razão, além da atração exercida pelo cultivo do cacau, de sua posição no entroncamento das rodovias BR 415 e BR 101, bem como pela vocação essencialmente comercial.

Pioneiros do Progresso – 1910 -1960



O MUNICÍPIO DE ITABUNA

Maria Palma Andrade

2

- ✓ **POSIÇÃO GEOGRÁFICA E DIVISÃO ADMINISTRATIVA**
- ✓ **CRESCIMENTO POPULACIONAL**
- ✓ **DESEMPENHO ECONÔMICO DO MUNICÍPIO**
- ✓ **ATIVIDADE COMERCIAL**
- ✓ **SERVIÇOS**
- ✓ **QUADRO NATURAL**
 - ✓ O rio Cachoeira
 - ✓ As cheias do rio Cachoeira
 - ✓ As ilhas do rio Cachoeira
 - ✓ Problemas ambientais na bacia do rio Cachoeira
 - ✓ As pontes do rio Cachoeira na cidade de Itabuna
- ✓ **O CLIMA E A VEGETAÇÃO DE ITABUNA**

UM BURGO DE PENETRAÇÃO

“É preciso ver Itabuna, hoje, em plena trepidação, para que se saiba como vive uma cidade em plena expansão econômica. A base municipal, com reflexo imediato no comércio, encontra o pequeno mundo rural do interior - outras cidades, distritos, os ruados e as fazendas - em torno do que é de fato um enorme centro regional. Tudo o que se produz tem aí, efetivamente, o seu mercado (...). Mas, apesar de novos espaços conquistados, canteiros de obras e parques ocupando-os para a indústria



A rua da Areia, óleo sobre tela de Walter Moreira (O alvorecer do séc. XX).

e mais trabalho, Itabuna não permite que a urbanização a derrote contra a natureza. O cacau, aliás, de tal maneira é uma agricultura permanente ajustada à natureza - e não depredadora, como o café ou o pastoreio desorientado - que a envolve como um manto protetor. O que há, de fato, é um exemplo de como a urbanização pode se expandir sem violentar a melhor vivência natural”.

ADONIAS FILHO

POSIÇÃO GEOGRÁFICA E DIVISÃO ADMINISTRATIVA

O município de Itabuna está inserido na microrregião homogênea (ou geográfica) n.º 31, denominada Ilhéus–Itabuna, de acordo com a divisão do IBGE, de 1990. Segundo a divisão do Estado da Bahia em regiões econômicas, Itabuna está inserida na Região n.º 4, denominada Litoral Sul. Anteriormente, o município de Itabuna fazia parte da Microrregião Cacaueira, de acordo com a divisão do IBGE, de 1950. Fazem limite com Itabuna os seguintes municípios:

Ao norte: Itajuípe
Ao sul: Jussari e Buerarema
A leste: Ilhéus
A oeste: Ibicaraí, Itapé e Lomanto Júnior

O município de Itabuna tem como coordenadas geográficas 14° 47' 21" de latitude sul e 39° 16' 36" de longitude oeste. A altitude máxima do município (300 m) fica na serra de Itamaracá e a altitude mínima (52 m), na cidade de Itabuna. Outros dados ainda são importantes ressaltar:

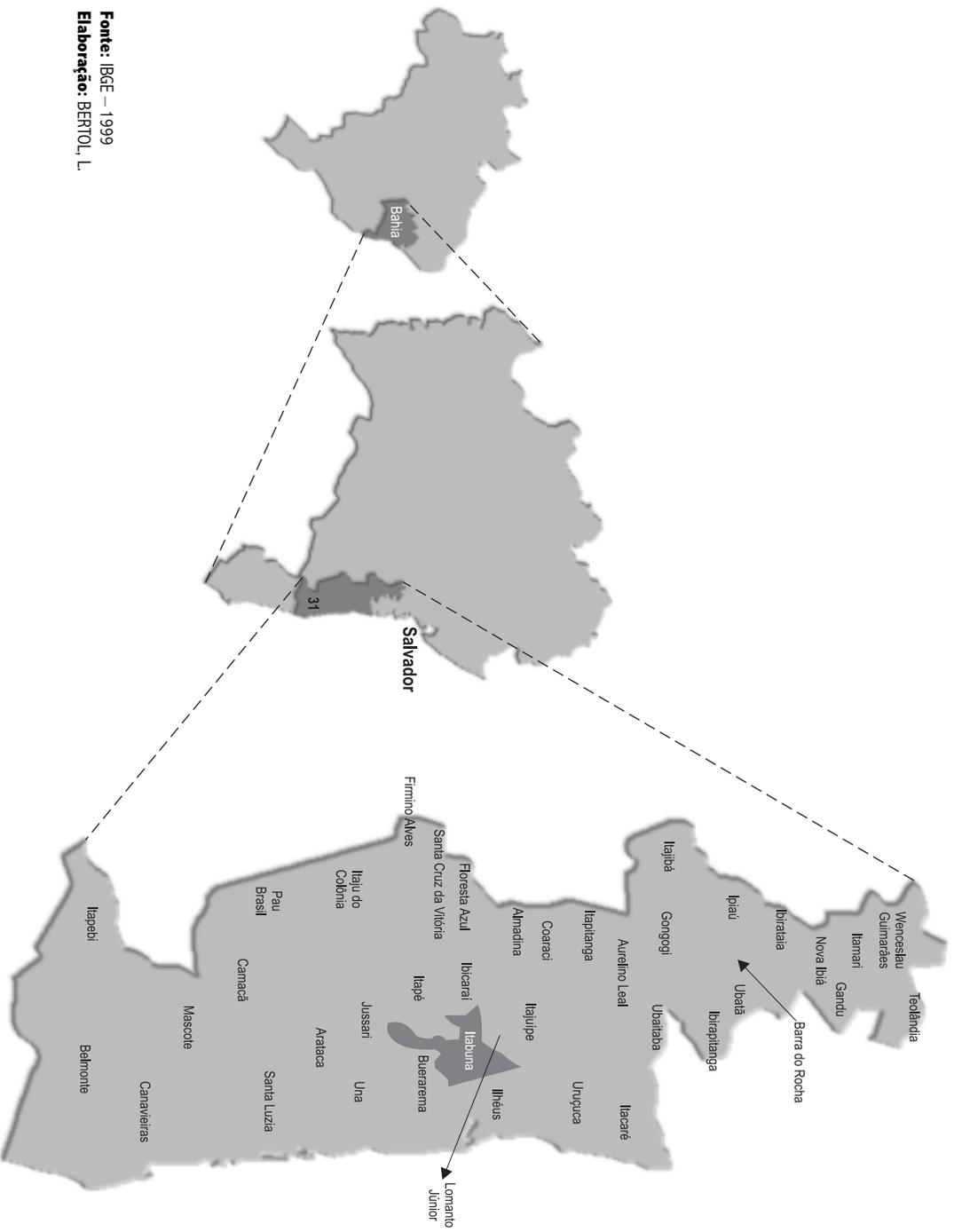
Área total do município	443,19 km ²
População	196. 456 hab. (censo de 2000)
Densidade demográfica	443,27 /km ²
População urbana	190.888 hab.
População rural	5.568 hab.
População masculina	94.192 hab.
População feminina	102.264 hab.
Taxa de urbanização	97,12 %

Fonte: IBGE, 2000.

Quando Tabocas fazia parte do município de Ilhéus, a área territorial do seu núcleo original, era uma vila do distrito Cachoeira do Itaúna. Ao ser desmembrada, Itabuna contava com 4.210 km², sendo alguns de seus limites, “o ribeirão Catolé, o lugar denominado Rochedo na ilha Mutucugê, o rio do Braço, o lugar denominado Flores no rio Santaninha até encontrar os limites de Vitória da Conquista (art 2º da Lei 692 de 13-09-1906)”, ficando Ferradas, até 1916, como vila de Ilhéus.

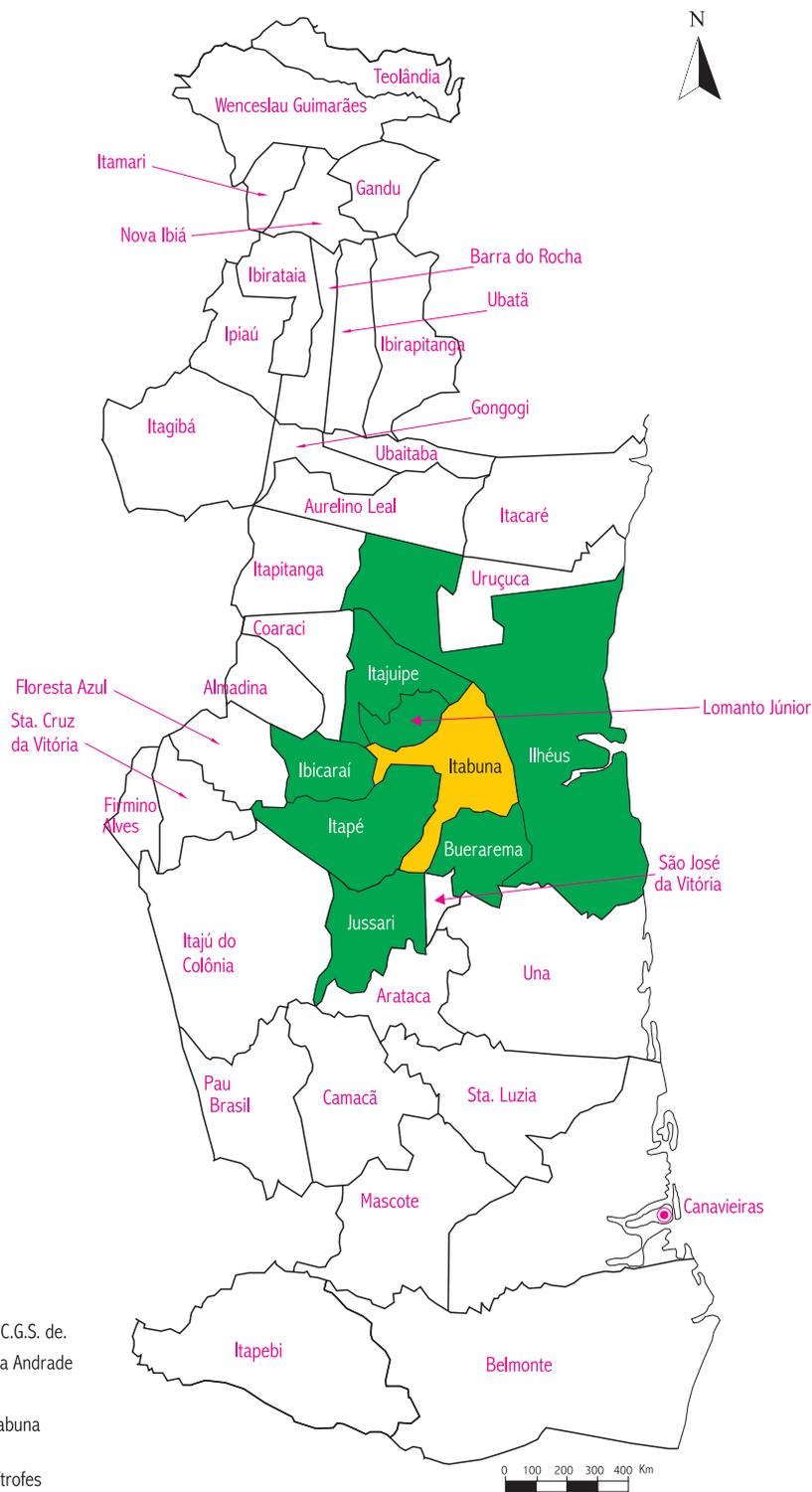
Com os desmembramentos da área territorial de Itabuna a partir de 1952, formaram-se vários outros municípios: Ibicaraí (1952); Buerarema (1959); Itapé (1961); em 1962, com o desmembramento dos municípios de Itaju do Colônia e Firmino Alves, o município de Itabuna ficou reduzido a 957 km² e, em 1985, com o desmembramento de Jussari, ficou com 534 km². Em 1990, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) executou um trabalho em nível nacional com a finalidade

Figura 1 : Situação geográfica de Itabuna na microrregião Ilhéus-Itabuna



Fonte: IBGE – 1999
Elaboração: BERTOL, L.

Figura 2: Microrregião Ilhéus/Itabuna



de retificar os limites em todos os municípios. Após esse trabalho, Itabuna ficou oficialmente com 443,19 km².

A área territorial de Itabuna foi determinada após o trabalho que o IBGE executou durante vários anos, em todo o território nacional, revisando os limites de todos os municípios brasileiros. Através do ADIGEO, órgão do IBGE que substituiu o Projeto RADAM, foi montada uma rede de monitoramento contínuo do sistema GPS em todo o território nacional, possibilitando o levantamento geodésico que determinou as novas medidas.



Foto 1: Cidade de Itabuna

Os limites do município de Itabuna e Ilhéus, embora tivessem sido demarcados com base na lei n.º 628 de 30/12/1953, último diploma legal, que dispõe sobre a divisão territorial e administrativa do Estado da Bahia, eram alterados pelos fazendeiros que tinham suas propriedades próximas à divisa dos dois municípios, segundo sua conveniência, causando muita polêmica. Chegou-se a falar na expansão do bairro da Califórnia para além dos limites de Itabuna, adentrando os de Ilhéus, o que não corresponde à realidade.

Para que ficasse esclarecida a polêmica criada em torno dos limites entre Ilhéus e Itabuna, em 1986, no governo de Ubaldo Dantas, a Ceplac, IBGE, Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia, as Prefeituras de Ilhéus e Itabuna, a pedido desta, reuniram-se para promover uma revisão, confirmação e demarcação definitiva. O trabalho foi realizado pela coordenadora de Limites da Gerência de Recursos Naturais, da Secretaria de Planejamento, a geógrafa Thelma Veloso Pitágoras Ribeiro. Em toda a extensão do limite dos dois municípios, de aproximadamente 25 km, foram

fincados pequenos postes de cimento, de 30 em 30 metros, numa profundidade que dificultasse sua remoção. Para a identificação dos pontos foram utilizados ainda outros recursos tais como fotointerpretação da área (escala 1:108.000), folhas topográficas (escala 1:100.000 e 1:500.000), documentos históricos e geográficos dos municípios de Ilhéus e Itabuna, informações de antigos moradores da região e de órgãos públicos e entidades particulares.



Foto 2: Vila de Mutuns

O atual limite de Itabuna com Ilhéus começa na Serra do Padeiro, junto à nascente do riacho do mesmo nome, daí seguindo, sempre em linha reta, até um marco no lugar chamado Flores do rio Santaninha. A partir deste ponto, até o marco da ponta da Ilha dos Quiricós, no rio Cachoeira. Nas proximidades de Mutucugê, até o marco da localidade de Rochedo, donde segue até o marco da margem do rio do Braço onde a estrada do Rochedo o atravessa.

O território do município de Itabuna é hoje constituído pelo distrito sede, que é a cidade de Itabuna, e as vilas de Mutuns e Itamaracá.



Foto 3: Vila de Itamaracá

CRESCIMENTO POPULACIONAL

A população de Itabuna cresceu, a princípio lentamente, em razão do ambiente hostil resultante da mata densa e alta pluviosidade. A cultura do cacau, porém, a partir de 1926, provocou uma corrida de imigrantes às suas terras, vindos de Sergipe, de outras partes do sertão baiano, assim como do Oriente Médio, crescendo de forma acelerada até 1950, época em que o Brasil chegou a ser o maior produtor mundial de cacau e a lavoura cacaueira conheceu o apogeu, época esta denominada de “período de ouro da cacauicultura”. A rapidez no crescimento da população de Itabuna no período de 1980/1990 gerou desequilíbrios sociais, conflitos e tensões. Esse crescimento pode ser atribuído ao fato de Itabuna ser um dos pilares do bi-pólo regional, formado pelas cidades de Itabuna e Ilhéus, onde alternativas econômicas se transformaram em for-

ça de atração da população dos municípios vizinhos, expulsos da agricultura devido à crise que se instalou na lavoura cacaueira, principalmente, após a chegada da vassoura-de-bruxa. Sendo pessoas despreparadas profissionalmente e não encontrando emprego, ficaram desabrigadas na periferia da cidade.

Por ser uma cidade com maior índice de urbanização regional, Itabuna passa a apresentar muitos problemas sociais em consequência de sua estrutura deficiente para abrigar tantos habitantes, tais como, favelização, desigualdade social, pobreza e miséria. Esses problemas poderiam ser resolvidos através de um programa de assentamento para a população de baixa renda, utilizando-se das áreas públicas ou indenizadas, onde seriam criados loteamentos, com distribuição de lotes semi-urbanizados.

A falta de planejamento urbano para o assentamento da população de baixa renda pode ser observada, com a desordem do surgimento de um aglomerado urbano que dá origem a um bairro, como é o caso do bairro Maria Pinheiro, entre muitos outros.

Outros fatores básicos contribuíram para o aumento da população, tais como:

- a) Alto crescimento vegetativo, ou seja, a diferença entre as taxas de natalidade e mortalidade.
- b) Aumento da expectativa de vida da população, em razão do avanço da medicina.

A população urbana continua a crescer, embora mais lentamente, a partir de 1991, sem que, no entanto, fossem oferecidos serviços

básicos de infra-estrutura. Falta um sistema de políticas públicas e privadas capaz de garantir à população equipamentos sociais básicos, eficazes e modernos, que assegurem qualidade de vida, tais como saneamento, abastecimento de água, transporte, saúde, educação, moradia etc. O saneamento e o abastecimento de água têm uma relação direta com a saúde e o bem-estar da população. A falta dessa política agrava, também, a oferta de emprego e conseqüente queda da renda da população, tornando Itabuna uma cidade com problemas, principalmente com aumento da marginalidade e criminalidade.

Em razão de Itabuna ter uma área relativamente pequena (443,19 km²), com uma população total de 196.456 habitantes (censo 2000), sua densidade demográfica é alta, de 443,27 hab/km².

Quadro 4: Crescimento da população de Itabuna

Ano	População					%Hab/km2		%	Área km2
	Urbana	Rural	Total	Homens	Mulheres	Taxa de urbanização	Densidade demográfica	Taxa de crescimento	
*1887	—	—	2.000	—	—	—	—	—	*4210
*1906	—	—	15.000	—	—	—	—	—	*4210
*1916	—	—	30.000	—	—	—	—	—	*4210
*1920	—	—	41.980	—	—	—	—	—	*4210
1940	—	—	96.879	—	—	—	—	4,3	4210
1950	45.621	102.109	147.730	—	—	30,80	35,09	4,3	4210
1960	67.687	50.730	118.417	56.840	61.577	57,15	39,3	1,8	3.010
1970	96.818	17.954	114.772	56.094	58.678	84,35	122,48	-1,0	937
1980	133.545	10.738	144.283	70.526	73.757	92,55	153,98	1,2	937
1991	177.455	7.710	185.165	88.636	96.529	95,84	317,06	2,3	584
1996	177.944	5.459	183.403	87.565	95.838	61,19	314,04	-1,0	584
2000	190.888	5.568	196.456	94.192	102.264	97,12	443,27	1,73	443.19

Fonte: IBGE 2003

*dados de pesquisa

Estimativa do IBGE para a população de Itabuna em 2003 é de 200.186 habitantes.

Na década de 1990, Itabuna sofreu um forte impacto sobre sua população urbana, resultante do êxodo rural. Isto se deveu à crise da lavoura cacau-eira, afetada pela vassoura-de-bruxa e pelos efeitos da grande seca ocorrida nessa década.

Acha-se a densidade demográfica, dividindo-se a população de um determinado lugar pela respectiva área.

lação de Itabuna, por sexo, manteve-se praticamente a mesma desde 1960, comparativamente, dentro dos dados demográficos nacionais.

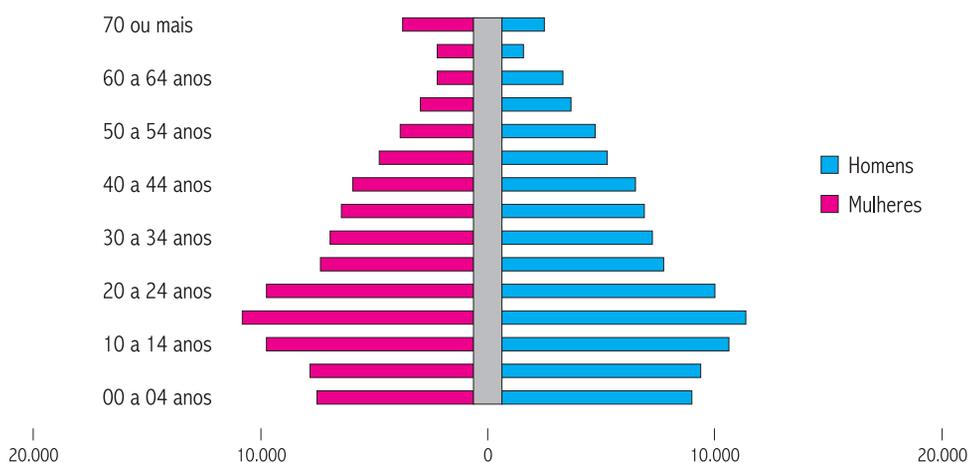
Pelo censo de 2000, conforme quadro 4, a população de mulheres é maior que a de homens, situação que pode ser justificada por vários fatores, entre eles:

Segundo o IBGE, a distribuição da popu-

- ✓ Maior número de nascimentos de crianças do sexo feminino.
- ✓ Maior freqüência de mortes de adolescentes e adultos jovens do sexo masculino, em razão da violência, da criminalidade e acidentes de trânsito.
- ✓ Maior número de óbitos por doenças cárdio-vasculares entre os homens na faixa dos 55 anos. Entretanto, entre os 55 e 70 anos, a proporção de mortes entre homens e mulheres se equipara.
- ✓ Maior índice de óbitos entre os homens de mais de 70 anos.

Através dos dados do quadro 4, segundo o censo de 2000, temos a seguinte pirâmide:

Figura 3: Pirâmide etária: Itabuna, 2.000



Fonte: IBGE
Org.: ANDRADE M.P

A base da pirâmide etária está sendo reduzida, como pode ser observado, nas faixas de zero a 4 anos e de 10 a 14 anos, em

conseqüência da redução da taxa de fertilidade (número de filhos por mulher) resultante de vários fatores:

- ✓ Utilização de métodos anticoncepcionais em massa, forçada pela diminuição do padrão de vida que não permite muitos filhos.
- ✓ Orientação de planejamento familiar para famílias carentes, dada por entidades diversas, que levam o casal a definir o número de filhos de forma a poder oferecer-lhes uma vida digna.
- ✓ A entrada da mulher no mercado de trabalho para complementação da renda familiar.

Na faixa etária de zero a 5 anos, as políticas públicas devem estar voltadas para oferecer, junto às gestantes, o pré-natal e campanha de aleitamento materno, além da construção de creches, para permitir às mães trabalhadoras continuarem em seus empregos; campanha de vacinação, atendimento à saúde e alimentação das crianças.

Para a faixa etária entre 6 e 14 anos o atendimento deve estar voltado para a educação do ensino fundamental, esporte, lazer e saúde.

Entre 15 e 20 anos, as políticas públicas e privadas devem estar voltadas para o ensino médio, profissionalização e inserção no mercado de trabalho.

Na faixa etária de 20 a 60 anos, estão os que formam a população economicamente ativa, tendo crescido, em média, mais de 10% no período de 1991 a 2000. Nessa faixa, as políticas públicas e privadas devem estar voltadas para a geração de emprego e renda, através do desenvolvimento da economia, de cursos de qualificação profissional etc.

Os idosos, na faixa a partir de 70 anos,

demandam mais serviços de saúde, entre outras causas, pela perda da qualidade de vida em conseqüência da redução da renda e da necessidade de amparar os netos, cujos pais sofrem por causa do desemprego. O número maior de mulheres com 70 anos e mais, acredita-se, tem como uma das razões o maior número de morte de homens, que não aceitam a inatividade. Em conseqüência são dominados pela depressão, que predispõe a maiores agravos à saúde. As mulheres, por sua vez, são mais ativas, pelo hábito de cuidar da casa e dos filhos, enfrentando melhor a velhice, cuidando mais da saúde e da mente. A morte da companheira, em geral, abrevia em cerca de dois anos a vida do idoso, por este não agüentar a solidão por sua ausência.

As políticas públicas devem estar voltadas para oferecer meios que proporcionem melhor qualidade de vida através de atividades físicas, psíquicas e sociais (clubes de convivência), a partir dos 50 anos, evitando as doenças comuns da terceira idade, como hipertensão, osteoporose, artrose e diabetes, ou reduzindo os problemas daqueles que estão com a doença instalada.

DESEMPENHO ECONÔMICO DO MUNICÍPIO

Itabuna lidera, na região sul da Bahia, as atividades relacionadas ao comércio varejista, serviços médicos, comunicação, educação e outras atividades. Reúne condições para crescer vertical e horizontalmente em diversas atividades econômicas, já tendo se tornado o quarto mercado consumidor do estado da Bahia, gravitando em torno dela os municípios do sul do estado. Indústrias e grandes empresas são atraídas pelo seu potencial, levando Itabuna a ocupar o décimo primeiro lugar da arrecadação das

A inclusão de Ilhéus nas tabelas visa apresentar um parâmetro de comparação, ficando os demais municípios com dados muito distantes, para que sejam representados.

Receitas Estaduais, décimo quarto das Receitas Tributárias e décimo lugar na participação do PIB.

O desempenho econômico do município de Itabuna, na década de 1990, está inserido no contexto de mudanças estruturais, a partir da influência da globalização na economia brasileira, como um todo. Como a principal atividade econômica do município de Itabuna estava vinculada à cultura do cacau, a partir da segunda metade da década de 1980 e durante a de 1990 houve uma mudança drástica no

Tabela 1: Participação percentual dos municípios baianos no PIB estadual - 1999/2000

Município	PIB Municipal	%	Classificação
Itabuna	551.720,782	1,75	10º
Ilhéus	810.264,654	2,56	6º

Fonte: Seplantec/Sei - 1997

Tabela 2: Arrecadação da Receita Estadual - Taxas: ICMS, IPVA, ITP, AIR

Município	Posição
Itabuna	11º
Ilhéus	19º

Fonte: Seplantec / Sei - 1997

Tabela 3: Receita Tributária dos municípios Baianos - Impostos: IPTU, ISS, ITIV e outros

Município	%	Posição
Itabuna	26,56	14º
Ilhéus	11,38	38º

Fonte: Seplantec/Sei - 1997

dinamismo dessa atividade, como consequência da vassoura-de-bruxa (*Crinipellis pernicioso*).

Em 1993, a economia do município dava mostras preocupantes de estagnação, coincidindo com o período em que havia uma política recessionista por parte do Governo Federal, com o intuito de barrar a inflação que crescia assustadoramente, reduzindo o nível de consumo e a circulação de riqueza. Em consequência, surgiram novos horizontes econômicos, para fazer frente a essa situação, levando Itabuna a conhecer um processo de transformações modificadoras de sua estrutura econômica que possibilitasse o

retorno ao crescimento, encontrando no comércio, indústria, serviços e agro-negócios a base de sustentação do seu desenvolvimento econômico.

Enquanto isso, a adoção do cacau clonado dá mostras, a partir de 2001, de possibilitar a recuperação da lavoura cacaueteira, instalando-se um novo e importante ciclo econômico que atingirá, acredita-se, não só Itabuna, mas toda a região sul da Bahia. Contudo, é necessário um contínuo e árduo trabalho para eliminar a miséria que forma um cinturão em torno da cidade de Itabuna, onde cresce o número de famílias vivendo em favelas.

ATIVIDADE COMERCIAL

Com uma posição geográfica privilegiada, desde os primeiros tempos de ocupação de suas terras, Itabuna começava a dar sinais de que seria o comércio um vetor econômico muito importante para o município. Ao mesmo tempo em que se desenvolvia o comércio, crescia o setor de transportes. Era necessário abastecer os aventureiros que passaram a povoar as terras próximas à vila de Ferradas, que precisavam de armas e munição (utilizadas nas disputas pelas terras), farinha, sal, carnes defumadas, tecidos etc., que chegavam pelo porto de Ilhéus. E sendo Itabuna também um entreposto de tropeiros, havia necessidade de abastecer essas pessoas durante sua pousada. José Firmino Alves, com espírito empreendedor, antes de formar sua fazenda, entrou no ramo do comércio com um armazém de secos e molhados, onde vendia as mercadorias

necessárias para os moradores e viajantes. Foi o primeiro passo para o desenvolvimento do comércio que passou a ser incrementado, em seguida, pelos famosos mascates, isto é, os sírios e libaneses que aportaram na região, levando de roça em roça produtos importados, chegados de navio, no porto de Ilhéus, até se estabelecerem com lojas onde vendiam sedas, acessórios de vestuário, louças, móveis, vindos da Europa, entre outros produtos.

Em 1908, antes mesmo da criação do município, já era criada a Associação Comercial, em razão do movimento comercial gerado, vindo a ter papel preponderante para o desenvolvimento de Itabuna. O comércio vai se dinamizando e, através dele, o desenvolvimento do setor de serviços, como transporte, comunicação, educação, saúde. Em 1911, surgiu a estrada de ferro Ilhéus-Conquista, que

teve importante papel no desenvolvimento do comércio varejista e atacadista e da cacauicultura, além do fluxo de pessoas entre as cidades circunvizinhas, atraídas pelo comércio.

A maioria dos estabelecimentos comerciais de Itabuna, até a década de 1950, era de sergipanos ou seus filhos e de sírios e libaneses. A partir daí, começou a ser beneficiado com a migração de várias empresas de grande porte, vindas de outras regiões e estados, principalmente do Sudeste do Brasil, atraídas pelo dinamismo que firmava Itabuna como importante pólo comercial da região sul da Bahia e por sua crescente urbanização.

O comércio de cacau crescia à proporção que a cultura se expandia, centralizando a

produção dos municípios do seu entorno, em razão do estabelecimento de várias firmas exportadoras de cacau, consolidando-se através da oferta de serviços no município, assim como da malha rodoviária regional, principalmente com a construção da BR 101, em 1970.

Itabuna, juntamente com Ilhéus, firmaram-se como centros do comércio varejista e atacadista, contribuindo para promover uma integração intra e inter-regional no sul da Bahia, sem esquecer que as atividades de serviços em geral também desempenharam papel importante nesse processo de integração. Na Junta Comercial da Bahia (JUCEB), em 1997, estavam registrados 13.083 estabelecimentos comerciais, conforme tabela 4.

Tabela 4: Estabelecimentos comerciais registrados na JUCEB

Município	Total	Varejo	Atacado
Itabuna	13.083	11.156	1.927
Ilhéus	6.490	5.687	803

Fonte: Classificação dos municípios baianos Vol. 2 - 1997

Na tabela 5, pode-se observar a taxa de crescimento, por sub-setores do comércio varejista de Itabuna, no período de 1998 a 2000.

O comércio varejista de Itabuna apresentou-se como alternativa para um contingente de pessoas expulsas, principalmente, da cacauicultura, que passou a exercer um comércio informal, ou seja, os camelôs, hoje fixados na principal artéria comercial, avenida Cinquentenário, na praça Otávio Mangabeira (Camacan), e outros logradouros.

O comércio atacadista também apresentou taxas expressivas de expansão do número de empresas, destacando-se as do sub-setor de produtos alimentícios, bebidas e fumo, com 112,5%; o de produtos intermediários, não

agro-pecuários, com 107,69%; o de mercadorias em geral, com 45,45%, e os de produtos agro-pecuários *in natura*, com 44,44%.

Em 1998, a área de influência do comércio de Itabuna abrangia cerca de 29 municípios, com uma população estimada em 900 mil pessoas.

Até a década de 1980, o centro comercial de Itabuna era representado pela avenida Cinquentenário, pelas ruas Paulino Vieira, Rui Barbosa e adjacências. A partir daí, verifica-se uma intensificação na tendência à descentralização de alguns setores do comércio e de outros equipamentos que ficavam no centro tradicional, entre outros fatores, devido à dificuldade de circulação de transporte de carga e

Tabela 5: Taxa de crescimento dos sub-setores do comércio de Itabuna – 1998/2000

Sub-setores do comércio varejista	Taxa de crescimento (%)
Gás liquefeito de petróleo	133,30
Vestuários e seus componentes	94,74
Móveis, iluminação e outros artigos	90,63
Comércio varejista de outros produtos	86,52
Livros, jornais, revistas e papelaria	81,25
Combustíveis e lubrificantes	75,00
Calçados, artigos de couro e viagens	65,52
Produtos farmacêuticos, artigos médicos e ortopédicos	50,75
Material de escritório e informática	50,00
Produtos alimentícios, bebidas e fumo	49,23
Material de construção, ferragens e ferramentas manuais	48,00

Fonte: Prefeitura Municipal de Itabuna. Diagnóstico sócio-econômico de Itabuna e Políticas de Desenvolvimento – 2002
Adaptação: ANDRADE, M. P.

descarga. Alguns estabelecimentos comerciais deslocaram-se para áreas mais amplas e, principalmente, para os bairros.

Na avenida José Soares Pinheiro, hoje Antônio Carlos Magalhães, onde o trânsito é intenso, porém livre, concentrou-se o comércio de material de construção; por esta avenida dá-se o escoamento para as BR 101 e 415. Suas lojas estendem-se ao longo da avenida, num espaço bastante amplo e recuado, permitindo, assim, a carga e descarga, sem a interferência do movimento dos veículos que por ali trafegam. Na avenida Juracy Magalhães, que se inicia após o canal Lavapés (dando seqüência à avenida Cinquentenário), e que dá acesso à rodovia que liga Itabuna à cidade de Ilhéus, concentram-se, principalmente, casas comerciais de produtos eletro-eletrônicos, revende-

doras e distribuidora de veículos. Nas avenidas Aziz Maron e Mário Padre, localizadas à margem direita do rio Cachoeira, após a urbanização e, conseqüentemente, a valorização, encontram-se clínicas médicas de várias especialidades, o Espaço Cultural (onde funciona a Câmara de Vereadores, Biblioteca e o Arquivo Público), repartições do governo do Estado, o Jequitibá Plaza Shopping, o hotel Tarik Fontes e outros empreendimentos. O Shopping Jequitibá, contudo, não esvaziou as tradicionais áreas comerciais, como aconteceu em Salvador. Proporcionou, inclusive, aumento no fluxo de pessoas, usuários de ônibus e táxi, que tiveram acréscimo do movimento de passageiros. O Shopping é, também, um centro de eventos diversos, com exposições, comemoração de datas especiais, e importante centro de lazer.

O setor de serviços ocupa um lugar de grande importância no que tange ao desenvolvimento de um município, oferecendo à população melhores condições de vida.

Projetos voltados para melhorar a infraestrutura urbana (saneamento básico, transporte, comunicação etc), devem ser priorizados, a fim de eliminar os problemas que atrasam o desenvolvimento de Itabuna, assim como os serviços sociais (educação, saúde, moradia), para satisfação das principais necessidades hu-

manas. Para isso é importante o estabelecimento de políticas públicas e privadas capazes de estimular o investimento na reestruturação urbana.

Apesar de todos os problemas sociais que enfrenta, o município de Itabuna apresenta ótimas colocações em relação aos índices de desenvolvimento econômico e social como pode ser visualizado na tabelas abaixo. Itabuna é, também, um município que apresenta as melhores condições de saneamento básico.

Tabela 6: Índice de Desenvolvimento: Posição de Itabuna e Ilhéus em relação aos municípios baianos.

Municípios	IDE	IPM	INF	IQM	INS
Itabuna	10°	14°	7°	8°	21°
Ilhéus	13°	15°	9°	11°	30°

Fonte: Índice de Desenvolvimento Econômico e Social dos Municípios Baianos / 2000. SEI - Salvador, 2002

Siglas

IDE	Índice de Desenvolvimento Econômico
IPM	Índice de Produto Municipal
INF	Índice de Infra-estrutura
IQM	Índice de Qualificação de Mão de obra
INS	Índice de Nível de Saúde

Contudo, segundo dados do Diagnóstico Socioeconômico de Itabuna e Políticas de Desenvolvimento, da Prefeitura Municipal de Itabuna/2000:

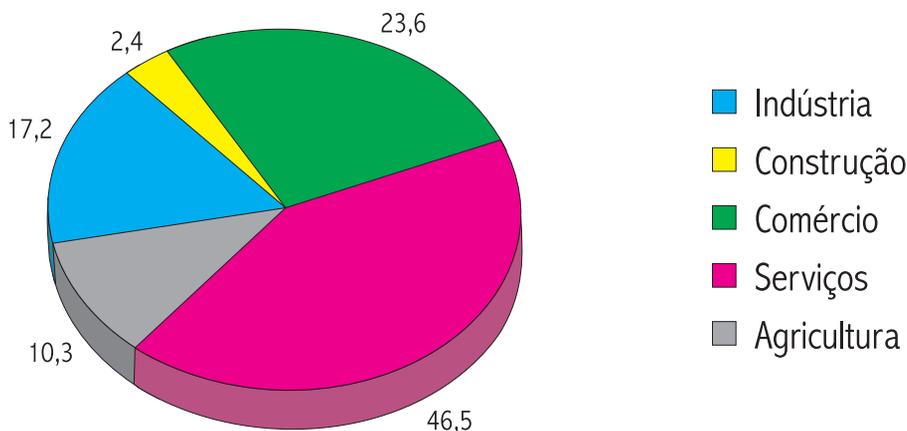
- ✓ Apenas 42.321 pessoas dispunham de água tratada todos os dias.
- ✓ Dos domicílios existentes, cerca de 25% não possuíam rede geral de esgoto.
- ✓ Do total de habitantes, apenas cerca de 12% dispunham de esgoto tratado.
- ✓ Em cerca de 13% dos domicílios não existia a coleta de lixo.

- ✓ Cerca de 22 toneladas de lixo coletadas diariamente são depositadas em lixão a céu aberto e sem medidas de proteção ao meio-ambiente.

O comércio e os serviços (setor terciário) são os setores da economia que mais empregam em Itabuna, conforme observamos na figura 4, embora, no total dos empregos formais, a indústria (setor secundário) foi a que apresentou

maior crescimento entre 1998-2000, em razão da implantação de algumas indústrias no município; os empregos no comércio mantiveram-se no mesmo patamar, enquanto os serviços tiveram ligeiro declínio, no mesmo período.

Figura 4: Distribuição dos empregos formais por setor em 2000



Fonte: Rais, in: Diagnóstico Sócioeconômico de Itabuna e Políticas de Desenvolvimento, 2002

QUADRO NATURAL

O rio Cachoeira

O principal curso d'água do município é o rio Cachoeira que divide a cidade de Itabuna e banha municípios vizinhos. O rio

Cachoeira não é só uma referência geográfica, é um patrimônio histórico, é o próprio testemunho da história de Itabuna e da região, uma vez que, pelas suas margens, penetraram os desbravadores como Félix Severino do

Amor Divino e Manoel Constantino que deram origem à cidade. Por ele chegaram os frades que catequizaram os índios, e os naturalistas que vieram estudar a flora, como Von Martius e Von Spix. O rio Cachoeira é formado pelos rios Colônia e Salgado que, após sua junção, a aproximadamente 500 metros à jusante da cidade de Itapé, recebe este nome.

Por muitos nomes te chamaram,
Cachoeira é o teu nome,
Um rio, um riacho, lagoa.
Talvez água sem nome.

Telmo Padilha

64 km até sua junção com o rio Colônia. São alguns de seus afluentes os ribeirões Jussara, Caxingó, Coquinhos, Barra Nova, entre outros.

Os formadores da bacia do rio Cachoeira são importantes no contexto da região sul da Bahia, pois banham 11 municípios: Itabuna, Ilhéus, Itapé, Itororó, Itapetinga, Firmino Alves, Floresta Azul, Jussari, Itaju do Colônia, Ibicaraí e Santa Cruz da Vitória.

As características geomorfológicas da área da bacia, como forma de relevo, geologia e outros, influenciaram os rios quanto à drenagem, que é do tipo exorréica (desembocam no litoral) e quantidade de sedimentos. Predominam as rochas do Complexo Cristalino Brasileiro com permeabilidade e porosidade secundárias, decorrendo do fraturamento e cisalhamento das rochas, o que orientou o sentido do percurso de seus rios. No leito raso, o afloramento das rochas forma corredeiras, o que impede a navegação. Em toda a área da bacia, apenas uma cachoeira, denominada Pancada Formosa, é encontrada no rio Salgado, com 12 metros de altura, localizada na fazenda São Jorge, no município de Ibicaraí. Nela foi construída uma hidrelétrica, com potência de 300 kwh, destruída pela enchente de 1964.

Com grande parte de sua vegetação florestal devastada, principalmente a de suas margens, continua ocorrendo erosão sobre os terrenos inclinados e assoreamento em vários pontos do leito dos rios, no período das chuvas fortes, quando recebem grande volume de água e transportam os sedimentos.

O regime dos rios da bacia do Cachoeira é pluvial, sendo que o fator mais importante na área, é o clima, de três feições marcantes:

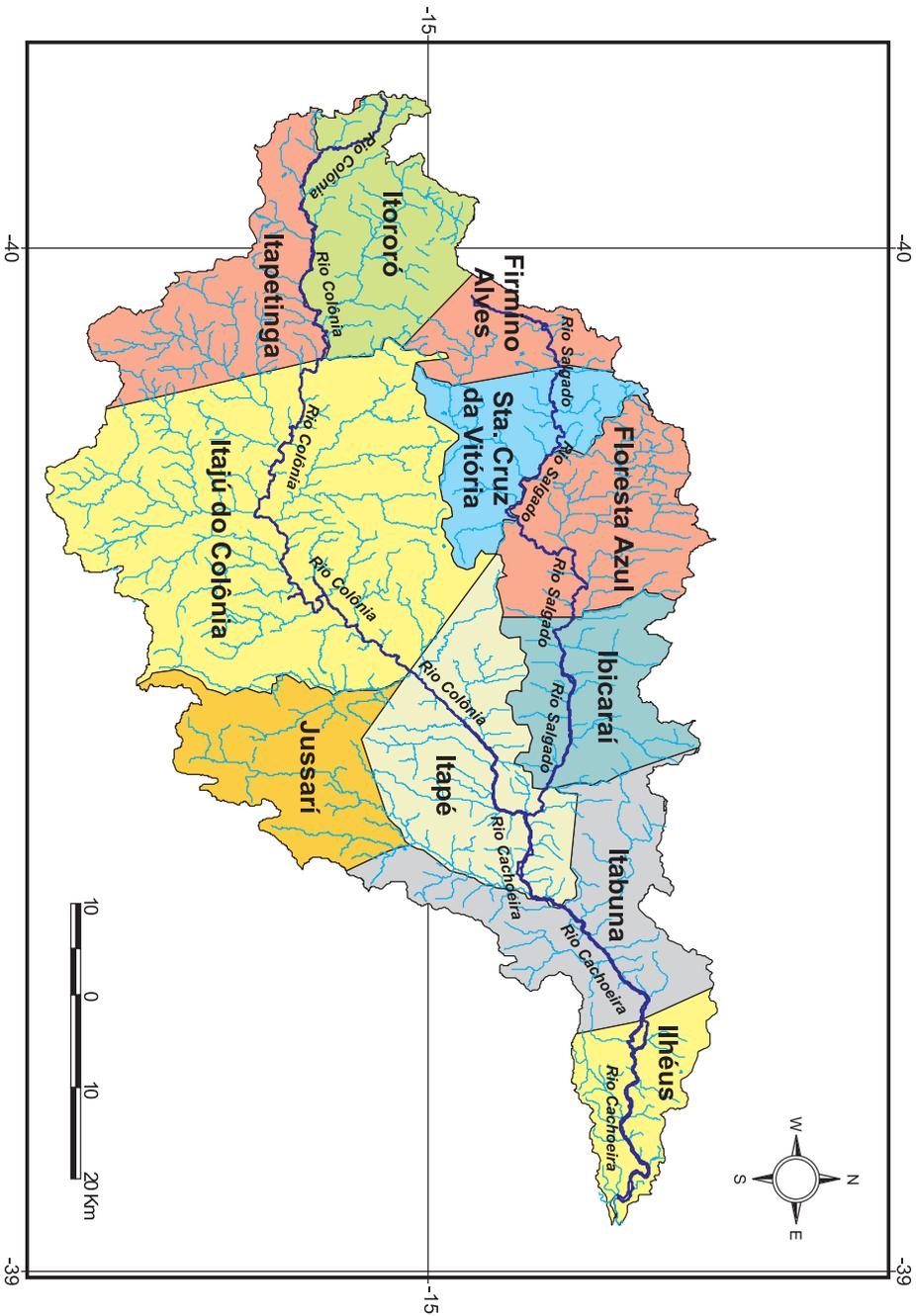


Foto 4: Formação do rio Cachoeira em Itapé

O principal formador do rio Cachoeira, o rio Colônia, nasce na serra de Ouricana, município de Itororó, a mais ou menos 800 metros de altitude, banhando as cidades de Itororó, Itaju do Colônia e Itapé, percorrendo 100 km desde sua nascente até sua confluência com o rio Salgado. Alguns dos afluentes do rio Colônia são os ribeirões da Água Preta, da Fartura, do Ouro, do Jacaré, das Iscas, entre outros.

O rio Salgado nasce na serra do Salgado, a mais ou menos 300 metros de altitude, distante 2 km do povoado de Ipiranga, no município de Firmino Alves. Banha as cidades de Firmino Alves, Santa Cruz da Vitória, Floresta Azul, Ibicaraí e Itapé, percorrendo

Figura 5: Bacia do rio Cachoeira



Fonte: Banco de Dados NBH, 1999

- ✓ clima quente e úmido, próximo ao litoral, típico das florestas tropicais com precipitação superior a 1800mm anuais, temperatura média de 24°C e umidade relativa de cerca de 80%, sem estação seca;
- ✓ clima de transição, ocorrendo um período seco nos meses de agosto e setembro. Apresenta temperaturas médias mensais elevadas e pluviosidade de 1000mm anuais;
- ✓ clima seco a oeste, apresentando vegetação xerófila (de clima seco) e caducifólia (que perde as folhas); precipitação de 700mm e estação seca de mais de cinco meses.

A diminuição das chuvas nas cabeceiras dos rios formadores da bacia, nos períodos de estiagem prolongada, altera a descarga, diminuindo a vazão. Aliado a isso, os esgotos que são lançados em seu leito, além de outros tipos de poluição, fazem proliferar as barnezas com tal intensidade que estas cobrem todo o leito, modificando a paisagem, dando a idéia de que o rio desapareceu, que está morto. Com a volta das chuvas e aumento da descarga, os rios voltam a fluir normalmente.

O ecossistema que envolve toda a bacia está num estágio avançado de degradação e poluição, principalmente em áreas próximas aos centros urbanos. A bacia do rio Cachoeira está afetada pela erosão das vertentes, em consequência do desmatamento, esgotamento do solo, pelo uso inadequado, pelos esgotos urbanos e industriais, pela falta de saneamento de todas as cidades que estão às suas margens, pelos lixões criados em lugares impróprios, por doenças resultantes de poluição generalizada. Pela importância dos rios para os municípios por eles banhados, e o fato de a água ser um elemento essencial à vida, passou-se a planejar a recuperação, preservação e monitoramento do meio ambiente, através de uma política de utilização racional da bacia, protegendo-a dos problemas que a afetam. Espera-se, desta forma, recuperar a qualidade da água, executando um projeto que contemple a educação

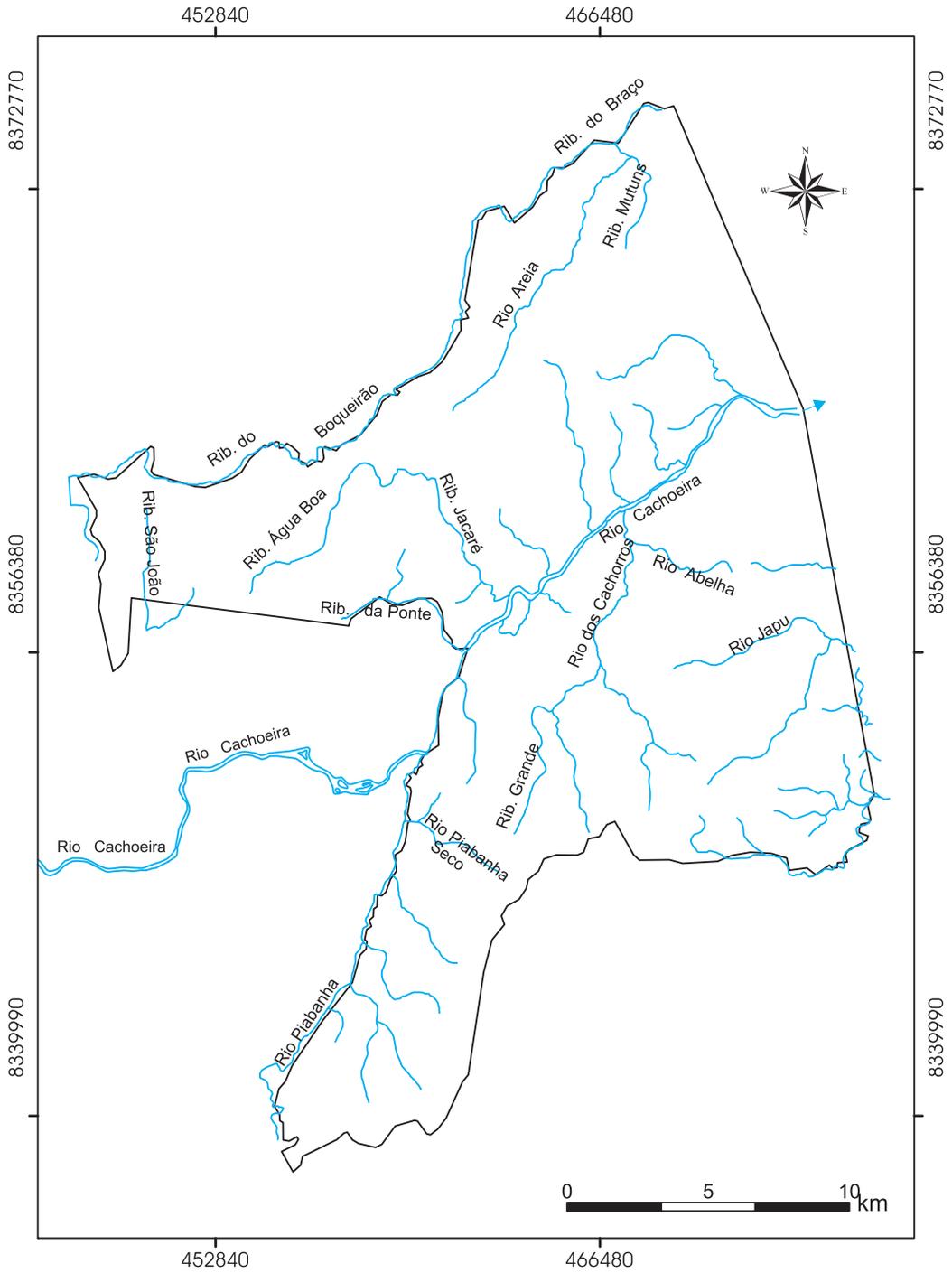
ambiental e, através dela, seja promovido o desenvolvimento social e econômico. É importante que seja rigorosamente aplicada a legislação ambiental.

O rio Cachoeira, com 12 km de extensão dentro do município de Itabuna, e 50 km desde sua junção com o Colônia e Salgado até sua foz em Ilhéus, corre no sentido SW-E, indo desaguar no Oceano Atlântico através da baía de Pontal, em Coroa Grande (Ilhéus). Seus principais afluentes, dentro do município de Itabuna, são os rios Piabanha e dos Cachorros.

Na área urbana de Itabuna, existem 14 micro-bacias de drenagem formadas por córregos, riachos, e ribeirões que deságuam no rio Cachoeira, mas a única área em condições de ser efetivamente drenada, localiza-se na parte central da cidade. O principal deles, o ribeirão de Lavapés, passou a receber o esgoto doméstico. O nome Lavapés foi-lhe dado em razão de ser parada obrigatória para aqueles que, vindos das roças, lavavam os pés cobertos de lama para calçar os sapatos antes de entrar na cidade.

O vale do rio Cachoeira ora se apresenta aberto em forma de U, ora se estreita em razão das colinas que se aproximam do seu leito. O seu gradiente é da ordem de 2m/1000 de declividade entre Itabuna e Ilhéus, aumentando para o interior.

Figura 6: Hidrografia do município de Itabuna



Fonte: CEDIC/UESC

As cheias do rio Cachoeira

O rio Cachoeira, no passado, teve um ciclo de cheias violentas, mais amenas hoje, contadas e cantadas em verso e prosa pelos artistas regionais. A primeira grande enchente do rio Cachoeira, de que se tem notícia, deu-se em 1914, quando chuvas fortes desabaram sobre Itabuna durante 11 dias, acarretando grandes alagamentos e destruindo parte da primitiva cidade e tudo o que existia próximo às suas margens. Outra cheia, de marcante significado para Itabuna, foi a de 1920, quando uma das ilhas foi batizada de Ilha do Jegue. Este nome lhe adveio em função de, naquela cheia, um areeiro ter deixado lá o seu jegue. As águas chegaram com muita rapidez, não dando tempo de retirá-lo; durante cinco dias o animal ficou na parte mais alta, não tomada pela enchente, até as águas baixarem, e ser resgatado com cordas, por pessoas que acompanharam preocupadas a paciência do animal resistindo a fúria do rio. A partir daí a população batizou-a de Ilha do Jegue.

Em 1947, a cheia do rio trouxe mais dor e sofrimento às populações pobres dos bairros próximos a ele. Em 1957, novamente a cidade é invadida pelas águas do rio Cachoeira, mas há poucos registros históricos acerca do fato. Destruiu os bairros da Mangabinha, Bananeira, Berilo e outras áreas ribeirinhas. Nesse ano as baronesas já cobriam as superfícies do rio. Em 1964 e 1965 os acontecimentos se repetiram; “lavou” as ruas do centro atingindo a avenida Cinquentenário, aí já em razão do represamento provocado pela ponte do Marabá.

Em 27 de dezembro de 1967 aconteceu a cheia mais significativa, quando as águas chegaram à avenida Cinquentenário deixando-a praticamente submersa, tendo suas águas atingido as marquises das lojas, cujas imagens ain-

da estão na memória da população da época. A praça Camacan (Otávio Mangabeira) transformou-se num lago; na avenida Amélia Amado, nas ruas Rui Barbosa e Paulino Vieira, as águas atingiram quase dois metros de altura. Essa enchente provocou angústia e desespero na população, com mais de 20.000 pessoas desabrigadas, 3.000 casas destruídas e vultosos prejuízos para o comércio. Durante dois dias, Itabuna viveu momentos dramáticos, isolada, sem comunicação e sem transporte, lutando com seus próprios recursos contra o flagelo. Através de rádios amadores manteve-se contato com os governos federal e estadual pedindo ajuda urgente.



Foto 5: Enchente de 1967. Av. Cinquentenário

A enchente de 1971 também tomou proporções assustadoras, deixando 3.345 famílias desabrigadas, surgindo vários casos de febre tifóide.

Sempre que o rio ultrapassa seu leito, invadindo as margens, Itabuna fica isolada de Ilhéus, já que a rodovia fica interdita por causa do alagamento em diversos trechos. As pessoas que moram na zona ribeirinha são tomadas pelo medo, gerando pesadelo e preocupação quando há ameaça do transbordamento do rio.

As enchentes são causadas principalmente pela concentração de chuvas nas áreas elevadas da bacia superior dos formadores do rio Cachoeira, agravadas pela baixa capacidade de retenção dos solos e pela concentração das águas no local onde há estreitamento do leito. As soluções para esses problemas dependem de obras de contenção das águas a montante da cidade, de alargamento e aprofundamento de trechos em corredeiras.

Waldelice Pinheiro, uma das principais poetas regionais, em seus versos sintetiza o sentimento de quem se lembra das enchentes do Cachoeira, quando diz:

“Rio torto, / rio magro, / rio triste.
Parece que chora, / sente dor...
Parece que fala em lamentos
dos afogados que engoliu, / das flores que já levou.
O remorso, Cachoeira, / te entortou”.

Waldelice Pinheiro

Em épocas passadas, as águas de sua cheia serviam para irrigar as áreas ribeirinhas, deixando uma camada de material orgânico, fertilizando a terra para o plantio. Eram renovadas as águas, facilitando assim a vida das lavadeiras, dos pescadores, revitalizando fauna e flora. Desde as primeiras ocupações em suas margens, os moradores precisaram aprender a conviver com o humor incerto do rio, com suas cheias e suas vazantes, trazendo vida e muitas vezes morte, através dos afogados que engoliu. A vida vinha principalmente através da água retirada pelos aguadeiros que, com



Foto 6: Cheias do rio Cachoeira - 2002

seus carotes e seu jegue companheiro, a levavam às pessoas que podiam pagar por esse serviço, pois à época poucos dispunham de água encanada ou cacimbas. Era a chamada água de gasto, já que a água do rio Cachoeira não servia para beber. A água potável era trazida pelo mesmo processo, retirada de olhos d'água ou cacimbas.

As águas do rio Cachoeira não se prestam para o abastecimento da cidade. Seria bonito, o rio, não fossem o esgoto e o lixo que seus habitantes insistem em jogar em suas margens e em seu leito, num total desrespeito à natureza. Mesmo assim, quando cheio, joga toda a sujeira para debaixo de seu tapete aquoso ou a leva para Ilhéus sujando suas praias; e, limpo, refeito, dá um espetáculo majestoso de pujança, poder e vida. Resíduos industriais e dos matadouros, e os inseticidas aplicados na cultura do cacau aumentam a poluição do rio. A verminose é endêmica pelo contágio em suas águas. O trecho que corta o centro urbano de Itabuna servia de tanque para as lavadeiras, mas a lavagem das roupas, conquanto oferecesse uma paisagem original, até a década de 1960, (antes da construção da barragem), provocava irritação e alergia cutânea, principalmente em crianças. Essa atividade na zona urbana

aponta para a deficiência do serviço de água tratada, que nessa década não atingia a população carente.

As ilhas do rio Cachoeira

Em tempos idos, na época do Arraial de Tabocas, o rio Cachoeira abrigava três ilhas. A primeira, de nome Mutucugê, ou Celestino Brandão, encontrava-se próxima à divisa com Ilhéus, com uma área aproximada de oito a dez hectares, coberta de uma densa mata, muito utilizada para caça e retirada de madeiras para construção. A segunda, ilha do Sequeiro, próxima à ponte Góes Calmon, numa extensão de quatro a cinco hectares, também com caça e madeira abundantes. A terceira ilha, a da Marimbeta, situava-se defronte à praça Olinto Leone, seguindo em direção à praça Otávio Mangabeira (praça Camacan), também denominada Capitão Aristeu e, a partir de 1920, de ilha do Jegue. Hoje, o que sobra desta terceira ilha é uma touceira de bambu sustentada por um punhado de terra no meio do rio, que resiste à fúria das águas no período das cheias, emprestando uma beleza singular, principalmente quando, ao anoitecer, as garças brancas em revoada pousam, para aí pernoitar. As outras duas, a Mutucugê e a Sequeiro, foram engolidas pelo rio, num processo de erosão natural e antrópico: com a retirada da cobertura vegetal para a utilização da madeira, as margens iam sendo solapadas durante as cheias até que desapareceram.

As garças brancas que freqüentam o rio Cachoeira costumam viver em pântanos e ao longo dos cursos d'água. São originárias da África, e devem ter chegado ao Brasil atravessando o oceano Atlântico, descansando nos mastros dos navios. Ao chegarem aqui, a partir de 1990, em busca de alimento e melhores

condições de reprodução, transformaram em ninhal as árvores encontradas no meio do rio, onde costumam realizar posturas de três a seis ovos. O nome científico dessas garças é *Lencophay candidissima*. Elas proliferam sem ameaça do predador humano, uma vez que, por possuírem mais carcaça que carne, não servem para a alimentação humana. Segundo o ecólogo Eduardo Mariano, as garças se alimentam de insetos, peixes, aranhas d'água e pequenos sapos. Adaptam-se a qualquer tipo de clima e se reproduzem o ano todo, sem época definida, o que faz aumentar sempre sua população. Elas matizam de branco a paisagem, conferindo muita beleza, principalmente quando em revoada.



Foto 7: Local onde existiu a ilha do Jegue

Problemas ambientais na bacia do rio Cachoeira

O rio Cachoeira e seus formadores, como de resto a maioria dos rios brasileiros, sofre os efeitos da intensa poluição de suas águas, causada por uma série de fatores. No quadro 5 é possível visualizar os principais problemas ambientais que afetam

os rios da bacia.

A Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), a partir de 1997, com o propósito de promover a recuperação da bacia hidrográfica, criou o Núcleo da Bacia Hidrográfica (NBH) e, através dele, o Programa de Recuperação da Bacia do Rio Cachoeira (PRBCA). Em convênio com vários órgãos estaduais,

federais, municipais e grupos ambientalistas, fez parceria para desenvolver um programa de manejo integrado para salvar o rio Cachoeira e seus formadores. O programa inclui trabalho de educação ambiental, ações ambientais como o reflorestamento das margens recompondo as matas ciliares, além de proteção das nascentes e saneamento básico.

Quadro 5: Principais problemas ambientais na bacia do rio Cachoeira

Problemas	Causas	Conseqüências	Responsáveis
Erosão dos solos, degradação das terras	Desmatamento Processos naturais	Abaixamento do nível dos lençóis freáticos Risco de enchentes Alta carga de sedimentos nas águas	Fazendeiros População ribeirinha Natureza.
Redução da fauna e flora	Desmatamento Urbanização	Perda da biodiversidade	Desmatamento e crescimento populacional
Uso de agrotóxicos	Negligência de fazendeiros	Contaminação dos solos, das águas e da fauna por metais pesados	Fazendeiros
Contaminação microbiológica	Esgoto sanitário Matadouros Resíduos sólidos (lixo)	Contaminação do lençol freático, dos rios e ribeirões Propagação de doenças	Governos municipais
Contaminação de água por elementos industriais	Dejetos industriais	Contaminação de rios e riachos	Indústrias de pequeno porte

A Associação dos Municípios do Sul, Extremo-Sul e do Sudoeste baiano (Amurc), desde o ano de 2000, tem sido uma parceira do PBRCA, promovendo as Agendas 21 nos municípios que compõem a bacia do rio Cachoeira, voltadas para a sua recuperação.

Deve-se levar em conta que a bacia do

rio Cachoeira é uma unidade ambiental relevante para Itabuna e demais municípios, ocupando uma área onde vivem cerca de 800.000 pessoas e, por isso, a sua preservação é fundamental para a qualidade de vida da população. Contudo, é necessário desenvolver uma campanha de educação ambiental e de

conscientização da população e dos políticos para se ter sucesso no processo de proteção da bacia. A educação ambiental poderá permitir que se elimine a *cultura da sujeira* que hoje está impregnada na cultura local, representada pelo próprio lixo poluindo o espaço urbano e o rio. Segundo Manoel Tourinho, a *cultura da sujeira* faz o homem conviver com o lixo das mais variadas origens, sem que isso perturbe a sociedade, que convive pacificamente com ele.

O autor do artigo “A Cultura da Sujeira” não relaciona pobreza à *cultura da sujeira*, porque há inúmeros exemplos de cidades e sociedades pobres e limpas, como a da Costa Rica, por exemplo. É necessário que todos se comprometam em romper com o ciclo da *cultura da sujeira*, não só a classe política, mas todos os segmentos da sociedade.

As pontes do rio Cachoeira na cidade de Itabuna

A primeira ponte a ser construída no rio Cachoeira encontra-se submersa desde 1964, quando foi construída a barragem próxima à ponte Góes Calmon, no bairro Conceição. Por



Foto 8: Ponte dos Velhacos

volta de 1890 a ponte era de pranchas de madeira colocadas sobre as pedras emersas nas partes mais secas do rio, sendo depois substituídas por cimento. Nessa época crescia o povoado de Tabocas na margem esquerda do rio, aumentando assim o fluxo entre ele e o núcleo formado inicialmente na Marimbeta, onde é hoje o bairro Conceição. Esta ponte chamava-se “ponte dos Velhacos” porque, segundo Adelino Kfoury, havia grande quantidade de peixes num poço próximo, entre eles, o velhaco. No

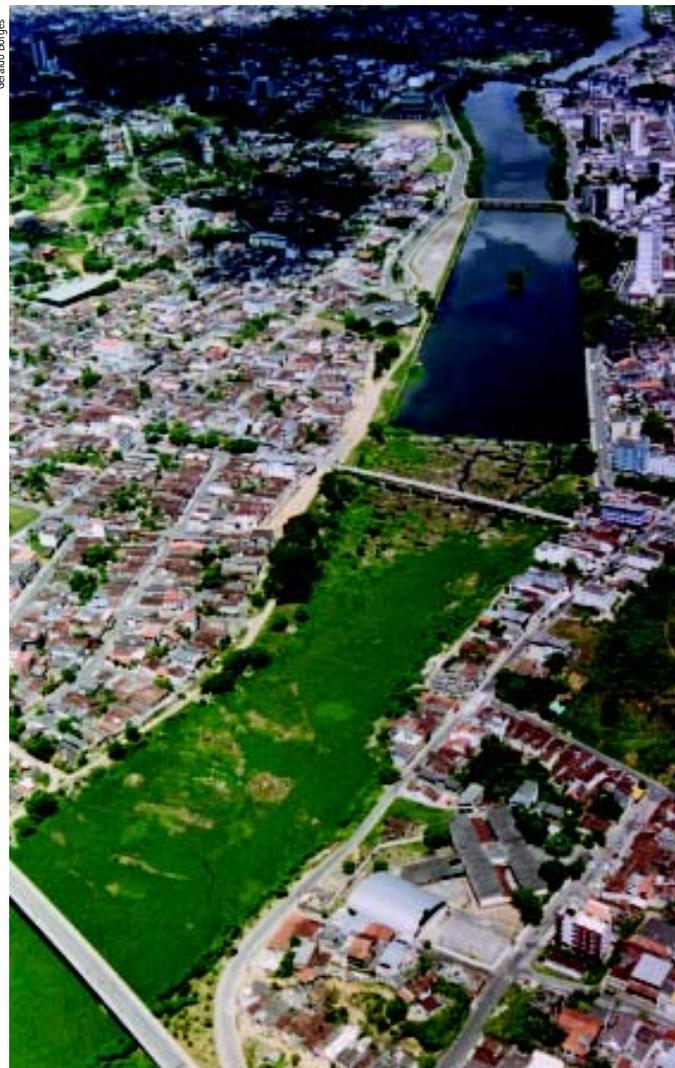


Foto 9: Pontes de Itabuna.

1º plano: Calixto Midlej seguindo a Goés Calmon, Miguel Calmon e a César Borges

governo do prefeito Miguel Moreira, em 1954, a ponte ganhou corrimões de madeira, sendo batizada com o nome de Passo do Tororó. Durante a seca que afetou a região, entre 1995/1997, o rio esteve no seu nível mais baixo, desaparecendo o espelho d'água formado pela barragem, deixando a ponte dos Velhacos à mostra até que o volume de água, voltando ao normal, tornou a “afogá-la”.

Sobre o rio Cachoeira, no trecho que corta a cidade no sentido Sul-Norte, existem hoje quatro pontes que ligam os bairros de ambas as margens.

São elas:

Ponte Góes Calmon

Esta ponte também é conhecida pelo nome de ponte da Conceição ou ponte Velha. Foi construída pelo governador J. J. Seabra,



Foto 10: Ponte Góes Calmon

em 1920, e inaugurada pelo governador Francisco Marques de Góes Calmon, em 1928, durante a gestão municipal do Cel. Henrique Alves dos Reis, ligando o centro da cidade ao bairro Conceição. Naquela época, em Itabuna,

não havia senão dois ou três veículos e ela era utilizada para o escoamento da produção de cacau, feita em lombo de animais, e para a ligação com Macuco (hoje Buerarema). Atualmente está interditada a veículos por ser estreita em demasia, só permitindo o tráfego de pedestres.

Ponte César Borges

Seu primeiro nome foi ponte Lacerda (nome do engenheiro que a construiu), ou do



Foto 11: Ponte César Borges

São Caetano, ou da Mangabinha. Foi construída em 1943, por iniciativa de Abílio Caetano de Almeida, a fim de valorizar os terrenos de sua propriedade, no governo municipal de Francisco Ferreira da Silva. Essa ponte dá acesso ao bairro São Caetano, onde havia nada mais que um aglomerado de pessoas, morando distantes umas das outras. Hoje, serve à população de mais de vinte mil habitantes, e por ela circula um expressivo número de veículos. O movimento crescente nesse bairro, em razão do crescimento da população, levou a ponte a um estrangulamento de tal ordem que, em 1999, no governo municipal de Fernando Gomes, foi duplicada com recursos do Estado,

no governo de César Borges, cujo nome passou a ser dado à ponte.

Ponte Miguel Calmon

A ponte Miguel Calmon ou do Marabá foi construída em 1957, no segundo governo de Francisco Ferreira da Silva, após o projeto



Foto 12: Ponte Miguel Calmon

de loteamento do bairro Góes Calmon. A obra foi realizada por iniciativa de Mário Padre, cujos altos custos do investimento provocaram sua falência. Hoje, essa ponte dá acesso aos bairros Conceição, Góes Calmon, Zizo, Pedro Jerônimo, Vitória, São Judas Tadeu e outros.

Ponte Calixto Midlej

A ponte Calixto Midlej teve sua construção iniciada em 1976 pelo governo estadual, na administração de Antônio Carlos Magalhães, atendendo a um pedido de políticos aliados que estavam em disputa pela prefeitura,

tendo como candidato da oposição Fernando Gomes (1977-1982). Essa ponte estava planejada para ser construída sobre o rio Cachoeira em trecho próximo à churrascaria Los Pampas, e faria parte de uma avenida do Contorno, da qual a avenida Amélia Amado seria um dos trechos. Por questões políticas, com a proximidade das eleições e para favorecer o candidato do governo, José Soares Pinheiro, resolveram mudar para o local atual considerando que assim a população estaria melhor servida. Por ter o candidato do governo perdido as eleições, as obras foram paralisadas, sendo fechado o arco central no governo de João Durval. Os acessos das cabeceiras só foram construídos mais tarde, a pedido do prefeito Ubaldo Dantas, sendo a ponte inaugurada no dia 27 de julho de 1987 e batizada com o nome de Calixto Midlej.

A estrutura dessa ponte difere das demais construídas sobre o rio Cachoeira. Feita em concreto propendido, apresenta um arco que lhe dá mais altura, própria para rios de grande profundidade por onde circulam embarcações, tornando por isso seu custo mais elevado.



Foto 13: Ponte Calixto Midlej

Outras pontes de Itabuna

Além das pontes sobre o rio Cachoeira na cidade de Itabuna, outras importantes no passado, e hoje ainda, podem ser mencionadas, tais como:

Ponte Oito de Dezembro – Em 1918 foi construído um pontilhão de madeira durante a intendência de Antônio Gonçalves



Foto 14: Ponte 08 de Dezembro

Brandão, sobre o ribeirão Água Branca, situado à margem esquerda do rio Cachoeira, próximo à cabeceira da atual ponte Calixto Midlej. Por aí passavam as tropas que se dirigiam a Ilhéus, transportando cacau, e chegavam os produtos destinados ao abastecimento da população local. No dia 8 de dezembro de 1926, o intendente coronel Henrique Alves inaugurou a ponte construída em cimento armado, quando então, fazia a ligação do bairro Taboquinhas (centro) ao bairro Cajueiro (Fátima). Daí sua importância histórica.

Ponte Dois de Julho – Foi construída sobre o ribeirão Lavapés, no início da rua Barão do Rio Branco, servindo de ligação entre Itabuna e Ilhéus. Era uma ponte rústica, de



Foto 15: Ponte 2 de Julho

madeira, construída na intendência de Antônio Gonçalves Brandão (1912-1915) e substituída, em 1921, por uma de cimento armado, durante o governo municipal de José Kruschewsky, também servindo de ligação entre os bairros Taboquinhas e Cajueiro.

Ponte Claudionor Alpoim – Esta ponte foi construída durante o governo de José Kruschewsky, sobre o ribeirão Lavapés, (dá acesso à ladeira do hospital) na mesma época em que se iniciou a construção do hospital Santa Casa de Misericórdia (Calixto Midlej) e quando foi transferido o cemitério para o local onde se encontra atualmente.



Foto 16: Ponte Claudionor Alpoim e a rua Antônio Muniz (subida para o hospital).

Ponte do Lavapés – Construída em madeira, no governo de José Kruschewsky, sobre o ribeirão Lavapés, ligando o centro ao bairro do Pontalzinho. Foi reconstruída em cimento armado, pelo prefeito coronel Glicério Lima, em 1931.



Foto 17: Ponte do Lavapés

O Cais e a Barragem

Entre a ponte Góes Calmon (bairro Conceição), e a ponte Miguel Calmon (ou do Marabá), foi construído um cais com 700m

de extensão para corrigir o leito do rio. O cais da margem esquerda foi construído em duas etapas pelo Departamento Nacional de Obras e Saneamento, do Ministério do Interior. O início da construção se deu em 1963, no governo de Félix Mendonça, quando foi também construída uma barragem com a finalidade de criar um espelho d'água sobre o fundo rochoso do rio onde se formavam muitas poças e, conseqüentemente, na época da vazante, proliferavam as muriçocas. Durante 10 anos o cais teve suas obras paralisadas, sem ter chegado à altura prevista. Em 1973, no governo de José Oduque, o cais foi concluído e, em seguida, feito o aterro que deu origem à avenida Firmino Alves e à Alameda da Juventude.

O cais da margem direita foi construído posteriormente, no governo de Roberto Santos (1975-1979). Do aterro aí realizado surgiu a área que hoje corresponde à praça Rio Cachoeira. A construção do cais foi de fundamental importância para a urbanização do centro de Itabuna, por conter a erosão que se processava em suas margens por ocasião das cheias, como também por evitar a invasão das águas nesse trecho da cidade.



Foto 18: Cais e Barragem do rio Cachoeira

O CLIMA E A VEGETAÇÃO DE ITABUNA

O clima de Itabuna caracteriza-se por ser quente e úmido, sendo classificado como clima Tropical Chuvoso sem estação seca.

As chuvas não são uniformemente distribuídas durante o ano. As precipitações são mais notáveis na primavera e no verão, quando se registram chuvas de trovoadas, acusando forte volume pluviométrico, embora menos prolongadas. No inverno, as precipitações são mais prolongadas, porém mais fracas. A média pluviométrica anual do município corresponde a 1.500mm.

Grandes alterações de chuva poderiam ocorrer em consequência de fenômenos como *El Niño* (períodos de secas prolongadas) e *La Niña* (períodos de chuvas abundantes). Contudo, estudos realizados no sul da Bahia mostram que nem sempre as chuvas na região são afetadas por esses fenômenos periódicos. Há dados que provam que, em tempo de *El Niño*, nem sempre as chuvas foram bastante reduzidas, e em período de *La Niña*, foram intensas. Isto porque o clima da região é afetado por outras modificações atmosféricas resultantes de fenômenos relacionados à instabilidade tropical vinda do oceano Atlântico.

Os efeitos do *La Niña* são benéficos para o sul da Bahia, na medida em que regulariza a distribuição de chuvas, restabelecendo os recursos hídricos da região onde vários rios secam ou ficam com a vazão abaixo da média, quando diminui a pluviosidade.

A umidade relativa do ar varia entre 75% (mínima) a 85% (máxima) no mês de julho, quando a atmosfera se apresenta saturada de umidade, devido às chuvas constantes.

A média da temperatura máxima oscila

entre 29°C e 30°C no verão, e a mínima atinge 16°C no inverno. A mínima absoluta é de 14°C em julho, havendo épocas em que chega a atingir 12°C, e a máxima absoluta é de 38°C em janeiro.

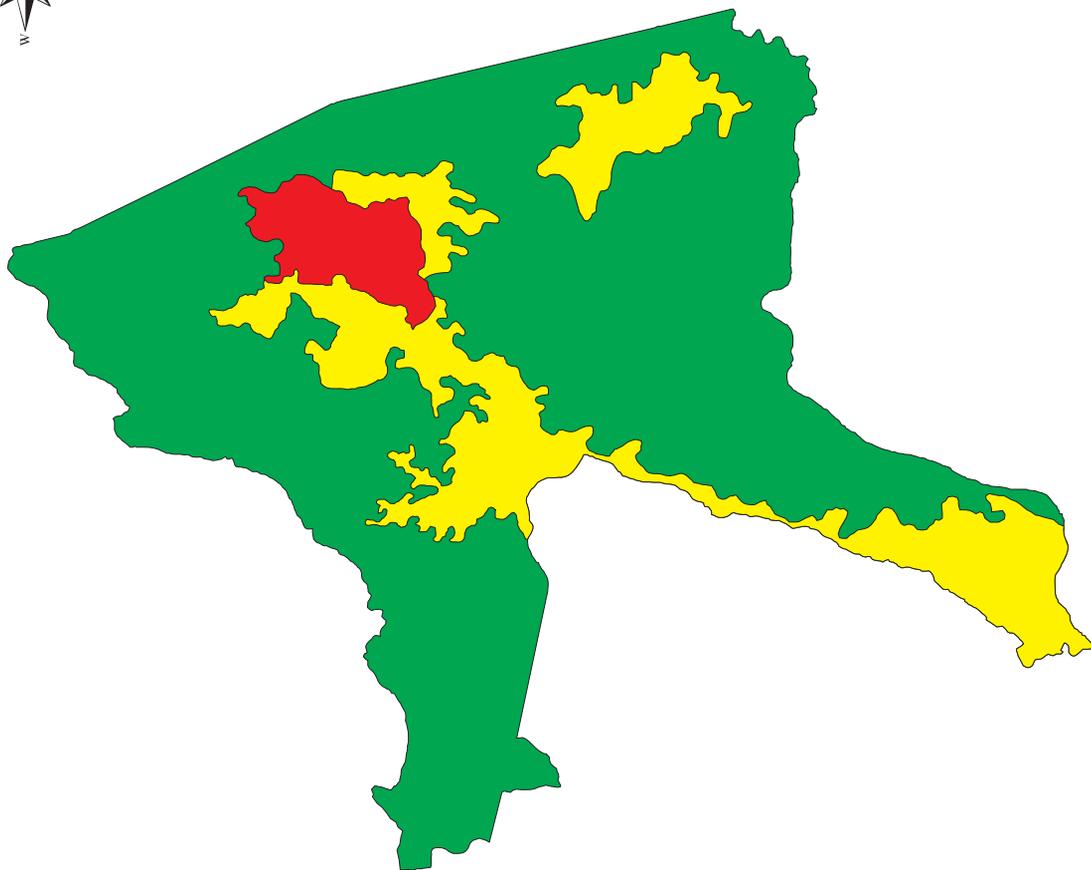
Devido a sua proximidade com o litoral, o município é afetado no verão pela massa Tropical Atlântica, cujos ventos chegam carregados de umidade, e pela massa Polar Atlântica, no inverno, com a formação de Frente Fria, quando provoca instabilidade do tempo com quedas de temperaturas e chuvas frontais.

O clima dominante no município de Itabuna favorece a cultura do cacau, planta muito exigente em umidade e pluviosidade, além de culturas como o cupuaçu, a pupunha e outras espécies tropicais.

Em razão do clima, a vegetação encontrada no município de Itabuna é a mata higrófila ou Mata Atlântica sul baiana. É rica em espécies vegetais, com grande biodiversidade, registrando-se mais de 400 espécies de plantas lenhosas, plantas endêmicas que só existem nessa região. A vegetação é constituída de grande quantidade de espécies de alto valor econômico, como o vinhático, cedro, baráuna, maçaranduba, angelim-coco, pau-d'arco amarelo, peroba e o jacarandá da Bahia (este, em vias de extinção devido à intensa exploração para fins de exportação). É também rica em espécies medicinais como a batata-de-purga, jurubeba, ipecacunha etc.

A Mata Atlântica do município de Itabuna e região é também conhecida por floresta perenifolia latifoliada higrófila, a Hiléia Baiana, assim denominada por Andrade-Lima,

Figura 7: Vegetação Itabuna, Bahia - Brasil 1999



- Área Urbana
- Cacau e Agropecuária
- Pasto

Fonte: Mapa de Vegetação
Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária
DDF: 1:100.000 - 1997

1966, em Atlas Nacional do Brasil - IBGE, por sua semelhança com a floresta Amazônica. São encontrados gêneros e espécies de plantas que ocorrem nos dois ecossistemas.

Esta mata foi bastante alterada pela introdução da cultura cacauieira há quase dois séculos, quando também se deu a introdução de árvores frutíferas trazidas de várias partes do mundo como a jaqueira (Índia), fruta-pão (Polinésia), jenipapeiro (Antilhas), jameiro e mangueira (Índia).

O desmatamento para a introdução da pecuária, embora não tenha influenciado diretamente no clima, trouxe conseqüências negativas para a região, porque afetou as bacias hidrográficas cujo solo necessita de proteção a fim de que ocorra a infiltração da água das chuvas no subsolo e, conseqüentemente, a manutenção do nível hidrológico. Por outro lado, a ausência da vegetação provoca enxurrada durante as chuvas, carreando para os córregos e rios a camada fértil do solo, causando a lixiviação (lavagem e empobrecimento do solo) e o assoreamento (acumulação do solo trazido pelas enxurradas no fundo dos leitos dos rios, tornando-os rasos e passíveis de transbordamento). A ausência da vegetação também provoca redução da umidade da atmosfera, decorrente da evapotranspiração das plantas, causando pequenas alterações na quantidade de chuvas.

As matas fazem um papel de esponja, retendo a água das chuvas e infiltrando uma parte, gradualmente, para o subsolo, alimentando os lençóis d'água e liberando o restante para os cursos d'água.

No período de grandes secas, baronezas (*Eichhornia crassipes*) proliferam nos rios da bacia do Cachoeira, muitas vezes cobrindo toda a superfície da água, impedindo a oxigenação e provocando a morte da fauna, causando forte mau cheiro, além da proliferação

de muriçocas, do mosquito da dengue e de doenças como a leptospirose. A proliferação descontrolada de baronezas é também uma conseqüência do desmatamento das nascentes e das margens dos rios. Como esta espécie se desenvolve em ambientes poluídos e precisa de muito sol para realizar a fotossíntese, encontra nos rios da bacia do Cachoeira ambiente favorável ao seu desenvolvimento.

Em outras regiões, a baronesa também é conhecida pelo nome de aguapé ou patinho, utilizada para despoluir as águas, sendo retiradas logo após seu ciclo de vida útil, para que suas raízes não constituam um trançado que dificulte sua retirada. Se isto não for feito, só chuvas fortes são capazes de arrastá-las.

Cedida pelo IBRAC



Foto 19: Baronezas, onde estão pousadas garças no rio Cachoeira.

A única solução para acabar com as baronezas, quando estas infestam o rio, é através de um combate biológico já desenvolvido por cientistas de países africanos. Bactérias lançadas sobre as baronezas ajudam a conter sua proliferação, que se faz com muita velocidade. Outra solução, também utilizada para reduzir a ocorrência das baronezas (aguapés), é o plantio de bambu nas margens do rio, o que



Foto 20: As baronessas cobrindo as águas do rio Cachoeira

inibe a fotossíntese do vegetal que utiliza a luz para sua reprodução, além do reflorestamento das nascentes do rio.

Na mata do município de Itabuna a fauna é abundante em relação aos animais de pequeno porte, tais como teiú, gambá, quati, tamanduá-bandeira, jupará, ouriço-cacheiro, sagüi, mico, raposa, caititu, preguiça entre outros, muitos deles ameaçados de extinção pela ação dos caçadores. O jupará é um pequeno animal da família dos símios que se alimenta, principalmente, de frutos do cacauzeiro, causando estragos à lavoura.

Entre os répteis, proliferam cobras venenosas, como a jaracuçu, jararaca pico-de-jaca, malha-de-sapo, cascavel, coral, entre outras, que constituem grande perigo para os trabalhadores rurais, constantemente mordidos por elas, causando-lhes, muitas vezes, a morte.

Entre as aves e pássaros encontram-se, principalmente, macuco, paturi, martim-pescador, jacu, pomba d'água, saracura, nhambu, juriti, codorna, perdiz, periquito, papagaio, curió, tucano e outros.

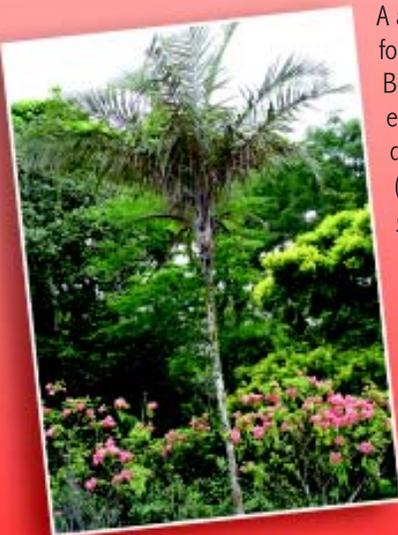
A CIDADE DE ITABUNA

3

Lurdes Bertol Rocha

- ✓ **AS ORIGENS**
- ✓ **O CENTRO HISTÓRICO DE ITABUNA**
- ✓ **OS BAIROS DE ITABUNA**
- ✓ **AVENIDA CINQUENTENÁRIO - CORAÇÃO DA CIDADE**
- ✓ **PRAÇAS DO CENTRO DA CIDADE DE ITABUNA E SUAS FUNÇÕES**
 - ✓ Praça Santo Antônio
 - ✓ Praça Olinto Leone
 - ✓ Praça Adami
 - ✓ Jardim do Ó
 - ✓ Praça José Bastos
 - ✓ Praça Otávio Mangabeira (Camacan)
 - ✓ Praça Rio Cachoeira
 - ✓ Praça Laura Conceição
 - ✓ Outras praças

Noeme Xavier

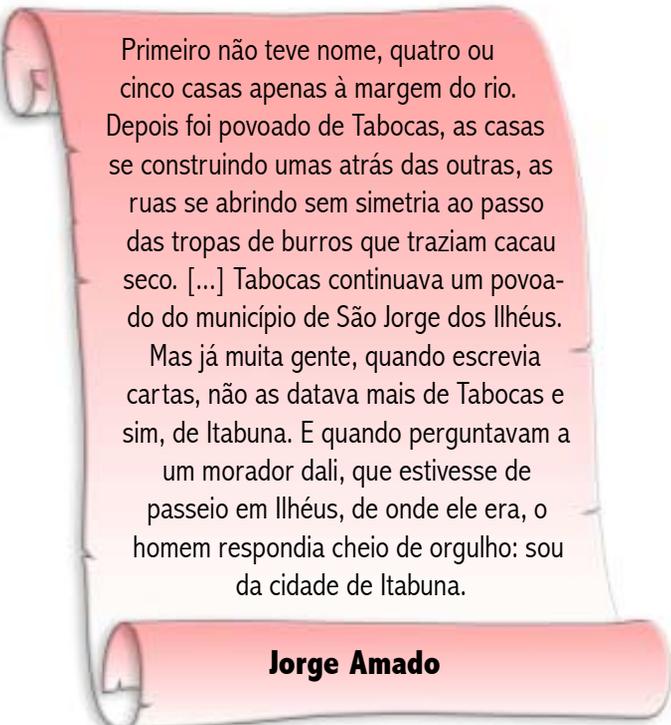


A avenida Cinquentenário foi chamada de rua do Buri, no passado, devido à existência desta palmeira de coco buri (*Polyandrococos caudescens*). O exemplar da foto encontra-se no campus da UESC, ao lado da torre administrativa.

A cidade de Itabuna nasceu às margens do rio Cachoeira, sendo o seu primeiro núcleo o Arraial de Tabocas, surgido em 1849, ao se efetuar a abertura da mata na margem esquerda do rio. No local havia um jequitibá que deu muito trabalho para ser derrubado. O machado que cortasse mais ligeiro, daria taboca no companheiro. Assim aconteceu. O pessoal que assistia ao desafio, gritou: 'Taboca! Taboca! Tomou taboca! Daí se originou o nome desse lugar, que ficou conhecido como Pau da Taboca. Há ainda outras versões para a origem do nome. Quando, em 1867, aqui chegaram os parentes de Félix Severino do Amor Divino e teve início o desbravamento das matas, em ambas as margens do rio Cachoeira, começaram a surgir as primeiras 'tabocas' (roças)". Na margem direita do rio Cachoeira, Félix Severino do Amor Divino construiu a primeira casa do local, na realidade, uma pequena cabana. Esse local passou a se chamar de Marimbeta (hoje bairro Conceição). Manoel Constantino também construiu sua cabana, na margem esquerda do rio, onde hoje é a praça Olinto Leone.

Dez anos mais tarde, Félix Severino do Amor Divino mandou buscar, na Chapada dos Índios (Sergipe), toda a família que lá ficara, estando entre eles José Firmino Alves, o futuro fundador da cidade de Itabuna.

Se o primeiro nome dado ao local, que será mais tarde Itabuna, originou-se em consequência da derrubada do jequitibá ou da formação das primeiras tabocas, o certo é que o fato está relacionado ao desbravamento para a formação das primeiras lavouras nestas paragens. Jorge Amado assim descreve a Tabocas da época, e já acena para a mudança do nome para Itabuna:



Primeiro não teve nome, quatro ou cinco casas apenas à margem do rio. Depois foi povoado de Tabocas, as casas se construindo umas atrás das outras, as ruas se abrindo sem simetria ao passo das tropas de burros que traziam cacau seco. [...] Tabocas continuava um povoado do município de São Jorge dos Ilhéus. Mas já muita gente, quando escrevia cartas, não as datava mais de Tabocas e sim, de Itabuna. E quando perguntavam a um morador dali, que estivesse de passeio em Ilhéus, de onde ele era, o homem respondia cheio de orgulho: sou da cidade de Itabuna.

Jorge Amado

Devido ao crescimento rápido do povoado de Tabocas, que fazia parte do município de Ilhéus como seu terceiro distrito, em 1897, cidadãos influentes da comunidade fizeram uma solicitação ao Conselho Municipal de Ilhéus para que Tabocas fosse elevada à categoria de vila. O pedido, contudo, foi negado. Mais tarde, em 1906, foi dirigida ao governo do Estado uma solicitação para que se criasse o município, prometendo o Coronel Firmino Alves doar o terreno para a construção dos edifícios da Intendência, Cadeia, Tribunal do Júri e as demais dependências necessárias para o funcionamento da vila. A elevação do aglomerado à vila se deu nesse mesmo ano, e à categoria de cidade em 28 de julho de 1910.

O CENTRO HISTÓRICO DE ITABUNA

O núcleo inicial da cidade de Itabuna foi a rua da Areia, depois Marechal Bittencourt, hoje dividida nas ruas Miguel Calmon (a parte mais antiga) e avenida Fernando Cordier (mais conhecida como Beira Rio). A rua da Areia partia de onde atualmente se encontra o prédio da Justiça Eleitoral. Seguiu a margem do rio em frente à Ilha do Jegue em direção à ponte do Marabá. Todas as casas desse trecho foram destruídas pela enchente de 1914.

O centro de Itabuna, à época, era um arruado que se estendia até o pontilhão Dois de Julho, sobre o canal Lavapés, atualmente ligando a rua Miguel Calmon à Barão do Rio Branco, onde se encontra o prédio da Justiça do Trabalho. Nessa rua o comendador José Firmino Alves se estabeleceu com uma venda (nome dado a casas comerciais, naquela época). Em seguida, outras pessoas aí se estabeleceram com casas de tecidos, secos e molhados e outros tipos de comércio, sempre incentivados pelo bom desempenho da lavoura cacauceira.

O arraial de Tabocas, na sua formação, contava com uma aglomeração de população rústica, animada pela cultura de cacauzeiros; parecia-lhe que a felicidade vinha das nuvens, dos vales, da fertilidade das terras ou dos seus próprios braços. Suas enxadas eram coroadas pelo amor que esta gente tinha ao trabalho em terra tão férteis (ANDRADE, 1968, p. 82).

Foi com a visão calcada no otimismo gerado pela boa produtividade da lavoura cacauceira, pela aceitação de seu produto no mercado

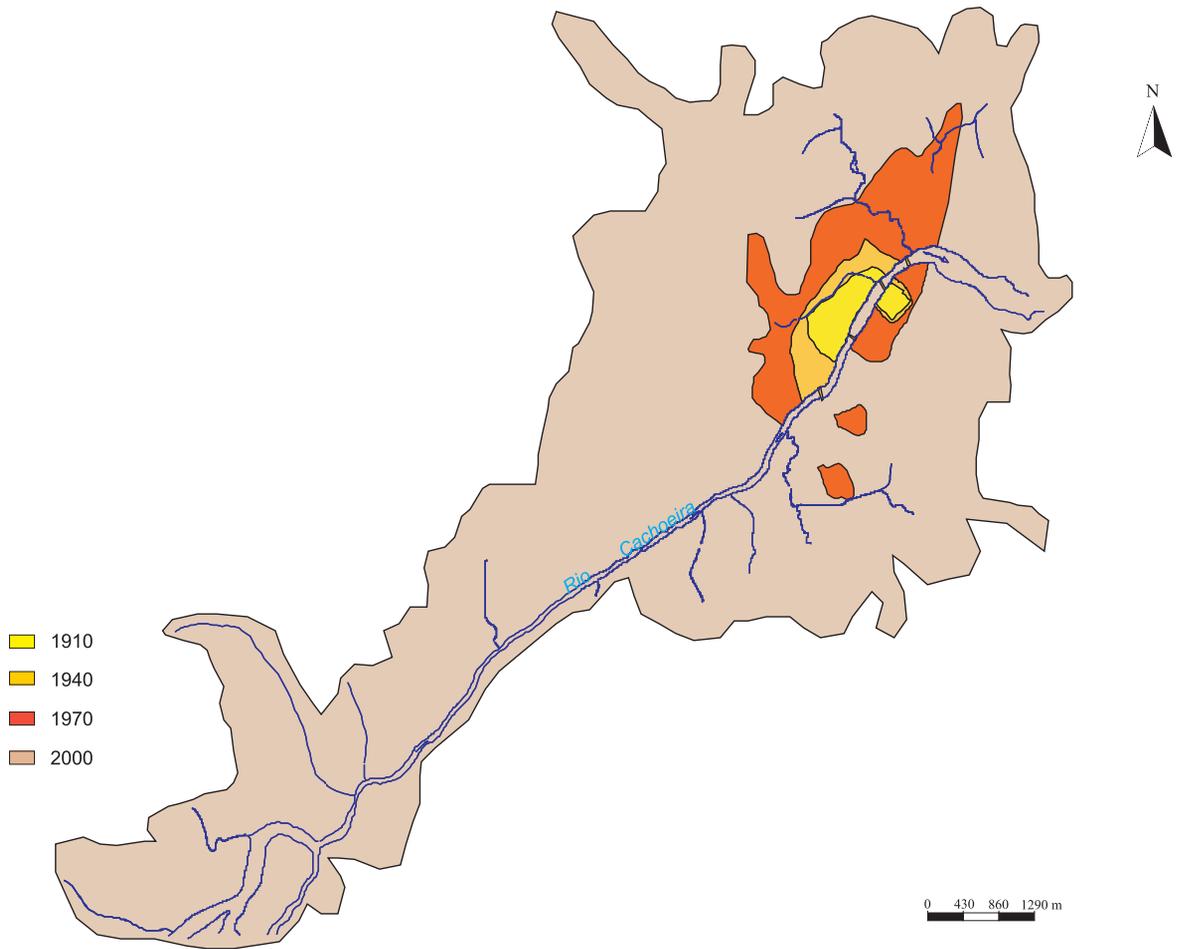
internacional, que o núcleo nascente de Itabuna começou a se formar e a se expandir a fim de abrigar os equipamentos necessários para atender à demanda de uma população que crescia a olhos vistos, tendo como ícone de seus desejos e do progresso o cacau.

O centro histórico de Itabuna é um lugar pouco cuidado, pouco conhecido, e pouco falado, dando a impressão de que nunca existiu. Obviamente Itabuna possui um lugar específico onde a cidade começou, onde ainda existem muitos resquícios do passado, porém não há nenhum programa que tente revitalizar ou conservar esse centro.

O centro da cidade de Itabuna coincide, em linhas gerais, com o que foi estabelecido pela lei municipal de número 852, de 04 de julho de 1969, no qual está registrado que considera-se como centro da cidade, para fim desta lei, a avenida Cinquentenário até a praça Prefeito Alcântara [Jardim do Ó], ruas paralelas e transversais a essa avenida, desde a margem do rio Cachoeira, a avenida Amélia Amado, ruas Laurinda Fontes e Armando Freire. Como bairros centrais, são considerados os que estão diretamente ligados geograficamente com o centro: pela margem direita do rio Cachoeira estão os bairros Conceição, Góes Calmon, Jardim Vitória e Banco Raso; à margem esquerda, situam-se os bairros Mangabinha, Zildolândia, Berilo, Juca Leão, Santo Antônio, Pontalzinho, Castália e Alto Maron. Os demais bairros são considerados como periféricos, por se encontrarem mais distantes do centro, não tendo com ele fronteira física.

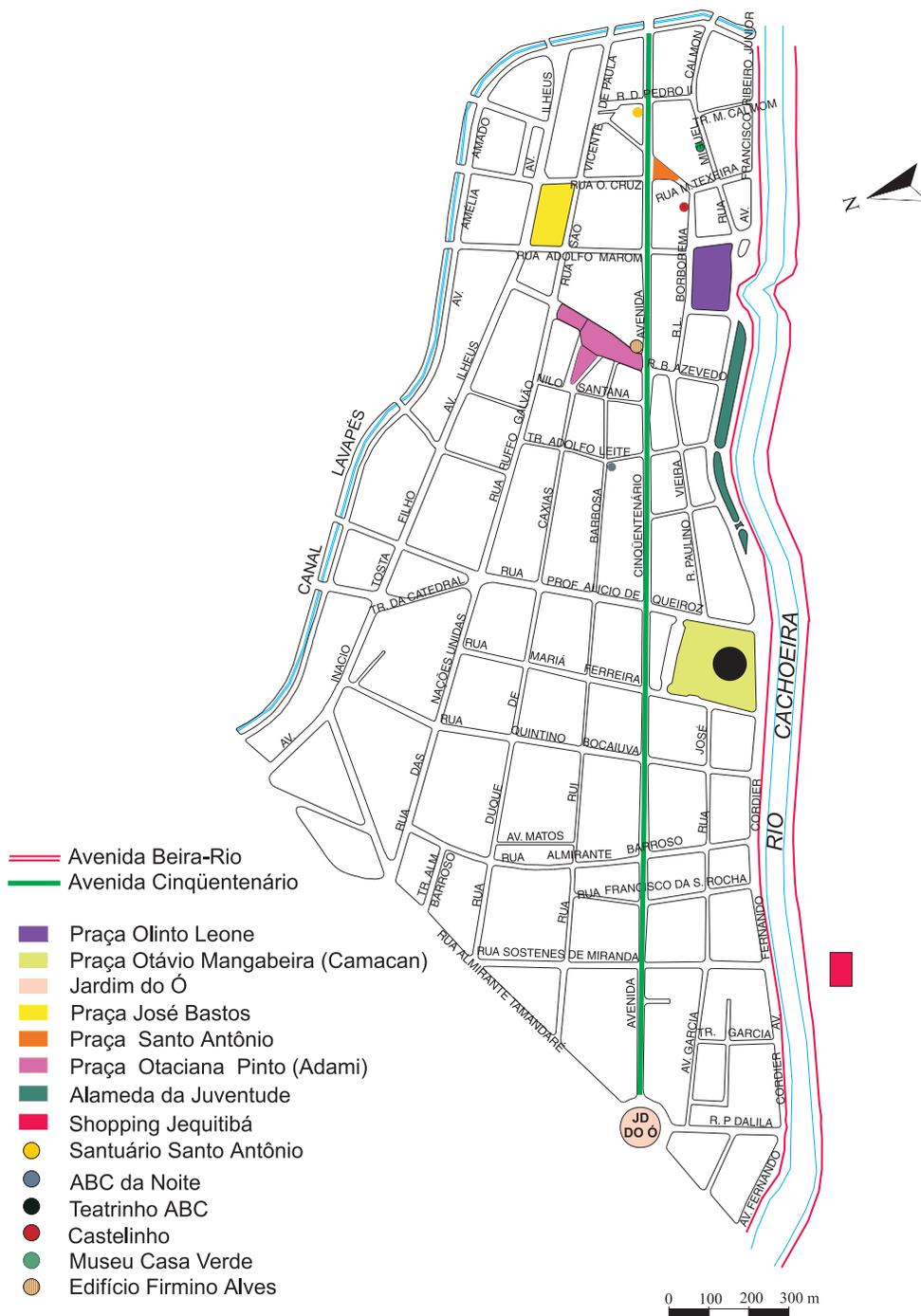
O antigo centro da cidade de Itabuna continua dinâmico, expandiu-se, alargou-se de tal maneira que algumas atividades saltaram

Figura 8: Mancha urbana de Itabuna: 1910 - 2000



Elaboração: BERTOL, L.; MOREAU, M.S.; ANDRADE, M.P.

Figura 9: O centro da cidade de Itabuna: ruas e praças



Elaboração: BERTOL, L.

para ruas um pouco mais distantes e, em alguns casos, extrapolaram para alguns bairros.

Com a ampliação da produção, do comércio interno e de exportação do cacau, Itabuna passou a ser o centro regional da comercialização desse produto agrícola, exigindo, dessa forma, que ocorresse a expansão, diferenciação, setorialização do comércio, angariando novos espaços que trouxessem facilidades de acesso à circulação, novos espaços para uma escala maior de movimentação de mercadorias.

Em 1999 foi transferida a Prefeitura Municipal para o bairro São Caetano. Também nesse bairro encontram-se o estádio de futebol, a Vila Olímpica, o Complexo Policial, evidenciando-se assim a tendência à descentralização das atividades do centro da cidade. Pode-se passar meses sem ir ao centro de Itabuna,

porque o bairro oferece tudo que uma cidade de pequeno porte pode oferecer.

Muitas residências do centro, necessitando de mais espaço, mais tranquilidade, foram transferidas para locais mais afastados, menos movimentados, principalmente para os bairros São Judas, Zildolândia, Castália e Góes Calmon.

Hoje, portanto, o centro tradicional de Itabuna divide com outros espaços próximos as atividades de comércio, administração e prestação de serviços, seguindo a lei geral de descentralização do centro primitivo.

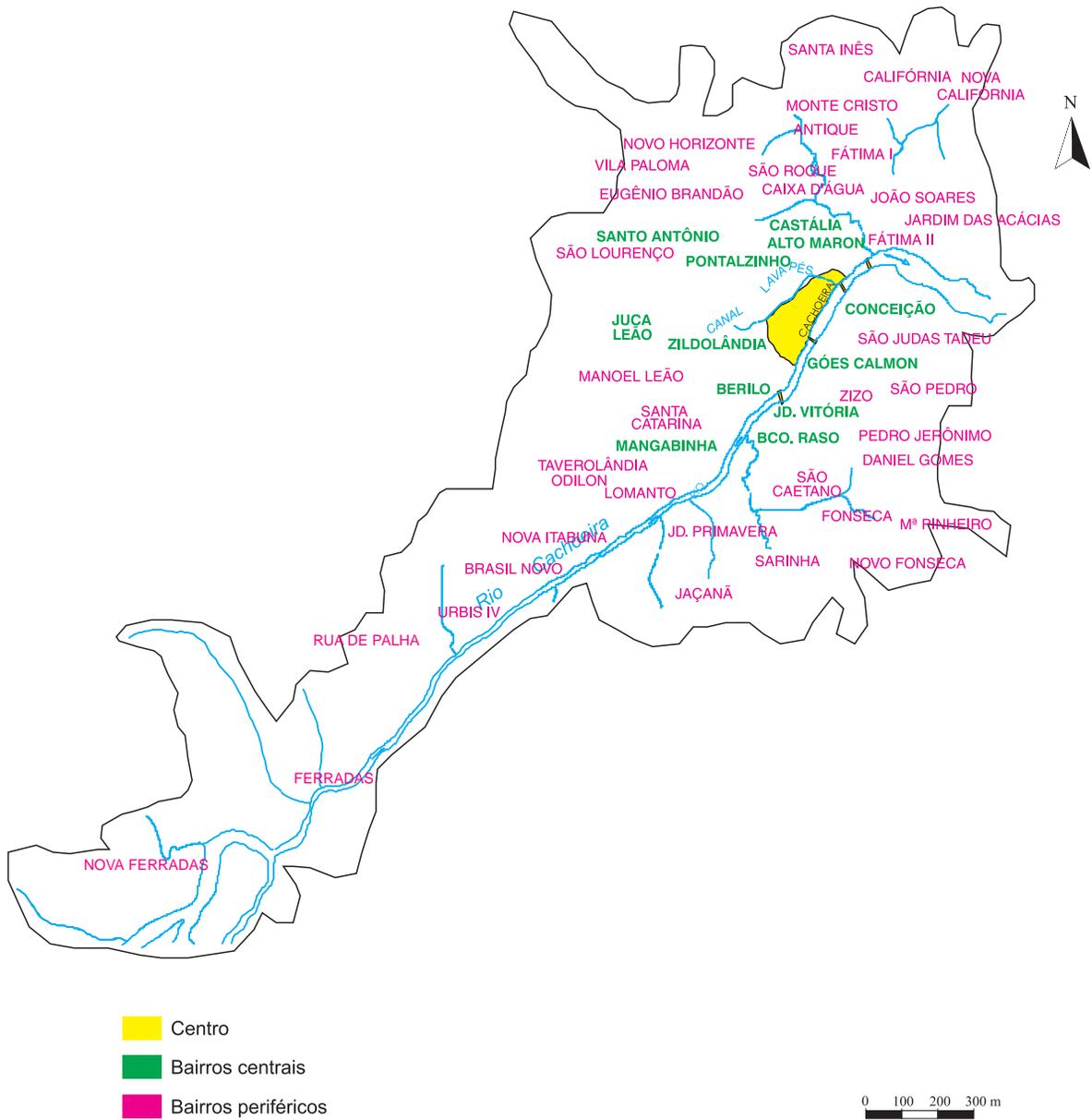
O crescimento e a expansão do centro da cidade se deu simultaneamente à expansão do perímetro urbano como um todo, com o espichamento da cidade ao longo do rio Cachoeira, no sentido oeste, e sua expansão mais maciça ao redor do centro original.

OS BAIROS DE ITABUNA

Com a expansão do núcleo inicial da cidade, bairros começaram a se formar. O bairro mais antigo é o do **Pontalzinho**. Surgiu em 1914, na parte Norte, após grande enchente do rio Cachoeira e era separado do centro da cidade por um ribeirão, o Lavapés, hoje transformado em canal de esgoto. Vários pontilhões foram construídos sobre o canal Lavapés para ligar os bairros Pontalzinho, Santo Antônio e Castália ao centro da cidade. Após 1927, surgiu o da **Conceição**, o primeiro bairro na margem direita do rio Cachoeira, depois da construção da ponte Góes Calmon. Esse bairro cresceu consideravelmente após

a construção da estrada para Buerarema, em 1931. O bairro da **Mangabinha**, situado a Oeste do centro da cidade, teve seu início junto à margem esquerda do rio Cachoeira, a partir de 1934, quando João Mangabinha Filho transformou os pastos de sua fazenda em loteamento. O bairro de **Fátima** (ex-Cajueiro), situado a Nordeste da cidade, desenvolveu-se bastante a partir da abertura da estrada para Ilhéus no loteamento de propriedade de Francisco Alves de Oliveira. O bairro **São Caetano**, ao Sul da cidade, teve seu início a partir de 1946, em terras de propriedade de Abílio Caetano de Almeida, após a construção da ponte

Figura 10: A cidade de Itabuna: centro, bairros centrais, bairros periféricos



Elaboração: BERTOL, L. 2000
Fonte: Prefeitura Municipal de Itabuna, 1999.

Bairros da cidade de Itabuna

– CASTÁLIA	– SANTA CATARINA
– PONTALZINHO	– NOVA ITABUNA (URBIS IV)
– NOVO HORIZONTE	– SÃO CAETANO
– SÃO ROQUE	– BANCO RASO
– ALTO MARON	– FONSECA
– SANTA INÊS	– CARLOS SILVA ANDARAÍ
– ANTIQUE	– SANTA RITA
– CAIXA D'ÁGUA	– MARIA PINHEIRO
– CONCEIÇÃO	– DANIEL GOMES
– GÓES CALMON	– SÃO PEDRO
– SÃO JUDAS	– ZIZO
– FÁTIMA	– PEDRO JERÔNIMO
– JOÃO SOARES	– SARINHA ALCÂNTARA
– CALIFÓRNIA	– JARDIM PRIMAVERA
– NOVA CLIFÓRNIA	– JAÇANÃ
– SANTO ANTÔNIO	– SINVAL PALMEIRA
– SÃO LOURENÇO	– NOVA FERRADAS
– ZILDOLÂNDIA	– FERRADAS
– MANGABINHA	– MONTE CRISTO
– LOMANTO JÚNIOR	– NOVO SÃO CAETANO
– TAVEIROLÂNDIA	– JORGE AMADO
– MANOEL LEÃO	– JARDIM BRASIL (EX JARDIM VITÓRIA)

Condomínios

– VILA E VALE DAS PEDRAS (no bairro São Caetano)	– MORUMBI (no bairro Sinval Palmeira)
– JARDIM DAS ACÁCIAS (no bairro de Fátima)	– CAMPO FORMOSO (no bairro Nova Itabuna)

Loteamentos da cidade de Itabuna

– PROLETÁRIO	– TUPINAMBÁ
– JARDIM DE ALLAH	– VILA PALOMA
– PARQUE SÃO JORGE	– MARAMBAIA
– MARTINHO CONCEIÇÃO	– NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS
– SEMPRE VIVA	– JARDIM ALAMAR
– VALE DO SOL	– JOSÉ COELHO
– MONTE LÍBANO	– JARDIM ITABUNA
– JARDIM JAÇANÃ	– PREDIAL GRAPIÚNA
– PARQUE FLORESTAL	– JARDIM GRAPIÚNA
– JARDIM CORDIER	– FÉLIX ALVES DE SOUZA
– BAIRRO NOVO DA CONCEIÇÃO	– JUCA LEÃO
– STATUS	– GRANJAS REUNIDAS
– DUAS BARRAS	– TECLO CONRADO
– VILA ANÁLIA	– BOA VISTA
– JARDIM ITALAMAR	– JARDIM UNIÃO
– DEMÓSTENES GONÇALVES	– PARQUE HUGO KAUFMANN
– JARDIM DOS EUCALIPTOS	– JERÔNIMO CAETANO
– JARDIM SANTO ANTÔNIO	– SANTA TEREZA
– FRANCISCO DA SILVA RIBEIRO	– CARVALHO DE ALENCAR
– POMAR DO RIO	– CIDADE JARDIM
– PARQUE SANTA CRUZ	– CURSITA
– VISTA SOLAR	– ESTER GOMES
– RUFO PINHEIRO CUNHA	– JARDIM SÃO JOÃO
– PARQUE VERDE	– PARQUE SANTA CLARA
– DOMINGOS MAGALHÃES	– PARQUE MONTE CRISTO
– PARAÍSO	– PEDRO MARQUES DE SÁ
– PARQUE BOA VISTA	– PROLETÁRIO JAÇANÃ
– VITÓRIA LOUP SOARES	– SANTA BÁRBARA
– BELA VISTA	– SÃO LUIZ
– QUINTA DA BOA VISTA	– ZILDO PEDRO GUIMARÃES
– MARIANA CARDOSO COELHO	– MARIA DO PATROCÍNIO
– QUINTA DOS EUCALIPTOS	– MARIA CAMPOS
– CLEBER LIMA GALLY	

Fonte: Prefeitura Municipal de Itabuna, 2003

Lacerda, hoje Governador César Borges, ligando o bairro ao centro da cidade. O crescimento desse bairro se tornou mais rápido com a construção do prédio do DNER, da Usina Elvetia que produzia derivados do cacau (hoje desativada), do Colégio Estadual de Itabuna (CEI), do Estádio Luiz Viana Filho, da Vila Olímpica, do Batalhão de Polícia Militar e do Complexo Policial. O bairro São Caetano é um bairro praticamente independente. “São Caetano se orgulha das opções que oferece no ramo de materiais de construção, mercados, padarias, lanchonetes, academias, lojas, livrarias, farmácias, escolas, feira livre”. É considerado o segundo centro comercial de Itabuna. Esses bairros são bem servidos em termos de comércio e transportes, e são populosos. O bairro **Miguel Calmon**, mais conhecido por **Góes Calmon**, situa-se à margem direita do rio Cachoeira, entre os bairros Conceição e Jardim Vitória. É um bairro formado por luxuosas construções, onde residiam, de maneira geral, as pessoas ilustres e ricas, como

gerentes de banco, altos funcionários da CEPLAC, grandes fazendeiros. Esse bairro foi idealizado pelo deputado Mário Padre que incentivou Miguel Calmon, então Governador do Estado, a fazer um bairro amplo, moderno, que acompanhasse a evolução dos tempos. Para Mário Padre, era necessário fixar o fazendeiro de cacau na região, porque eles estavam construindo suas casas em Salvador. O terreno onde se situa o bairro foi comprado a três proprietários por Mário Padre e Miguel Calmon.

Além desses bairros centrais e mais antigos, há muitos bairros periféricos que continuam se expandindo, outros estão em formação, além de bairros que nascem de invasões. A falta de aplicação rigorosa de normas que disciplinem o uso e a ocupação do espaço urbano contribuiu para a descaracterização de bairros que eram residenciais e se transformaram em zonas de comércio, além de permitir uma ocupação desordenada, comum nos bairros periféricos.

AVENIDA CINQUENTENÁRIO CORAÇÃO DA CIDADE

As primeiras ruas de uma cidade são as que mais trazem lembranças, interpretações diferentes a respeito de seus apelidos e de seus nomes. São essas ruas que, em seu traçado e em suas histórias contadas e escritas, tiradas da memória ou de documentos, têm gravado no seu leito a vida e as ações dos que por ela primeiro transitaram, iniciando uma nova história.

A avenida Cinquentenário é, sem dúvida, a rua mais importante de Itabuna, não só por ter sido uma de suas primeiras ruas, mas também por ser hoje considerada seu coração, pois atravessa o centro, e é ao longo do seu percurso que se desenvolvem as principais atividades econômicas. Como todas as ruas de todos os lugares do mundo, ela tem uma história, contada de diferentes maneiras,

por diferentes pessoas.

No início do século XX, era rua de lama e de burros que carregavam o cacau, os fardos de tecido, os produtos do comércio. Era das pessoas que por ela passavam para ir aos lugares de seu destino, mas em dias de chuva nem sempre iam a algum lugar. Muitas vezes caíam e tinham que voltar para casa, pois sua roupa se misturava com a lama. Vieram os primeiros carros e a rua começou a ficar mais sofisticada, pois o carro não podia se atrasar, não podia parar, não podia atolar na lama como as pessoas e os animais.

Em 1901, o que é hoje a avenida Cinqüentenário era constituída de um simples traçado que partia de uma lagoa existente onde se localiza a praça Adami. A avenida Cinqüentenário já teve vários nomes não oficiais, tais como: rua da Lama, porque, além de não ser calçada, quando chovia, a passagem de pedestres e veículos ficava difícil; rua do Buri, devido à existência de uma palmeira de coco buri ali situada; mais tarde recebeu oficialmente o nome de rua J. J. Seabra, substituindo seu primeiro nome oficial, Henrique Alves, dado na reunião do Conselho Municipal de 25 de janeiro de 1908.

Em 1912, o intendente Antônio Gonçalves Brandão urbanizou a área entre a atual praça Camacan e a praça Adami, retirando os casebres, entulhando brejos, sendo-lhe dado o nome de rua Sete de Setembro. Na década de 1950, na gestão do prefeito Francisco Ferreira, foi elaborado um projeto para alargar a rua J. J. Seabra (que ia da praça Adami às proximidades da praça Santo Antônio), com o intuito de torná-la a principal via do centro da cidade. Para isso era necessário fundi-la com a rua Sete de Setembro, fazer recuo de construções, derrubar casas que ficavam após o santuário e praça Santo Antônio, de forma a ligá-la à Juracy Magalhães, principal via de acesso a Ilhéus. A avenida já estava quase toda alargada, só faltando o trecho entre a praça Santo Antônio e o canal Lavapés.

O proprietário de uma das casas, inconformado e desesperado, agrediu o prefeito José Alcântara, em protesto por ver sua casa ser demolida pelos tratores. Os ânimos foram serenados graças à intervenção do deputado Paulo Nunes, por sinal adversário político do prefeito. Em 1960, aniversário de 50 anos da elevação de Itabuna à categoria de cidade, todo o trecho entre o Jardim do Ó e o canal Lavapés passou a se chamar avenida Cinqüentenário.

Até a década de 1960, as casas comerciais da atual avenida Cinqüentenário eram muito simples, não havendo preocupação com o visual. Eram bazares onde se encontrava de tudo um pouco. Mas também era nessa avenida que as decisões mais importantes eram tomadas pela classe dirigente, os desfiles cívicos passavam, os comícios políticos arrebanhavam seus eleitores, os carnavais tinham seu palco e sua festa. A avenida Cinqüentenário continua sendo considerada o coração econômico da cidade, local de compras, de bancos, do comércio em geral. Pode-se dizer que a avenida Cinqüentenário, além de ser um lugar por onde



Foto 21: Rua da Lama no início do século XX - hoje Cinqüentenário (Coletânea em homenagem ao cinqüentenário de Itabuna, s. d.).

as pessoas, os veículos e as mercadorias circulam, é uma rua impregnada de história, de memória e das experiências das pessoas que por ali passaram. Como a História é um processo, a história da avenida Cinquentenário continua sua marcha, pois, onde a vida e os acontecimentos ocorrem, ali a história se fez, se faz e se fará.

BERTOL, L. 2000.



Foto 22: Avenida Cinquentenário em horário de movimento - 2000

PRAÇAS DO CENTRO DA CIDADE DE ITABUNA E SUAS FUNÇÕES

Toda cidade deve ter sua praça, por menor que seja. A praça, por ser um espaço público, é o lugar de ajuntamento, de passagem de comércio informal, de discursos, de pregações religiosas. É o espaço vital para o encontro, o lazer, a descontração, o alívio do *stress* e as manifestações políticas.

Em Itabuna, existem as praças que ostentam um passado que ficou na memória da cidade; outras servem de descanso para pessoas que esperam transporte para voltar ao seu bairro; as que se constituem em ponto de concentração para caminhadas de manifestações reivindicatórias e/ou que oferecem lazer nos finais de tarde e finais de semana.

A cidade de Itabuna possui várias praças no centro da cidade, sendo as mais importantes as praças Santo Antônio, Adami, Olin-to Leone, José Bastos, Otávio Mangabeira

(Camacan), Jardim do Ó, Praça Tiradentes e Praça Rio Cachoeira.

Praça Santo Antônio

BERTOL, L. 2000.



Foto 23: Praça Santo Antônio

Localizada em frente ao santuário Santo Antônio, construída por volta de 1910, a praça Santo Antônio foi uma das primeiras praças de Itabuna. O nome da praça foi dado através da Lei de número 10, de 04 de março de 1908, quando o coronel Firmino Ribeiro de Oliveira, Intendente interino, também autorizou que fossem numeradas todas as casas dentro do perímetro urbano e que fossem divididas em quarteirões, igualmente numerados.

Em 01 de janeiro de 1944, foi inaugurada uma herma do fundador da cidade, Firmino Alves, no centro da praça. O monumento, obra dos artistas plásticos Diógenes Rebouças e Ismael de Barros, consta de dois grandes blocos de granito que, “simbolizando a força e a rijeza de caráter do desbravador, servem de suporte à medalha de bronze de José Firmino Alves. No bloco horizontal foi entalhada a planta da cidade, e assinalado, em bronze, o local da primeira escola de onde se irradiou o progresso e civilização do grande município cacauzeiro.

A praça tem a forma triangular, com a base voltada para a avenida, encontrando-se uma árvore em cada vértice.

Praça Olinto Leone

O ponto central da vila de Tabocas foi a praça XV de Novembro, chamada pela população de Largo da Matriz, hoje Olinto Leone. A praça teve origem em 1906, quando a iluminação era a querosene. No coreto da praça, um grupo de músicos que compunham a Lira Popular fazia suas apresentações. Em 1914, devido a uma grande cheia do rio Cachoeira, a praça foi em grande parte destruída. Em 1979, na administração do prefeito Fernando Gomes, a praça Olinto Leone recebeu bancos mais modernos e vegetação ornamental,



Foto 24: Praça Olinto Leone - 1940 (Coletânea em homenagem ao cinquentenário de Itabuna, s. d.).

sendo amplamente reformada na década de 1990 pelo prefeito Geraldo Simões, tornando-se um espaço mais agradável, mais amplo e bem freqüentado. Desde o início de sua vida, essa praça constituiu-se num centro de eventos, onde ocorriam festas religiosas, sociais e políticas.

Até 1940, essa praça era o coração administrativo, sócio-cultural e religioso da cidade. Ali se encontravam o Paço Municipal, o Quartel Geral, os Correios e Telégrafos, a Igreja Matriz, o campo de futebol, o coreto da Lira Popular, a Caixa Rural, a residência



Foto 25: Praça Olinto Leone - 2000

do fundador da cidade, coronel e comendador Firmino Alves, o Fórum, a escola Ação Fraternal de Itabuna, o clube social e a biblioteca. No final da década de 1940, tornou-se ainda o local de encontro dos jovens que buscavam lazer. Na década de 1980 foi abandonada pelo poder público, transformando-se num ponto de drogas e prostituição. Após a reforma de 1996, no primeiro governo de Geraldo Simões, voltou a ser freqüentada por jovens e pelas famílias.

Pode-se afirmar que os eventos mais importantes da vida social, cultural, política e religiosa de Itabuna tiveram lugar nessa praça.

Praça Adami

O espaço ocupado hoje por essa praça, em sua parte mais baixa, já foi uma lagoa. Os comerciantes, em suas imediações, tinham problemas com jacarés e cobras devido à densa vegetação e água. Solicitaram, então, ao coronel Henrique Alves, chefe político da situação, que a entulhasse. O coronel, com a autorização da Intendência de Ilhéus, mandou roçar a área e entulhar a lagoa, pois pretendia fazer dela “a maior praça pública do interior da



Foto 26: Praça Adami no início do século XX (Coletânea em homenagem ao cinquentenário de Itabuna).

BERTEL, L. 2000.



Foto 27: Praça Adami Em 2000

Bahia”. Assim, após os trabalhos concluídos e o calçamento pronto, foi inaugurada no dia 5 de janeiro de 1905.

Atualmente, a praça é composta de três espaços, subdivididos por três praças, que formam um único conjunto. O espaço em frente ao Banco Itaú é a praça Getúlio Vargas, antes chamada de praça Arlindo Leone, onde, na década de 1920, funcionava uma feira livre. Nessa feira, os coronéis do cacau da época exibiam sua riqueza desfilando com seus automóveis, os primeiros de Itabuna. Hoje essa praça é ocupada por homens que ali ficam o dia todo, realizando diversos tipos de negócios, como compra e venda de carros, casas e objetos de todo tipo. É o espaço dos corretores, também chamado de Ilha do Rato. Em frente ao Banco Real, localiza-se a praça Siqueira Campos. O restante do espaço, até a avenida Cinquentenário, é a praça Adami.

O conjunto recebeu o nome de praça Otaciana Pinto, em homenagem à professora e parteira que, por seus feitos, recebeu o título de Cidadã Itabunense em 1960.

Nas décadas de 1970 e 1980 havia, no centro da parte alta da praça, um relógio sobre uma estrutura de cimento. Em função disso,

até hoje, muitas pessoas chamam a praça de “Praça do Relógio”, pois ele era considerado um ponto marcante em sua paisagem, destacando-se dos demais elementos e servindo como ponto de referência.

Até a década de 1980, todo o espaço ocupado pela praça se transformava num grande salão para os carnavalescos, num palanque de shows artísticos e políticos nas festas em comemoração ao dia da cidade, na semana da pátria, e outros eventos que permitissem o ajuntamento ou o encontro das pessoas em geral.

Na década de 1990, parte de sua área central foi destinada a ser estacionamento de veículos controlado pela Prefeitura através da “zona azul”, espaço pago para estacionar carros por um determinado período. Logo em seguida, foi instalado ali um camelódromo que, a partir de 2002, foi desativado.

Jardim do Ó

A praça do Jardim do Ó foi construída em 1962, tendo recebido várias denominações, como: 28 de julho, Prefeito José de Almeida Alcântara, da Legalidade e Perimetral. Nela



Foto 28: Jardim do Ó: vista geral

tem início a principal artéria do centro da cidade, a avenida Cinquentenário. Localiza-se numa área onde nascem e morrem ruas que dão acesso aos bairros do São Caetano, Zildolândia, Mangabinha, à rodoviária e ao centro da cidade, com movimentação intensa de carros e ônibus, dificultando a circulação de pedestres.

A maior movimentação nessa praça se dá em períodos eleitorais. As caminhadas partem dela em direção à praça Adami, onde são realizados os comícios.

Nessa praça, há um monumento que representa uma colher. Quando José de Almeida Alcântara se candidatou a prefeito, seu mote de campanha era: “Essa vai ser de colher!”, querendo dizer que seria muito fácil ganhar as eleições para prefeito. Essa expressão era muito utilizada pelo povo em geral, ao se referir a algo que seria feito sem muita dificuldade. Como o candidato foi eleito usando esse dito popular, o monumento, representando uma colher, foi colocado na praça mais utilizada por Alcântara para fazer seus discursos.

Na primeira gestão do prefeito Geraldo Simões, em 1994, a praça foi reurbanizada e entregue à população em 28 de julho, no 84.º aniversário da cidade. O antigo símbolo foi substituído por um de *designer* mais moderno, mais estilizado, mas que, muitas pessoas identificam como sendo uma fechadura.

Praça José Bastos

O local onde se encontra essa praça, à época chamada pelo povo de “praça da Estação”, e o prédio onde funcionou a Prefeitura Municipal até 1999, era ocupado por uma estação de trem. A ferrovia que existia ligava Itabuna a Ilhéus, porém, o projeto era para ser de Ilhéus até Vitória da Conquista. Em 1958,



Foto 29: Praça José Bastos: década de 1960 (Cedida por Elizabeth Moreira)

a ferrovia nesse trecho já estava extinta, e o restante, em 1968, foi extinta por não ter o que transportar, em consequência da rodovia Ilhéus-Itabuna já estar asfaltada, facilitando a comunicação entre as duas cidades. A estação de trem foi demolida para dar lugar a uma grande feira que funcionava às sextas-feiras e aos sábados. Era uma feira típica de interior, num local sem nenhum saneamento, muita lama, com animais à sua volta.

Parte do local da antiga feira transformou-se em praça em 1911, inaugurada por Olinto Batista Leone e se chamou Gameleira em função de uma grande árvore do mesmo



Foto 30: Praça José Bastos: 2000

nome aí localizada. Em 1945 passou a se chamar João Pessoa e, em 1958, José Bastos, conforme consta da Lei de n. 464 de 08/06/60, art. 1º: “Fica denominada de praça José Bastos a atual praça João Pessoa, nesta cidade”.

A feira, que ainda continuava em frente à praça, foi extinta em dezembro de 1972, passando a funcionar no Centro Comercial.

A localização da praça é bastante privilegiada. Está entre as ruas Adolfo Maron, Osvaldo Cruz, São Vicente de Paula e avenida Tosta Filho. Na Adolfo Maron, situa-se o Fórum Rui Barbosa, inaugurado em 1966, no local ocupado anteriormente por um morro, que foi removido. Nesse espaço ficavam amarrados os animais que traziam as pessoas para a feira, ou os animais que seriam comercializados. Aí construiu-se o Centro Administrativo Municipal, que funcionou até 1999. Nele hoje funciona a FTC - Faculdade de Tecnologia e Ciências. Durante toda a semana tem nela seu espaço garantido um comércio de flores, barracas com uma infinidade de bugigangas, lanche, exposição eventual de artesanato, comércio de artigos produzidos por *hippies*, transbordo para diversos bairros da cidade e para municípios vizinhos.

Praça Otávio Mangabeira (Camacan)

O local onde hoje se localiza esta praça, inaugurada em 1963, foi, nos primórdios da cidade, um espaço utilizado para uma feira de animais. Chamava-se, então, praça Camacan, nome pelo qual até hoje é conhecida. O nome Otávio Mangabeira foi em homenagem ao político e intelectual baiano. Na memória das pessoas, porém, o nome que ficou foi o de Camacan. Não foi encontrado nenhum registro a respeito, mas diz a tradição oral que o nome veio devido às barracas que eram montadas na



Lurdes Bertol

Foto 31: Praça Otávio Mangabeira (Camacan)

praça, na época em que ali ficavam os animais para a feira, pois elas se pareciam com as casas dos índios Camacan (Kamakã), muito comuns nessa região, juntamente com os índios Pataxó. Para outros, teria sido em função de um grupo dos Camacan ter acampado nesse local. Tanto os índios Camacan quanto os Pataxó, além de outras tribos que habitavam as terras grapiúnas, foram expulsos ou morreram nos constantes conflitos com brancos que ocuparam estas terras.

Essa praça ocupa um ponto estratégico do centro da cidade. Em torno dela encontra-se o Centro Comercial Benjamim de Andrade, um edifício de escritórios de advocacia, escritórios comerciais, consultórios médicos e odontológicos, agência de viagens, farmácia e lojas dos mais variados artigos, a Caixa Econômica Federal e um edifício de lojas, o Marabá Center. É também nesse lado que se encontra um ponto de ônibus com linhas para praticamente todos os bairros e um parque infantil. Voltado para a avenida Cinquentenário funciona um camelódromo onde foram alojados os comerciantes informais que atuavam nas calçadas da avenida Cinquentenário.

Praça Rio Cachoeira

Com a reurbanização da avenida Mário Padre em 2002, no segundo governo de Geraldo Simões, foi criada a praça Rio Cachoeira, à margem direita do rio, proporcionando à população de Itabuna amplo espaço de lazer, e mudando o visual desse trecho da cidade. A praça consta de pistas de patinação e *skate*, quadra poliesportiva, área de contemplação, espaço para *shows*, pista para os praticantes de cooper, 120 vagas para estacionamento. Inúmeras árvores plantadas mostram a preocupação com o meio ambiente.



Lurdes Bertol

Foto 32: Praça rio Cachoeira

Praça Laura Conceição

A praça Laura Conceição (ex-Tiradentes), também conhecida hoje como praça da Catedral, recebeu esse nome a partir de 1973, como justa homenagem a quem se dedicou à conclusão da construção da igreja de São José.

A praça teve sua área delimitada a partir de 1920, onde se encontrava o quarto cemitério de Itabuna, na parte mais elevada do



Foto 33: Praça Laura Conceição

morrete que a constitui e onde se encontra hoje a Catedral de São José. Em 1927 começou a construção da Cadeia Pública, inaugurada pelo prefeito Benjamim Andrade em 1928, permanecendo na praça até sua transferência para o complexo policial em 1983. O prédio, cuja fachada revela forte influência européia, foi reformado, nele se instalando a Casa do Artesão em 1984, no governo de Ubaldo Dantas, quando a praça foi reurbanizada e passou, oficialmente, a ser chamada de praça Laura Conceição, sendo então arborizada, dotada de bancos e parque infantil.

A primeira igreja de São José foi construída na rua Antônio Muniz, próximo à praça Olinto Leone. A igreja desabou em 1941, após uma reforma, e, por causa disso, foi escolhido o local onde se encontra hoje, à rua Nações

Unidas, em frente à praça Laura Conceição.

Em 1943, o arquiteto Diógenes Rebouças elaborou um projeto de urbanização da praça, incluindo nela, além da igreja, o Fórum, o qual não se concretizou. A construção da igreja São José iniciou-se em 1943, começando a funcionar em 1954, embora só tenha sido concluída no início da década de 1960, após intensa campanha popular para arrecadar fundos para sua conclusão, denominada “Campanha do Cruzeiro” (moda da época), liderada pela senhora Laura Conceição.

Outras praças

Além das praças acima citadas, todas elas no centro da cidade, podemos ainda destacar outras, também importantes:

- ✓ Capuchinhos – antes denominada Largo da Conceição, situada no bairro Conceição.
- ✓ Praça do Trabalho – teve seu nome substituído por praça General Estilac Leal, através da Lei Municipal de número 352, de 24 de outubro de 1958, situada no Pontalzinho.
- ✓ Praça da Bandeira – foi reurbanizada em 1915, pelo intendente Antônio Gonçalves Brandão, depois da enchente de 1914, que praticamente destruiu Itabuna. Já teve canteiros com flores, cujas mudas vieram de Sergipe. Situa-se no centro, onde se localizam o colégio Lúcia de Oliveira e o prédio da EMASA.

ITABUNA: REDES E FLUXOS URBANOS

Gilmar Alves Trindade

4

✓ AS REDES

- ✓ Rede de Transportes
- ✓ Rede Bancária
- ✓ Rede de Comunicação
- ✓ Rede de Educação
- ✓ Rede de Saúde

Gilmar Trindade



“A formulação da problemática urbana não se reduz à cidade, mas refere-se ao homem, à sua vida, às suas lutas, ao seu mundo, e abre perspectiva para se pensar em transformações”.

ANA FANI ALESSANDRI CARLOS

Através do estudo do espaço urbano, observamos os diferentes recortes espaciais de uma cidade, tais como: bairros residenciais de alto e médio padrão, centro da cidade, lugares de lazer, bairros periféricos, terrenos baldios destinados à especulação imobiliária etc. A diferenciação de usos entre os inúmeros espaços de uma cidade define seu grau de fragmentação, resultando em recortes do espaço intra-urbano.



Gemar Trindade

Foto 34: Ponte sobre o rio Cachoeira na área central de Itabuna

As atividades que dinamizam esses recortes urbanos, de caráter social, político, cultural e material, realizadas através de pessoas, de mensagens e de valores que são transportados e/ou transmitidos por meio deles, formam as redes geográficas (transporte, bancária, comunicação, educação, saúde, entre outras).

Os diversos espaços urbanos (recortes) são ligados por vias que cortam toda a cidade permitindo o movimento de pessoas e veículos de diversas naturezas, proporcionando o

funcionamento das redes, o que resulta no fluxo urbano.

Em Itabuna, diferentes redes geográficas articulam-se no espaço urbano determinando intensos fluxos, estando eles intimamente relacionados, o que proporciona a articulação entre os lugares da cidade. Elas estão associadas ao espaço intra-urbano (dentro da mesma cidade) e ao inter-urbano (entre cidades). As redes intra-urbanas articulam os diferentes lugares da cidade e as inter-urbanas são aquelas que ligam a cidade a outras cidades do Brasil e do mundo.

Como exemplos de redes geográficas intra-urbanas estão as dos transportes, a bancária, a das comunicações, a rede do ensino e a da saúde. Essas redes geográficas também são de caráter interurbano, uma vez que Itabuna encontra-se articulada com o espaço mundial.

O espaço urbano de Itabuna é bastante fragmentado porque está submetido a determinantes ideológicos, políticos e econômicos; assim, encontra-se formado por diferentes recortes espaciais como: bairros residenciais de



Gemar Trindade

Foto 35: Paisagem da periferia sudeste de Itabuna

alto e médio padrão, bairros periféricos de baixo e baixíssimo padrão, centro da cidade, lugares de lazer, terrenos vazios destinados à especulação imobiliária.

Esses diferentes recortes do espaço da cidade de Itabuna precisam comunicar-se entre si, estar articulados uns com os outros para que a cidade exista num processo contínuo de reprodução. A articulação entre os recortes urbanos se dá através dos diversos fluxos que vão permitir diariamente o funcionamento das redes, dando vida à cidade através da movimentação da população ao sair de casa para as mais variadas atividades, como ir à escola, ao trabalho, ao médico, ao shopping, ao banco, ao comércio, entre outros.

Rede de Transportes

A rede dos transportes é a responsável pela organização dos fluxos de Itabuna, e tem na Estação Rodoviária um dos mais movimentados nós urbanos da cidade, registrando um movimento considerável de pessoas que chegam no início da manhã e retornam à tarde para suas cidades. Para algumas cidades mais próximas, num raio de 30km, há linhas de ônibus que partem em intervalos de 30 minutos a uma hora, sem a necessidade de passagem pela Estação Rodoviária. É o caso dos ônibus que partem da praça José Bastos e do terminal anexo à Rodoviária, em direção às cidades de Ilhéus, Itapé, Itajuípe e Buerarema. Em determinados horários, chamados de *rush* (entre 12:00 e 13:00h, por exemplo), pode-se chegar, de ônibus, mais rapidamente a Itajuípe ou Buerarema do que a um bairro mais distante do centro, dentro da própria Itabuna.

Os fluxos inter-urbanos são intensos em Itabuna, especialmente através da rede de transportes. A cidade ocupa uma posição geo-

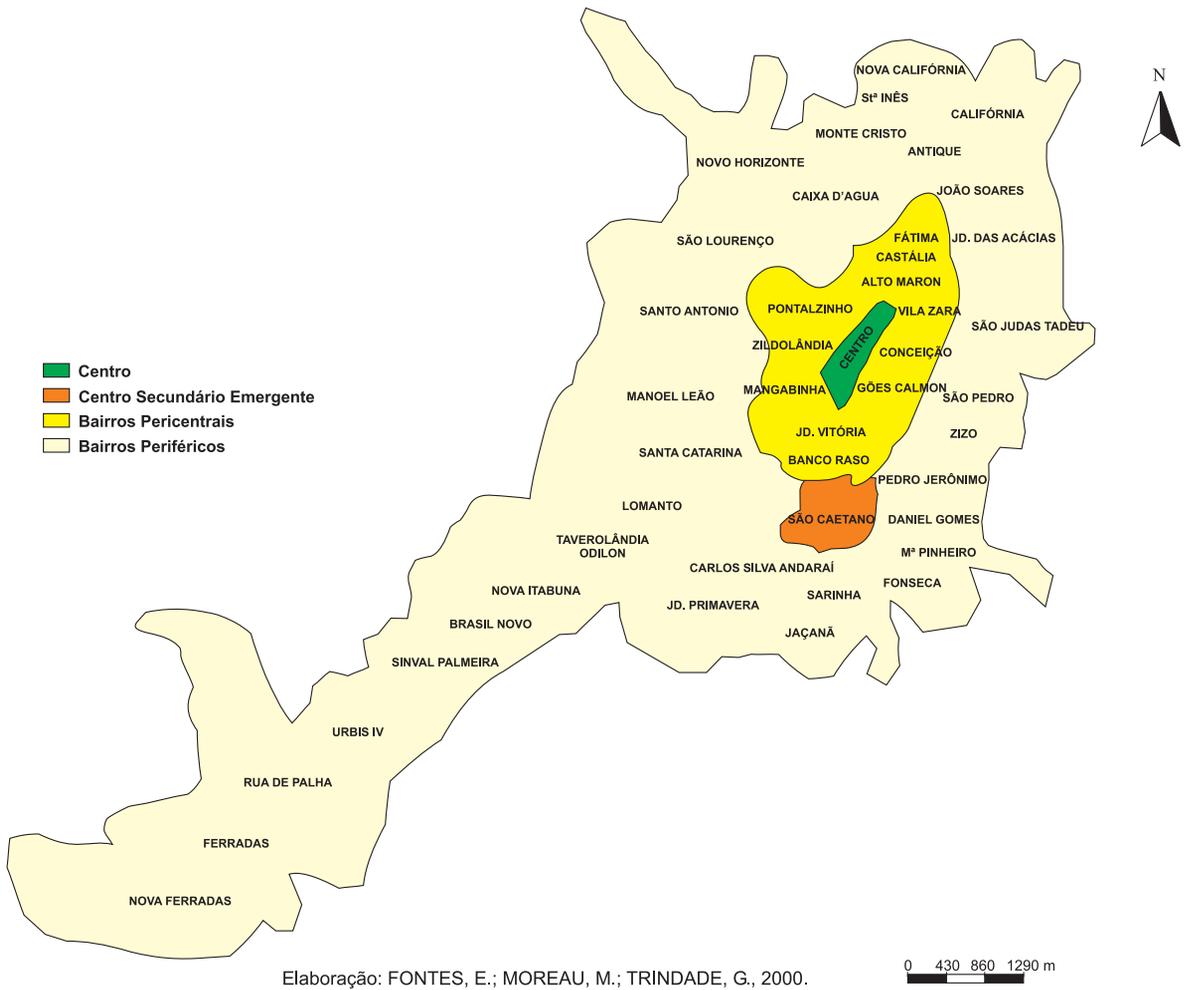
gráfica privilegiada no Sul de Bahia, como entroncamento rodoviário (BR-101/BR-415) que se comunica com as diferentes regiões da Bahia e do Brasil.

As conexões aéreas entre Itabuna e outros lugares do país são realizadas através do aeroporto de Ilhéus, uma vez que o aeroporto de Itabuna, Tertuliano Guedes de Pinho, teve suas atividades paralisadas na década de 1980. Atualmente, funciona no antigo aeroporto de Itabuna a base do Corpo de Bombeiros.

As duas cidades de médio porte do sul da Bahia, Itabuna e Ilhéus, têm suas redes de transportes articuladas através da BR-415 (conhecida neste trecho como rodovia Ilhéus-Itabuna). São constantes os fluxos entre as duas cidades: pessoas, mercadorias, informações e serviços. Em virtude da grande fluidez que há entre os dois centros, tem-se discutido, entre os geógrafos urbanos da Bahia, se já existe, efetivamente, o fenômeno da conurbação (junção de duas ou mais cidades, formando um espaço contíguo, como se fosse uma só cidade), no espaço compreendido entre Itabuna e Ilhéus. Na avaliação do geógrafo Sylvio Bandeira de Melo Silva “não se pode falar de uma conurbação do tipo físico-territorial, mas, certamente, já existe uma conurbação funcional com forte tendência à expansão”.

De fato, ainda há uma considerável densidade de propriedades rurais ao longo da rodovia Ilhéus-Itabuna, impedindo a instalação de equipamentos urbanos nesse trecho e a mudança de conteúdos das paisagens rurais em paisagens eminentemente urbanas. Entretanto, cada vez mais rapidamente, são instalados equipamentos urbanos ao longo da Rodovia. Convém lembrar que dois bairros de Ilhéus (Salobrinho e Banco da Vitória) e duas grandes instituições ligadas ao ensino e à pesquisa (UESC e CEPLAC) localizam-se nesse intervalo. Além disso, a paisagem rural que domina

Figura 11: Divisão intra-urbana de Itabuna



Elaboração: FONTES, E.; MOREAU, M.; TRINDADE, G., 2000.

Figura 12: Zoneamento de Itabuna



Elaboração: TRINDADE, G. Pesquisa de Campo, 2000.

0 430 860 1290 m

o espaço entre Ilhéus e Itabuna ganha conteúdos urbanos com a instalação de equipamentos como: clubes recreativos, bares, motéis, locais para *shows* e eventos, casas de material de construção, Polícia Rodoviária Estadual, posto fiscal, restaurantes e churrascarias, entre outros.

Depreende-se, assim, que, em função do constante fluxo entre as duas cidades, pode-se afirmar que existe uma conurbação do tipo funcional nesse espaço. Mantendo-se a ten-

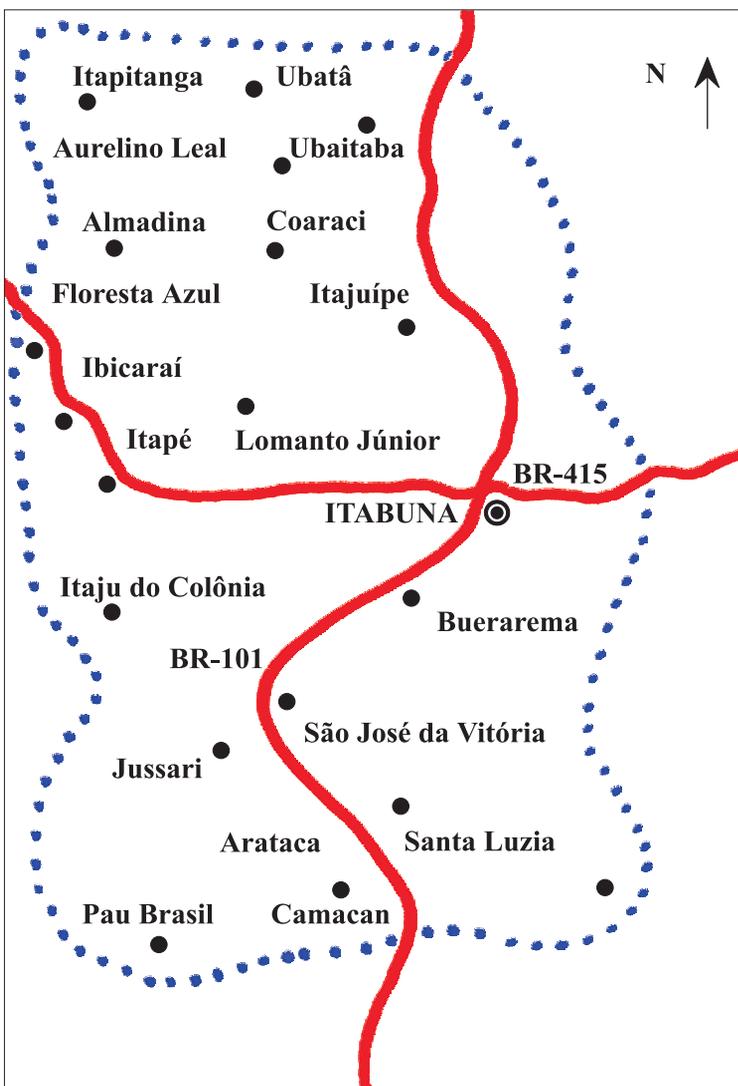
dência de instalação de equipamentos urbanos ao longo da rodovia, acredita-se que, dentro de algumas décadas, teremos a emergência de um *continuum* urbano entre Itabuna e Ilhéus e, conseqüentemente, a formação de uma conurbação do tipo físico-territorial entre elas.

Deve-se considerar, mais uma vez, que as propriedades rurais constituem-se em um impedimento para a efetivação de uma conurbação territorial; contudo, é cada vez mais fre-

quente a venda de sítios e fazendas na região. Esse fato pode redundar na mudança de conteúdos de tais propriedades e na reconfiguração do arranjo espacial entre as cidades de Itabuna e Ilhéus.

A rodovia BR-101 atravessa o território de Itabuna tangencialmente, no sentido sul-norte; por sua vez, a BR-415 cruza a cidade no sentido leste-oeste. A intensidade dos fluxos é resultante da posição de Itabuna como pólo regional, tornando-se centro de serviços e centro do comércio varejista regional, tendo que se equipar para atender às demandas internas e externas, principalmente dos municípios localizados num raio de 100 km de distância, de onde partem pessoas em busca de serviços como saúde, educação e compras. O fluxo intra-urbano é viabilizado através de três grandes avenidas: Juracy Magalhães, Amélia Amado e Antônio Carlos Magalhães (antiga J. S. Pinheiro). Apesar da construção do

Figura 13: Itabuna e sua hinterlândia



Fonte: TRINDADE, Gilmar, 2004.

semi-anel rodoviário, projetado para “desafogar” o tráfego de veículos pesados no centro da cidade, articulando a BR-101 à BR-415, o espaço intra-urbano continua sendo bastante utilizado por ônibus e automóveis que se deslocam da BR-101 e do Oeste Baiano em direção aos litorais de Ilhéus, Itacaré e Canavieiras.

As amplas avenidas desempenham uma dupla função: articular os fluxos externos com o centro da cidade e articular os fluxos internos, comunicando os diferentes bairros entre si e com o centro principal. Em Itabuna, as principais vias de articulação intra-urbana podem ser assim distribuídas:

Avenida Cinquentenário	Centro principal da cidade
Avenida Juracy Magalhães	Bairro de Fátima
Avenida Amélia Amado	Zona central da cidade
Avenida Antônio C. Magalhães	Zona Oeste da cidade
Avenida Aziz Maron	área do Shopping Center
Avenida Princesa Isabel	Bairro São Caetano
Avenida Inácio Tosta Filho	Zona central da cidade
Avenida Roberto Santos	Zona Sudeste da cidade
Avenida Itajuípe	Bairro Santo Antônio

O rio Cachoeira atravessa a cidade de Itabuna no sentido sudoeste-leste; dessa forma, poderia ser um bloqueio natural para a realização dos fluxos entre os diferentes lugares da cidade; entretanto, graças à ação humana sobre a natureza, pontes foram construí-

das sobre o rio, possibilitando assim a articulação entre os lugares situados à margem esquerda do rio (onde está o centro da cidade) e os lugares da margem direita (onde estão os bairros Góes Calmon, Conceição e vários outros, como se pode observar no quadro 6).

Quadro 6: Pontes articuladoras dos fluxos intra-urbanos em Itabuna

Pontes	Articulação
01. Ponte do rio Cachoeira na BR-101	De responsabilidade do governo federal, articula as zonas sul e sudoeste na saída/entrada da cidade.
02. Ponte Lacerda ou Gov. César Borges	Bastante movimentada, comunica o centro da cidade com a zona sul (São Caetano).
03. Ponte do Marabá ou Miguel Calmon	A mais central da cidade, articula o centro tradicional com o centro emergente.
04. Ponte Velha ou Góes Calmon	A mais antiga da cidade, atualmente só para pedestres, articula o Centro ao bairro da Conceição.
05. Ponte Nova ou Calixto Midlej	Concluída na década de 1980, articula o bairro da Conceição à avenida Juracy Magalhães e à BR-415

Rede Bancária

A rede bancária de Itabuna atende a uma grande demanda regional, que se estende nos sentidos norte (até Itapitanga), oeste (até Ito-

- Banco do Brasil*
- Banco do Nordeste*
- Caixa Econômica Federal*
- Bradesco - Banco Brasileiro de Descontos (que incorporou o BANEZ e o BBV, de capital espanhol)
- Banco Mercantil
- Banco Itaú
- HSBC Bank Brasil
- Banco Real ABN AMRO (misto, de capital holandês)

Além das agências bancárias convencionais, há cabinas de caixas automáticos distribuídas em pontos estratégicos da cidade, como na Estação Rodoviária, na Prefeitura, no Jequitibá Plaza Shopping, no Ciretran e na praça Dr. Simão Fitterman (São Caetano). Tais unidades de rápido atendimento agilizam a vida dos usuários de serviços bancários e normalizam novos hábitos da vida urbana, interferindo no cotidiano das pessoas ao se alterar suas relações de tempo-espaço e suas relações com o outro. Todavia, ao consumir esses serviços, os usuários não deveriam prescindir de seus direitos enquanto cidadãos; geralmente satisfazem suas necessidades imediatas, mas se esquecem de exigir que as agências bancárias contratem vigilância permanente, pois não são raros os assaltos a esses caixas eletrônicos; além disso, não há abrigo para o sol, a chuva, e as filas estão cada vez maiores.

Em Itabuna, como corolário de um processo mundial, a passagem do século XX para o XXI é marcada pela privatização de agências bancárias estatais (O BANEZ – Banco do

roró) e sul (até Camacan). Por exercer a função de lugar central no sul da Bahia, Itabuna polariza os serviços financeiros de 13 municípios da sua hinterlândia, contando em março/2003 e com as seguintes agências bancárias:

Estado da Bahia - foi comprado pelo BRADESCO) e pelo consorciamento entre bancos privados e bancos de capital estrangeiro (ABN AMRO – capital holandês associado ao Banco Real). Também como efeito do processo de globalização e das exigências da chamada Revolução Científico-tecnológica, muitos postos de trabalho foram subtraídos com a acelerada informatização dos expedientes bancários. De acordo com dados do Sindicato dos Bancários (março/2003), o contingente de empregados em atividades bancárias em Itabuna e nos 13 municípios de jurisdição do sindicato, distribui-se da seguinte forma:

Em março de 1990 - 1560 funcionários
Em março de 2003 - 470 funcionários

Através desses dados, constata-se que, em pouco mais de uma década, houve o desaparecimento de mais de 1000 postos de trabalho em atividades bancárias, em Itabuna e na sua hinterlândia imediata.

Esses dados são importantes para que a

* Bancos Federais. Os demais são privados.

sociedade possa refletir sobre como a modernização das atividades produtivas altera substancialmente a relação capital – trabalho.

Em Itabuna há, também, cooperativas de crédito e o Banco do Povo, criado no segundo governo de Geraldo Simões (2001-2005), que libera empréstimos para micro e pequenos empreendedores que não têm acesso ao crédito convencional.

Rede de Comunicação

A rede das comunicações em Itabuna ganhou novo conteúdo a partir da década de 1990, marcada pelo avanço da técnica, ciência e informação. Entretanto, ainda é expressiva a presença das emissoras de rádio AM como difusoras de informação e entretenimento, notadamente entre as classes mais populares.

A mídia exerce um papel relevante sobre a organização da sociedade. As diversas

redes de informação têm a delicada função de comunicar aos moradores de uma cidade/região acerca das questões políticas, econômicas e sócio-culturais que estruturam a vida cotidiana do lugar. Faz-se necessário esclarecer, principalmente aos mais jovens, que muitos dos jornais, das retransmissoras de TV (Santa Cruz e Cabrália) e das emissoras de rádio AM e FM são de propriedade de lideranças políticas locais/regionais ou de grupos intimamente ligados a determinadas facções político-ideológicas. Por esta razão é preciso ter muito cuidado sobre como receber certas informações, pois muitas vezes apenas parte da verdade dos fatos é apresentada, quando não é distorcida. Em outras palavras, é preciso educar-se, efetivamente, a fim de que se tenha um posicionamento crítico acerca das notícias que se ouve e que se lê.

Abaixo apresentamos um quadro com os principais veículos de informação existentes em Itabuna:

Quadro 7: Principais veículos de informação em Itabuna (março / 2003)

Jornais	Rádio AM	Rádio FM	Retransmissoras de TV
Agora	Clube (Nacional)	Morena	Cabrália (Rede Mulher)
A Região	Difusora	Musical	Santa Cruz (Rede Globo)
Tribuna do Cacau	Jornal	Sul	–
Diário do Sul	–	–	–
Folha Regional	–	–	–

Os jornais, as emissoras de rádio AM e FM e as empresas de televisão são veículos de informação que atuam através de redes e buscam dar conta da comunicação, em um dado momento histórico, dos fatos que ocorrem nos diferentes lugares do país e do mundo. No caso de Itabuna, esses veículos de comunicação informam acerca da cidade e da região Litoral

Sul. Apesar de integrados às redes mundiais de informação e entretenimento, os veículos de comunicação têm a especificidade de apresentar um conteúdo singular, ou seja, as relações socioespaciais verificadas em Itabuna e na sua região de inserção e, conseqüentemente, as inter-relações que esta cidade e sua região mantêm com a Bahia, o Brasil e o mundo.

A partir da década de 1980, e com maior extensão na década seguinte, o acesso à *Internet* é ampliado no sul da Bahia. Notadamente nos principais centros regionais, Itabuna e Ilhéus, os circuitos informacionais passam a ser utilizados por uma quantidade cada vez mais expressiva de usuários, inclusive com a abertura de provedores locais de acesso à rede. Entretanto, o uso de tais recursos ainda é seletivo, posto que são poucos (numa população de aproximadamente 400.000 habitantes em Itabuna e Ilhéus) que efetivamente têm acesso a eles.

A Gestão oficial da cidade e os diferentes segmentos envolvidos com o processo de organização sócio-espacial devem pensar em mecanismos que democratizem o acesso à informação de qualidade. A escola é um espaço privilegiado para tratar de questões dessa natureza; fazer uso dos próprios produtos viabilizados pelas redes de comunicação – as informações – e a partir delas refletir e discutir acerca das questões locais, nacionais e mundiais é extremamente necessário. Dessa forma contribui-se para a formação de cidadãos melhor informados e aptos para propor e

realizar intervenções substantivas no lugar em que vivem.

Rede de Educação

A rede da educação de Itabuna, apesar de possuir grandes colégios, atende também às demandas por vagas que preparam para o vestibular, atraindo expressivo contingente de alunos de municípios vizinhos que não conseguem atender à demanda local.

Dentre as três redes de ensino, municipal, estadual e particular, a que disponibiliza o maior número de vagas no ensino médio é a rede estadual. Segundo dados da DIREC-7 (Diretoria Regional de Educação e Cultura), o Estado da Bahia dispõe de vagas em 33 colégios no Município de Itabuna, inclusive convênios com colégios da rede particular de ensino. De acordo com a LDB 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira), no contexto da escola pública, cabe à rede estadual oferecer vagas no ensino médio, enquanto a rede municipal estaria responsável pelo ensino fundamental.

Quadro 8: Itabuna: alunos matriculados nas redes municipal, estadual e particular de ensino

Alunos matriculados		Professores	
Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Fundamental	Ensino Médio
52.075	12.248	2.061	494

Fonte: IBGE, 2000.

No âmbito da rede particular, a década de 1990 caracterizou-se, em Itabuna, por uma nova configuração estrutural. Muitos colégios tradicionais assistiram à diminuição do número de alunos matriculados em seus quadros (AFI, Divina Providência, Gato de Botas – este último encerrou suas atividades); por outro lado, novos colégios foram abertos (Galileu,

Sistema, O Delta, Sagrado Coração), associando, inclusive, o ensino médio à continuidade dos estudos nos cursinhos de pré-vestibular. Nesses colégios particulares, em virtude da crise econômica e das prioridades (nem sempre pertinentes) que as famílias estabelecem para seus gastos, a inadimplência tem sido uma constante.

Quadro 9: Itabuna: número de estabelecimentos de ensino

Ensino Fundamental			Ensino Médio		
Urbano	Rural	Total	Urbano	Rural	Total
140	42	182	20	-	20

Fonte: IBGE, 2000

Embora os índices estatísticos apontem para uma melhoria nos níveis de escolaridade da população local, a qualidade do ensino ainda está bastante aquém do desejado. Não basta ofertar um número maior de vagas nas redes de ensino; faz-se necessário, simultaneamente, dotar as escolas de infra-estrutura adequada para atender à demanda dos alunos e às exigências técnicas e pedagógicas desses novos tempos. Além, evidentemente, de investir na capacitação e na melhoria efetiva dos salários dos profissionais da educação, tantas vezes vilipendiados.

É grande a necessidade de novos esta-

belecimentos escolares, principalmente na zona rural, assim como de uma política educacional para evitar a evasão escolar e a repetência, que contribuem de forma significativa para o baixo nível de escolaridade da população.

Em Itabuna, os índices de analfabetismo ainda são consideráveis. Segundo o IBGE (2000), situam-se em torno de 15% da população com mais de 10 anos de idade e em torno de 30% da população total do município. É essencial que a zona rural receba uma atenção maior quanto à qualidade do ensino, especialmente por parte da Prefeitura Municipal, (alocação de recursos e equipamentos para

Quadro 10: Cursos da Faculdade de Tecnologia e Ciências - FTC

Cursos de Graduação	Cursos de pós-graduação
Administração – com cinco habilitações	Direito Material e Processual do Trabalho
Psicologia	Direito Tributário
Sistemas de informação	Pedagogias Diferenciadas
Engenharia Ambiental	Educação, qualidade de vida e saúde
Educação Física	
Enfermagem	
Turismo	
Direito	
Engenharia Civil	
Nutrição	
Jornalismo	
Publicidade e Propaganda	
Relações Públicas	

Fonte: FTC, 2004.

as escolas rurais, otimização dos transportes e qualificação dos professores).

Com relação ao ensino superior, em 2001 entrou em funcionamento a FTC – Faculdade de Tecnologia e Ciências, uma instituição privada. Localizada inicialmente na praça José Bastos (prédio da antiga Prefeitura) mas com projeto de transferência do *campus* para o bairro Mangabinha. Há projetos bastante concretos de instalação de faculdades privadas na cidade, além da possibilidade de instalação de um *campi* da Universidade Federal da Bahia.

Rede de Saúde

A rede da saúde de Itabuna oferece uma grande variedade de equipamentos e atrai expressivos contingentes de pessoas dos municípios vizinhos, em virtude de não possuírem equipamentos adequados para o tratamento de casos mais graves de saúde. Dessa forma, os médicos encaminham seus pacientes para os hospitais de Itabuna e para as diversas clínicas especializadas e

laboratórios melhor equipados em aparelhos modernos. Constitui-se hoje em um dos vetores mais expressivos na geração de emprego.

No quadro 11, apresentamos uma relação dos equipamentos que constituem a rede de saúde de Itabuna.

As redes intra-urbanas e interurbanas são fundamentais no processo de reprodução do espaço; por intermédio delas, pessoas, serviços, mercadorias e fluxos dos mais variados circulam sobre o espaço urbano. Não seria exagero considerar que a dinâmica das redes geográficas, sendo resultado da ação da sociedade, é responsável pela própria existência da cidade.

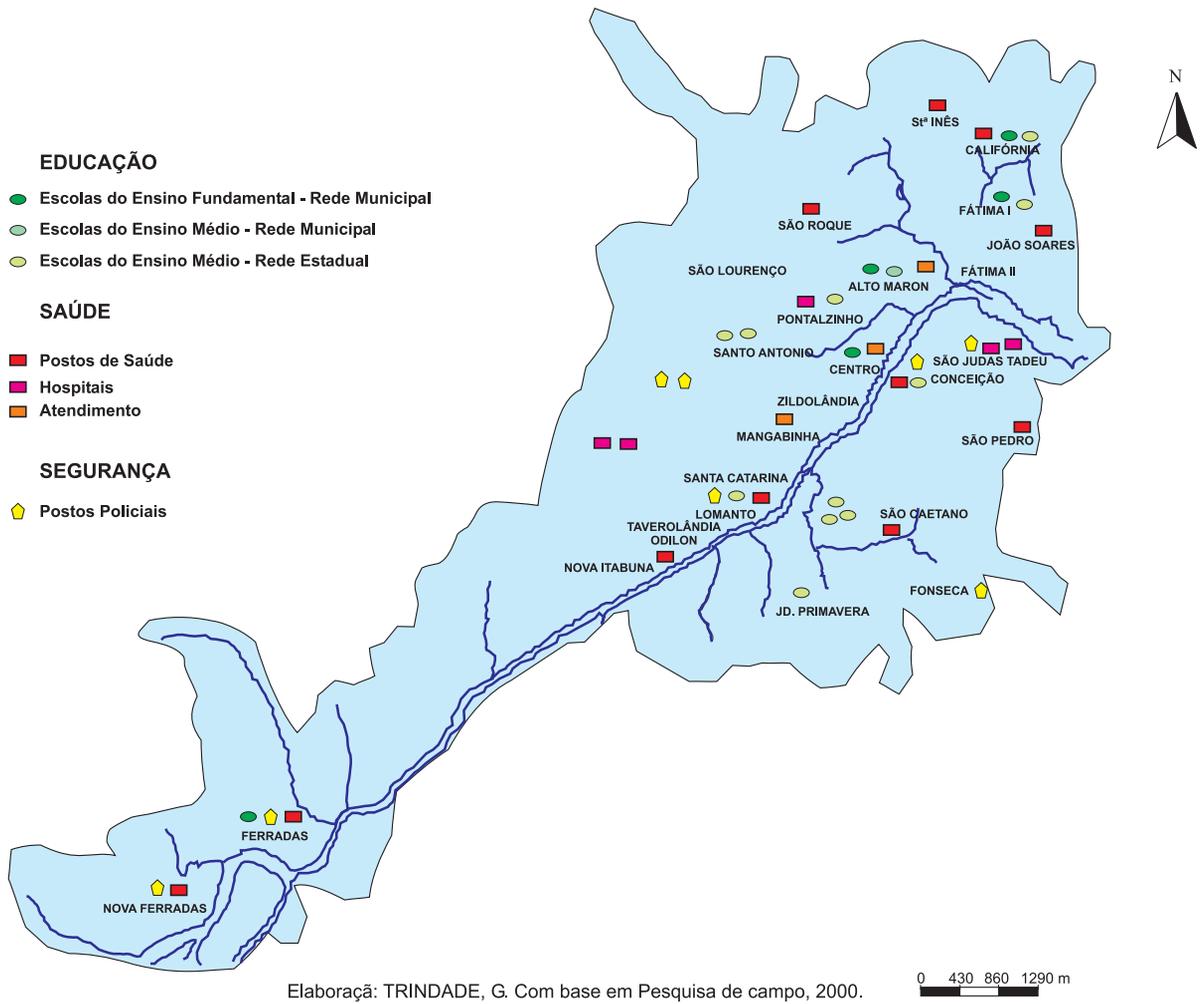
Através da análise das redes de uma cidade e de suas articulações com outros lugares do país e do mundo, temos maiores condições de compreender como se dá o movimento de reprodução da sociedade/cidade; sendo assim, as redes geográficas nos ajudam a considerar a cidade em sua totalidade, aumentando, portanto, a possibilidade de termos consciência de nosso papel no bojo do processo de (re)produção da cidade.

Quadro 11: Hospitais de Itabuna

Hospitais	Especialidades	Leitos	Entidade Mantenedora
Calixto Midlej	Geral	179	Filantrópico
Manoel Novaes	Materno-infantil	250	Filantrópico
Maternidade da Mãe Pobre	Materno	59	Filantrópico
São Lucas	Geral	140	Privado
IPEPI	Pediatria	90	Privado
Cotef	Geral	60	Privado
São Judas	Psiquiatria	180	Privado
Hospital de Olhos Beira Rio	Oftalmologia	02/dia	Privado
Hospital de Olhos Ruy Cunha	Oftalmologia	10/dia	Privado
Hospital de Base	Geral	200	Público (municipal)

Dados de pesquisa de campo

Figura 14: Distribuição espacial dos serviços públicos de Itabuna



O USO DA TERRA

5

Maria Palma Andrade

- ✓ **ESTRUTURA FUNDIÁRIA**
- ✓ **OPORTUNIDADES AGRÍCOLAS PARA O MUNICÍPIO DE ITABUNA**

TERRA DE NINGUÉM

“A luta pela posse das matas, terra de ninguém, se alastrava nas tocaias, nas trincas políticas, nos encontros de jagunços, no Sul do Estado da Bahia; negociavam-se animais, armas e a vida humana. Em busca do El-Dorado, onde o dinheiro era cama de gato, chegava a mão-de-obra, vinda do alto sertão das secas ou do Sergipe de pobreza e falta de trabalho - os “alugados”, bons de foice e enxada e os bons de pontaria. Pagos numa tabela alta, os jagunços do tiro certo tinham regalias. As cruces demarcavam os caminhos do alardeado progresso da região, os cadáveres estrumavam os cacauais (...). Rapazola, meu pai abandonara a cidade sergipana de Estância, civilizada e decadente, para a aventura do desbravamento no sul da Bahia, para implantar, como tantos outros participantes da saga desmedida, a civilização do cacau, forjar a nação grapiúna - a uns poucos quilômetros de Ferradas”.

O Menino Grapiúna

JORGE AMADO

In: Itabuna, chão de minhas raízes, de Cyro de Mattos

ESTRUTURA FUNDIÁRIA

O território do município de Itabuna estava inserido na capitania hereditária de São Jorge dos Ilhéus, cujas terras haviam sido doadas pelo rei de Portugal D. João III, a Jorge Figueiredo Corrêa, que mandou em seu lugar Francisco Romero. Em razão das dificuldades encontradas para explorá-la, o Rei dividiu-a em sesmarias, doando cada uma a negociantes de Lisboa que se dispusessem a administrá-las.

Eram terras férteis, produtivas, muitos rios, porém, com densas florestas, presença de índios e falta de mão-de-obra, dificultando sua administração. Apesar das dificuldades, exploraram o pau-brasil, plantaram cana-de-açúcar, milho, feijão e mandioca para subsistência. Essa exploração ficou restrita às terras próximas ao litoral e aos locais de fácil comunicação com a vila de Ilhéus.

Uma vez extintas as capitanias, em 1761, essas terras passaram para a coroa de Portugal que continuou doando sesmarias, porém, a partir de 1780, os novos donos passaram a pagar pela posse da terra.

Entre 1810 e 1815, já criadas as Províncias, o governo fez nova tentativa de delimitação de sesmarias, entregando-as a colonos estrangeiros, com a finalidade de promover o crescimento de Ilhéus.

Das várias colônias que se formaram, a colônia Cachoeira de Itaúna (nas proximidades do Banco da Vitória), integrava a área territorial do futuro município de Itabuna.

A chegada dos frades capuchinhos, em 1815, com a finalidade de desenvolver o trabalho de pacificação dos índios, facilitou o caminho para posterior ocupação do homem

branco; os capuchinhos descobriram as potencialidades econômicas da terra, facilitaram os meios de transporte ligando o interior ao litoral, permitindo o transporte do gado bovino do sertão.

Os capuchinhos sempre solicitavam ao governo provincial recursos que permitissem a fixação do homem à terra, viabilizando assim o desenvolvimento econômico.

Entre 1865 e 1895, o então governo da Província da Bahia doou pequenos lotes de terra a posseiros que desejassem cultivar a terra.

A vinda dos sergipanos para a região, a partir de 1850, em função da cultura do cacau, levou o governo imperial a demarcar e vender lotes de terras que, a partir de 1916, tornaram-se, por lei, estatais, embora a lei 198 de 21 de agosto de 1897 já tivesse iniciado a regulamentação, não despertando o interesse de possíveis aquisições.

As grandes propriedades começaram a ser formadas no fim do século XIX e início do século XX com o fortalecimento da economia cacauzeira. Teve como atrativo as grandes áreas de terras devolutas, apropriadas para o cultivo do cacau, trazendo grande número de imigrantes, principalmente sergipanos. As terras eram ocupadas inicialmente de forma irregular e arbitrária através de práticas inescrupulosas. Quando era adquirida uma pequena área, seu proprietário agregava a ela roças vizinhas já formadas, algumas vezes com violência, expandindo dessa forma sua propriedade. Dificuldades várias acompanharam o processo de ocupação, levando a lutas internas, arbitrariedades, coronelismo, jagunçada e caxixe.

A estrutura fundiária de Itabuna foi se definindo a partir da década de 1920, pela grande concentração de propriedades, onde se praticava a monocultura do cacau. Havia grandes conflitos de terras envolvendo os coronéis e seus jagunços e o pequeno produtor rural, resultando em violência, permitindo àqueles, acúmulo de poder econômico, administrativo e político.

As questões da estrutura fundiária de Itabuna eram as mesmas vividas por Ilhéus: as crises do cacau; a criação do primeiro sindicato dos trabalhadores extinguindo o trabalho servil; a ausência dos proprietários da terra motivada por sua permanência no Rio de Janeiro e Salvador; o desinteresse dos seus filhos pela agricultura, já que iam estudar em outros estados ou no exterior.

Com a criação do Estatuto da Terra em 1964 e através da Lei 4.504 que modificou a estrutura agrária vigente no país, foi introduzido o conceito de módulo rural como unidade de medida agrária, adotando-se o minifúndio (até 30 ha, extensão inferior a um módulo rural), módulo rural (30 ha) empresa rural (até 1.800 ha, porém com 50% da área explorada economicamente), latifúndio por exploração (até 1.800 ha não explorados economicamente) e latifúndio por dimensão (acima de 1.800 ha explorados racionalmente ou não).

As propriedades rurais sofreram substanciais transformações, visto que as menores faixas (1 ha < 20 ha) e as maiores (> 200 ha) perderam unidades produtivas para as intermediárias (> 20ha < 200ha), em razão da incorporação de pequenas propriedades pelas médias e o fracionamento das grandes, algumas vezes resultante de partilha de herança ou para pagamento de dívida. As menores propriedades foram se aglutinando por desistência dos proprietários, face às dificuldades de mantê-las, levando-os a migrarem para

a cidade, passando a engrossar a fileira dos trabalhadores desqualificados, acarretando sérios problemas sociais.

O município de Itabuna, conforme a divisão administrativa de 1911, constituía-se de um distrito único em sua área inicial, cerca de 4210 km². Em 1933 seriam criados os distritos de Itabuna, Conceição de Ferradas, Macuco e Palestina. Em 1938 criaram-se os distritos de Itapuí, Itaúna e Jussari, através do decreto lei n.º 10724. Em 1944 o município de Itabuna era formado por sete distritos: Itabuna (sede), Buerarema (ex-Macuco), Ferradas, Ibicaraí (ex-Palestina), Itapé (ex-Itaúna) e Itororó (ex-Itapuí). A partir de 1952 começaram a ocorrer os desmembramentos, primeiro com a emancipação política de Ibicaraí, concluindo em 1985 com a emancipação política de Jussari.

Atualmente, Ferradas, que fica à margem esquerda do rio Cachoeira, constitui-se num bairro, criado através da lei n.º 1478, de 20 de dezembro de 1989, em razão do crescimento urbano da cidade de Itabuna, ano em que foi realizado o zoneamento delimitando as áreas de expansão urbana.

Na zona rural de Itabuna encontram-se as vilas de Itamaracá e Mutuns e as comunidades agrícolas de Ribeirão Seco e Serrado, Ribeirão dos Cachorros e Roça do Povo, ligadas ao distrito sede por estradas vicinais que facilitam o escoamento da produção dessas comunidades.

A Roça do Povo resultou do assentamento de cerca de 315 famílias, numa área de 120 hectares, as quais recebem assistência técnica da CEPLAC, em convênio com a Prefeitura de Itabuna. A administração da área é feita pela Associação dos Produtores que comercializam quiabo, coentro, alface, aipim, milho, couve, cana, banana, feijão, cebolinha, além de algumas arrobas de cacau, na feira



Lurdes Bertol / Maria Palma

Foto 36: Roça do povo

do produtor em Itabuna, sendo seus produtos transportados em caminhões cedidos pela Prefeitura. A Secretaria de Agricultura de Itabuna desenvolve, em convênio com a Ceplac, um projeto de piscicultura em tanques onde foram distribuídos tambaquis. É mais uma alternativa econômica para a renda desses pequenos produtores.

O solo da Roça do Povo, já esgotado, necessita de recuperação com adubos orgânicos, a partir da reciclagem do lixo das próprias feiras livres, com a finalidade de desenvolver a agricultura orgânica. A capacitação dos assentados se constitui em outro passo importante para se transformar a Roça do Povo em um pólo de fruticultura e horticultura.



Lurdes Bertol / Maria Palma

Foto 37: Ribeirão Seco

Em Ribeirão Seco existem cerca de 35 imóveis, cujos proprietários são sócios da Associação de Pequenos Produtores. A produção de cacau é estimada em 3.000 arrobas e a de farinha de mandioca em 1.500 sacos. Os produtores familiares possuem, próximo às suas residências, os chamados quintais agroflorestais, onde produzem, puba, beiju, e plantam aipim, abacaxi, abacate, banana, coco verde, fruta-pão, graviola, jenipapo, jaca, pinha silvestre, limão, cana, comercializados na feira do produtor, no bairro Pontalzinho e na feira do bairro São Caetano. A ONG Care, com sede na Inglaterra, tem um projeto de avicultura (criação de frango caipira), a ser implantado, e de uma pequena fábrica de palmitos. Os produtores estão tendo acompanhamento técnico da Prefeitura e da Ceplac.

Ribeirão Seco e Serrado, embora constem da relação de localidades do município de Itabuna, fazem parte da área territorial do município de Ilhéus, bem próxima ao limite entre os dois municípios, porém exercem os direitos de cidadania e relações de intercâmbio econômico com Itabuna.

No município de Itabuna existe apenas um assentamento oficializado pelo INCRA. É o assentamento Boa Lembrança ou Manoel Chinês, que resultou na desapropriação da fazenda Boa Lembrança, situada próxima ao posto policial na BR-101, saída para Salvador. É formado por quarenta famílias para quem foram destinados 355 ha, todas do município ou residentes há mais de vinte anos nele. Trabalham na lavoura do cacau, criam gado bovino, cultivam produtos de subsistência, comercializando seus produtos nas feiras de bairros de Itabuna. Além do INCRA, contam com a ajuda da FETAG, CEPLAC, UNEB, através do PRONERA. No assentamento, há uma escola de primeiro grau até a quarta série e, pela proximidade e facilidade de transporte, o

tratamento de saúde é feito na rede hospitalar de Itabuna, através do SUS.

A estrutura fundiária do município de

Itabuna é composta por 796 propriedades rurais com área total de 39.878 hectares, conforme apresentado na tabela 7.

Tabela 7: Estrutura das propriedades rurais do município de Itabuna

Área (ha)	Numero de propriedade	%
Até 10 ha	29	3,64
De 11 a 20	111	13,95
De 21 a 50	233	29,27
De 51 a 100	246	30,90
De 101 a 200	128	16,08
De 201 a 500	33	4,15
Acima de 500	16	2,01
Total de propriedades	796	100,00

Fonte: Prefeitura Municipal de Itabuna, 2003.

OPORTUNIDADES AGRÍCOLAS PARA O MUNICÍPIO DE ITABUNA

O município de Itabuna tem como fonte básica de sua economia a cacauicultura, em razão da qual foi criado. Durante várias décadas, sua produção de cacau era totalmente destinada à exportação, ficando, anos mais tarde, 10% destinados às indústrias locais para produção de derivados, como tortas, manteiga e liquor.

Os produtores sempre resistiram a direcionar recursos para outras atividades, admitindo que a cacauicultura era infalível e agiam de forma individualista, não dando atenção ao trabalho desenvolvido pela Ceplac, orientando-os para a diversificação agrícola. É

sabido que a monocultura é negativa ao desenvolvimento regional e sendo a região exportadora, sofre as conseqüências provocadas pelas oscilações dos centros financeiros mundiais. Aliado a isso, as variações climáticas e as doenças e pragas que dizimavam a cultura, refletiam grandemente sobre o comércio e os demais setores econômicos.

Em 1986, a vassoura de bruxa encontrou o município de Itabuna enfraquecido pelas diversas crises passadas pela cacauicultura baiana e pela resistência dos produtores em modernizar a lavoura com a diversificação de cultivos e investimentos no setor agroindustrial.

Finalmente, os produtores entenderam o erro que representava a monocultura e a falsa invulnerabilidade do cacau.

A partir daí, os cacauicultores que não abandonaram as suas terras, mudaram de mentalidade, dando novo rumo à agricultura, voltados para o futuro através do agro-negócio. Desapareceu a agricultura absenteísta, partiu-se para o emprego da tecnologia, adotando a adubação, fertilização, o combate às doenças, a clonagem do cacau, diversificação de culturas e o sistema de parceria.

O sistema de parceria é uma forma de manter a agricultura viável. Nesse sistema dividem-se as despesas e o lucro, aumenta a produtividade e a garantia de renda familiar dos trabalhadores rurais envolvidos na lavoura cacauieira.

O solo e o clima do município de Itabuna possibilitam uma gama variada de ati-

vidades agro-silvo-pastoris com vistas à diversificação agro-econômica, contando com boas possibilidades de colocação no mercado externo e aumento do consumo interno. (quadro 15)

Novas oportunidades agrícolas são vislumbradas através do cultivo de pupunha, açai, café, goiaba, mangustão, cupuaçu, acerola, macadâmia, graviola, flores e outras espécies adaptadas à região.

A pupunheira e o açazeiro são palmeiras produtoras de palmito que se adaptam muito bem às condições climáticas e de solo da região. A facilidade de industrialização e as perspectivas de mercado interno e externo fazem dessas palmeiras uma alternativa promissora de diversificação agro-econômica. Os frutos da pupunha têm várias utilidades na culinária em forma de farinha para bolos, mingaus, pão, como também ração para animais

Quadro 12: Ocupação das terras com atividade agrícola e extrativista

1 - Produção Agrícola		
Produto	ha	quantidade
. Cacau amêndoa	12.173	2.638 - t
. Cana-de-açúcar	12	264 - t
. Feijão	25	15 - t
. Mandioca	60	780 - t
. Milho	30	26 - t
. Banana	20	20.000 Kg
. Coco-da-baia	4	12.000 Kg
. Laranja	3	150.000 Kg
2 - Extração vegetal		
Produto	quantidade	
. Madeira para carvão	3 - t	
. Madeira para lenha	7.488 m	

Fonte: IBGE, Anuário Estatístico 2000

de pequeno porte. Do açaí extrai-se um suco, “o vinho de açaí”, consumido em forma de bebida, sorvete, geléia e creme de alto teor calórico.

As flores e folhagens tropicais estão se tornando um excelente agro-negócio, inclusive para exportação, entrando nas novas oportunidades de diversificação econômica. As principais características das flores tropicais que adornam os jardins e ambientes são as cores fortes, formatos exóticos e de alta durabilidade. A região sul da Bahia possui um clima que favorece a cultura de flores em razão da temperatura alta com chuvas freqüentes e o sombreamento da mata, o que as torna ecológicamente corretas, permitindo a preservação da Mata Atlântica. Helicônias, bastões do imperador, gengibres magníficos, caetés vermelhos, antúrios e outras espécies podem ser produzidos sob a sombra dos cacaueiros. Essa atividade conta com o suporte da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, que desenvolve pesquisas, além da contribuição da Cevalac e do Sebrae.

A apicultura e a agroindústria são também outras oportunidades de diversificação econômica de grande importância para o município de Itabuna.

A apicultura é uma atividade econômica que tem crescido muito no sul da Bahia, inclusive em Itabuna, o que pode ser apresentado como uma alternativa de geração de emprego e renda. São várias as vantagens dessa atividade: compatível com agricultura, baixo investimento, boa remuneração, excelente mercado para o mel, própolis e outros produtos de grande valor comercial, contribui para a preservação da mata nativa.

A agroindústria é uma alternativa viável de desenvolvimento da agricultura familiar, podendo-se obter produtos de alta qualidade,

embora em pequena escala, atendendo ao mais exigente consumidor. A transformação de matérias primas agro-silvo-pastoris permite a elevação nos níveis de emprego e renda, assim como reduz os riscos inerentes à agropecuária, abrindo um leque de alternativas agroindustriais como as observadas no quadro 13.

Itabuna caracterizava-se por importar praticamente tudo o que consumia e exportar o que produzia, já que a atividade agrícola correspondia basicamente ao cultivo do cacau.

Hoje, vários produtos que abastecem as feiras locais são produzidos em várias localidades, embora ainda existam produtos agrícolas que continuam sendo importados, pela incompatibilidade de clima e solo para sua produção, tais como feijão, milho, cebola, cenoura, alho, entre outros. O mercado local é abastecido por produtos cultivados no município, tais como: tubérculos (mandioca, inhame, aipim, batata-doce), olerícolas (pimentão, quiabo, alface, maxixe, jiló, tempero-verde, chuchu, agrião etc), abobrinhas e outros. Apenas 1,2% das terras é utilizado na diversificação agrícola, ficando 98,8% do território municipal ocupado pelo cacau e pelas pastagens, onde se cria gado bovino destinado à produção de carne e leite. O rebanho bovino, com cerca de 12.840 animais, utiliza 17.626 ha de baixa qualidade em terras descartadas pela agricultura ou terras encapoeiradas, resultantes do desmatamento. O padrão genético do rebanho é baixo por estar associado a uma base alimentar pobre e à baixa tecnologia empregada no manejo dos rebanhos, sendo estes os maiores obstáculos ao crescimento da bovinocultura. O rebanho é mestiço, predominando, entre as raças, o girolando. O efetivo dos rebanhos, no município de Itabuna, é formado, além da bovinocultura, por outros animais, conforme quadro 14.

Quadro 13: Relação das alternativas agro-industriais

Cultivo	Matéria-prima	Produtos	Ramos industriais
Cacau	Amêndoas	Chocolate, polpa e geléia Compostos orgânicos Vinho e vinagre	Alimentar Insumos agro-pecuários Bebidas e condimentos
Café	Grãos	Café solúvel e pó de café	Torrefação e moagem
Pecuária	Leite	Queijo, manteiga, iogurte, leite condensado, leite em pó, creme de leite, doce de leite e leite <i>in natura</i>	Alimentar
	Carne	Calabresa, mortadela, salsichão, chouriço e paio	
	Miúdos	Embutidos, farinha de carne, farinha de sangue, farinha de ossos e sebo industrial	
	Pele	Couro	
Banana	Fruto	Doce cremoso, passa, farinha, geléia, purê.	Alimentar
	Resíduo	Compostos orgânicos	Insumos agropecuários
Goiaba	Fruto	Doce em massa e geléia	Alimentar
	Resíduo	Compostos orgânicos	Insumos agropecuários
Mandioca	Raízes	Farinha de mesa, farinha de raspa, amido	Alimentar
		Dextrina	Química, farmacologia
	Ramas, raízes	Compostos orgânicos	Insumos agropecuários
Pupunha	Palmito	Conserva	Alimentar
Macadâmia	Nozes	Tira-gosto	Alimentar
Batata-doce	Raízes	Compota, marmelada, raspas e fécula	Alimentar
		Cerveja, aguardente, álcool	Bebidas
	Ramas, raízes	Compostos orgânicos	Insumos agropecuários
Piscicultura	Pescado	Filé, enlatado e defumado	Alimentar
	Pele	Couro	Calçados e vestuário
	Resíduo	Farinha de peixe	Insumos agropecuários

Fonte: Plano de desenvolvimento agroeconômico do Município de Itabuna - 1997.

Quadro 14: Principais rebanhos

Rebanhos	cabeças
Eqüinos	402
Muares	1978
Asininos	221
Bubalinos	74
Caprinos	38
Ovinos	181
Suínos	1822

Fonte: IBGE, 2000.

Quadro 15: Características e aptidão agrícola dos solos do município de Itabuna

Unidades de solo	Tipo de relevo	Fertilidade	Aptidão agrícola
Podzólico – variedade Itabuna Modal	Suave ondulado/Ondulado	Média a alta	Cacau, pastos, dendê, banana, serina
Podzólico – variedade Itabuna Easo	Suave ondulado/Suave	Média a alta	Pastos, cultivos anuais, banana, olericultura etc.
Podzólico – variedade CEPEC	Suave ondulado/Montanhoso	Alta	Cacau, café, banana, macadâmia, cítrus, goiaba etc.
Podzólico – variedade Morro Redondo	Fortemente ondulado/Montanhoso	Alta	Cacau, pastos, seringa, banana, dendê, graviola etc.
Latossolo – variedade Valença	Suave ondulado/Ondulado	Baixa	Cacau, mandioca, cravo, banana, pimenta, caju etc.
Latossolo – variedade Una	Ondulado/Montanhoso	Baixa	Cacau, seringa, pimenta, cravo, goiaba, graviola etc.
Latossolo – variedade Água Sumida	Ondulado/ Montanhoso	Baixa	Cacau, seringa, acerola, pastagem, mangustão
Hidromórficos	Plano	Alta	Pastos, cultivos anuais etc.

Fonte: Ceplac/Cepec

Adaptação: Andrade; Bertol, 2003.

ATIVIDADE INDUSTRIAL

6

Clarice S. G. de Oliveira

- ✓ **ANTECEDENTES HISTÓRICOS**
- ✓ **DISTRITO INDUSTRIAL DE ITABUNA: ASPECTOS GERAIS**
- ✓ **PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO**
- ✓ **CONHECENDO ALGUMAS INDÚSTRIAS**
 - ✓ Companhia Produtora de Alimentos Nestlé-Itabuna
 - ✓ Indústria Postes Nordeste S/A
 - ✓ Cooperativa Grapiúna Agropecuaristas Ltda - COOGRAP
 - ✓ Kissex
 - ✓ Itabuna Têxtil - Tri fil
 - ✓ Indústria de Calçados Itabuna - Kildare
 - ✓ Cambuci S/A Penalty
- ✓ **PENSANDO NA CONSOLIDAÇÃO DA ATIVIDADE INDUSTRIAL EM ITABUNA**



“A industrialização é um símbolo real da diversificação da economia local/regional, tem a capacidade de propiciar a mudança do perfil socioeconômico do município de Itabuna e contribuir com a reconstrução/reafirmção da Região Cacaueira, desde que articulada/integrada com as demais atividades econômicas”.

CLARICE G. S. DE OLIVEIRA

ANTECEDENTES HISTÓRICOS

A indústria é uma inovação na história da sociedade humana e marca um novo momento da sociedade, quando altera a sua natureza de fundamentalmente rural para urbana e a máquina aparece como o elo de transformação do homem, do trabalho e do papel deste na sociedade (CARLOS, 1992).

Trata-se de um conjunto de operações para a produção de riquezas (capital, emprego, mão-de-obra qualificada, comércio, transportes e serviços) que corresponde a gerar desenvolvimento. É uma atividade econômica, como tantas outras, capaz de promover mudanças nos setores sociais, políticos, econômicos, culturais, ambientais e na organização espacial das cidades, que é o seu *locus* principal.

A criação da fábrica, ou seja, de um sistema fabril mecanizado, instalou-se primeiramente na Inglaterra (Século XVIII) para em seguida se expandir pela Europa e por outros espaços do globo terrestre. Essa revolução se desenvolveu em três tempos - Primeira Revolução Industrial, Segunda Revolução Industrial e Terceira Revolução Industrial (CANO, 1995).

No Brasil, o processo de incorporação dessa atividade foi retardatário, começando no final do Século XIX, junto com a Abolição da Escravidão, Proclamação da República e a migração em massa. A concentração dessas indústrias se fez inicialmente no Rio de Janeiro (naquele momento capital do Brasil) e São Paulo que a partir de 1907 firmou-se como o maior pólo industrial do país.

Entre as décadas de 1960-1970 o Brasil vive um importante ciclo industrial, baseado nas alianças: capital estatal, nacional e transnacional, sendo este último privilegiado por subsídios estatais, e o baixo custo da mão-de-obra. Por outro lado, as empresas estatais eram dotadas de grande autonomia financeira e decisória.

Entre as décadas de 1960 e 1980, momento em que o governo brasileiro tinha como meta a planificação das atividades econômicas do Brasil, foi utilizada a estratégia de criação de distritos industriais, numa tentativa de promover o desenvolvimento regional brasileiro. A SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) assumiu junto a outros órgãos a tarefa de diversificar, modernizar e formar concentrações industriais em algumas cidades do Nordeste, o que foi feito através de uma política fundada na concessão de incentivos fiscais, definidos pelos arts. 34/18 das leis 3995/1961 e 4239/1963, respectivamente.

Nessa perspectiva, a Bahia foi contemplada com alguns desses equipamentos e as cidades de Itabuna e Ilhéus, os mais importantes centros regionais da Microrregião Cacaueira, tiveram os seus Distritos Industriais implantados, gerando a possibilidade de receberem algumas empresas industriais que estavam em processo de ampliação de seus espaços de produção, como a Companhia Produtora de Alimentos (Nestlé/Itabuna) e Postes Nordeste S/A.

DISTRITO INDUSTRIAL DE ITABUNA: ASPECTOS GERAIS

O Distrito Industrial de Itabuna foi implantado no ano de 1978, com localização no então Distrito de Ferradas (hoje Bairro de Ferradas), a Sudoeste da cidade, distando 8 Km do centro (foto 38). A sua criação - como Autarquia Municipal - se deu através da Lei Nº 1.035 de 11/06/75, para ser administrado pelo Município de Itabuna. A tentativa de estadualização se deu na primeira metade da década de 1980, não sendo acatada pelo então governo do Estado da Bahia.



Fonte: SIC/Bahia, 1982.

Foto 38: Distrito Industrial de Itabuna

O Distrito conta com uma área absoluta de 3.850.227m², tendo como principal via de comunicação a BR-415 que se interliga à BR 101, a uma distância aproximada de 2 Km do centro da cidade, ponto de conexão com a Avenida Antônio Carlos Magalhães e o sistema viário da cidade.

A área ocupada tem um relevo suave e ondulado, com ocorrência de riachos que desaguam no rio Cachoeira (limite do Distrito no sentido longitudinal), e uma parte recoberta por

uma vegetação baixa e algumas culturas, tendo-se como exemplo o cacau.

A malha rodoviária oportuniza melhor acesso ao interior da Microrregião Itabuna-Ilhéus e às demais regiões da Bahia, à capital do Estado (Salvador), assim como ao Centro-Sul e Norte-Nordeste do país, facilitando o recebimento das matérias-primas - provenientes da região e de áreas externas a esta - e o escoamento dos produtos industriais aí produzidos.

Além da malha rodoviária citada, o Distrito conta com a seguinte infraestrutura:

- ✓ Energia – serviço prestado pela COELBA – Companhia de Eletrificação da Bahia (hoje sob o controle do Grupo IBERDROLA);
- ✓ Água – serviço prestado pela EMASA - Empresa Municipal de Abastecimento de Águas e Saneamento S. A. (na fase inicial sob a responsabilidade da EMBASA – Empresa Baiana de Abastecimento de Águas e Saneamento S. A.);
- ✓ Telefonia – serviço prestado pela TELEMAR NORTE/LESTE S. A. (anteriormente pela TELEBAHIA - Empresa de Telecomunicações da Bahia, vendida à empresa TELEMAR NORTE/LESTE S. A., quando da privatização do setor de Telecomunicações, ocorrida no governo de Fernando Henrique Cardoso).

As indústrias estão equipadas com instrumentos informacionais como os computadores, que uma vez conectados à *Internet* dão agilidade às empresas na realização dos seus negócios.

Ainda que o Distrito seja dotado de toda

essa infraestrutura, está carente de investimentos que resultem em melhor urbanização, aruamento, pavimentação, iluminação e sinalização adequada. Também se faz urgente a ampliação do espaço e de um arrojado projeto de *marketing*, a ser liderado pelo município (seu gestor), como uma tentativa de tornar o distrito um receptor de novas indústrias, vez que tem uma boa localização e razoável infra-estrutura.

Além do espaço destinado aos equipamentos industriais, o Distrito Industrial de Itabuna dispôs 350.000 m² para sediar a empresa ORSUB – Oleoduto Recôncavo Sul da Bahia/ Terminal de Itabuna (inaugurado em 13 de março de 1996 e administrado pela TRANSPETRO – Petrobrás Transportes S/A), cuja atividade principal é a de administrar os dutos que transportam combustíveis (diesel, gasolina, gás de cozinha, álcool anidro e hidratado), a armazenagem e distribuição desses produtos ao mercado consumidor do Sul da Bahia e do Norte do Espírito Santo, o que faz, através

das empresas distribuidoras *Shell, Atlantic, Esso, BR*, uma movimentação inicial de 150 caminhões/dia.



DINÂMICA DO ORSUB

Os combustíveis saem do Terminal Marítimo de Madre de Deus, através de dutos que atravessam o fundo da Baía de Todos os Santos e uma área continental de 24 municípios (no município de Itajibá o duto se bifurca para os terminais de Jequié e Itabuna). Esse investimento tem reforçado o desenvolvimento econômico e financeiro do município de Itabuna (mediante a participação em 17% do ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços recolhido ao Estado da Bahia), além de propiciar a ampliação de atividades terciárias e de serviços. Pelo trabalho de busca da excelência na gestão da segurança ambiental e saúde foi dotada dos certificados ISO 9001 (norma de processo), ISO 14.000 (norma ambiental) e BS 8.800 (norma de saúde).

PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO

Em Itabuna, a industrialização é retardatória e, segundo alguns analistas, é atribuída, em parte, à inércia empresarial, ou seja, à falta de espírito empreendedor em prol da diversificação das atividades econômicas, cristalização do modelo centrado na monocultura do cacau, crença de que a região se bastava,

além da falta de infra-estrutura, principalmente estradas, energia e abastecimento de água (GARCEZ; FREITAS, 1975).

Em 1978, Itabuna tinha uma estrutura industrial baseada principalmente em pequenas indústrias de tijolos, telhas, blocos de cimento, vinagre, confecções, café, colchões de

mola, móveis e outras, sediadas na sede (Itabuna) e sem nenhuma projeção para além das fronteiras do município.

A indústria de maior expressão, implantada na década de 1940, foi a Cacau Industrial e Comercial S/A – USINA HELVÉTIA, voltada para a produção de manteiga, pó e torta de cacau. Como todas as indústrias de processamento de cacau, local e regional, não sobreviveu às constantes crises econômicas (ocorridas na Região Cacaueira) e foi desativada no final da década de 1960.

O processo de incorporação de novos equipamentos industriais à economia do Município de Itabuna desenvolve-se, de maneira mais estruturada, a partir de 1978 quando da implantação do Distrito Industrial, cuja criação teve como responsáveis diretos a agência de planejamento regional (SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) e os governos estadual e municipal que, mediante a adoção de uma política de concessão de incentivos, além de outros benefícios, conseguiu atrair importantes investimentos nacionais e até mesmo uma multinacional.

Com a superação do problema relativo à infra-estrutura, desenvolvimento de uma política de concessão de incentivos fiscais e criação do Distrito Industrial, Itabuna foi contemplada com alguns investimentos industriais externos (exógenos) a partir de 1978, sendo os principais a Companhia Produtora de Alimentos – Nestlé Itabuna; Postes Nordeste S. A.; MADEL - Exploração e Comércio de Madeira Ltda.; e CAR - Indústria de Carrocerias de Ônibus Ltda.

Esses investimentos foram implantados no Distrito Industrial, gerando expectativas de desenvolvimento local e regional, no entanto, os dois últimos não conseguiram sucesso e foram desativados na mesma década de sua

instalação - anos oitenta. Os dois primeiros permanecem até o presente momento, ainda que passando por algumas alterações, como é o caso da Nestlé (aspecto que será abordado no item seguinte).

Na década de 1980, algumas indústrias foram implantadas com investimentos internos (endógenos), sendo os de maior expressão a COOGRAP – Cooperativa Grapiúna de Agropecuaristas Ltda; IMAPEL - Indústria de Papel Ltda; Ser e Viver - Indústria e Comércio de Roupas Ltda. (desativada no início da década de 2000).

Ainda nessa fase foram implantadas a INPLASUL - Ind. e Com. de Produtos Plásticos Sul da Bahia; Móveis Kiko Ltda - Indústria de Móveis Escolares e de Escritório; ITA-METAL – Indústria Metalúrgica; INCA - Indústria e Comércio de Alimentos S. A. (desativada no final da década de 1990) e outras de menor porte, todas espalhadas pelos bairros da cidade.

O município de Itabuna, sob o impacto da crise econômica da cacauicultura (a partir da década de 1980) e não sendo contemplada com uma política industrial mais consistente, tanto no nível local, quanto no regional e estadual, tornou-se frágil e sem capacidade para atrair novos investimentos industriais – exógenos – e nem mesmo assegurar a permanência e o bom desempenho das indústrias já implantadas.

Essa realidade só vai sofrer uma alteração mais significativa a partir da segunda metade da década de 1990, quando o Programa Estratégico de Desenvolvimento Industrial da Bahia (redimensionado em 1998), coloca Itabuna e Ilhéus como possíveis receptores de investimentos industriais, somando-se a outros pólos no Estado, como o de Vitória da Conquista, Jequié, Itapetinga.

Essa política de interiorização de investimentos industriais, associada a uma reedição da política de concessão de incentivos fiscais, além de outros fatores, permitiu que novas indústrias fossem implantadas em Itabuna a partir da segunda metade da década de 1990. São indústrias exógenas, tradicionais (setores calçadista e de confecções) como é o caso da Itabuna Têxtil Ltda. – Tri Fil; Indústria de Calçados Itabuna – Kildare e Cambuci S. A. – Penalty.

Todas essas indústrias estão localizadas fora do distrito industrial (Figura 9), em bairros da cidade como o Jaçanã, Santo Antonio, Nova Itabuna, por escolha dos investidores que trabalham com a lógica de que, estando próximos às grandes concentrações de mão-de-obra, normalmente localizadas na periferia das cidades, possam obter ganhos que diminuam os seus custos operacionais.

O maior problema, relativo à localização dessas indústrias no meio urbano, está relacionado à questão ambiental. Esse é um aspecto que está a merecer uma pesquisa, para que se tome conhecimento dos impactos e desde logo sejam implementadas ações que sejam capazes de garantir a não poluição do meio físico, bem como do meio social.

Microempresas Industriais: calçadistas e de confecções

As microempresas, calçadistas e de confecções, de capital endógeno/local, foram organizadas entre os anos 1992/1996 estimuladas pela Prefeitura Municipal e tendo o Ban-

co do Nordeste como agente financiador.

O agravamento da crise econômica vivenciada pela região, além de outros fatores, levou grande parte desses pequenos investidores a perder a capacidade de honrar com os compromissos estabelecidos com o agente financiador, o que arrastou algumas microempresas a um estágio de estagnação e até mesmo de paralisação de suas atividades.

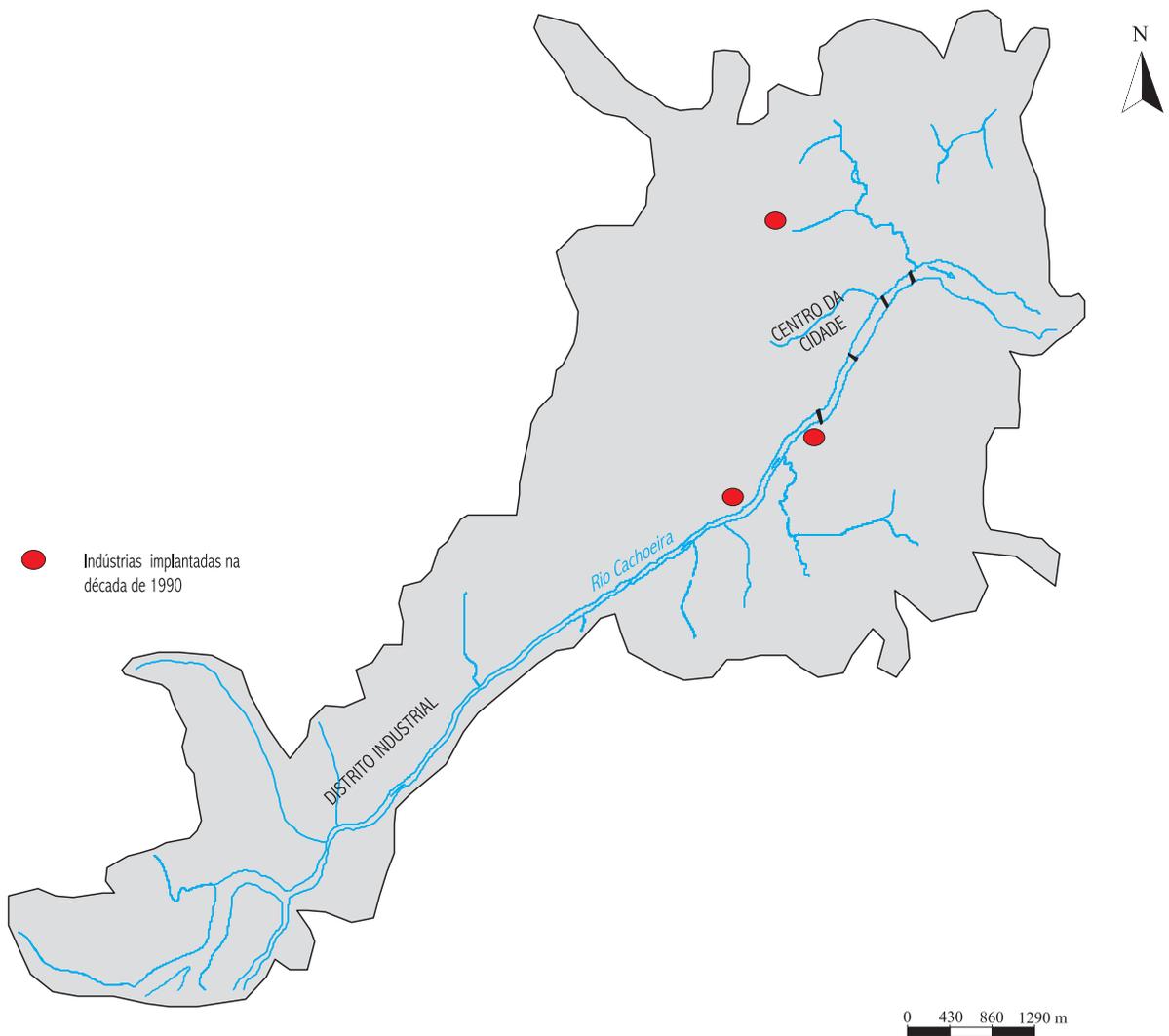
Para evitar o total estrangulamento desses empreendimentos, foi realizado um trabalho de sensibilização do Banco do Nordeste, numa ação conjunta de microempresários e a CDL – Câmara de Dirigentes Lojistas de Itabuna, na tentativa de abrir espaço para a renegociação das dívidas, o que foi conseguido no segundo semestre do ano 2000.

As microempresas foram revitalizadas, com essa nova oportunidade, e os empresá-rios se reorganizaram num espaço (galpão) cedido pela Prefeitura Municipal (em área próxima ao Hospital Manoel Novais) e 16 centros de produção (aproximadamente) aí se relocalizaram.

As informações mais recentes (ano 2003) são de que muitas dessas empresas não conseguiram superar os obstáculos de ordem financeira, perdendo mais uma vez a capacidade de saldar os seus compromissos. Essa realidade tem sensibilizado o governo municipal, a CDL, e até mesmo o agente financiador - Banco do Nordeste, de sorte que algumas ações estão sendo implementadas na tentativa de encontrar solução para tal dilema.

É importante e urgente que esses microempresários vençam todos os obstáculos, pois essa é a condição de sobrevivência num mercado cada vez mais global e competitivo.

Figura 15: Itabuna: distrito industrial e novas indústrias



● Indústrias implantadas na década de 1990

Fonte: Prefeitura Municipal de Itabuna, 2003.
Elaboração: OLIVEIRA, C. G.S. de.

CONHECENDO ALGUMAS INDÚSTRIAS

Companhia Produtora de Alimentos – Nestlé-Itabuna (1980-2000)

A implantação de uma filial da Nestlé em Itabuna é resultado de uma política de ampliação dos investimentos dessa empresa (multinacional originária da Suíça/Europa), em sintonia com as novas lógicas de localização industrial no Brasil (década de 1970), reforçada por uma política estatal de concessão de incentivos fiscais, facilidades na aquisição de terreno, existência de matérias-primas e farta mão-de-obra.

O terreno em que está localizada – no Distrito Industrial de Itabuna - é de 737 mil m², sendo que 47 mil m² correspondem à área construída (foto 39). A sua estada na região é de 24 anos e, ainda no início desse século, empregava - aproximadamente - 200 pessoas (diretamente), sendo responsável por mais ou menos 3.000 empregos indiretos. A Nestlé se integrou com a região, trabalhando com matérias-primas da cadeia produtiva regional (cacau e leite), e também pelas ações sociais que tem desenvolvido com os setores carentes e educacionais da cidade.

A sua primeira linha de produção foi a de beneficiamento de cacau, daí a produção de derivados desse fruto, como o licor, a manteiga, o pó e o chocolate. Em seguida, introduziu a linha de produção de derivados do leite, sendo esta a razão pela qual a Nestlé – Itabuna investiu junto aos pecuaristas da região para a ampliação e consolidação de uma “bacia leiteira”, na tentativa de garantir o aumento da captação de leite *in natura*.

Os benefícios fiscais, que lhe foram concedidos, já se esgotaram, de sorte que a Nestlé / Itabuna passou para a categoria de maior contribuinte fiscal do município de Itabuna. No período de 1995/1999 recolheu aos cofres do município o montante de R\$92.875 milhões, referente ao ICMS – Imposto de Circulação sobre Mercadorias e Serviços. Informações complementares apontavam para maiores recolhimentos nos próximos anos, que deveria superar a casa de R\$ 21.114,00 milhões. Isso explica o reconhecimento de sua importância econômica para a sociedade *grapiúna*.

Outros dados levantados sobre a Nestlé/Itabuna 1999/2000 revelam que a empresa comprava leite *in natura* em diversos Estados brasileiros e que os insumos eram majoritariamente comprados em São Paulo e Rio de Janeiro, como se vê a seguir:

- ✓ A compra do leite *in natura* e em pó era feita na Bahia, Minas Gerais e Sergipe;
- ✓ O cacau era comprado no Pará, Rondônia, Espírito Santo e Mato Grosso;
- ✓ Os insumos (açúcar, caixa/papelão, rótulos, sacos poli, sacos papel, folhas de flandres, alumínio, adesivos, tintas, solventes e filme) eram comprados preferencialmente em São Paulo e Rio de Janeiro;



Foto 39: Companhia Produtora de Alimentos - NESTLÉ / ITABUNA.

Sobre a questão do transporte e outros aspectos, foi detectado que:

✓ O transporte mais utilizado, para recebimento das matérias-primas e dos insumos oriundos da própria região ou de áreas mais distantes era o rodoviário, embora também fosse usado o transporte marítimo, principalmente quando os fornecedores estavam localizados em lugares mais distantes;

✓ O escoamento da produção se dava de duas formas: para o mercado nacional, o uso exclusivo do transporte rodoviário; para o mercado externo, a conjugação do transporte rodoviário com o marítimo;

✓ O leite em pó abastecia as Regiões Norte, Nordeste, Sul e Sudeste do Brasil; os derivados do cacau (manteiga, licor e cacau em pó) eram destinados ao Estado de São Paulo, e o chocolate em pó, a todo o mercado nacional;

✓ Em Itabuna, o pó de cacau era utilizado na fabricação do chocolate em pó Nestlé, o tradicional “Chocolate dos Frades”, muito bem aceito em todo o mercado nacional;

✓ As exportações eram destinadas, basicamente, à Argentina, Chile e Colômbia;

✓ Entre 1995-2000, a maior produção de derivados do leite se deu em 1995, chegando ao patamar de 28.721 toneladas;

✓ Os derivados de cacau tiveram um melhor desempenho em 1996, com uma produção de 26.291 toneladas;

No decorrer da segunda metade da década de 1990 e nos primeiros anos do milênio vigente, a Nestlé/Itabuna passou a praticar uma política de enxugamento da empresa (com uma crescente dispensa de trabalhadores e redução da produção), o que traduzia uma política de ajuste da empresa às novas condições do mercado nacional e internacional, cada vez mais competitivo.

Para uma mais completa revelação da

Nestlé/Itabuna, na fase 1999/2000, é importante acrescentar dados referentes à natureza dos seus colaboradores (operários), que são os seguintes:

✓ Todos os operários (que lidavam diretamente com a produção) eram nativos, moradores da Microrregião Cacaueira; tinham carteira assinada e eram sindicalizados (SINDLEITE - Sindicato das Indústrias de Alimentação);

✓ A maioria dos trabalhadores que lidavam diretamente com a produção tinham o ensino fundamental completo (resultado de um arrojado programa de escolarização, implementado por esta empresa – em parceria com a USP - Universidade de São Paulo e o Colégio Ação Fraternal de Itabuna-Bahia), idade entre vinte e quarenta anos e recebiam salários em torno de quatro mínimos;

✓ Os demais colaboradores (diretores, engenheiros e grande parte dos técnicos) eram externos à região, tinham boa escolarização (ensino médio completo e superior), não eram sindicalizados e recebiam os maiores salários.

É interessante registrar que a empresa também trabalhava com uma política salarial que buscava somar benefícios obrigatórios (medicamentos, material escolar, seguro de vida em grupo, adicional antigüidade, auxílio funeral, vale creche, vale transporte e outros) e espontâneos (assistência médica, odontológica, oftalmológica, óculos, bota, auxílio lactente, plano de aposentadoria programada, ajuda escolar e outros), que eram concedidos mediante a observância de critérios predefinidos pela empresa.

Essa é uma realidade que deve sofrer algumas alterações, considerando-se as transformações pelas quais a Nestlé vem passando, pois se integra a outra empresa, pelo menos a sua unidade de produção de derivados do leite, e poderá estar organizada de maneira diferenciada.

Nestlé/Itabuna: atualizando a sua história pós ano 2000

Um novo capítulo da história da Companhia Produtora de Alimentos – Nestlé/Itabuna começa a ser escrita a partir do início do século XXI, quando ela vende a sua unidade de processamento de cacau, com capacidade para processar 28 mil toneladas de cacau em amêndoas por ano, à *Petra Foods PTE Ltda.*

A empresa compradora é de natureza exógena, com sede em Cingapura, atuando marcadamente na Ásia, Oceania e América do Norte – onde também comprou uma unidade fabril da Nestlé, localizada na cidade do México.

Na América Latina/Brasil tem como porta de entrada a cidade de Itabuna/Bahia, comprando a linha de processamento de cacau da Companhia Produtora de Alimentos, com o plano inicial de ser fornecedora da Nestlé. Seus dirigentes deixam claro que, num segundo momento, a empresa vai buscar outros mercados, e apontam a Argentina, Chile, Paraguai, Colômbia, Uruguai e Venezuela como os próximos espaços a serem conquistados.

Outra questão a ser considerada, nesse momento de redefinição da Nestlé/Itabuna, diz respeito à sua linha de produção de derivados do leite. Esse segmento não foi vendido, mas a Nestlé não está sozinha, vez que estabeleceu uma sociedade (*Joint Venture*) com uma empresa da Nova Zelândia, com quem está dividindo meio a meio a responsabilidade referente a esse segmento da Companhia Produtora de Alimentos.

Indústria Postes Nordeste S/A

A Postes Nordeste S. A. (foto 40) é ori-

ginária de Simões Filho - Região Metropolitana de Salvador/Bahia. Aos 06.09.1978, foi instalada no Distrito Industrial de Itabuna, na condição de filial.

Os fatores que levaram essa empresa a escolher a cidade de Itabuna foram: os incentivos fiscais concedidos pelo Estado e pelo Município; a necessidade de expansão do mercado; a inexistência de uma empresa - de grande porte - que pudesse atender às demandas de produção de postes na Microrregião Cacaueira; expansão do Projeto Luz no Campo, desenvolvido pelo Governo Federal - execu-

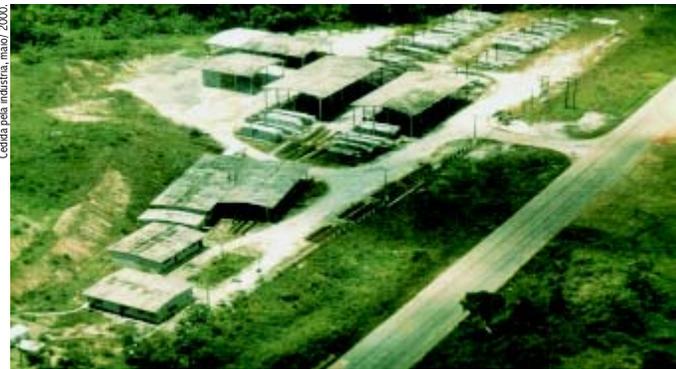


Foto 40: Indústria Postes Nordeste S/A

tado pela COELBA.

O forte da empresa é a produção de postes que se soma à de cochos, cercas premoldadas, mata-burros, abrigos para ônibus. Entre 1978 a 1994, operou com 40 operários, em média, e teve uma produção em torno de 17.120 peças/mês.

Com a temporária desativação do Projeto Luz no Campo, nos últimos cinco anos da década de 1990, a empresa restringiu o número de operários a cinco, baixando a produção para 3.000 peças/mês. Com a reativação do Projeto Luz no Campo - ano 2000 - a empresa retoma suas atividades de maneira positiva, aumentando a produção e o número de empregos.

As matérias-primas utilizadas (água,

areia, cimento e aço) são adquiridas no mercado de Itabuna, e deslocadas para o Distrito através do transporte rodoviário. São componentes que não agridem a natureza e todas as sobras são agregadas ao solo, contribuindo para uma melhor compactação do terreno onde a indústria está instalada, por não estar forrado com nenhum piso artificial.

Os consumidores estão inseridos no Estado da Bahia, com maior destaque para a Microrregião Cacaueira. O meio de transporte, para a circulação dos produtos, é o rodoviário.

A mão-de-obra é constituída por pessoas que têm experiência na construção civil e em momentos de grande produção a empresa chega a trabalhar com aproximadamente cinquenta pessoas. Todos os trabalhadores que lidam com a produção têm baixa escolaridade (fundamental incompleto) e recebem um salário mínimo, diferentemente do maior escalão (engenheiro, técnico, gerente de produção), que recebe os maiores salários.

Cooperativa Grapiúna de Agropecuaristas Ltda – COOGRAP

Trata-se de uma indústria endógena, localizada no Distrito Industrial e que tem como principal atividade o beneficiamento do leite. Além disso, também produz manteiga e iogurte. A empresa é estruturada sob a forma de cooperativa, tendo como sócios os agropecuaristas produtores de leite da Microrregião Cacaueira, a quem cabe fornecer a matéria-prima principal, que é o leite *in natura*. Toda a produção é voltada para o mercado regional.

Com a crise econômica da cacauicultura, que se associa às crises econômicas nacional e internacional, somada a uma questão de

ordem gerencial, esta empresa tem vivenciado um tempo de grandes dificuldades financeiras, realidade que põe em xeque a possibilidade de sua continuidade no mercado.

Kissex

Esta empresa se instalou no Distrito Industrial no ano 2000, numa área de 1.500 m², contudo desde 1996 já operava na produção de esmaltes (numa área de 60 m²/fundo de quintal da residência dos proprietários). Inicialmente atendia aos mercados local e regional, hoje já alcança os mercados de Sergipe, Espírito Santo e Minas Gerais.

A produção de esmaltes chega a 60 mil unidades/mês, com expectativa de aumentar. Atualmente a empresa emprega 10 pessoas.

Itabuna Têxtil – Tri Fil

Essa indústria é originária de São Paulo e começou a operar em Itabuna no ano de 1998, inicialmente em galpões alugados na Avenida Juca Leão.

O Estado e o Município de Itabuna investiram R\$ 6 milhões na concessão do terreno - numa área de 133 mil m² - e infra-estrutura física do espaço localizado no bairro Nova Itabuna, próximo ao bairro Brasil Novo, mais precisamente no Km 4 da Rodovia BR 415. Da área total, 25 mil m² estão ocupados com as instalações industriais que foram inauguradas em julho/2000 (foto 41).

A indústria usa uma “tecnologia sofisticada e de padrão internacional” na confecção de meias e roupas íntimas, produtos destinados ao mercado brasileiro e países do



Foto 41: Indústria Itabuna Têxtil – Tri Fil

Mercosul. A sua produção diária, até o primeiro semestre de 2003, era de 12 mil pares de meias e 4 mil dúzias de peças íntimas.

Em setembro de 2003 a empresa consolidou o projeto de construção de mais um galpão, possibilitando a geração de mais 400 empregos. A mídia divulgou que já totalizam 2400 postos de trabalho, portanto é a indústria que emprega o maior número de pessoas em Itabuna. Considerando-se essa nova realidade, a produção deverá superar os dados revelados acima.

Os operários (que lidam com a produção) são oriundos da Região Cacaueira, residem em Itabuna (na grande maioria) e recebem salários que não chegam a dois mínimos. Os técnicos, engenheiros e diretores, normalmente procedentes de outras regiões, recebem os maiores salários.

Algo que inquieta a população, que vive no entorno dessa indústria, é a poluição que está causando problemas à saúde (respiratório e outros) principalmente em crianças e velhos. Além disso, há preocupações de como está sendo a relação da indústria com os córregos e o Rio Cachoeira, fato que está exigindo uma tomada de posição por parte da Secretaria de Meio Ambiente do Município de Itabuna.

Indústria de Calçados Itabuna – Kildare

Essa empresa é originária do Rio Grande do Sul e faz parte do segmento industrial calçadista. Sua instalação, em Itabuna, ocorreu no ano de 1998 e o investimento inicial foi de R\$1,5 milhão.

Durante seis anos, aproximadamente, funcionou num galpão alugado da COFABA - Cooperativa dos Fazendeiros de Cacau, localizado na Av. Itajuípe. A construção da sede própria, inaugurada em julho de 2004, ocupa um espaço de 10 mil m², em terreno doado pelo município de Itabuna (projeto aprovado pelo Legislativo Municipal em 21.03.2003), localizado no Loteamento Hugo Kaufmann, prolongamento da Avenida Manoel Chaves.

A ampliação do número de empregos e a produção de seis mil pares diários de calçados são importantes metas desta empresa, que também tem planos de exportar parte de sua produção para o mercado internacional.

Cambucy S/A – Penalty

A Cambucy S/A - Penalty também é originária do Rio Grande do Sul e investiu R\$20 milhões na implantação de um complexo industrial esportivo no Sul da Bahia, sendo a cidade de Itabuna contemplada com a instalação da maior fábrica de bolas da América Latina.

Sua instalação ocorreu em 1998, funcionando em galpão alugado. Em 2000, inaugurou o seu próprio prédio que ocupa uma área de 15 mil m² na avenida Manoel Chaves (foto 42). É importante ressaltar a sua presença também na cidade de Itajuípe - Bahia. A produção é de bolas de futebol de campo, futebol

soçaite, futvôlei, basquete, handebol e outras modalidades.

Os produtos gerados em Itabuna, em conjunto com os de outras unidades industriais localizadas em outros Estados brasileiros, são destinados ao mercado nacional e faz parte do projeto dessa indústria alcançar o mercado de nove países Sul-americanos e, ainda, Japão, Estados Unidos, México, Espanha e Portugal.

OLIVEIRA, C. G. S. de, maio / 2000.



Foto 42: Indústria Cambucy S/A - PENALTY

PENSANDO NA CONSOLIDAÇÃO DA ATIVIDADE INDUSTRIAL EM ITABUNA

A ampliação da atividade industrial nos anos 1980/1990 tem gerado novas possibilidades econômicas para Itabuna e Região Caçueira, contribuindo para a diversificação do seu perfil econômico, assegurando bases para a geração de emprego e renda, mediante a abertura de posto diretos e indiretos de trabalho.

O processo tem sido lento e as empresas industriais de maior expressão, ainda em pequeno número, são majoritariamente externas, originárias principalmente do Sul e Sudeste do Brasil e na sua maioria ainda isen-

tas de contribuições fiscais.

Nesse sentido é importante que se construa mecanismos que garantam a ampliação dos investimentos industriais, de capital externo ou interno, seja assegurada a permanência das empresas já instaladas, o fortalecimento das empresas endógenas, uma inter-relação entre os diversos segmentos industriais e também uma forte integração com a sociedade local/regional, sem o que será difícil a consolidação de um pólo industrial em Itabuna.

CULTURA E TRADIÇÃO

7

Maria Palma de Andrade

✓ EXPRESSÕES FOLCLÓRICAS DE ITABUNA

- ✓ Usos e costumes da cultura do cacau
- ✓ Festas e folguedos
 - ✓ São João
 - ✓ Carnaval
- ✓ Literatura de cordel
- ✓ Trovas do cacau

✓ LITERATURA E ARTE

- ✓ Música
- ✓ Teatro
- ✓ Literatura
- ✓ Pintura e Escultura
- ✓ Dança
- ✓ Órgãos de divulgação da cultura

✓ SÍMBOLOS DE ITABUNA

- ✓ Bandeira e Escudo
- ✓ Escudos e Bandeiras de Itabuna
- ✓ Como deveriam ser os Símbolos de Itabuna
- ✓ Hino a Itabuna

✓ MUSEU CASA VERDE

✓ SANTA CASA DE MISERICÓRDIA - UMA INSTITUIÇÃO FILANTRÓPICA



Francisco Minelvino da Silva nasceu em Mundo Novo, cidade do sertão baiano, em 28 de novembro de 1924, filho de família humilde. Radicou-se, ainda jovem, no sul da Bahia.

Conhecido como o “Trovador Apóstolo”, o poeta, cordelista, xilógrafo e tipógrafo foi garimpeiro e publicou seu primeiro folheto em 1949.

Minelvino, que faleceu em 28 de novembro de 1999, deixou mais de 500 títulos com os poemas mais diversos, títulos esses que eram vendidos por ele em todas as feiras livres de Itabuna e da Região.

Por ser um dos maiores poetas da especialidade em 1980, conquistou por unanimidade o Prêmio Literatura de Cordel, da Fundação de Cultura da

Bahia, em comemoração ao centenário do poeta João Martins Athayde. Minelvino é citado também na Enciclopédia Larousse.

EXPRESSÕES FOLCLÓRICAS DE ITABUNA

O folclore é uma das mais fortes expressões de cultura popular e do patrimônio histórico de um povo, abrangendo uma imensa gama de manifestações, tais como linguagem, música, dança, usos e costumes, crenças e religiosidade, artesanato, festas, jogos, entre outros.

O folclore tradicional sofre transformações, adaptando-se ou sendo esquecido em razão das mudanças de hábitos de uma sociedade. Muitos desses hábitos são mantidos; embora perdendo suas características próprias, alguns sobrevivem com esforço, outros desaparecem.

O folclore encontrado em Itabuna reflete a formação de seu povo, trazido por aqueles que migraram e se fixaram nessas terras desde a chegada de Félix Severino do Amor Divino.

Encontramos folclore de origem africana que tem suas expressões no candomblé, na umbanda, capoeira, maculelê e afoxé; os de origem indígena, que estão representados pelas formas de artesanato, como cestos de palha, redes, e por lendas, entre outros; os de origem européia foram trazidos de outras regiões pelos sergipanos e sertanejos que colonizaram essas terras e têm suas expressões no carnaval, São João, na literatura de cordel. A zabumba, marujada, o bumba-meu-boi tiveram duração efêmera, deixando de despertar interesse. Contudo, o folclore mais representativo de Itabuna, que prevaleceu até meados do século XX, está ligado à cultura do cacau, atividade agrícola até então predominante, quando pouco a pouco foi perdendo seu significado em razão dos avanços tecnológicos e

sociais, introduzidos na região, tais como: melhoria das estradas para escoamento da produção, eletrificação do setor rural, melhoria dos meios de comunicação.

Usos e costumes da cultura do cacau

Existem práticas tradicionais ligadas ao cultivo do cacau, como a “limpa” da roça, livrando-a de vegetação prejudicial, ou a maneira de colher o cacau, “embandeirá-lo” formando pequenas pilhas junto às árvores, ou o modo de quebrá-lo e, finalmente, conduzir os seus bagos para os cochos e as barcaças, onde será fermentado e secado.

Nos primeiros tempos, havia o costume de “roubar a roça”. Isso acontecia quando os vizinhos percebiam que um pequeno proprietário estava em dificuldades, com o mato invadindo o seu cacaual ou as pastagens, e sem os recursos necessários para mandar fazer a limpeza. Numa determinada madrugada, à luz de fifós (candeeiros de querosene) e tochas, reuniam-se os vizinhos e rumavam para a roça que estava a precisar de ajuda. Manejando facões, estrovengas e foices, faziam todo o trabalho necessário de limpeza da roça - o que seria descoberto pelo proprietário ao nascer do dia.

Nos “roubos de roça”, os participantes entoavam chulas.

Tal como ocorre com muitos povos e em muitas regiões, também aqui, na zona do cacau, os lavradores vinculam as tarefas da roça com as fases da lua. Por exemplo:

- ✓ A birração espera a lua nova.
- ✓ Derrubada de madeira, em fase de lua escura, senão a madeira fica bichada.
- ✓ Matar a madeira na lua minguante, senão ela cai aos pedaços, não cai de vez.
- ✓ Plantar mamão, tem que ser na lua nova, senão sai “mamão macho”.

Existem, ainda, numerosas receitas pitorescas, contendo ensinamentos ou proibições. Eis algumas:

- ✓ Para matar o “feto” que dá nas roças de cacau, dá-se uma surra de cacete durante 3 sextas feiras seguidas.
- ✓ Mulher não pode subir em jaqueira. Se subir, os frutos racham.
- ✓ Para curar mordedura de cobra, riscar um fósforo sobre o local da ferida, assim que for mordido.
- ✓ Para curar barriga d’água, bater leite cozido com cebola branca.
- ✓ Para quem tomou uma queda, o sumo da couve-branca pisada.

Um detalhe interessante é a pobreza de músicas e cantos para acompanhar os trabalhos executados com instrumentos de corte muito afiados utilizados na colheita e quebra do cacau. Isso se explica pelo fato de tais instrumentos exigirem muita habilidade e atenção, não permitindo que os trabalhadores se distraiam com cantorias. Já no transporte do cacau, feito através de “tropas” de burros, os tropeiros costumavam cantar, tangendo os animais pela estrada. O mesmo acontecia com aqueles que trabalhavam na “pisagem” do cacau, nas barcaças. Esse trabalho, inclusive, favorecia o desenvolvimento de passos de dança.

Na “pila do café” a música sempre estava presente. Num grande pilão horizontal, com três ou quatro bocas, grupos de 3 ou 4

homens por boca do pilão, munidos de “mãos de pilão” – objetos de madeira, cuja extremidade inferior tem a forma de uma cabeça – batiam, pisavam e socavam o café torrado, até reduzi-lo a pó. Os participantes geralmente trabalhavam à noite, entrando pela madrugada, em troca de comida e goles de cachaça – bebiam ora sob o pretexto de esfriar, ora de esquentar. A “pila” era feita cadenciadamente. Cada um dava uma pancada em cheio, no café colocado na boca do pilão e, no golpe seguinte, com força reduzida, batiam na borda do pilão. Cantigas, geralmente trovas, iam marcando o ritmo e a cadência das batidas. Os temas variavam: cantos de amor, valentia, de provocação aos presentes, de exaltação à beleza das mulheres etc. Todos os piladores faziam coro com o mestre do serviço e ninguém deixava de fazer sua trova. Muitas vezes uma trova gerava um desentendimento e muita “pila” de café terminava em cabeças quebradas, rixas e brigas.

Nas roças de cacau era comum falarem na **mula sem cabeça, no caipora ou sacipererê**. De origem indígena, o caipora era descrito como um indiozinho ágil, de pés voltados para trás, cabelos vermelhos ou cabeça raspada e era um poderoso senhor da caça e da mata. Voltava-se contra os caçadores em defesa dos animais. Com o raleamento das matas, a facilidade de acesso às cidades através das estradas construídas e do rádio, essas lendas, como outras mais, desapareceram.

Festas e folguedos

São João

São João é uma festa típica do interior e da roça, e a vocação agrícola da região favorece a euforia que desperta, aliada às músicas

caipiras, comidas e aos licores. É uma festa comunitária e de participação.

A festa de São João se originou no Império Romano (a. C.) para festejar a chegada do verão no hemisfério Norte. Mais tarde, com o cristianismo, foi incorporada às comemorações do nascimento de João Batista e divulgada pelos portugueses em suas colônias. Os índios colaboraram com a introdução dos produtos à base de milho e mandioca por eles plantados; coube ao negro enriquecer esses alimentos com o sabor do leite de coco, açúcar, cravo e sal. A quadrilha, de forte influência européia, é marcada em francês estropiado. O vocábulo forró significa dança, baile, folgança, sendo introduzido pelos cristãos novos que vieram para o Brasil no século XVIII. A música de forró foi absorvida de forma espontânea pelo povo da roça (há quem diga que a palavra forró teria vindo da corruptela da palavra inglesa *for all*, que significa “para todos”); superstições, agouros e adivinhações são de origem pagã; os trajes estão ligados aos hábitos do homem do campo; os balões são de origem portuguesa, com raízes da China antiga.

As festas juninas, aliás, tinham grande animação, com fogueiras, dança de quadrilhas - contradança de salão, em que os pares se apresentam vestidos com trajes caipiras - além de farta distribuição de comidas e bebidas típicas da época, como a canjica, o milho verde assado ou cozido, a pamonha, os licores de genipapo etc. Outra prática muito comum consiste em amigos se tornarem compadres, mediante o sistema de pularem sobre a fogueira, em sentido contrário, enquanto dizem por três vezes:

“Eu juro, por São João, São Pedro, São Paulo e todos os santos que...(aqui diz o nome do parceiro) é meu compadre”.



Foto 43: Festa de São João

Quase sempre o local das festas fica enfeitado com bandeirolas de papel colorido e galhos de árvores, nos quais são dependuradas laranjas e espigas de milho. Também, como usual em outras regiões, usava-se o tirar sortes, sempre entre as moças solteiras, para adivinhar o nome do seu futuro noivo.

O São João mantém-se em nossos dias com muita animação, principalmente nas vilas, perdendo, contudo, um pouco de suas características com a introdução de trios elétricos e a utilização de outros ritmos musicais.

Carnaval

O carnaval é uma festa profana, de origem italiana. Era o período destinado às

diversões dos católicos, e acontecia entre o dia de Reis, em 06 de janeiro, até o início da Quaresma. A Igreja tolerou tais diversões, porém, fixou em três dias antes do início da Quaresma, até à meia noite que antecede à Quarta-feira de Cinzas.

O carnaval foi introduzido no Brasil pelos portugueses em 1865. Os negros incorporaram à festa o desfile das escolas de samba e afoxés, com seus ritmos, língua e dança. Os trios, introduzidos a partir de 1950, na Bahia, descaracterizaram o carnaval primitivo e, no caso de Itabuna, fez desaparecerem as escolas de samba, os afoxés, as representações dos caboclos que desfilavam durante a festa.

O carnaval de Itabuna passou a existir a partir de 1912, quando começaram a surgir os blocos de máscaras e cordões, substituindo o “Domingo de Entrudo”, que consistia em brincadeiras de jovens mascarados. A animação cresce depois da chegada dos primeiros automóveis, em 1927, e o aparecimento das batucadas, afoxés, e escolas de samba. Até o final da década de 1970, foi rico em fantasias, assegurando animação às festas do período consagrado ao rei Momo, a partir da introdução dos trios elétricos, que as substituíram pelos abadá. Atualmente, alguns poucos blocos tradicionais, como o Maria Rosa, Casados I...Responsáveis e Mendigos de Gravata, sobrevivem.

Entre os blocos, um dos mais tradicionais é o “Maria Rosa”. O bloco surgiu em 1931, quando um grupo de amigos teve a idéia de alterar “os costumes sociais, até então rígidos, e seu nome homenageava a dona de uma pensão alegre da cidade”. Quando, num certo carnaval, ocorreu a morte da dona da pensão, o bloco deixou de sair por vários anos. A partir de 1965, o Maria Rosa foi reestruturado e tem saído às ruas, normalmente, todos os anos. Ele sobreviveu às mudanças após a adoção da

tecnologia dos trios elétricos e outros blocos carnavalescos. Continua com o mesmo brilho, mantendo a irreverência e a descontração da festa. Fazem parte do bloco jovens rapazes, empregados do comércio e da sociedade. Sua fantasia é, essencialmente, roupa feminina de tecido vermelho de bolas brancas, ou vice-versa, cheia de fitas, além de tamancos e bolsas.

O bloco Casados I...Responsáveis, criado em 1969 por um grupo de amigos foliões, e o Mendigos de Gravata, criado em 1991 pelo Sindicato dos Bancários, fazem parte também



Foto 44: Bloco de Carnaval

da história do carnaval de Itabuna. Esses blocos, hoje, aderiram às inovações tecnológicas e incorporaram bandas de cantores famosos que proporcionam grande animação.

Literatura de cordel

A denominação “literatura de cordel” surgiu devido ao costume dos poetas do povo dependurarem folhetos com poesia, estórias reais ou fantásticas, amarrados em pedaços de corda - daí o nome - ou espalhavam-nos em esteiras, sobre o chão. Alguns tinham o

costume de ler os “livros” em voz alta, num ritmo de declamação e canto, até certa altura, quando interrompiam a leitura tentando vender certo número de exemplares. Conseguindo o intento, retomavam a leitura, atentamente acompanhada pelos circunstantes que formavam uma roda em torno do poeta/vendedor.

Nas feiras semanais, onde a população rural marcava encontro, era comum o comércio de folhetos contendo histórias escritas quase sempre em versos. Os “romances” giravam em torno de temas os mais diversos, misturando amor e aventuras, com o freqüente surgimento de personagens fantásticos. Muitos folhetos focalizavam fatos do momento, versando sobre política, religião, desastres, acontecimentos esportivos ou fenômenos de qualquer espécie.

A literatura de cordel foi bastante popularizada em Itabuna através de um trovador conhecido nacionalmente, Minelvino Francisco. O trovador/cordelista nasceu em 28 de novembro de 1924, na fazenda Olhos d’Água, município de Mundo Novo, Bahia. Veio para Itabuna ainda jovem. Seu talento cordelista veio à tona quando ainda muito jovem. No início, elaborava seu material de forma bastante artesanal. Mais tarde, montou uma gráfica em sua casa, onde imprimia seus livretos que seriam vendidos nas feiras livres e praças. Além de compor seus romances/poemas, ilustrava-os com xilografias de sua autoria. Ao longo de sua vida, criou, imprimiu e publicou cerca de mil livretos de cordel. Entre eles, alguns podem ser citados, a título de exemplo: *Debate de Lampião com São Miguel*, *O Cangaceiro do Nordeste*, *A mulher de sete metros que apareceu em Itabuna*, *História da mulher xingadeira*, *O menino que nasceu com dois chifres no estado de São Paulo*, *História da mulher ciumenta que matou o marido e comeu assado*, *História da moça que casou-se com uma cobra*, entre outros. Seu talento trou-

xe-lhe reconhecimento no estado e no país. Expôs trabalhos no museu folclórico do Rio de Janeiro. Seu nome faz parte da Antologia Baiana de Literatura de Cordel. Faleceu em 1999.

A literatura de cordel é uma das expressões folclóricas que desapareceu das feiras de Itabuna com as mudanças dos costumes sociais e econômicos.

Trovas do cacau

É muito comum, nas roças de cacau, os trabalhadores rurais conhecerem trovas que falam de seu cotidiano, sua revolta, seus anseios, seus amores. A seguir, algumas trovas do folclore da região cacauzeira, conservando-se a grafia original, para assegurar a autenticidade:

Quando eu atrás da barçaça
Onde tava lhe esperando,
De longe vi sua saia,
Que o vento vinha arribando

Lá vem a lua saindo
Lá por trás do cacauzeiro:
Trabaio como um escravo
E nunca ajunto dinheiro
Me soco junto da roça
Em miserave casinha,
Tenho fosque, sá, fifó,
Carne seca com farinha.

Trabaio a semana inteira
Desgraço as mão na estrovenga,
E de sabo pra Domingo,
Gasto o dinheiro com as quenga.

Os rico daqui são bom
De coração verdadeiro,
Dão meio quilo de carne
Pra se comê o mês inteiro.

A gente vem lá do norte
Ficá rico a gente pensa,
Mas o arame qui ganha
Fica todo na dispensa.

Na corage, Henrique Alves
Na riqueza Misaé,
Na paciência, Firmino,
Mangabeira nos rapé.

Sou agregado da casa
Vivo sempre em lufa-lufa,
Remexo cacau no cocho,
E racho lenha pra estufa.

Trepado no pé de lima,
Bem na beira do riacho,
Assuntei teu rebolado
Vindo de ladeira abaixo.

Pisa depressa o cacau,
Não se importe com o calor
Depois vai se por no saco
Mode embarcá no vapô.

Assim qui a noite chegá
Vou arrumar meu cacaió,
Já enjuei tudo aqui
Cachaça, cacau, travaio.

O bem-te-vi, brincalhão
Saiu do pé de pitanga,
E foi catá carrapato
No lombo do boi, na manga.

É necessário o empenho dos órgãos governamentais e do povo em geral para que sejam mantidas as características das manifestações folclóricas e perdurem sem perder a sua autenticidade.

LITERATURA E ARTE

No contexto cultural de um povo estão inseridas as artes e a literatura em geral, o que define sua formação e seu espírito.

O movimento artístico-cultural de Itabuna tem suas raízes no cacau e suas conseqüentes implicações sócio-econômicas. Encontram no coronel e no trabalhador rural, com suas tradições e credences, os ingredientes que alimentam o imaginário, enriquecendo a ficção, misturando-se com a própria realidade.

Em Itabuna, o movimento cultural e artístico, representado pela música, pelo teatro, pela literatura (prosa e verso), pintura,

escultura e dança, vem se manifestando desde os primórdios de sua história. Através da arte e da literatura são registrados os sentimentos do povo grapiúna, tornando possível a compreensão de sua história.

MÚSICA

Filarmônicas

A história do movimento musical de Itabuna iniciou-se em 1898, quando ainda era vila de Tabocas, com a criação da primeira

Filarmônica ou Banda de Música, denominada 15 de Março. Fundada por José Firmino Alves, juntamente com outras pessoas, durou cerca de dois anos.

Em 1901 foi criada a Filarmônica Minerva, por Henrique Alves, juntamente com um grupo de amigos. Em 1904 surgiu a Filarmônica Lira Popular, famosa por animar as festas que se realizavam na praça da Matriz (hoje praça Olinto Leone), o que levou à construção do primeiro coreto de Itabuna. Várias outras filarmônicas surgiram em Itabuna, sobrevivendo até 1930, como a Euterpe Itabunense, Amantes da Lira, por exemplo. Mais tarde surge a filarmônica Carlos Gomes, cujo regente, Joel Carlos, compôs o hino de Itabuna. Após a enchente de 1967 foi extinta porque a maior parte de seus instrumentos e partituras foram danificados.

Para animar os bailes, cinemas, teatros, piqueniques, inaugurações, eram contratados os “Ciscos”, conjuntos de cinco ou seis músicos amadores que “tocavam de ouvido” e se juntavam com instrumentistas de sopro e percussão das filarmônicas ou bandas.

Muitos bailes foram realizados na bela residência do cacauicultor Carlos (Odete) Maron ou então no prédio escolar Lúcia de Oliveira, antes que fosse construído o Itabuna Clube, no local onde está hoje o Banco do Brasil. Alguns bailes eram organizados pela senhora Laura Conceição, de cunho beneficente, e animados pelo grande pianista José Passos.

O Itabuna Clube, inaugurado em 1940, foi alvo de notáveis bailes animados por grandes orquestras como a de Severino Araújo, Mestre Cipó, entre outras, para o encantamento da sociedade grapiúna.

Durante a segunda guerra mundial (1940/1945) o Itabuna Clube era freqüentado por oficiais do exército que estavam estagiando em Ilhéus, antes de embarcarem para o

campo de batalha, na Itália.

As filarmônicas foram substituídas pelas bandas de música do Tiro de Guerra, da Polícia Militar, das escolas públicas e particulares. Com o surgimento dos trios elétricos e o uso de tecnologias, a partir de 1970, surgem as bandas eletrônicas, como a Lordão (ex Lord Ritmos), Phase, Vera Cruz, Cacau com Leite, Bicho da Seda, e banda Bis.

A banda Lordão se apresenta em festas populares, bailes, congressos, formaturas, carnavais e micaretas. Pela alta qualidade e musicalidade de seu variado repertório, que inclui forró, pagode, músicas dos anos 60, latina, nostálgica, axé, sertaneja, faz muito sucesso, extrapolando a região cacauieira, atingindo, além do estado da Bahia, vários outros estados brasileiros.

Escolas de Música

Dentro do movimento musical estão também as escolas de música e os corais.

A primeira escola de música, oficialmente instalada em Itabuna, surgiu em 1936, com o nome de Escola Normal de Música, depois denominada Escola de Música da Bahia – seção de Itabuna. Seu fundador foi o maestro Pedro Irineu Jatobá, e a primeira professora, Cândida Rezende de Barros.

A complementação do curso de música era feita em Salvador. Em 1964, com a reforma que houve na estrutura da organização da escola de música em Salvador, a seção de Itabuna, dirigida pela professora Gladys Almeida, fez um acordo que tornou a escola autônoma, com o nome de Escola de Música de Itabuna.

Através da diretora Glayds de Almeida, alguns professores dessa escola fizeram curso de educação musical pelo Conservatório

Baiano de Canto Orfeônico para aplicação nas escolas de ensino médio de Itabuna, já que a disciplina Educação Musical fazia parte do currículo, até a década de 1980.

A educação musical das crianças e dos adolescentes, filhos dos homens de negócios de Itabuna, fazia parte da fina e apurada educação a que eram submetidos, até meados do século XX. Daí o grande número de professores de música e a grande frequência nas escolas de música, públicas e particulares, onde aprimoravam a voz e aprendiam a tocar algum instrumento, sendo o piano o preferido.

Em 1965 foi criada uma Orquestra de Câmara infanto-juvenil, composta de crianças e jovens entre 11 e 16 anos. Essa orquestra foi fundada e dirigida pela professora Zélia Oliveira Lessa. Sua duração foi efêmera, encerrando suas atividades em 1968. Surgiu, então, com alguns de seus componentes, a Camerata Grapiúna, também para a difusão de música de câmara, com jovens a partir de 18 anos. A Camerata foi fundada em 1965, pelos professores Zélia Oliveira Lessa, Osmar Pinheiro e Carlos Jurandir Calazans de Almeida. Em 1975 suas atividades foram interrompidas.

A escola de música infantil, Clave de Sol, foi fundada no início da década de 1960 por Vanda Montalvão Souza, exímia pianista e compositora, tendo em 1970, passado a direção para sua filha, Mariângela Montalvão Souza. Nessa escola, dedicada à iniciação musical, ao ensino de flauta doce e violão, descobriram-se talentos e revelaram-se novos valores musicais. Entre as atividades da escola estão suas apresentações em vários estados do país, participação em alguns clips para televisão, gravação de CD.

Outras escolas de música podem ser citadas, como: a Escola Schubert, dirigida por Normélia Menegatty, onde os alunos aprendem a dominar vários instrumentos musicais.

A Escola de Música Sacra de Itabuna (EMUSITA), fundada em 8 de agosto de 1988 pela Igreja Batista Teosópolis, tem como diretora Olga Ribeiro Silva. Vários cursos são oferecidos, como o de teclado, piano, violino, violão, bateria, instrumento de sopro, além de técnica vocal e de regência. A Escola de Música de Itabuna, federal, dirigida por Telma Kruschewsky. Esta escola é remanescente da escola criada por Cândida Barros, que a dirigiu até 1958, seguida por Gladys Almeida, que a dirigiu durante 30 anos, passando em 1988 para a diretora atual. Além do ensino de vários instrumentos, é ministrado o curso de Musicalização para Gestantes e Bebês, a partir do quarto mês de gravidez, adotando uma técnica americana utilizada há pouco tempo no Brasil. A Escola de Música de Itabuna é federalizada através do convênio realizado com o Instituto Ametista Saint-Germain do Conservatório de Música Ars/Science do Brasil, dirigido por Indalécio Coghi, com sede em São Paulo.

Corais

O coral é uma associação de cunho amadorista, com finalidades artístico-sociais, que vem prestando relevantes serviços à comunidade itabunense, excursionando pelo interior baiano e participando de festivais em Salvador.

O coral Cantores de Orfeu, fundado pela professora Zélia Lessa, em 13 de setembro de 1955, é formado por jovens e adultos que cultivam a arte musical, principalmente o uso da voz, o instrumento mais perfeito que existe. A professora Zélia Lessa é autora da Rapsódia Grapiúna que retrata com cantigas trabalho, rezas para cura e proteção a vida dos trabalhadores das fazendas de cacau. O coral

Cantores de Orfeu foi incorporado ao coral Universidade Santa Cruz – USC, fundado em 1º de julho de 1976, por iniciativa da FESPI (Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna) e do PACCE, permanecendo a professora Zélia Lessa como regente até 1985. O coral USC teve como metas a integração, vivência musical e abertura para a arte.

O coral de Servidores da Ceplac, fundado em 1998, tem como objetivo promover apresentações musicais em eventos culturais e científicos realizados pela instituição, motivar e instruir os integrantes e seus familiares; resgatar o colega aposentado para o convívio com seus ex-colegas. O coral é regido pelo Maestro Antônio Carvalho. Seus integrantes são do quadro de funcionários da Ceplac e familiares dos funcionários. Com um repertório bastante eclético, o coral tem por meta o resgate da música folclórica das diversas regiões brasileiras.

O coral São José surgiu de forma espontânea, formado por pessoas católicas frequentadoras da igreja São José, remontando à primeira Igreja construída em Itabuna. Essas pessoas se propunham a cantar durante as missas, acompanhando a liturgia, nas datas festivas e nos novenários dos vários santos cultuados pela Igreja Católica. Com a introdução do órgão na atual igreja São José, por ocasião de sua inauguração, o coral passou a ser acompanhado por esse instrumento musical tocado por organistas como Maria Tereza, Filomena Reis e Lurdes Dantas. Durante o período que vai de 1970 a 1980, o Coral São José era dirigido pela professora Vanda Montalvão Souza que tocava o órgão, compunha músicas cantadas em eventos religiosos, além de criar arranjos.

O coral Ação e Cidadania, da Fundação Manoel Chaves (na Bananeira), foi criado em 1988 pela maestrina e tecladista Eliene

Santana, a partir de uma aula de Educação Musical, quando foram selecionadas trinta crianças dotadas de voz afinada. Hoje, o coral é coordenado e regido por Patrícia Góes de Carvalho, tendo ao teclado Evely Amorim. O modelo pedagógico da Escola Ação e Cidadania da Fundação Manoel Chaves utiliza a música para trabalhar os sentimentos, as emoções, a solidariedade, o companheirismo, fazendo com que as crianças da periferia se sintam valorizadas. O coral tem se apresentado em eventos e, em 2001, participou do I Encontro de Corais de Itabuna.

O coral Vozes de Sião, da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, foi criado em 1993, visando inicialmente sua apresentação em eventos da igreja. Em 1996 o coral foi reformulado, objetivando, além da realização de um trabalho mais amplo de pregação do Evangelho através da música, a organização de shows de caráter beneficente com renda destinada a diversas entidades filantrópicas. O coral é formado por 100 vozes, todas de amadores, tendo como diretora Marlúcia Souza de Jesus Costa.

O Coral Teosópolis, da Igreja Batista Teosópolis de Itabuna, foi criada em 1962, tendo como regente a prof^a Leonor Araújo. O coral objetiva o louvor congregacional levando uma mensagem de fé e esperança, dentro e fora dos ambientes evangélicos. Ele tem também uma função social, apresentando-se em eventos, tais como casamentos, aniversários, e outras solenidades, como cerimoniais fúnebres, com um repertório de músicas clássicas e religiosas. No início da década de 1970, a regência esteve a cargo da prof^a Aline Reis; a partir de 1978, assumiu a regência do coral a pianista Cacilda Lorenço que atua no momento como regente ao lado da pianista Renilde Campos. O coral Teosópolis desdobra-se em outros conjuntos musicais, tais como: coral

masculino, coral de jovens e coralito (de criança). Atualmente é composto por 40 vozes, masculinas e femininas.

O Coral Vozes do Silêncio surgiu a partir do primeiro curso de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), para surdos, realizado em 05 de outubro de 1999, pela Primeira Igreja Batista de Itabuna, e idealizado pela missionária Soraya Esfandiáry. O curso de LIBRAS conquistou um grande número de surdos que se sentiu valorizado, confiante e percebeu o respeito com que era tratado. Em dezembro de 1999 foi criado o coral de Vozes do Silêncio (grupo musical de pessoas surdas). Cerca de 20 pessoas surdas fazem parte do grupo que tem encantado o público, representando a música com as mãos, o corpo, a expressão facial, os ritmos, a alma e o coração. O objetivo desse coral (e do curso de LIBRAS) “é auxiliar no desenvolvimento de uma consciência crítica, possibilitando e ajudando o surdo a ser sujeito capaz de formar seus próprios pensamentos, tornando-os verdadeiros cidadãos, capazes de assumir seus direitos e deveres”. O coral tem se apresentado em vários eventos com sucesso.

Cantores

Conjuntos vocais foram formados em Itabuna desde 1922, responsáveis pela animação das festas de carnaval, São João, festas particulares, em clubes e quermeses. Eram formados por músicos amadores que também executavam instrumentos de percussão e corda, destacando-se Os Turunas (1922), regido pelo maestro Isaias Ferreira, Os Milionários (1940), que sobreviveu por nove anos, e A Serenata dos Namorados (1952 - 1974) do qual faziam parte Fernando Souza, Nilson Carneiro, Antonio José de Magalhães, Dedé Cunha,

entre outros.

Em 1960, destacou-se a cantora profissional Lurdes Rodrigues, que se apresentava em festas públicas e particulares, tendo atuado durante algum tempo na Rádio Difusora Sul da Bahia.

Grupos de cantores de pagode surgiram na década de 1980 como o Chopp Samba e Kachassocratas, que tiveram vida efêmera.

São vários os representantes da música grapiúna a partir de 1990. Alguns fizeram carreira solo, com música romântica, como Góes e Aragão; outros, com música popular brasileira, como Marcelo Ganem, Fernando Ribeiro Caldas, Emerson Mozart, Memé, Eduardo Rihan, Nonato Teles, Jan Costa, Rondó, Robertinho, Vavá.

Em 1992 surge o Grupo Encontro formado pelos cantores Carlos Dórea, Marisa Peixoto, Toinho, Conceição Sá, Cida e Adriana Berger.

Há também o grupo musical Adilson e Banda Arte e Luz formado pelos cantores Adilson Ribeiro da Silva, Maurílio, Dilsinho, Silvano, Juba, Damião e Daniel Tomy e o conjunto de Juliana Ramos.

TEATRO

O teatro, em Itabuna, é uma manifestação artística que se delineou desde as primeiras décadas da história da cidade, quando grupos de artistas amadores idealizaram produzir espetáculos, na maioria das vezes em benefício de alguma instituição. Os espetáculos teatrais eram apresentados nos palcos de clubes locais ou de cinemas. É nessa época que surge a primeira-dama do teatro itabunense, Maria Cândida Pereira Dória, a Candinha, e, com ela, outros nomes que ficaram na história dessa terra.

No início, o teatro de Itabuna era formado por grupos amadores advindos da sociedade grapiúna e por estudantes de diversos colégios que promoviam apresentações de peças teatrais como atividades pedagógicas, observando o talento de seus integrantes. Esses grupos iam se desfazendo à medida que seus componentes deixavam a cidade ou passavam a exercer uma profissão que não lhes permitia dispor de tempo para se dedicarem às atividades teatrais.

Entre 1950 e 1965 foi criado o Grêmio Teatral Amadores Itabunenses (GTAI), extinto pouco tempo depois, e criados o Grupo Moderno de Arte Teatral (GRUMARTE), o Teatro Amador de Itabuna (TAI) e o Grupo Universitário de Teatro Amador de Itabuna (GUTAI), formado por alunos da Faculdade de Filosofia de Itabuna (FAFI) na década de 1960 (ANDRADE-BREUST, 2003).

Em 1986 foi criado, por Iara Lima, Silvia Smith, Raimunda Oliveira, dentre outros, o Grupo de Teatro Vozes, consolidado após vencer as dificuldades iniciais. Funcionou durante 9 anos, tendo recebido muitos troféus por suas apresentações seu desempenho.

O primeiro local construído, que possibilitou a apresentação de peças teatrais, foi o Cine-Teatro Itabuna (onde funciona hoje a Igreja Universal do Reino de Deus), inaugurado no início da década de 1940. Aí se apresentaram grandes companhias teatrais, como a de Procópio Ferreira, Joracy Camargo, Eva Tudor, Tônia Carrero. Apresentaram-se também vários cantores e comediantes famosos, entre eles Vicente Celestino, Ângela Maria, Grande Otelo, Oscarito. Eram realizados recitais de música de Cândida Barros e peças teatrais de atores locais, cujo desempenho era equiparado ao de atores das grandes capitais. O teatro foi desativado em 1961, permanecendo só a exibição de filmes.

Os jovens artistas itabunenses reivindicavam um espaço próprio, mais adequado para suas apresentações. Surgiu então a idéia da construção do teatrinho ABC, na praça Otávio Mangabeira (Camacan), onde hoje se encontra o parque infantil. A construção do teatro nesse local causou muita polêmica, por ser considerado inadequado em função do projeto urbanístico da praça. A construção se deu em 1960, no governo do prefeito José de Almeida Alcântara (1959-1963). Por sua acústica defeituosa e sua localização junto a uma avenida movimentada (Fernando Cordier) não apresentava condições ideais de trabalho. Após a enchente de 1967, que danificou bastante o imóvel, foi demolido (1970), na 1ª gestão de Fernando Gomes.

Paralelamente, nessa época, passou-se a utilizar o auditório do Colégio da Ação Fraternal (AFI) para apresentação de grupos locais; os famosos grupos de teatro do sul do país deixaram de ser apresentados por falta de local adequado.

Em 11 de agosto de 1964 foi fundado o Teatro Estudantil de Itabuna (TEI), importante espaço cultural, construído por Dona Amélia Amado, na rua Francisco Benício, próximo ao Colégio Municipal de Itabuna (IMEAM). Doado aos estudantes, ficou sob a coordenação de Tereza Ribeiro, professora de Língua Portuguesa, que alimentava o ideal de levar o teatro às escolas e aos bairros, numa tentativa de divulgar essa modalidade artística. O TEI foi palco de muitas apresentações promovidas pela SIC (Sociedade Itabunense de Cultura), Escola de Música de Itabuna, grupos de teatro. Nele também foi apresentada a Orquestra de Música Nova da Universidade Federal da Bahia. O TEI teve uma forte atuação no período em que o teatrinho ABC estava abandonado e o auditório da AFI já não apresentava estrutura necessária para as apresentações

Quadro 16: Artistas de Itabuna 1920 - 2003

1920-1940	1950	1960-1970	1980 - 2003
Maria Cândida Dória Linda Kfoury Rubens Santos Alberto Galvão Dora Dantas Irmãs Gravatá e Soares José Dantas de Andrade (comediante) Tote Almeida Margarida Souza Juquinha Nunes Maxwell	José Queiroz José Penedo Elício Dias Philomena Oliveira Milton Veloso Emanuel C. da Silva Irmãs Onilda e Oscarlina Marinho Urbano Brandão Helena Mendes Adelino Kfoury Telmo Padilha	Ronald Cravo Helena Mendes Gaby Pinheiro Roberto Junquillo Shyrlei Freitas Nevolanda Pinheiro Maria Cândida Dória Alberto Messias Tereza Ribeiro Aninha Aquino Sandoval Muniz Neda Dória Celio Nunes Leila Chalhoub Alex Kfoury Chiquinho Briglia Celeste Paz Ribeiro Ailton Costa Paulo Lima Gilson Gomes Lola Baracat Jefferson Mutti Carlinhos Dórea Dina Paim	Aldo Bastos Carlos Alberto Santos Fernando Caldas Marlucy Lima Pedro Ivo Bacelar Sílvia Smith Iara Smith Lima Pedro Matos Jackson Costa Raimunda Oliveira Jorge Araújo Ramon Vane José Delmo Marquinhos Nô Lucas Oliveira Jailton Alves Zélia Possidônio (entre muitos outros)

Fonte: Andrade-Breust 2003-10-16; Jornal Agora 28/07/1993 Candinha Dórea
 Organizado por: MPA

teatrais. A transferência de Tereza Ribeiro para Salvador e a falta de apoio por parte de instituições e órgãos públicos às atividades artísticas que permitissem o funcionamento do TEI provocaram o seu abandono a partir de 1976.

Em 1986, é construído pelo Governo do Estado o Centro Cultural Adonias Filho (junto ao Jardim do Ó), um espaço destinado às atividades artísticas e culturais.

Em 2003 foi realizada intensa campanha junto à comunidade grapiúna para a reforma do teatro Amélia Amado, do colégio Ação

Fraternal de Itabuna, dotando-o de estrutura moderna, oferecendo à cidade mais uma opção para as realizações culturais e artísticas.

LITERATURA

A literatura regional é celebrada no Brasil e no exterior, representada por um grande número de romancistas, poetas, contistas e cronistas, que apresentam uma síntese da “civilização do cacau”. Os autores trazem à luz o

relato de uma região que exerce grande fascínio, através da descrição de sua paisagem, costumes, condições de vida e tipos representativos da cultura regional, de forma objetiva, como testemunhas da evolução sócio-econômica, ao tempo em que se tornam intérpretes do sentimento grapiúna. Contaram em verso e prosa a forma ousada como foi conquistada a terra, sobre o rio Cachoeira, a mata exuberante, levando muito longe o nome de Itabuna.

Muitos desses literatos nasceram em Itabuna. Outros, adotaram-na e amaram-na como sua cidade natal.

Entre os escritores, poetas, contistas, cronistas que enriqueceram a literatura das “Terras do Sem Fim”, pode-se destacar: Jorge Amado, Adonias Filho, Ruy Póvoas, Hélio Pólvora, Cyro de Mattos, Maria de Lourdes Netto Simões, Sônia Coutinho, Geny Xavier, Clodomir Xavier, Ramon Vane, Ricardo Cruz, Gabriel Nacif, Clarêncio Baracho, Walker Luna, Valdelice Pinheiro, Euclides Neto, Plínio de Almeida, Telmo Padilha, Florisvaldo Matos, Firmino Rocha, José Bastos, José Souza Dantas, Adelino Kfoury, Jorge de Souza Araujo, Kleber Torres, Waly de Oliveira Lima, entre tantos outros.

PINTURA E ESCULTURA

Pintores e escultores começaram a chegar em Itabuna e a se manifestar de forma mais explícita, no início do século XX, quando passaram a decorar o interior e as fachadas das casas dos coronéis, no estilo clássico, dominante na época, sob a influência da arte francesa e a pintar retratos das suas famílias.

Muitos artistas de origem grapiúna adotaram a temática do cacau como uma forma de perpetuar os costumes da terra. Dentro

desse espírito, representaram Itabuna e o cacau em suas telas. Dentre eles, alguns merecem destaque:

Walter Moreira – descendente do desbravador dessas terras, Félix Severino de Oliveira (Félix do Amor Divino), foi um apaixonado por sua região. Retratou a Itabuna do início do século XX com suas feiras, suas praças, suas ruas; o rio Cachoeira, com suas enchentes, suas lavadeiras, seus aguadeiros. Pintou as primeiras “buraras” (primeiras roças de cacau), a flor do cacau, o trabalhador rural, os homens nas barcaças (secadores de cacau) pisando o cacau. As boiadas levantando poeira na estrada. O indefectível palhaço, montado num jegue, seguido pela garotada. As lojas, o casario, a vegetação, os jardins. Enfim, retratou e pintou o corpo e a alma da terra grapiúna.

✓ Manoel Araújo – com técnica apurada e estilo próprio, sua pintura está voltada para a gente, a paisagem e a vida da região do cacau, mostrada com sua grandeza e seu sofrimento.

✓ Valdirene Borges – teve seus trabalhos expostos em vários países da África, Europa e América do Norte.

✓ Carlos Santal – retratou a história regional em seus quadros, dando destaque especial às mulheres.

✓ Célia Messias – sua temática mais importante é a natureza, expressa em flores, paisagens, com alternância de cores e sombras, passando aos seus quadro sua visão de vida.

✓ Agilson Cerqueira – adotou a escola modernista como sua inspiração, por considerá-la mais flexível à criação do artista.

✓ Carlos Alberto Alves de Moura (Carlos Makalê) – adotou a escola Surrealista Lírica Nordestina. Seu tema básico está centrado na figura humana, sempre usando cores carregadas.

✓ Alceu Pólvora – retratou a sociedade grapiúna com suas dualidades, dores, alegrias,

violência. Enviado a Genebra para um curso de pintura, foi considerado uma revelação do desenho contemporâneo.

✓ Kátia Brandão Asmar – há 12 anos pintando tecido e tela a óleo, tem como temática as flores que fazem parte do seu cotidiano. Adota técnica mista, predominando os tons pastéis.

✓ Edméa Leão e Tânia Franco - pintando a quatro mãos, usam o acrílico em tela e eucatex. Não adotam um estilo definido partindo dos florais para o moderno e abstratos e das cores pastéis para as vibrantes.

✓ Das várias escolas de pintura de Itabuna tem saído grande número de novos pintores revelando talentos até então desconhecidos. Muitos desses novos artistas buscam na pintura uma forma de lazer ou mesmo de terapia, o que só faz enriquecer nossa cultura.

✓ Na escultura, são muitos os artistas, podendo-se destacar, entre eles:

✓ Osmundo Teixeira Filho - santeiro, no estilo barroco; uma das maiores expressões artísticas do país e de reconhecimento internacional.

✓ Nina Rosa - pintora e ceramista. Em seus trabalhos imperam a leveza, cor e sensibilidade.

DANÇA

Itabuna conta com escolas de dança de vários estilos, tendo sido pioneiras as escolas La Chère e Adágio, que ministravam cursos de balé, jazz, além de ginástica. Atualmente, em Itabuna, funcionam as seguintes escolas:

✓ Ballet Tchu & Cia. – iniciou suas atividades em 1989, nas dependências do colégio Ação Fraternal de Itabuna (AFI), sendo dirigida por Cláudia Dória.

✓ Escola de dança Passo a Passo – foi fundada em 1988, pela bailarina Sogiane Enguer.

O objetivo inicial dessa escola foi o de levar a arte da dança a crianças carentes do bairro Conceição. A dança clássica deixa de ser algo elitista e passa a funcionar como um elemento de inserção social e de orgulho para muitas crianças. A escola é composta de crianças das várias classes sociais da cidade. A escola desenvolve um projeto com crianças em situação especial (síndrome de Down, autismo, surdez), como terapia, por recomendação médica.

A dança é uma arte milenar e é praticada por pessoas das mais diferentes idades e classes sociais, usada para louvor, festa, diversão, manifestação de alegria. Além disso, hoje é bastante procurada para condicionamento físico, como terapia e lazer. Para esse fim, surgiram as danças de salão, congregando homens e mulheres cujas idades variam de 17 a mais de 70 anos.

Em Itabuna, pode-se destacar a Academia de Dança de Salão, a AAG, criada em 1997 por Alexandro e Adriana Gama. Apresenta espetáculos criativos, com números de salsa, tango, samba, gafeira, forró e dança solta. A escola desenvolve, também, um trabalho junto a 90 crianças carentes, estudantes da rede pública.

Há, ainda, os grupos de dança para apresentação de shows, como: Cia. Paranóia de Dança Contemporânea; The Six Angels in the Legions, dirigido por Marcelo Lobo, que adota sapateado, *hip hop*, *break*, entre outros estilos.

ÓRGÃOS DE DIVULGAÇÃO DA CULTURA

O movimento cultural de Itabuna foi bastante intenso no período que vai de 1950 a 1980, considerada a época de ouro para o teatro e em razão do surgimento de grandes valores nos vários setores artísticos que souberam desenvolver um trabalho genuinamente

grapiúna. Surgiu o Grêmio Literário Arthur Sales, que congregava jovens em reuniões cívicas, apresentações musicais, lançamentos de livros de poetas regionais.

A década de 1970 foi de efervescência cultural, com a participação do CNPC (Conselho Nacional dos Produtores de Cacau) que destinava verbas ao desenvolvimento cultural, a fim de lançar artistas e escritores.

Para tornar possível a projeção dos valores artístico-culturais de Itabuna, promovendo seu talento, mobilizando a sociedade itabunense para prestigiar e a manter contato frequente com promoções artísticas e literárias, criou-se a SIC (Sociedade Itabunense de Cultura) e, de atuação mais ampla, o PACCE (Projeto Artístico Cultural Cacau Europa).

A SIC, fundada em 9 de janeiro de 1971, tinha como finalidade divulgar e incrementar as artes de um modo geral, patrocinando concertos, seminários de música e literatura, espetáculos teatrais, exposições de fotografias, pintura, escultura, bem como amparar jurídica, moral e materialmente os seus associados.

Vários eventos foram realizados pela SIC, como: a Noite Brasileira de Cultura, a Semana de Arte Brasileira, ocorridos anualmente, e a Primeira Semana de Arte e Cultura, coordenada pelas professoras Gladys Almeida e Ana Maria Edelweiss. Com o tema Folclore e Motivação Grapiúna, essa semana de arte teve a participação de várias escolas atuando nas diversas oficinas criadas em praça pública.

A SIC teve uma direção dinâmica formada inicialmente por Orlando Mattos, Robert Berbert, Gladys Almeida, Eduardo Anunciação, Renart Menezes, Maria Tereza Oliveira.

Faziam parte dos objetivos da SIC desenvolver os sentimentos de solidariedade de seus associados, conjugar esforços para a solução dos problemas comuns, desenvolver e

cultivar a cultura artística. A sociedade era mantida pela contribuição dos sócios, doativos de empresas e subvenções dos poderes públicos.

A SIC, em convênio com a Secretaria de Turismo e em parceria com a Escola de Música de Itabuna, através do Dr. Orlando Mattos, concluiu, em dezembro de 1977, a primeira etapa do curso de Artes Dramáticas, com a pretensão de que fosse o embasamento para a fundação da escola de teatro de Itabuna.

O PACCE foi fundado em 1974, numa promoção do Conselho Consultivo dos Produtores de Cacau (CCPC, hoje CNPC), CEPLAC, ICB (Instituto de Cacau da Bahia) e Cooperativa Central do Cacau Resp. Ltda., com o objetivo central de divulgar os valores artísticos da Região Cacaueira, a partir de uma exposição coletiva em países da Europa.

Com um posicionamento de ampliação, o PACCE tornou-se Projeto de Atividades Culturais Cacau, com os seguintes objetivos:

- Localizar, incentivar e promover os valores artísticos da região cacaueira;
- Realizar investimentos no campo cultural, em âmbito regional;
- Dinamizar a vida cultural sul-baiana.

Através do PACCE foram editados trabalhos literários, incluindo antologias poéticas e de ficção, de autores regionais, com versão para outros idiomas.

Com a institucionalização da CEPLAC, na década de 1980, os incentivos à cultura foram desaparecendo e a efervescência foi diminuindo, chegando a níveis de desinteresse pelas manifestações artísticas, sendo desativado o PACCE e, conseqüentemente, a SIC.

Pouca coisa foi feita pela cultura de Itabuna na década de 1980. Alguns movimentos se iniciavam mas não evoluíam; faltava incentivo por parte dos poderes públicos, porém,

mesmo assim, muitos poetas e escritores superaram as dificuldades e foram projetados internacionalmente, como: Telmo Padilha, Cyro de Mattos, Hélio Pólvora e Dimas Braga.

Em 15 de setembro de 1989, aconteceu o I Encontro de Dirigentes de Cultura promovido pelo então Secretário de Cultura de Itabuna, Selem Rachid Asmar, sendo publicada a Carta de Itabuna, onde foram expressas genericamente as aspirações dos encontristas, qual eram valorização da cultura, promoção e estímulo a todas as manifestações culturais, resgate da memória histórica e cultural do município, entre outras. Alguns anos se passaram e o ideal dessa carta foi posto de lado sem que fossem cumpridas as suas aspirações.

Em 30 de outubro de 1992, foi criada a SARTE (Sociedade dos Artista Plásticos do Sul da Bahia), com o objetivo de criar uma nova consciência cultural, bem como implantar programas de expansão das atividades plásticas em Itabuna e Região; promover intercâmbios e projetos de manifestações em defesa do patrimônio artístico e cultural do Município e da Região; criar curso de arte; realizar seminários e exposições plásticas. Inicialmente a diretoria foi formada por Sérgio Ramos (presidente), Valdirene Borges, Célia Messias, Nina Rosa, Paulo Cardoso, Carlos Santal e Antonio Bispo. No momento, é presidente do SARTE a pintora Célia Messias.

O Dia da Cultura, 05 de novembro, é sempre comemorado pelo SARTE com eventos como exposição coletiva.

Com a criação da Fundação Itabunense de Cultura e Cidadania (FICC), em 2001, no governo de Geraldo Simões, Itabuna passou a vivenciar nova realidade cultural.

A FICC, criada por lei municipal, tem como um dos seus objetivos incentivar a cultura local no que se refere à música, literatura, teatro e dança, descobrir novos valores e promover lançamento de livros e CDs, de artistas e autores itabunenses.

Através da cultura levada à população carente com o projeto Dançar é Vida, Grupo de Dança Alma Gapiúna e Escola de Novos Talentos, procura-se desviar os jovens das atividades marginais promovendo sua auto-estima e facilitando o exercício da cidadania.

A condutora do processo de criação da FICC foi a professora Rita Dantas que, à frente da Fundação, elaborou um programa para incentivar as mais variadas manifestações culturais.

Em agosto de 2002 foi realizada a I Semana de Arte e Cultura Gapiúna, no Centro Cultural Adonias Filho, promovido pelo Jornal Agora, ocasião em que se recriou o que há de mais expressivo na produção artística regional em artes plásticas, pintura, atores de grupos de dança e canto.

Como se pode observar, as manifestações artísticas e culturais sempre foram uma marca forte do povo de Itabuna. Teatros surgem e desaparecem, espaços para manifestações do talento e da criatividade vêm e vão, mas a busca pela perfeição, o profissionalismo e o amor à arte fazem parte da alma itabunense e, por isso, estão sempre inquietos, buscando extrapolar os muros da individualidade e colocar para fora o que vai na alma de cada um e do povo desta terra do cacau. É muito importante o incentivo às manifestações artísticas e culturais, pois elas são o termômetro da memória e do crescimento de um povo, no que vai além da materialidade.

SÍMBOLOS DE ITABUNA

Bandeira e escudo

O principal símbolo de um país, estado ou município é a bandeira. Suas cores e seus desenhos fazem-nas diferentes umas das outras, podendo-se, através delas, identificar o que representam.

A primeira bandeira e o primeiro escudo de Itabuna foram criados pela resolução nº 46, de 14 de julho de 1958, da Câmara de Vereadores, num trabalho apresentado pelo professor Plínio de Almeida e desenho do pintor Walter Moreira, com os seguintes significados:

Escudo - Brasão tipo francês com quatro quartéis separados por uma faixa cor de ouro. No primeiro quartel, lado esquerdo, parte superior em fundo azul claro, o símbolo diagonal da bandeira da Bahia; no quartel do lado superior direito em fundo prata, um fruto de cacau; no quartel inferior esquerdo em fundo branco, um podão de cabo preto e lâmina azul; no quartel inferior direito, em fundo azul púrpura, cinco estrelas, em prata (um dos símbolos da bandeira de Sergipe), em homenagem aos desbravadores sergipanos. Ornando o escudo, um ramo de café e outro de cacauzeiro, ambos com frutos, entrelaçados em uma lâmina de podão.

Bandeira - Tem um campo branco com duas listras em sentido horizontal, cor azul rei. Ao lado esquerdo, parte superior, um quadrado perfeito debruado de amarelo ouro, com o escudo sem os ramos de cacau e café.

Quando esses símbolos foram aprovados, em 1958, todos acharam que a história de Itabuna estava neles devidamente representada. Eles simbolizavam a riqueza, a produção da nossa

economia, a luta pelo desbravamento.

Em maio de 1960, o prefeito José de Almeida Alcântara, sob alegação de que a bandeira e o escudo anteriores, “embora ricos em matéria de história, eram muito pobres em assuntos de heráldica”, solicitou do Poder Legislativo a aprovação da mudança que mandara fazer nos símbolos, pelo Frei Paulo, da Ordem dos Beneditinos, em Salvador, afirmando ser o frade “a maior autoridade em assuntos de heráldica no Brasil”. O Legislativo, pela lei n.º 457, de 4 de maio de 1960, aprovou a mudança, conforme consta no Jornal Oficial do Município de Itabuna.

O segundo Escudo - Formado por um campo amarelo e três pedras com os mesmos significados descritos na bandeira; no alto, quatro torres significando o símbolo da cidadania e em baixo o lema em latim: *Merces Laborum Suorum*, significando: “a recompensa de seus trabalhos”, em homenagem ao heroísmo e ao labor dos pioneiros.

A segunda Bandeira - Formada por um campo amarelo que significa a riqueza do município. As três pedras em hexagonal, lapidadas (5 faces pretas e uma cinza) lembram a etimologia do nome da cidade ao tempo em que também simboliza progresso e civilização.

Constata-se que o formato da bandeira não foi respeitado conforme o descrito na Lei. Ela foi confeccionada de forma retangular e com as três pedras numa posição que até hoje tem causado grande polêmica.

Em pesquisa realizada no Arquivo Municipal e Câmara de Vereadores de Itabuna, não foi encontrado o projeto enviado por Frei Paulo descrevendo a bandeira e o escudo com

o respectivo croqui. O projeto de Lei 45/60, que foi transformado na Lei nº 457 de 4/5/1960, não se refere à posição das referidas pedras. Desde o primeiro momento, a bandeira se apresenta de forma retangular com as três pedras colocadas no centro, formando a figura de uma pirâmide invertida, isto é, com a base para cima. Assim permaneceu durante os quarenta anos de instituída. O escudo, com as pedras na mesma posição, foi usado como logomarca nos papéis oficiais na Câmara dos Vereadores. Os livros publicados nas décadas de 1960 e 1970 também assim o representavam.

Em 1983, numa reunião do Rotary

Clube de Itabuna, Adelindo Kfoury alerta para a distorção havida na bandeira quanto ao formato e à posição das pedras que, segundo a entrevista feita com Frei Paulo, deveriam ser dispostas em forma de pirâmide, isto é, “em forma de um triângulo equilátero, com base para baixo, e o que seria um vértice, na parte de cima” (SILVEIRA, 2002 p. 209).

Erros sucessivos foram acontecendo, o que demonstra a falta de sensibilidade e respeito ao símbolo maior, representativo da cidadania de um povo.

Em 1993/1994, a logomarca dos papéis oficiais da Câmara dos Vereadores foi alterada, colocando-se o escudo no desenho de uma

Jornal Oficial

MUNICIPIO DE ITABUNA
ESTADO DA BAHIA

ANO XXVIII — 70 da República — N. 1444

Sábado, 14 de Maio de 1960

Atos do Poder Executivo

LEI N. 457, de 4 de Maio de 1960

EMENTA: Fica Reformado o Brazão de Armas e a Bandeira do Município de Itabuna.

O Prefeito Municipal de Itabuna faço saber que a Câmara de Vereadores decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Artigo 1º — Fica reformado o Brazão de Armas do Município de Itabuna, constante de um escudo de ouro, com três pedras pretas, lapidadas em seis facetas, tendo por insígnias uma coroa mural com quatro torres de prata e o lema «MERCES LABORUM SUORUM», ouro num listel preto.

Artigo 2º. — E' criada, também, a Bandeira do Município de Itabuna em quadrado perfeito de uada em preto e ouro, com o fundo onde estão engravadas as três pedras pretas de que trata o artigo anterior.

Artigo 3º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Registre-se, publique-se e cumpra-se.

Gabinete do Prefeito Municipal de Itabuna, em 4 de maio de 1960.

José de Almeida cantara — Prefeito
Plínio de Almeida — Secretário.

JORNAL OFICIAL
EDIÇÃO DE HOJE, 10 PAGINAS
CIRCULA AOS SABADOS
— REVISÃO A CARGO DA SECRETARIA —

Portaria N. 3.000

O Prefeito Municipal de Itabuna, no uso de suas atribuições legais e atendendo à solicitação que lhe foi dirigida pelo sr. Secretario da Viação e Obras Públicas, resolve pôr à disposição daquela Secretaria pelo prazo de um ano, a Professora Municipal Srta. Cyane Santos Almeida.

Registre-se, publique-se e cumpra-se.

Gabinete do Prefeito Municipal de Itabuna, em 5 de maio de 1960.

José de Almeida Alcantara — Prefeito
Plínio de Almeida — Secretário.

JUIZO ELEITORAL DA 28ª ZONA DA
COMARCA DE ITABUNA
EDITAL

casa. Em 1997/1998, nas placas utilizadas nos gabinetes de Vereadores, as três pedras estão em forma de pirâmide, ao contrário do que vinha sendo utilizado até o momento. Admitindo-se erro da gráfica, foram utilizadas assim mesmo. Enquanto isso, o escudo de bronze que adorna a entrada da Câmara dos Vereadores está com as três pedras invertidas.

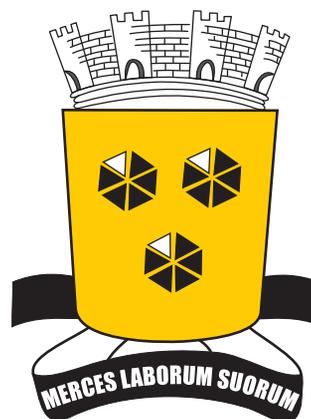
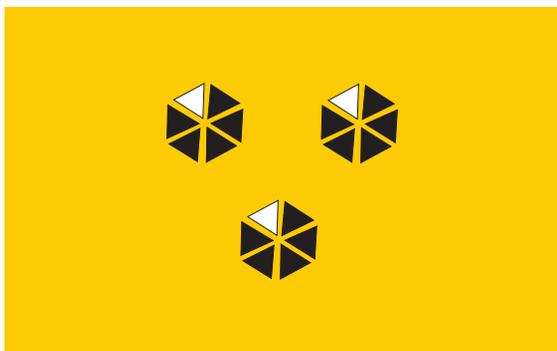
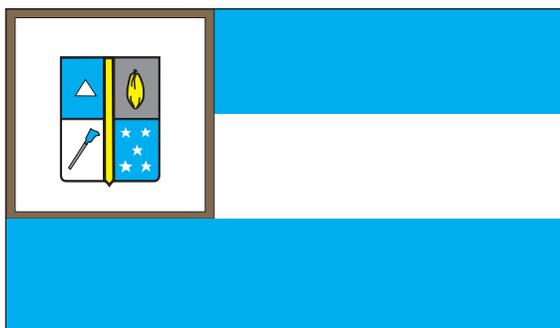
Ainda mais: em julho/agosto de 1996, o Jornal Agora Documento, página 13, quando se refere aos Símbolos de Itabuna, apresenta o escudo com as três pedras invertidas e a bandeira com as mesmas em forma de pirâmide; numa publicação feita pela CEPLAC em

julho de 1997 a bandeira é apresentada com outra distorção, isto é, as três pedras são colocadas no canto esquerdo da bandeira e o campo é em listas amarelas degradê.

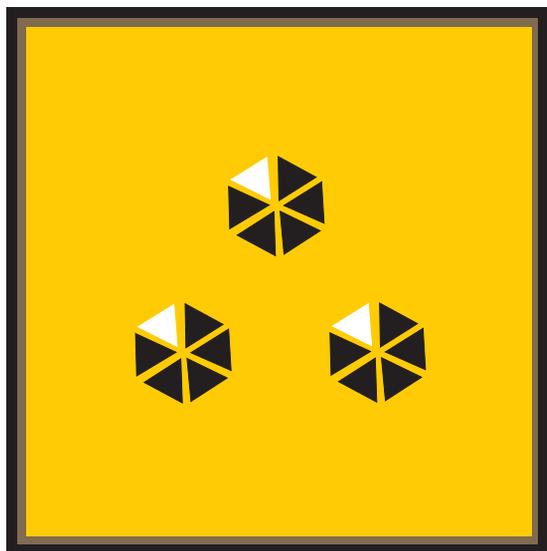
Cabe única e exclusivamente à Câmara dos Vereadores a discussão sobre a verdadeira bandeira de Itabuna, determinando seu formato e a posição das três pedras, lembrando que a Lei deve ser respeitada e cumprida conforme sua publicação no Diário Oficial.

Os símbolos de um lugar não podem ser modificados ao sabor de erros ou de interesses pessoais, para que possam infundir nos cidadãos o respeito e o amor por sua terra.

Escudos e bandeiras de Itabuna*



Como deveriam ser os Símbolos de Itabuna



Segundo o Artigo 2º da Lei nº 457 de 4 de maio de 1960, a Bandeira do Município de Itabuna é um quadrado perfeito debruado em preto e ouro, com fundo amarelo onde estão encravadas as três pedras.



O fundo amarelo significa a riqueza do Município; as três pedras em hexagonal lembram a etimologia do nome da cidade e as quatro torres simbolizam a cidadania.

* KFOURY, Adelino. *Itabuna, Minha Terra*, 2 ed. 2002.

Hino a Itabuna

Letra: Nicolau Midlej

Música: Joel Carlos

Às margens do Cachoeira
Nossa cidade surgiu
Com o nome de Tabocas
Hoje Itabuna querida
Tem renome no Brasil

Sua fonte de riqueza
No estado é sem rival
E muito breve terá
Inteirando sua beleza
Grande parque industrial

Itabuna é feliz
Possui soberania
Seu progresso bem traduz
O que em palavras diria
Oh! Rainha da Bahia

Os seus filhos cantarão
Garbosos e altaneiros,
E até seu hino de Glória
Que bem conta sua história
Meu rincão bem brasileiro.

The image displays a musical score for the hymn 'Hino a Itabuna'. It consists of 12 staves of music, all written in treble clef. The key signature is B-flat major (two flats: B-flat and E-flat). The time signature is common time (C). The notation includes various rhythmic values such as quarter, eighth, and sixteenth notes, as well as rests. There are some performance markings, including a double bar line with a repeat sign and a star symbol at the end of the seventh staff, and a fermata over the final note of the twelfth staff.

MUSEU CASA VERDE

O museu Henrique Alves, mais conhecido por Casa Verde, está localizado à rua Miguel Calmon, 135, no local do primeiro núcleo residencial da cidade. A implantação do museu surgiu a partir de um levantamento dos bens do coronel Henrique Alves dos Reis (1861 - 1942), deixados por ele a seus descendentes. Os olhos penetrantes e vivazes do coronel Henrique Alves no retrato a óleo toda a indumentária do coronel, seus fraques, sua casaca, cartolas, bengalas e todo o seu fardamento ali são expostos, protegidos por armários de vidro, a louça Limoges, os cristais Bacarat, as jarras de porcelana francesa e alemã, o filtro francês Pasteur.

O museu foi importante empreendimento cultural da cidade, onde foram reconstituídos os costumes e a época de uma das fases mais importantes da história regional. De uma época em que a riqueza proveniente da cacauicultura permitia a importação de objetos e um requintado padrão de vida. Os aspectos arquitetônicos e a mesma cor (verde) da casa construída em 1887 foram mantidos, não apenas por uma questão de bom gosto, de estética, mas significando a preferência política de seu proprietário, de convicção integralista. A cor verde era, portanto, o signo que representava sua ideologia, suas convicções políticas.

A inspiração para a abertura do museu foi transmitida a Romilda Nobre em 1974 por sua mãe Elvira dos Reis Moreira, que era a única filha do líder político coronel Henrique Alves dos Reis e esposa de Miguel Moreira, também líder político na década de 1940 e 1950. Esse empreendimento representou uma

tentativa importante para resgatar a memória e o passado histórico de Itabuna. Encontram-se nele peças e indumentárias do século XIX e início do século XX, que pertenceram ao coronel Henrique Alves e à sua família. O museu conserva com rigor histórico o que foi a morada dos últimos coronéis do cacau. A casa exhibe a valiosa mobília de madeira trabalhada, mandada buscar em Portugal e na Áustria, estilo Luiz XV, cristais Bacarat, peças em prata e porcelana fina importadas da Inglaterra, aparelhos de jantar e café, de Limoges, conjunto de talheres de Cristhofes, objetos de porcelana chinesa, rica coleção de *biscuits* franceses, além de armas, acessórios de montaria, uniforme de oficial da Guarda Nacional concedido por Getúlio Vargas, chapéus, jóias, leques e vestidos de d. Cordolina Loup, esposa de Henrique Alves. Tudo organizado com muita sofisticação, requinte e bom gosto, retratando uma época áurea, chamada civilização do cacau, liderada pelos coronéis.

O museu foi criado em 19 de maio de 1974 para que nele se perpetuasse a memória regional e resgatasse parte significativa da vida de Itabuna e de uma de suas mais ilustres personagens, o coronel Henrique Alves dos Reis.

Tendo como mantenedora a fundação Henrique Alves e como presidente vitalício, Romilda Nobre, até 1990, quando foi fechado, era utilizado como núcleo de pesquisa e consulta, além de haver, diariamente, visitaçã pública por parte de estudantes, turistas, pessoas da comunidade em geral, pois nele se podia rever uma vida de fausto e riqueza de uma época que ficou no passado. Por falta de convênio que garantisse os recursos,

permaneceu fechado de 1990 a 2001, período em que a fundação passou por graves problemas financeiros, não recebendo ajuda por parte do poder público.

Foram feitos vários movimentos entre os intelectuais, artistas, empresários e a população em geral para que o museu não fosse fechado. A vontade política, porém, não foi forte o bastante para evitar o fechamento de um espaço onde se podia viajar por um tempo que só estava na memória dos mais velhos. Uma das participantes de um desses movimentos, a poeta Genny Xavier, desabafou: “Como fazer a história se destróem nossos espaços, rasgam nossas fotos, deixam as traças comerem nossos livros? Fechar o museu (...) nada mais é que nos passarem um atestado de incompetência e burrice”.

O museu Casa Verde, símbolo de uma época de poder, riqueza e estilo de vida de uma classe social privilegiada, esteve com suas portas fechadas ao público até o dia 14 de dezembro de 2001. Graças ao convênio firmado entre a Universidade Estadual de Santa Cruz e a Fundação Henrique Alves, nesse mesmo ano, o Centro de Documentação e Memória Regional - CEDOC assumiu a administração do

Museu Casa Verde, reativando-o e disponibilizando-o ao público de acordo com os conceitos desenvolvidos pela museologia, segundo o trabalho desenvolvido pela Professora Janete Macedo Ruiz, coordenadora do CEDOC.

No museu estão também guardados documentos valiosos sobre a memória política da cidade, como, por exemplo, vários números do primeiro jornal da cidade, *O Intransigente*, cuja primeira página, do primeiro número, impresso em seda pura, ali se encontra exposta.



Foto 45: Museu Casa Verde

SANTA CASA DE MISERICÓRDIA - UMA INSTITUIÇÃO FILANTRÓPICA

As associações filantrópicas são uma consequência dos sentimentos de solidariedade humana para com os necessitados. É uma ação caritativa, contando com elementos da

classe alta e média.

As principais associações filantrópicas de Itabuna são: Senhoras de Caridade, que trabalham levantando recursos para o abrigo São

Francisco, Maçonaria, APAE, Caritas Diocesana, Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, que administra os hospitais Calixto Midlej e Manoel Novaes, entre outros.

Destacamos a Santa Casa de Misericórdia pelo seu valor histórico e humanístico e por vir acompanhando a história de Itabuna, já que, apenas sete anos após a emancipação da cidade, ela foi fundada.

A idéia de criação da Santa Casa de Misericórdia partiu do Monsenhor Moisés Gonçalves do Couto, chegado à Itabuna por ocasião da criação do Curato de São José, a 27 de fevereiro de 1908.

Com aproximadamente trinta mil habitantes em 1916, grassava em Itabuna casos de febre tifóide, disenterias e outras doenças endêmicas. As precárias condições de saneamento levavam também a altas taxas de mortalidade. Era importante oferecer à população, principalmente à carente, assistência médica e hospitalar.

Convidadas pessoas importantes da cidade, a 4 de julho de 1916, foi realizada, na casa paroquial, a primeira reunião visando à construção de um hospital para o que seria criada a Fundação da Santa Casa de Misericórdia,

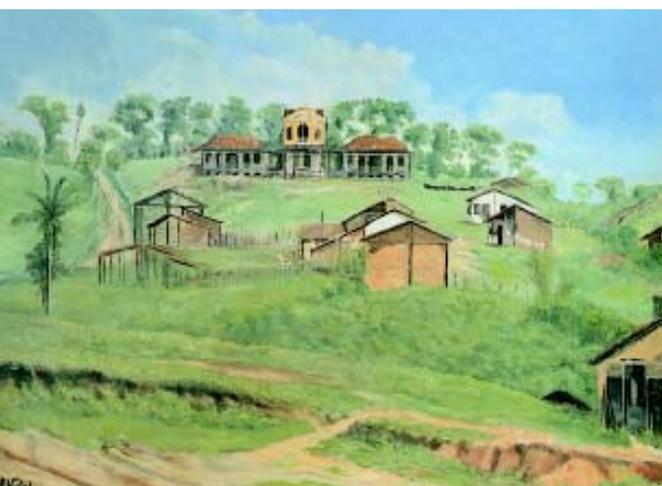
instituição filantrópica, nos moldes das já criadas no Brasil desde 1543.

A Santa Casa foi fundada no dia 28 de fevereiro de 1917, iniciando em maio do mesmo ano a construção do hospital e de um cemitério. Funcionando precariamente por alguns anos, a inauguração oficial do hospital se deu no dia 07 de setembro de 1925.

Monsenhor Moisés foi o primeiro Provedor da Santa Casa, tendo sido reeleito várias vezes.

Hoje, a Santa Casa exerce um papel relevante no atendimento médico hospitalar para toda a região sul da Bahia, com dois hospitais: o Calixto Midlej (ex - Santa Cruz) com 179 leitos, e o Manoel Novaes, com 250 leitos, onde são encontrados todos os serviços de diagnóstico e terapêutica, com aparelhos modernos como tomografia computadorizada, densitometria óssea, videolaparoscopia, radioterapia e quimioterapia, entre tantos outros serviços, além do banco de sangue.

O setor de saúde é o que mais cresce e se destaca em Itabuna, o que acabou dando suporte ao primeiro curso de Medicina do interior baiano, criado pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).



Revista Médica

Lurdes Bertol

Foto 46: Santa Casa de Misericórdia - Hospital Santa Cruz - em 1925



Foto 47: Hospital Calixto Midlej (ex-Santa Cruz), 2003

CALENDÁRIO HISTÓRICO

Maria Palma Andrade

- ✓ **CALENDÁRIO HISTÓRICO DE ITABUNA**
- ✓ **INTENDENTES E PREFEITOS**
 - ✓ Intendentes
 - ✓ Prefeitos
- ✓ **FOTOS DE BUSTOS DE PERSONALIDADES DA HISTÓRIA DE ITABUNA**
- ✓ **FIGURAS DE ITABUNA E A POESIA DE CYRO DE MATTOS**

8

CALENDÁRIO HISTÓRICO DE ITABUNA

Foram muitos os momentos importantes da história de Itabuna. Os mais significativos, porém, estão relacionados no quadro abaixo:

Quadro 17: Momentos Significativos da História de Itabuna

1815	<ul style="list-style-type: none">· Maximiliano Alexandre Felipe, príncipe alemão e naturalista, Visita a região.
1817	<ul style="list-style-type: none">· Os cientistas holandeses Von Spix e Von Martius passam por Ferradas estudando a Mata Atlântica.
1857	<ul style="list-style-type: none">· Félix Severino do Amor Divino e Manoel Constantino constroem na margem direita do Rio Cachoeira a primeira casa que daria origem ao povoamento do que seria a cidade de Itabuna.
1867	<ul style="list-style-type: none">· Com a chegada de José Firmino Alves a essas terras, dá-se início ao Arraial de Tabocas.
1874	<ul style="list-style-type: none">· É instituída a freguesia D. Pedro de Alcântara (Ferradas), pertencente à colônia de São Jorge de Cachoeira de Itaúna.
1904	<ul style="list-style-type: none">· Inaugurada a Primeira Agência dos Correios.
1905	<ul style="list-style-type: none">· Na vila de Tabocas é realizado o serviço de aterro e calçamento da praça Adami.· Criado o 1º jornal - O Itabuna.
1906	<ul style="list-style-type: none">· O distrito de Tabocas é desmembrado do município de Ilhéus e criado o município e termo de Itabuna (emancipação).
1907	<ul style="list-style-type: none">· Fundação da União Comercial de Itabuna.
1908	<ul style="list-style-type: none">· É empossado o primeiro intendente do município, engenheiro Olinto Leone.

Continua...

Quadro 17: Continuação

1910	<ul style="list-style-type: none">· Através da Lei Estadual 807, a vila de Itabuna é elevada à categoria de cidade (pelo então governador, João Ferreira de Araújo Pinho).· Instalação solene do Conselho Municipal presidido pelo coronel Tertuliano Guedes de Pinho.
1911	<ul style="list-style-type: none">· Chega em viagem experimental, o 1º trem de ferro vindo de Ilhéus.
1912	<ul style="list-style-type: none">· Instalado o Tiro de Guerra 473.· Nascimento de Jorge Amado, em Ferradas.
1913	<ul style="list-style-type: none">· Inauguração da primeira Igreja matriz de São José, na praça Olinto Leone.· O curato de São José de Itabuna foi elevado à categoria de Freguesia.
1914	<ul style="list-style-type: none">· Grande enchente do rio Cachoeira, a primeira do século XX.
1916	<ul style="list-style-type: none">· Inaugurado o Serviço de Luz e Força pelo intendente Fonseca Dórea.
1917	<ul style="list-style-type: none">· Fundação da Santa Casa de Misericórdia e início da construção do Hospital Santa Cruz e do cemitério.
1918	<ul style="list-style-type: none">· Inauguração do Ideal Cinema.
1921	<ul style="list-style-type: none">· Surge o primeiro clube de futebol, o Esporte Clube Ipiranga.
1923	<ul style="list-style-type: none">· Inauguração do Colégio São Vicente de Paulo sob a direção do cônego Amâncio Ramalho.
1924	<ul style="list-style-type: none">· Inauguração do Colégio Divina Providência.· Fundação do Esporte Clube São José.· Fundação do primeiro estabelecimento de crédito, Banco Rural de Itabuna.
1925	<ul style="list-style-type: none">· Inauguração do cemitério Campo Santo e da Filarmônica Euterpe Itabunense.· Inauguração do Hospital Santa Cruz
1927	<ul style="list-style-type: none">· Inauguração do Banco do Brasil

Continua...

Quadro 17: Continuação

1928	<ul style="list-style-type: none">· Inauguração da estrada de rodagem ligando Itabuna a Ilhéus, pelo governador do estado Francisco de Góes Calmon.· Inauguração da ponte Góes Calmon sobre o rio Cachoeira, ligando o Centro ao bairro Conceição.
1930	<ul style="list-style-type: none">· Fundação da Liga Itabunense de Desportos Atlético.
1931	<ul style="list-style-type: none">· Inauguração da estrada de rodagem ligando Itabuna ao distrito de Macuco (Buerarema).
1932	<ul style="list-style-type: none">· Instalação da Agência do Instituto de Cacau da Bahia.
1933	<ul style="list-style-type: none">· Fundação da Companhia Viação Sul Baiano (SULBA).· Inauguração da casa de Saúde e Maternidade Dr. Alcício de Queiroz.
1935	<ul style="list-style-type: none">· Instalação da Agência da Caixa Econômica Federal.· Inauguração do prédio escolar Lúcia de Oliveira, pelo então governador Juracy Magalhães.
1936	<ul style="list-style-type: none">· Criada a Câmara de Vereadores pela Lei n.º 42, de 24/0.
1937	<ul style="list-style-type: none">· Inauguração do serviço de água e esgotos pelo prefeito Claudionor Alpoim.
1938	<ul style="list-style-type: none">· Inauguração do cinema Glória, na travessa Paulino Vieira.
1940	<ul style="list-style-type: none">· Inauguração do Cine Teatro Itabuna, na rua Ruffo Galvão.· Abertura de estradas rurais pelo Instituto de Cacau da Bahia (ICB).
1941	<ul style="list-style-type: none">· Surge o Rotary Club de Itabuna, sob a presidência de Francisco Ferreira da Silva
1943	<ul style="list-style-type: none">· Inicia-se o movimento para a construção da matriz São José, coordenado por Laura Conceição.· Inauguração da ponte Antônio Lacerda ou da Mangabinha.
1945	<ul style="list-style-type: none">· Fundação da Associação Rural de Itabuna.
1946	<ul style="list-style-type: none">· Fundação do Grapiúna Tênis Clube.

Continua...

Quadro 17: Continuação

1947	<ul style="list-style-type: none">· Inauguração da Ação Fraternal de Itabuna, fundada por d. Amélia Amado.
1950	<ul style="list-style-type: none">· Fundação da União dos Estudantes Secundaristas de Itabuna (UESI).· Inauguração da Fundação do Serviço Especial de Saúde Pública (FSESP).
1952	<ul style="list-style-type: none">· Inauguração do campo de pouso Tertuliano Guedes de Pinho.
1954	<ul style="list-style-type: none">· Surge o Lions Club de Itabuna, tendo como seu presidente dr. Lafaiete Veloso.
1957	<ul style="list-style-type: none">· Instalação da Rádio Clube de Itabuna ZYN-28.· Criação da CEPLAC.· Inauguração da ponte Miguel Calmon ou do Marabá.
1958	<ul style="list-style-type: none">· Criada a primeira Bandeira e o Escudo de Itabuna.· Fundada a Telesul, por empresários locais, para instalação dos primeiros 1000 telefones.
1960	<ul style="list-style-type: none">· Inauguração da Rádio Difusora Sul da Bahia, ZYN - 35.· Comemoração do Cinqüentenário de Itabuna.· Fundação da Faculdade de Filosofia de Itabuna (FAFI).· Criada a segunda Bandeira e o Escudo de Itabuna.
1962	<ul style="list-style-type: none">· Iniciado o serviço de Transporte Coletivo.
1963	<ul style="list-style-type: none">· Inauguração da Rádio Jornal de Itabuna, ZYN - 41.· Início da construção da barragem sobre o leito do rio Cachoeira.
1967	<ul style="list-style-type: none">· A catastrófica enchente do rio Cachoeira.
1973	<ul style="list-style-type: none">· Inauguração do Estádio Luís Viana Filho.· Conclusão do cais nas margens do rio Cachoeira.· Inauguração da avenida Firmino Alves.
1974	<ul style="list-style-type: none">· Criação da Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna (FESPI).
1975	<ul style="list-style-type: none">· Criação do Centro Industrial de Itabuna (CITA), segundo a Lei n.º 1035 de 11/06/75.
1976	<ul style="list-style-type: none">· Inauguração do Centro Administrativo de Itabuna, na gestão de José Oduque Teixeira, na praça José Bastos.

Continua...

Quadro 17: Continuação

1978	<ul style="list-style-type: none">· A Diocese de Itabuna foi desmembrada de Ilhéus, sendo criada pelo Papa João Paulo II, em 07/11. A Matriz São José passou a ser a catedral. Sua jurisdição é integrada por 22 municípios. Seus bispos foram dom Homero Leite Meira, dom Eliseu Maria Gomes de Oliveira, dom Paulo Lopes de Faria e o atual, dom Ceslau Estanula.
1980	<ul style="list-style-type: none">· Inauguração da Vila Olímpica
1983	<ul style="list-style-type: none">· Inauguração do Espaço Cultural Josué Brandão.
1985	<ul style="list-style-type: none">· Inauguração das avenidas Aziz Maron e Mário Padre.
1986	<ul style="list-style-type: none">· Inauguração do Centro de Cultura Adonias Filho.
1987	<ul style="list-style-type: none">· Instalação da TV Cabrália.· Inauguração da ponte Calixto Midlej.
1988	<ul style="list-style-type: none">· Instalação da TV Santa Cruz.
1990	<ul style="list-style-type: none">· Estadualização da FESPI com a denominação de Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).· Entra em crise a lavoura cacaeira, atacada pela vassoura-de-bruxa.
1997	<ul style="list-style-type: none">· Instalação do Corpo de Bombeiros.
1998	<ul style="list-style-type: none">· Inauguração da duplicação da avenida José Soares Pinheiro, atual Antônio Carlos Magalhães.
1999	<ul style="list-style-type: none">· Inauguração do Anel Rodoviário e do Viaduto Paulo Souto.· Inauguração do Hospital de Base Luís Eduardo Magalhães.· Instalação do SAC (Serviço de Atendimento ao Cidadão).· Inauguração do Instituto de Medicina Nuclear -IMEN· Duplicação da ponte Antônio Lacerda (São Caetano), rebatizada com o nome de César Borges.· Mudança da sede da Prefeitura para o Centro Administrativo Firmino Alves, na avenida Princesa Isabel.
2000	<ul style="list-style-type: none">· Inauguração do Jequitibá Plaza Shopping.
2002	<ul style="list-style-type: none">· Ampliação do serviço de água.· Inauguração da praça Rio Cachoeira com parque Poliesportivo.

Fonte: Jornal Agora, Banda B, 28 de julho de 2000, atualizado por Maria Palma Andrade.

INTENDENTES E PREFEITOS

A partir do momento em que Itabuna passou a ter importância política regional (1906) foi necessário ter seus próprios administradores, que, inicialmente, eram os intendentess, correspondendo aos atuais prefeitos. A seguir, serão apresentados os intendentess e prefeitos, em ordem cronológica, até o momento atual (2004).

Intendentess

Olinto Baptista Leone 1906 a 1908

Olinto Leone, engenheiro, foi o primeiro Intendente do município. Assumiu o cargo em 1º de janeiro de 1906. Suas principais obras foram o alinhamento e novo calçamento de ruas para modernizar o visual urbano da cidade. Era rigoroso e não permitia novas construções sem a planta arquitetônica devidamente aprovada. Após dois anos de muito empenho, dedicação e trabalho, ficou seriamente doente. Licenciou-se do cargo e veio a falecer em 28 de fevereiro de 1912, sem ter voltado a assumir a intendência.

Firmino Ribeiro de Oliveira 1908 a 1912

Firmino Ribeiro de Oliveira assumiu a intendência em lugar de Olinto Leone durante seu tratamento de saúde, já que era o presidente do Conselho Municipal. Apenas administrou o setor de contabilidade e manutenção da Intendência.

Antônio Gonçalves Brandão 1912 a 1915

Com a morte do engenheiro Olinto Leone, a intendência passou a ser ocupada por Antônio Gonçalves Brandão, indicado pelo governador J. J. Seabra. Durante sua administração implantou o serviço de iluminação pública a acetileno e deu continuidade aos trabalhos iniciados pelo ex-titular. Em 1914, devido a uma grande enchente do rio Cachoeira, grande parte da vila sofreu estragos, o que fez com que a intendência redobrasse os trabalhos nas obras de recuperação de toda a parte atingida. A sua obra mais conhecida foi a construção da Praça Adami e calçamento das principais ruas do Centro da cidade.

Manoel da Fonseca Dórea 1915 a 1918

Manoel da Fonseca Dórea foi o terceiro intendente e o primeiro gestor de Itabuna, quando, recém elevada à categoria de município. Inaugurou o serviço de iluminação elétrica fornecido pela Companhia Luz e Força. Fez obras de saneamento e pavimentação de ruas.

Adolfo Leite 1918 a 1920

A escolha do quarto intendente deu-se pelo voto direto nas eleições de janeiro de 1918. Adolfo Leite realizou o calçamento de ruas principais e transversais, destacando-se a travessa que leva seu nome.

José Kruschewsky **1920 a 1924**

José Kruschewski, também eleito pelo voto direto, fez um bom governo. Construiu a ponte Dois de Julho (que ligava a rua Miguel Calmon ao bairro Taboquinha-atual rua Barrão do Rio Branco), calçou ruas e iniciou a pavimentação de ruas com paralelepípedos, construiu a feira livre da praça Getúlio Vargas.

Gileno Amado **1924**

Sexto intendente, Gileno Amado foi eleito pelo voto popular através de campanha muito prestigiada pelo povo, uma vez que chefiava a política local na época. Assumiu em 1º de janeiro de 1924 e, em 20 de março do mesmo ano, decidiu entregar o cargo para disputar as eleições para deputado.

Laudelino Lorens **1924 a 1926**

O advogado Laudelino Lorens assumiu a intendência em lugar de Gileno Amado. Sua escolha para substituir Gileno Amado se deu em razão de exercer o cargo de presidente do Conselho Municipal. Realizou um trabalho dinâmico e moderno, transformando a cidade em um canteiro de obras. Construiu o cemitério Campo Santo, fez o alargamento da rua Domingos Lopes (hoje avenida Duque de Caxias), construiu o jardim da praça Olinto Leone, realizou calçamento de ruas, ampliou a rede de energia elétrica.

Henrique Alves dos Reis **1926 a 1928**

Henrique Alves foi o oitavo intendente municipal. Deu grande contribuição para o desenvolvimento sócio-econômico de Tabocas (Itabuna). Foi responsável pela construção da ponte Nove de Dezembro (km 3 da BR-415 Itabuna- Ilhéus), da cadeia Pública (hoje Casa do Artesão), ponte do Góes Calmon e idealizou a planta cadastral da cidade. A construção da ponte Góes Calmon (também conhecida como ponte da Conceição) foi conseguida graças ao prestígio do coronel junto ao governador do estado, Francisco Marques de Góes Calmon, que veio para a solenidade de inauguração, em 1928. Nessa data, o intendente já era Benjamin de Andrade, que havia assumido o governo municipal em 1º de janeiro de 1928.

Benjamin de Andrade - 1928 a 1930

Benjamim de Andrade também foi eleito intendente pelo voto popular na gestão do então governador da Bahia, Góes Calmon. Calçou as ruas Joaquim Nabuco e do Lopes (prolongamento da rua Duque de Caxias), construiu a rede de esgoto da praça da Estação (José Bastos); abriu estradas e ramais de acesso a Itabuna para facilitar o escoamento da produção de cacau.

Prefeitos*

A partir de 24 de outubro de 1930, termina o ciclo de intendentes. Inicia-se o ciclo dos prefeitos. A sede da administração, que se chamava Intendência ou Paço Municipal,

passou a se chamar Prefeitura. Os vereadores substituíram os conselheiros, que eram Legisladores. A Câmara dos Vereadores substituiu o Conselho Municipal.

Glicério Esteves de Lima **1930 a 1932**

Glicério Esteves de Lima realizou um governo modesto, administrando as finanças e promovendo a manutenção da cidade. A obra mais importante de seu governo foi a construção da praça Olinto Leone.

Claudionor Silvestre Alpoim **1932 a 1937**

Claudionor Silvestre Alpoim foi prefeito duas vezes. A primeira, por nomeação do governador do estado Juraci Magalhães. Depois foi eleito pelo voto popular, somando cinco anos à frente do município. A história registra sua administração como a melhor de Itabuna em todos os tempos. Implantou a rede de abastecimento de água e de esgoto em toda cidade; construiu a Escola Lúcia Oliveira, o posto de saneamento; calçou e pavimentou as ruas Dom Pedro II, 13 de Maio, praça da Bandeira, praça São Vicente de Paulo, praça José Bastos, praça Central (Pontalzinho), rua Manoel Vitorino, prolongamento da avenida Duque de Caxias; construiu a avenida Inácio Tosta Filho, criou a Guarda Municipal; calçou ruas nos distritos; implantou nova política tributária que aumentou consideravelmente a receita do município; criou o Código de Postura do Município e a Seção de Estatística e Informações, também conhecida como Agência Nacional de Estatística (hoje IBGE). Foi deposto do cargo pelo regime chamado “golpe do Estado Novo”.

José Nunes de Aquino **1937**

Foi nomeado prefeito pelo General de Brigada conhecido pelo nome de Dantas, então interventor do estado. Não teve tempo de realizar obras por ter ficado somente quatro meses no cargo, mas organizou o serviço de tombamento do município e reorganizou a Guarda Administrativa.

Godofredo Almeida do Espírito Santo **1937**

Assumiu a prefeitura por apenas quatro meses, indicado e nomeado pelo interventor do estado. Não conseguiu fazer absolutamente nada em razão do clima político da época.

Francisco Ferreira da Silva **1938 a 1945 / 1955 a 1959**

Em seu primeiro mandato, Francisco Ferreira da Silva foi nomeado pelo governo do estado. No segundo, foi eleito pelo voto popular. É considerado um dos melhores prefeitos da história do município. Suas principais realizações foram: alargamento e urbanização da rua J. J. Seabra (Cinqüentenário), início da avenida Amélia Amado e as pontes sobre o canal da mesma avenida; ampliação da cidade e alongamento de ruas do Centro para melhorar o fluxo de veículos e organizar o trânsito, especialmente o cruzamento da rua Adolfo Marom com a Campo Santo; ampliação da rede de água e esgoto; construção do primeiro colégio estadual - CEI, de ensino fundamental e médio; abertura de ruas nos bairros, Centro e nos distritos; abertura de valetas para a instalação de canos de esgoto, o que lhe

valeu o apelido de “Dr. Tatu”. Em seu governo, o município adquiriu sua primeira frota mecânica para a realização de serviços de urbanização da cidade.

Armando Augusto da Silva Freire 1945 a 1947

Engenheiro, ficou apenas 30 dias no cargo, licenciando-se para disputar as eleições constitucionais de 1945. Voltou a reassumir a prefeitura em 1947, dessa vez, eleito pelo voto popular.

Dr. José de Souza Dantas (Juiz de Direito) 1945

Assumiu a prefeitura por um ano. Durante esse período, o Poder Judiciário manteve sob controle também o Poder Executivo.

Dr. Lauro Azevêdo (Promotor Público) 1945

Alguns dias após o Poder Judiciário assumir o controle da prefeitura, Lauro Azevêdo assumiu a chefia do Executivo, com a finalidade de concluir a gestão conturbada desse período em que o país viveu sob o governo Getúlio Vargas.

Ubaldo Cerqueira Brandão 1948 a 1951

Sua eleição para a prefeitura de Itabuna transformou-se em um grande acontecimento político da época. Suas principais realizações foram o calçamento da rua Benício dos

Santos, melhoramento e modernização da praça Otaciana Pinto (Adami), calçamento das ruas Monsenhor Moisés e União Operária, além da construção do Hospital Manoel Novaes.

Miguel Fernandes Moreira 1951 a 1955

Miguel Fernandes Moreira eleito pelo voto popular. Construiu a subestação de luz e força, ampliou os serviços de água e esgoto, criou o Departamento Químico para estudos e pesquisas da qualidade e melhoria da água de consumo; pavimentou e calçou diversas ruas e ampliou todos os bairros da cidade na época, destacando-se o bairro Conceição.

José de Almeida Alcântara 1959 a 1962 / 1967 a 1968

Alcântara foi prefeito por dois mandatos. Adepto do governo populista, fez política para o povo humilde. Modernizou o município e inaugurou a avenida Cinquentenário, em 1960, por ocasião do cinquentenário da cidade. A avenida tornou-se a área comercial mais importante da cidade. José de Almeida Alcântara morreu no exercício do segundo mandato (7 de abril de 1968).

Félix de Almeida Mendonça 1962 a 1967

Félix de Almeida Mendonça foi eleito pelo voto popular. Suas principais obras foram a construção da praça Otávio Mangabeira (Camacan), pavimentação da avenida Amélia Amado, construção do bairro Lomanto

Júnior, implantação do Centro Regional de Educação; criação do Serviço Autônomo de águas e esgoto (SAAE); construção da adutora paralela que possibilitou o aumento de fornecimento de água; instalação de postos médicos; construção do novo fórum (atual Fórum Ruy Barbosa); construção do estádio municipal e da estação rodoviária Francisco Ferreira da Silva. Sua gestão foi marcada também pela polêmica construção da ponte sobre o rio Icó; abriu a avenida Félix Mendonça.

Namir Oliveira Mangabeira e Silva **1966**

Assumiu a prefeitura interinamente por um curto período, em razão do afastamento do prefeito Félix Mendonça, enquanto era nomeado o interventor para completar o mandato.

Gil Nunes Maia **1967**

Gil Nunes foi nomeado interventor em Itabuna, substituindo Félix Mendonça que renunciou ao mandato para candidatar-se a deputado estadual. O interventor governou por um ano e promoveu as eleições que elegeriam o novo prefeito através do voto popular.

Raimundo de Oliveira Lima **1968**

Foi prefeito para um mandato “tampão” em função da morte do prefeito em exercício José de Almeida Alcântara. Não teve tempo para fazer o que gostaria de realizar como chefe do Executivo, como chegou a confidenciar a

amigos. Substituiu a Alcântara por ser o presidente da Câmara de Vereadores na época. Morreu durante o exercício de mandato de vereador.

Fernando Almeida Cordier **1968 a 1970**

Fernando Almeida Cordier foi eleito pelo voto popular, e está relacionado entre os melhores gestores de Itabuna. Construiu a avenida Fernando Cordier (antiga rua da Jaqueira); alargou a avenida Firmino Alves (Beira-Rio); pavimentou a avenida presidente Kennedy (São Caetano); construiu o chafariz e o poço artesiano da Vila de Ferradas, o posto médico de Mutuns, o grupo escolar Brasília Baraúna de Almeida, no bairro São Roque; calçou as ruas Getúlio Vargas, Pernambuco, e Alto da Lua (Mangabinha); concluiu o calçamento das ruas Zildolina e Berilo Guimarães (Berilo); calçamento da avenida Ilhéus; firmou convênio com a FSESP para perfuração de poços artesianos na periferia; implantou vasos coletores de lixo em todo o centro da cidade; modernizou o sistema de varrição de ruas e limpeza pública.

Simão Letch Fiterman **1971 a 1973**

Assumiu e realizou um governo populista. Sua marca administrativa foi a consolidação da imagem de médico amigo dos pobres, de fácil diálogo com o povo e freqüentador de lares humildes. Administrou de maneira improvisada, sendo que, ao concluir o mandato, isolou-se em Brasília, afastando-se de Itabuna e da política local. O gabinete desse prefeito tão íntimo do povo vivia cheio de gente

simples. Sua maior obra: construção do Centro Comercial de Itabuna.

José Oduque Teixeira **1973 a 1976**

Administrou Itabuna com seriedade e foi responsável pelo crescimento da arrecadação municipal. Fez obras importantes, mas as mais conhecidas foram o Centro Administrativo, onde funcionou a prefeitura (hoje FTC), o Complexo Policial (conveniado com o Estado) e a Coograp.

Fernando Gomes de Oliveira **1977 a 1982 / 1989 a 1992 /** **1997 a 2000**

Fernando Gomes foi prefeito de Itabuna por três vezes. Foi também deputado federal por três legislaturas. Na história da política deste município, sem dúvida, foi um dos mais criticados e polêmicos, ao ser combatido duramente pelos adversários políticos e pela imprensa regional. Alternou bons e maus momentos em sua vida pública, mas deixou a sua marca como administrador público municipal. Construiu o colégio IMEAM, a Maternidade Esther Gomes (Maternidade Mãe Pobre, ex-Fundação Fernando Gomes), pavimentou e asfaltou a avenida Juraci Magalhães, construiu o viaduto Fernando Gomes, e asfaltou todo o trecho que liga o terminal Rodoviário de Itabuna à BR-101; criou a EMASA através da municipalização dos serviços de água e esgotos da cidade; construiu o hospital de Base Luís Eduardo Magalhães, pavimentou e asfaltou a avenida José Soares Pinheiro. Construiu o viaduto Paulo Souto, iniciou a construção do colégio modelo Luís Eduardo Magalhães. Em

seu governo foram implantadas a Brasilgás, Gás Butano, Poliduto da Petrobrás, Hiper Messias, Trifil, Pênalti, Jequitibá Plaza Shopping; construção do Parque de Exposição Antônio Setenta; fez a duplicação da ponte governador César Borges (São Caetano). Construiu as feiras livres dos bairros Califórnia, Conceição e São Caetano; canais da Califórnia, Santo Antônio, São Caetano, Novo São Caetano; implantou a macro drenagem do bairro Sarinha, Jardim Primavera (antiga Urbis); construiu o centro de cultura Adonias Filho; comprou o novo Centro Administrativo (Firmino Alves). Em seu governo foi construída a Vila Olímpica (Fernandão) anexo ao Estádio Luís Viana Filho (Itabunão). Grande parte das obras realizadas foi feita com recursos próprios e outro volume em convênio com os governos do Estado e Federal.

Fernando Teixeira Barreto **1982**

Como vice-prefeito, assumiu para concluir o mandato do titular Fernando Gomes Oliveira que deixou o cargo para ser candidato a deputado federal. Foi prefeito por um ano, manteve o equilíbrio político e conduziu com transparência a sucessão que viria a eleger Ubaldo Dantas.

Ubaldo Porto Dantas **1983 a 1988**

Ubaldo Dantas está incluído entre os grandes prefeitos da história política de Itabuna. Realizou um governo eficiente, dinâmico, moderno e competente, com atuação em todos os setores administrativos da cidade. Valorizou a educação, dignificou a saúde,

apoiou a cultura e a arte. Sua marca está na qualidade de tudo o que realizou como prefeito. Fez obras de macrodrenagem que eram verdadeiros desafios para os gestores municipais. Firmou importantes convênios com os governos estadual e federal, alocando verbas que eram exclusivamente destinadas a municípios de grande porte. Melhorou as vias de acesso à cidade, abriu e asfaltou a avenida Roberto Santos (avenida Buerarema - Conceição), fez a macrodrenagem do bairro de Fátima e do prolongamento da avenida Amélia Amado (imediatamente do terminal rodoviário de Itabuna), e da Mangabinha, acabando com o alagamento a residências em épocas de chuvas. Criou os sítios do Menor Trabalhador, Ilhas Verdes; construiu o Espaço Cultural, a Casa do Artesão (antiga Cadeia Pública); fundou as associações de moradores de bairro.

Geraldo Simões de Oliveira 1992 a 1996 / 2000 a 2004

Em sua primeira gestão, Geraldo Simões não realizou obras vultosas, mas deu modernidade à ação do governo municipal e mudou o perfil do visual urbano da cidade, com destaque para o centro, realizando pintura de pontes, meios-fios e postes. Duas obras na área de educação devem ser lembradas em sua primeira gestão: a escola de ensino fundamental e médio no distrito de Ferradas e o CAIC no bairro São Caetano. Foi criado o Arquivo Público Municipal, através da Lei municipal n.º

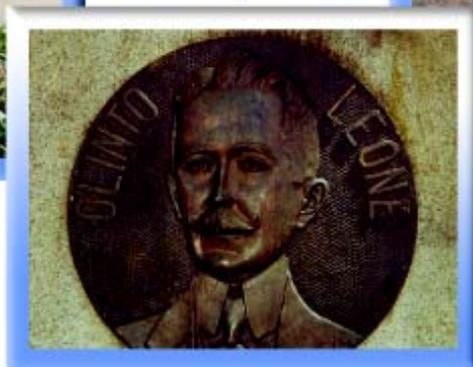
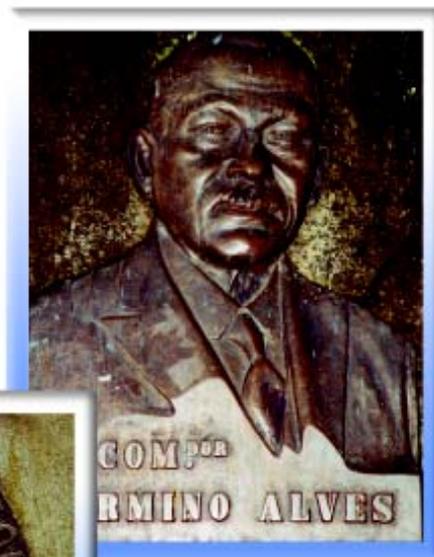
1695, como espaço público para conservação e recuperação da Memória documental e divulgação da memória regional. Reformulou o Sítio do Menor, transformando-o em Fundação Marimbeta, incluindo oficinas dança, música, teatro, artes plásticas, informática, paisagismo e jardinagem.

Na segunda gestão, foram realizadas importantes obras, como: ampliação do serviço de drenagem, construção de quatro postos de saúde em diferentes bairros, o centro de zoológicos, cobertura dos canais dos bairros da Califórnia, São Caetano e São Pedro; a reurbanização da avenida Mário Padre, onde foi construída a praça Rio Cachoeira, uma área de lazer dotada de uma quadra poliesportiva; criou o Banco do Povo para atender a microempresários através de empréstimos e assessoramento; desenvolveu ações e programas educacionais para jovens; implantou diversos programas sociais através do programa Viva Maria; criou a Agência Municipal de Empregos (AME) voltada à qualificação e assessoria a projetos empresariais objetivando a geração de emprego e renda; reurbanizou a avenida Beira Rio e a praça Olinto Leone; fundou o CREADH (Centro de Reabilitação e Desenvolvimento Humano), cuja filosofia visa não apenas à recuperação de pessoas com deficiências, mas também à sua inserção na comunidade; instalou a Casa da Cidadania, para atender pessoas que precisam de assistência jurídica, criou a FICC (Fundação Itabunense de Cultura e Cidadania) com o objetivo de incentivar a cultura local.

*Fonte: Jornal Agora, Ed. Especial, 28 de julho de 2001. Atualizado por Maria Palma Andrade.

FOTOS DE BUSTOS DE PERSONALIDADES DA HISTÓRIA DE ITABUNA

Laura Conceição
Comendador Firmino Alves
Olinto Leoni



FIGURAS DE ITABUNA E A POESIA DE CYRO DE MATTOS

O passado dos construtores de uma cidade deve permanecer vivo na memória de cada uma das pessoas e seus feitos lembrados como exemplo de bravura, heroísmo e coragem. Em Itabuna, não só os desbravadores e os coronéis constituem-se no passado positivo da

metrópole grapiúna. Existem figuras simples, que também fazem parte da nossa história.

Ligados ao rio Cachoeira, surgiram as figuras da lavadeira, do areeiro, do pescador e do aguadeiro, homenageados por Cyro de Mattos, com algumas de suas poesias.

✓ A lavadeira utilizava o rio todos os dias expondo suas roupas coloridas nas pedras enquanto cantava, conversava e os filhos se banhavam.

LAVADEIRA

Espuma de rio colorido
batendo roupa nas pedras.

Frescor de mãos ribeirinhas
ofertava-me a aurora líquida.

A pura mentira dos sujos
a pura verdade dos limpos.

✓ O areeiro retirava areia do leito do rio Cachoeira, utilizada na construção de casas.

AREEIRO

Areia sem a pá
não seria dádiva,
a pá nada seria
sem a areia,
casas cochichavam.
Nessa coisa suave
entrelaçada de cores
quando a noite finda

ajoelhavam as
fachadas.
Tomavam a bênção
ao velho rio, ao
homem levando
os dias nos jumentos
comovidas
agradeciam.



Foto 48: Lavadeiras



Foto 49: Areeiros

✓ O pescador tirava o seu sustento, jogando suas tarrafas para pescar pratibu, acari, piaú, robalo, encontrados em abundância no rio Cachoeira.

PESCADOR

As escamas azuis
na rede da infância
antigos pescadores
traziam as canoas
carregadas de peixe.

Hoje
malhas longínquas
na tarde sem voz
pescam lembranças.



Foto 50: Pescador

✓ O aguadeiro transportava água do rio Cachoeira em carotes colocados no lombo dos jêgues para as residências que não tinham água encanada. Havia os que traziam água do poço artesiano de Mutucugê, utilizada só para beber e cozinhar, já que a do rio era imprópria para o consumo humano.

AGUADEIRO

A sua voz amiga
na manhã límpida.
Água do Mutucugê.
Água boa
Fresca na talha.
livre no nascedouro.
No bebedouro da vida
nossa sede matava.

BORGES, G. 2000.

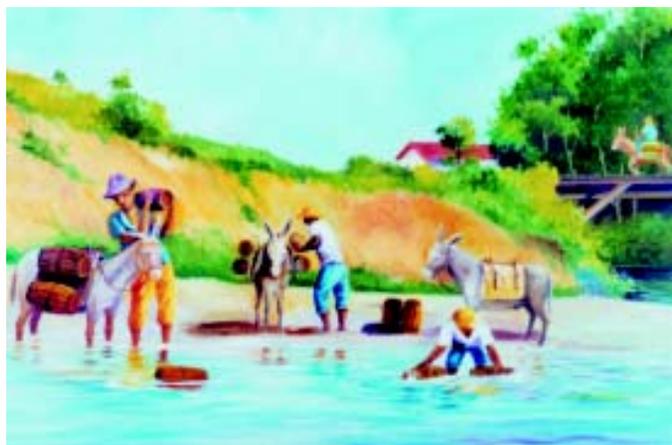


Foto 51: Aguadeiros (tela de Walter Moreira)

Outras figuras são representativas da cultura do cacau e formavam a classe dos trabalhadores rurais que sustentaram o desenvolvimento da lavoura com suas especialidades, conforme o tipo de atividade a que se dedicassem. Nos estudos da tipologia da mão-de-obra destinada à cacauicultura, destacam-se:

✓ Tropeiro - atuava no transporte do cacau mole em burros para a sede da fazenda e, de lá, para a cidade. Devido à melhoria do sistema viário, com a implantação de estradas vicinais, essa função entrou em decadência, desaparecendo.

TROPEIRO

Mapa no casco,
passo de légua
meu batismo.
Festa de rua,
da manhã aroma,
chocalho ao vento.
Safrá no lombo,
suor no peito,
lama no queixo,

em torno do fardo
assovio e sigo.
Duro crepúsculo
canga aqui chego
desprovido de guizo
no armazém ao largo
de pálidas amêndoas
e igualdade de peso.

✓ Barcaceiro ou estufeiro – cuidava da fermentação, secagem e da qualidade final do cacau na barcaça ou estufa.

✓ Quebrador – quebrava com o coto ou cotoco do facão o fruto. Sua atividade restringe-se a alguns dias na semana, na época da safra. Para a execução dessa tarefa, exige-se grande habilidade e velocidade, daí serem impedidos de cantar suas canções folclóricas, para não se distraírem e sofrerem acidentes.



Foto 52: Tropeiros



Foto 53: Barcaceiro



Foto 54: Quebradores

✓ Arriateiro (seleiro) – cuidava das arreatas, cangalhas, cabrestos etc., consertando-os, ou fabricando-os. Essa função foi extinta, sendo substituída pela de sapateiro.

SELEIRO

Numa casa de couro
morava meu avô.
Sovela sola fivela
alegria do criar.
Mestria do fazer
em lisa superfície

sons cores cheiros.
Montado nos vestígios
por essas léguas
macias estações,
indícios dele
que me investigam.

✓ Coronel – figura de maior representatividade da cultura do cacau no sul da Bahia. Os coronéis ou os ricos fazendeiros do cacau detinham o poder econômico e político em sua cidade. Os coronéis foram agentes de desenvolvimento social e urbano; manipulavam os pessoas conforme seus interesses maiores; mantinham pequenos exércitos de jagunços que cumpriam suas ordens, fossem de vida ou de morte. Contudo, muitos coronéis preferiram a Lei e a Ordem à violência.

CORONEL

O que plantou
a vida inteira,
colheu o fruto
a vida inteira,
pesou os confins
em cima da grandeza.
Com unhas de ave
criou sentidos,
pontes, cidades.
Ouro no terno,

bigodes retorcidos
em cima do bom,
com ânsias e solidões
saltou para o álbum.
Tem o privilégio
de preservar o traje,
a pompa, o mando
dos ventos primeiros
nos ossos do tempo.



Foto 55: Henrique Alves

Existia ainda o cabo-de-turma (fiscais dos trabalhos), empreiteiro geral (administrava a fazenda através de empreitada), administrador (administrava a fazenda, servindo de ligação entre o gerente e os trabalhadores), ge-

rente (o responsável pela administração de várias propriedades agrícolas de um mesmo proprietário). Muitas dessas funções desapareceram com as mudanças e a modernização das fazendas.

TEXTOS COMPLEMENTARES

João Cordeiro de Andrade
Agenor Gasparetto

9

AÇÃO MISSIONÁRIA E FERRADAS

João Cordeiro de Andrade

O desbravamento e a ocupação dos territórios centrais e limítrofes da comarca de São Jorge dos Ilhéus foram efetuadas por diversas entradas, bandeiras e sertanistas que partiam da antiga sede da capitania, enveredando-se pelo sertão à cata de ouro e de braços escravos.

A existência de conflitos entre tribos indígenas em diversos pontos da comarca dos Ilhéus era um fato notório para a Coroa, tanto que o governo da Província da Bahia já estava atuando com relação à catequese desses nativos.

Na região meridional da comarca, a partir da segunda década do século XIX, mais precisamente em 1815, foi criada a aldeia de São Pedro de Alcântara. Essa aldeia foi assentada no sítio das Ferradas, assim denominada porque “os tropeiros e os viajantes ali ferravam seus animais, que tinham que enfrentar as estradas lamacentas e pedregosas com destino à Imperial Vila de Vitória”, hoje a cidade de Vitória da Conquista.

A aldeia localizava-se a sudoeste da sede da Vila de São Jorge dos Ilhéus, circundada de outeiros e banhada pelo rio Cachoeira e seus tributários. Essa localização tornou a vida uma dádiva para as culturas de subsistência que atendiam às necessidades dos viajantes que por ali passavam.

Encravada nessa região fértil e promissora, o sítio das Ferradas era considerado um local propício para ser um centro de novas missões, devido à sua localização geográfica, à exuberância da flora e da fauna existentes.

A implantação das missões no sítio das Ferradas, ou seja, na recém criada aldeia de São Pedro de Alcântara, decorreu da ação missionária de Frei Ludovico Livorno, religioso italiano, membro da Ordem dos Capuchinhos, proveniente da cidade de Livorno, que chegou em Salvador, Província da Bahia, por volta de 1815.

A abertura da estrada que ligava Ilhéus à Imperial Vila de Vitória intensificou a corrida de bandeirantes e sertanistas às minas de ouro descobertas na região das minas novas da Província de Minas Gerais, gerando a necessidade de organizar povoações, arraiais e aldeias que dessem suporte à sua trajetória.

O frei Ludovico de Livorno embrenhava-se pela selva adentro e onde encontrasse uma taba indígena aí permanecia por algum tempo executando a sua missão catequética. Despertava nos nativos curiosidade e interesse pela sua figura paternal e carismática. O seu poder de persuasão permitia que, gradativamente, esses nativos se reunissem em torno dele para ouvir as “boas novas”.

Utilizando-se de seu carisma, frei Ludovico conseguiu cativar a amizade e confiança dos índios Camacan, que povoavam o sítio das Ferradas e seus arredores. Dessa forma, estava solidificada a missão de São Pedro de Alcântara, núcleo missionário relevante na segunda década do século XIX, na comarca de São Jorge dos Ilhéus.

Quem foi frei Ludovico

Giuseppe d'Anton Franco Ghelli, nome secular do frei Ludovico, nascido na cidade toscana de Livorno (Itália), a 26 de julho de 1773, era filho de Anton Francesco Ghelli e Maria Videdomini, de

quem recebeu uma educação voltada para os valores religiosos.

Influenciado pelo clero da sua cidade de origem, através do padre provincial Micheangelo do Santo Sepulcro, foi admitido na Ordem dos Frades Menores Capuchinhos a 8 de outubro de 1794, aos vinte e um anos de idade, no Convento de São Pulciano.¹ Como principiante da congregação, foi transferido de imediato para a localidade de Pistoia, onde exerceu funções de noviço conforme rezavam as normas da constituição e o tempo previsto pelos mandamentos da sua confraria.

Três anos após ter iniciado a vida religiosa, Giuseppe Ghelli preferiu, em 1797, os votos perpétuos, tornando-se um adepto da ordem dos Frades Menores Capuchinhos, tendo recebido o nome religioso de Frei Ludovico de Livorno, segundo a tradição cristã católica, que vigorava em todas as suas Ordens. Em 1803 concluiu integralmente os seus estudos, tornando-se apto para o exercício do sacerdócio. No ano seguinte, foi qualificado como mestre ou mentor de um grupo de jovens religiosos neo-professos, no Convento de São Lourenço.

Entre 1804 e 1805, frei Ludovico continuou preparando-se para uma nova dimensão de vida. Solicitou à cúpula de sua Ordem para que fosse indicado para o exercício missionário em terras do “Novo Mundo”. Essa a razão da sua chegada à região sul da Bahia.

Aliado à pregação dos princípios do cristianismo, o frei procurou exercer junto aos Camacan e aos aldeados das Ferradas trabalhos de agricultura, artesanato, construção de pontes e estradas. Além dessas atividades, exerceu outras funções como vigário, enfermeiro, médico e, principalmente, conselheiro e mediador.

No período oitocentista, passaram por estas terras alguns cientistas franceses em expedições, dentre eles H. Perret, que obteve valiosas informações sobre características étnicas e antropológicas dos Camacan, fornecidas pelo missionário de Livorno, que era um observador atento dos hábitos e costumes dos seus catequizados. O resultado desse contato foi a produção de vários artigos publicados no periódico *O Crepúsculo*, de Salvador. No artigo “Aldeia do Bom Padre”, publicado nesse jornal (1846), ressaltou Perret, com minúcias, as realizações missionárias do capuchinho como diretor da aldeia de São Pedro de Alcântara e o seu trabalho de apaziguador dos índios que habitavam as matas da região limítrofe à aldeia de Ferradas. Perret também observou em seu trabalho o valioso empenho de frei Ludovico enquanto agente promotor da paz e boa convivência entre os Pataxó e os Botocudo, também conhecidos por Camacan.

Nem só de aceitação foi a presença de frei Ludovico junto ao aldeamento das Ferradas e às populações indígenas. Épocas desfavoráveis permeadas por épocas de bonança colocaram à prova a serenidade e a tenacidade do frei, no que se referia à sua capacidade de amar o próximo.

Por volta de 1816, o trabalho missionário produzia bons frutos. Para a aldeia de São Pedro de Alcântara foram transferidos, do aldeamento de Nossa Senhora da Conceição do Almada, treze famílias de índios Green, e atraídos mais cento e vinte famílias de Camacan que foram todas catequizadas e se tornaram a população do sítio. Mais tarde, uma epidemia de febre amarela alastrou-se por toda a região, fazendo vítimas, o que assustou os indígenas, que fugiram para os sertões. Ferradas ficou quase despovoada. Frei Ludovico não se deixou abater, procurou reorganizar a aldeia através de nova

¹ Convento localizado na cidade de Montepulciano, na região da Tosca - Itália.

atração dos índios que estavam dispersos nas matas que circundavam as bacias dos rios Cachoeira e Pardo. Novamente os trabalhos manuais e catequéticos foram desenvolvidos fazendo com que a aldeia fosse repovoada.

Frei Ludovico enfrentou sérias dificuldades para repovoar a área, devido à política duvidosa do governo provincial e embaraços de outros gêneros como, por exemplo, a falta de recursos financeiros e segurança.

A defesa do aldeamento contra as incursões dos índios “incivilizados” também foi alvo da preocupação do missionário. Mesmo com todos esses problemas, o missionarismo capuchinho na Comarca dos Ilhéus ia gradativamente se consolidando.

Entre os anos de 1825 a 1855, a aldeia de São Pedro de Alcântara das Ferradas cresceu bastante em termos econômicos. Isso se deveu ao auxílio do frei Francisco Antônio de Falerna, que, sob o comando de Livorno, trabalhou respaldado pelo Governo Provincial e implantou novas culturas, tais como a do cacau, café e outros produtos agrícolas. “Neste período calculava-se a sua produção em 20.000 pés de cacau e outro tanto de café, além do cultivo do arroz e da mandioca. Ocupava uma légua de terra não demarcada que, provavelmente, já começava a ser invadida” (MADUREIRA, 1855).

A partir de então, Ferradas tornou-se a missão mais importante da Comarca de Ilhéus. Alguns fatores contribuíram para tal posição: econômicos, localização geográfica e estratégica, ou seja, por estar relativamente afastada do litoral e, da vila de Ilhéus, apenas a 8 léguas. Tornou-se a aldeia referencial para outros aldeamentos da região, tendo em vista o trabalho missionário do capuchinho de Livorno e seus sucessores.

Além de São Pedro de Alcântara, frei Ludovico, em seu trabalho missionário, dotou a localidade de capelas, represas, estradas, pontes e cemitérios. Ensinou à população do lugar a trabalhar com artesanato, olaria e em lavouras para a própria subsistência.

Ao sistematizar as missões em regiões sul-baianas, o frei estava colaborando com o governo provincial no processo de desbravamento, de expansão da cultura “do branco” e, conseqüentemente, deixando a “semente” para futuros assentamentos de povoados e vilas.

Para evangelizar os Pataxó e os Camacan, frei Ludovico teve que palmilhar lugares lúgubres, inóspitos, habitados por animais e répteis venenosos.

Durante trinta e dois anos de ação missionária, o frei Ludovico trabalhou com a comunidade dos Camacan e Pataxó, onde fixou o seu “quartel general”, tornando a aldeia de São Pedro de Alcântara o maior centro de difusão missionária da região meridional da Província da Bahia, de 1816 a 1848, lutando, persistentemente, pela conversão dos gentios, em benefício dos quais gastou toda a sua energia e saúde.

Cansado, doente e quase cego, em razão das duras práticas da catequese nas missões capuchinhas, o religioso de Livorno ausentou-se da aldeia das Ferradas ao término de 1848 e fixou residência em Salvador, no velho Hospício, onde veio a falecer aos setenta e seis anos de idade, dos quais cinqüenta e cinco dedicados à vida religiosa e ao exercício missionário. Faleceu em 27 de dezembro de 1849.

Com a saída do missionário de Livorno de cena, o frei Vicente de Áscoli foi enviado à aldeia para dar continuidade aos trabalhos missionários. Dirigiu São Pedro de Alcântara de 1848 a 1857. A princípio, enfrentou uma evasão dos indígenas, em decorrência da saída do missionário de Livorno. Temporariamente ocorreu a quebra, das relações construídas pelo seu antecessor, entre o branco e o índio. Isso é perceptível no texto em que “informaram que muitos índios das Ferradas de São Pedro de Alcântara têm

se retirado pela ausência do missionário” (MADUREIRA, 1856). Homem enérgico, empreendedor e engenhoso, frei Vicente tratou de dar continuidade à instrução religiosa dos índios aldeados, bem como ao trabalho artesanal e cultivo da terra. Sobre esse assunto, informa a *Revista da Província de Nossa Senhora da Piedade da Bahia e Sergipe* (1983) que a lavoura existente na aldeia de São Pedro possuía, à sua época, 20.000 pés de café, 20.000 pés de cacau e grande abundância de arroz e mandioca.

A criação de povoações foi outra meta que cumpriu quando diretor da aldeia de São Pedro de Alcântara, dentre elas, a mais importante, segundo Regni (1988), foi a colônia nacional de Cachoeira, cuja localização ainda hoje é controversa, “parece que correspondia ao local onde presentemente se ergue a populosa e rica cidade de Itabuna” (p. 505). A criação dessa colônia em 1870, aprovada por lei do Presidente da Província, trouxe à região perspectivas de desenvolvimento, e aos flagelados das secas que desciam do nordeste serviu de pouso e centro com possibilidades múltiplas de comércio, incremento da agricultura, do sistema de irrigação e do artesanato; fixação do homem à terra e aos centros urbanos; e, principalmente, boas perspectivas de evangelização. A 19 de abril de 1875, o fr. Luís morreu afogado no rio Cachoeira, perto de Ilhéus.

As aldeias de São Pedro de Alcântara, “as Ferradas”, barra do Rio Salgado (hoje Itapé) enfrentavam sérios transtornos. Entre os problemas estavam o número reduzido de frades para o trabalho de apostolado indígena, a dificuldade em dar assistência às aldeias, a falta de comunicação e a vulnerabilidade das povoações aos ataques dos índios não aldeados. O problema se agravou mais ainda com a falta definitiva do frei de Grava, último a desenvolver um trabalho voltado aos índios. Tais fatos contribuíram para a decadência do missionarismo capuchinho no sul da Província da Bahia. Além disso, uma nova orientação política, social e religiosa estava surgindo no Brasil, o que levou os capuchinhos e sua Ordem a reformularem sua maneira de levar avante as Missões. Novas Ordens e Congregações estavam chegando, com propostas de trabalho diferentes e ações mais abrangentes para a evangelização dos habitantes da terra.

Com a decadência das Missões capuchinhas, os aldeamentos, antigas aldeias indígenas, cresceram e se transformaram em povoados, vilas e paróquias, que política e socialmente estavam se reorganizando de acordo com as novas idéias do final do século XIX.

Obs.: Etimologicamente, Camacã, de origem Tupy, significa “terras elevadas” e está relacionada aos antigos habitantes do território onde se localiza o município de Camacan e seu entorno; trata-se dos índios da tribo Camacã, uma sub-tribo Mongoió da nação Tupy-Pataxó Hã-hã-hãe.

Por força de lei municipal da década de 1960, a palavra Camacã foi substituída por Camacan, sendo esta, atualmente, a designação oficial do município. Entretanto, continuamos encontrando o vocábulo escrito de ambas as formas, tanto em documentos oficiais quanto nas expressões populares.

BELAS E TRISTES FAZENDAS DE CACAU DO SUL DA BAHIA

Agenor Gasparetto

As matas sob as quais vingou o cacau no Sul da Bahia são de uma rara beleza. A Mata Atlântica apresenta nestas terras férteis, quentes e úmidas uma exuberância e um colorido difíceis de serem encontrados em outros lugares. As fazendas de cacau são belas e a natureza foi generosa e caprichosa neste pedaço de chão. Todavia, são belas e tristes. Os seus donos moram na cidade. Se grandes, numa grande cidade, talvez na capital. Os trabalhadores, que têm visgo nos pés, teimam em olhar para as luzes da rua e em ouvir seu murmúrio, por menor que seja, e, havendo possibilidade, não hesitam em colocar mulher e filhos em uma de suas ruelas, mesmo nas últimas, e ficam embrenhados nas matas de cacau a semana inteira, à sombra das árvores, da solidão e do abandono.

A casa-sede, com suas barcaças e seu secador, contrasta com as casas dos trabalhadores dispostas em avenida. Hoje, há sinais de abandono por todos os cantos e muitas casas de trabalhadores estão vazias, há anos. A ida do dono, de sua mulher, de seus filhos à fazenda escasseia e fica cada vez mais apressada e mais solitária. Mulher e filhos comparecem pouco nos finais de semana e o fazem cada vez menos. As noites parecem belas, mas a idéia de dormir assombra. Na varanda, os ganchos sinalizam para a rede. Não fosse o medo, seria possível ouvir estrelas. Varanda, rede, na rede da varanda. E pensar que era tão poético! Não fosse essa síndrome das cavernas, das grades, em tempos de virtualidade! A lavoura espelha a casa-sede e seu conjunto. Correr a fazenda perdeu o encanto. Alguns a visitam de mês em mês e há quem o faça de ano em ano como se estivesse a correr dela.

Hoje, um sentimento de profunda melancolia perpassa os corações. Bons tempos em que a burara rendia, a mesa era farta e a vida, pródiga e mais segura. E com os anos também se esvai a esperança. O retorno aos bons tempos parece cada vez mais distante e, para muitos, acabou, simplesmente. Não bastassem os preços baixos, teimosos, aí está a bruxa com sua vassoura a varrer para longe as melhores esperanças. Os clones ou a enxertia com variedades resistentes parecem manter essa bruxa sob controle, parecem promissores, mas é preciso cacau ou crédito para implementá-los. O primeiro, de tão pouco e insuficiente, parece nem existir, e o outro é de engenharia cartorial tão complexa, que o seu caminho das pedras parece reservado apenas aos iniciados.

Belas e tristes fazendas de cacau. Dizem que tristes sempre foram. Falta-lhes a presença do dono, de sua mulher, de seus filhos, dos seus amigos, grandes e pequenos, colorindo e avivando a vida no dia a dia, a semana inteira. Falta-lhes calor humano, alegria. Hoje, contudo, estão mais tristes. Os que nela estão, aprisionados pelo visgo, parecem também querer estar em outro lugar, mas o visgo é muito poderoso e o ar que sabem respirar é apenas o deste lugar.

Belas e tristes fazendas de cacau. É possível que, quando se olhar para elas de novo sejam apenas lembranças tristes, trocadas por palmos de capim ralo, por pés de café, por terra lavada, levada para rios agonizantes, por nada.

DE BIRRA COM JORGE AMADO

Agenor Gasparetto

Jorge Amado nasceu em Ferradas, hoje município de Itabuna, que se emancipou de Ilhéus em 1910. Todavia, Ferradas continuou pertencendo a Ilhéus até 1916, quando passou a integrar o município de Itabuna, segundo João Cordeiro, acadêmico do curso de História da UESC, em pesquisa sobre as raízes históricas de Ferradas. Sendo assim, Jorge Amado nasceu e engatinhou como ilheense.

A vila de Ferradas nasceu bem antes. Era um entreposto, com serviço de ferragem de animais, ligando o litoral ao sertão. Por volta de 1815, passou à condição de aldeamento indígena e, hoje, sua principal via, além de uma travessa, presta uma homenagem ao frei capuchinho Ludovico Livorno que, antes de consumir-se como missionário por longos anos, por ela e por seus arredores, tinha sido capelão de ninguém menos do que Napoleão Bonaparte, em sua campanha na Itália, antes de tornar-se imperador, no final do Século XVIII.

A velha vila de Ferradas também viu a onda de sergipanos adentrar e desbravar as matas para o cacau, viu Tabocas nascer e virar Itabuna e, ao longo do século passado, afirmar-se como grande pólo de comércio e de serviços no Sul da Bahia. Viu nascer e ainda cedo ir-se embora, para nunca mais voltar, primeiro para Ilhéus, depois para o mundo, um de seus filhos, Jorge Amado. Esse foi-se e, contando estórias, conquistou um lugar ao sol no mundo das letras e da fama, enquanto Ferradas via, viu e foi ficando mais velha e ganhou uma outra vila anexa, nova e mais pobre. Ferradas ficou no tempo, ferida em seus brios de mãe esquecida, profundamente magoada. Jorge Amado, tardiamente, lhe fez menção, tímida, discreta, acanhada, mas a fez na telinha. Contudo, parece que não foi convincente o suficiente.

Dois dias antes de completar 89 anos, Jorge Amado morreu em Salvador. Itabuna, através de seu prefeito, lideranças e meios de comunicação, propõe uma grande homenagem. Há a convicção de que Jorge Amado merece, de Itabuna, o que essa tem de melhor. Sabem e querem dar um lugar ímpar a quem o é. Então, por que não renomear a via principal, a avenida Cinqüentenário? Por que não rebatizar a velha Ferradas ou ao menos agregar-lhe um solene “de Jorge Amado”? Parece lógico, natural. Todavia, Itabuna está dividida.

A avenida Cinqüentenário é a via na qual pulsam a cidade e a alma itabunense. É o palco de todos os momentos da vida pública da cidade, das procissões do padroeiro São José às manifestações políticas, dos humildes, tristes e constrangedores cortejos fúnebres às comemorações das vitórias coletivas. A vida pública de Itabuna passa, acontece, pulsa na avenida Cinqüentenário. Fosse um cenário para um romance, esse seria rico e belo. Ferradas, com Jorge Amado, brilharia e, quem sabe, passaria a receber um tratamento diferenciado, por conta de sua visibilidade e notoriedade gratuitamente recebida.

No entanto, o povo itabunense resiste, reluta, agarrando-se teimosamente em argumentações razoáveis, mas que à presença de Jorge Amado soam como pretexto, decaem, empalidecem, esvaem-se. É como se Itabuna não conseguisse se livrar de um velho e reprimido ressentimento, decorrente do fato de Jorge Amado e Ilhéus terem desde cedo se dado bem, numa recíproca declaração de amor. Itabuna viu

e via e amargava um sentimento de abandono e de rejeição. Jorge Amado não escondia sua predileção por Ilhéus e o itabunense assistiu e assistia, amargurando uma mágoa durante longa jornada. Sequer considerou o reconhecimento já tardio de que Ferradas foi o seu berço. Itabuna parece rezear ter que agregar às referências do lugar em que Jorge Amado nasceu, um sempre “o verdadeiro”, porque, enquanto esteve vivo, esse soube onde e por quem pulsava o coração de Jorge Amado.

Jorge Amado e Ilhéus viviam em comunhão e, por onde andasse, Jorge Amado era Ilhéus e Ilhéus tentava corresponder. O mundo se acostumou a isso e os associou indelevelmente. Essa era a sina. Estava escrito que assim seria. E assim sempre foi. Ferradas e a outrora Tabocas viram e vêem caladas, quietas, resignadamente, como brasa ardente sob cinza.

No fundo, a resistência, a relutância de Ferradas e de Itabuna não parece se tratar da velha máxima bíblica de que o profeta não é benquisto em sua terra ou de que “santo de casa não faz milagres”. Nesse episódio, Itabuna e Ferradas fazem lembrar um filho pequeno, de birra com seu pai, e que passa a recusar veementemente o que sempre desejou com paixão e nunca pôde saborear. Essa birra parece ser maior do que o ferradense, maior do que o itabunense. Esse último dirá que teve outros amados, o Gileno, a Amélia, de grandes realizações sociais e que, no último 28 de julho, no aniversário dos 91 anos de emancipação, foi a grande esquecida. O nó dessa questão não está na avenida Cinqüentenário, tampouco na velha vila de Ferradas e não está, concretamente, em lugar algum. O nó está na alma e essa está endurecida, de birra.

Sendo assim, essa geração de itabunenses relutará até o fim, continuará a percorrer e a circular na avenida Cinqüentenário e na velha e ainda maltratada vila de Ferradas. O itabunense relutará até que o tempo passe a limpo esse capítulo, cicatrize a ferida pela morte do ferido. Jorge Amado, na condição de imortal, pode e saberá esperar. É quem mais tempo tem e o tempo joga a seu favor. E isso até que a nova geração se afirme. Jorge Amado ainda será bem amado em Ferradas e em Itabuna.

Ao dar-lhe o nome de sua principal via pública, Itabuna presta uma relevante homenagem a seu filho hoje ainda mal-amado. Esse, por sua vez, magicamente, gratuitamente, generosamente, homenageia deixando que se pense que está sendo homenageado.

Não estivesse a alma do itabunense tão endurecida, um outro gigante da região nas letras, Adonias Filho, da outrora Pirangi e hoje Itajuípe, teria uma chave capaz de pacificar as mentes e os corações. Essa chave seria a “nação grapiúna”, assim adjetivada, no seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, tendo sido, na ocasião, recebido no ritual para a imortalidade, pelo contemporâneo Jorge Amado. Nessa “nação”, Jorge Amado seria grapiunense e grapiunenses seriam os ilheenses, os itabunenses e todos quantos estão sob as bênçãos do cacauero neste Sul da Bahia ou se sentiriam à vontade encarnando algum personagem da “saga cacauera”, ficcionada pelo grande Jorge Amado.

Até parece um novo enredo da última ficção desse romancista, em que o personagem principal, agora sem nome, anonimamente, difusamente, está de birra com o seu criador. Se o povo de sua terra, nem que fosse por um lampejo, vislumbrasse que sempre ocupou o melhor lugar, o centro, o topo do universo criado por ele! Contudo, esta geração parece por demais prisioneira de si mesma e de suas atribulações, embriagada em suas razões e ilusões. Jorge Amado saberá esperar, não para ser o nome de uma avenida, praça ou rua. Isso é fácil demais, basta um simples canetaço, em dois momentos, e pronto! E esse não tardará. Saberá esperar, portanto, não para tão

pequena empreitada, obviamente, mas para ocupar o lugar que, no fundo, bem no fundo, reservou ao seu povo em seu universo ficcional.

A birra, ainda que possa parecer burra, no caso de Itabuna, inclusive infundada, remete aos domínios do sentimento ferido, do coração e da irracionalidade. É preciso tempo, tempo que não há de fazer falta a um imortal, até que uma nova geração agarre de corpo e alma Jorge Amado, reinterpretando os tempos de hoje como um grande mal entendido. Amanhã, se saberá que Jorge Amado quando falava Ilhéus, estava dizendo Ferradas, Itabuna, a região do cacau, a “nação grapiúna”. Deu uma referência, a que em todos os mapas está e encanta (e nesse encanto sua poção mágica foi poderosa) e que, durante muitos séculos, desde os tempos de Capitania Hereditária, tudo foi São Jorge dos Ilhéus. Jorge Amado levou em conta, portanto, a história e a geografia. Cabe ao itabunense, doravante, fazer a sua parte e começará bem se for capaz de ser maior do que seus sentimentos feridos, até justificáveis, mas, convenhamos, ainda assim, menores.

Parece bom que se estabeleça a polêmica acerca da homenagem a ser-lhe prestada. Obviamente, não colocando em questão o mérito de Jorge Amado. Este está acima e além, definitivamente. Parece bom porque, quem sabe, com isso não terá que morrer duas vezes, porque Itabuna tem sido cruel com os seus homenageados que, em um dia são nomes de logradouros públicos e noutro, bem, noutro, há um outro dono, não raro, inclusive, vivo. Em Itabuna, os vivos são terríveis para com os seus mortos homenageados. Assim foi com o Presidente Kennedy, assim foi com José Soares Pinheiro, assim foi com outros menos eminentes. Jorge Amado, em sendo amado, que o seja eternamente, como num romance de final feliz. Essa polêmica parece oportuna exatamente por isso, para que se processe esse amadurecimento. Quanto a mim, alguma coisa me diz que de Cinquentenário a Jorge Amado, a avenida, que já é regional, ganha uma nova e incomensurável conexão. Alguma coisa me diz que há grandeza na homenagem e há brilho de, em sendo estrela, consentir em ser placa, chão e fluxo.

ITABUNA E O DESENVOLVIMENTO URBANO: ESPAÇOS PÚBLICOS

Agenor Gasparetto

Itabuna tem cerca de 200 mil habitantes. Bem ou mal, possui uma estrutura urbana para esse contingente humano. Possui ruas estreitas, não existem vias mais amplas para escoamento rápido do trânsito, possui praças acanhadas e em várias ruas os passeios são ocupados, por falta de espaço, por carros estacionados, obrigando os pedestres a caminhar pelas ruas. Não se está aqui analisando a qualidade dos equipamentos ou dos recursos da estrutura urbana da cidade, mas apenas sua quantidade. Não é difícil concluir que há problemas. Passam os prefeitos, cada qual dando sua contribuição, no entanto, o quadro resultante de suas ações é o que está aí.

Agora, imagine Itabuna não mais com 200 mil habitantes, mas com 500 mil. Imagine-a também com um milhão de pessoas. Se com 500 mil pessoas a estrutura atual revelaria sua insustentabilidade, o que dizer com um milhão de pessoas? No entanto, Itabuna terá 500 mil e, um dia, como tantas outras cidades, também chegará ao seu milhão.

Cabe ao Poder Público definir suas estratégias e suas ações pensando numa Itabuna de 500 mil e de um milhão de pessoas. Do contrário, os seus problemas estruturais se multiplicarão e se complexificarão, inviabilizando-a.

Não há como ignorar a Itabuna real e planejar a construção de uma nova Itabuna. A rigor, já há uma Nova Itabuna, um bairro além da BR 101, mas esse, no entanto, reproduziu, para pior, a velha Itabuna. Em outras palavras, é preciso, a partir da Itabuna de hoje, projetar a Itabuna de amanhã, a Itabuna que se deseja.

Nesse empreendimento, convém não perder de vista alguns princípios. Um deles, talvez o principal, é o de que Itabuna precisa crescer com qualidade, mais precisamente, com qualidade de vida. Esta pressupõe a existência de serviços, como água, energia, comunicação, espaços para o lazer e a convivência, segurança, educação, entre outros, além do trabalho e o acesso à renda e à sobrevivência digna.

Numa perspectiva de expansão urbana, a Itabuna do futuro precisa olhar com especial atenção para o espaço público: o das vias, dos passeios, praças e parques, dos campos para práticas esportivas ou recreativas.

Na Itabuna de hoje, o espaço físico é crítico para pedestres e para os carros e ônibus. Na Itabuna com 500 mil pessoas, as ruas e avenidas de hoje serão ainda mais congestionadas e sem espaço. Se o cliente do comércio de hoje revela insatisfação com o problema do espaço para andar e estacionar, na Itabuna de 500 mil pessoas poderá ser ainda pior. Se esse fato hoje se constitui em um desestímulo para comprar em seu comércio, poderá não ser diferente no futuro.

Os shopping centers, em geral, trabalham bem o conceito de espaço, têm amplos estacionamentos e razoáveis áreas internas para a circulação das pessoas ou clientes. Afirmou-se, também, que a cidade deveria incorporar esse conceito. Para isso, seria necessário definir horizontes e estratégias,

corrigindo problemas e não permitindo que a expansão da cidade ocorra sem assegurar os pressupostos da qualidade de vida.

Itabuna precisa de mais e de melhores espaços para a circulação de pessoas e carros. Precisa de um parque acessível para as pessoas fazerem suas caminhadas, andarem de bicicleta, nas manhãs, nos finais de tarde e nos fins de semana e feriados. O espaço interpontes da Beira-Rio, hoje principal área para essas atividades, é uma alternativa pobre. Os itabunenses merecem opção melhor.

Itabuna precisa compatibilizar o interesse dos pequenos comerciantes e o do comércio das lojas. Os passeios das ruas, em particular da avenida Cinqüentenário, precisa ficar mais livre, sobretudo em épocas de picos de movimento, como o final de ano, que também coincide com épocas de pico do comércio de camelôs e pequenos comerciantes. A ocupação de praças pelos camelôs, como nas praças Adami ou Camacã, por exemplo, é uma meia solução, uma vez que subtrai à cidade a função de praça, de que já é carente, e parece não resolver o problema dos pequenos comerciantes à procura de um espaço para comercializar seus produtos e sobreviver.

Bairros e loteamentos foram aprovados e implementados em Itabuna sem um arrojado senso de espaço público. Bairros antigos, como o Santo Antônio, Fátima e Califórnia, estão pagando preço alto pela falta de pelo menos uma grande avenida, capaz de impulsionar seu setor comercial. O Bairro Santo Antônio tem, na avenida Itajuípe, uma via de acesso à BR 101. Todavia, é uma via tão apertada que, em muitos lugares, até o passeio está comprometido pela falta de espaço. E, o que poderia ser uma grande via e um grande comércio, parecem estar comprometidos pela falta de perspectivas e pelo aperto. São bairros relativamente grandes e, no entanto, dispõem de precários ambientes públicos para os seus moradores, como praças e áreas públicas maiores, e os parques simplesmente inexistem.

Fez-se referência a que o bairro Nova Itabuna, de nova, só tem o nome, uma vez que reproduziu a velha Itabuna e para pior. Os espaços públicos nos bairros mais pobres e humildes são precários, poucos e, não raro, mal localizados, se levarmos em conta que deveriam ocupar os espaços mais nobres.

Observa-se que, mesmo em bairros social e economicamente mais aquinhoados, como Góes Calmon, Castália, Zildolândia e Jardim Vitória, os problemas se repetem. Para isso, bastaria olhar a localização e a dimensão das áreas públicas nos mesmos. Parece prevalecer o imperativo de curto prazo. No entanto, no médio e longo prazo a insuficiência e/ou inexistência dessas áreas produzem efeito inverso, pois se constituem em fator de desvalorização imobiliária dos mesmos. O que parecia ganho, no curtíssimo prazo, revela-se um problema e um fator de empobrecimento estético e funcional no médio e longo prazos.

Em suma, uma Itabuna com 500 mil ou com um milhão de pessoas, precisa ser pensada com coragem e visão de longo prazo. Só assim não estará multiplicando seus problemas urbanos.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Hermes Alves de. Relação entre o fenômeno El Niño - oscilação sul e oceânica de dunas no sudeste da Bahia. In: **Boletim Técnico da CEPLAC** s/n°. Relatório da Comissão El Niño, Brasília, 1997.

AMADO, Jorge. Sou da cidade de Itabuna. In: PÓLVORA, P.; PADILHA, T. (Org.) **Cacau em prosa e verso**. Antares, s. d. p. 21-22.

_____. Tudo é cacau meu filho. In: PÓLVORA, P.; PADILHA, T. (Org.) **Cacau em prosa e verso**. Antares, s. d. p. 25-27.

ANDRADE, J. C. de. Praça Olinto Leone. A menina dos olhos do itabunense. **O Clarim**. Itabuna, outubro de 1998.

ANDRADE, J. D. de. **Documentário histórico ilustrado de Itabuna**. Itabuna: Gráfica Editora Itabuna, 1968.

ANDRADE, Manuel Correia de. **O Nordeste e a questão regional**. São Paulo: Ática, 1988.

ANDRADE, João Cordeiro. **Missões capuchinhas na comarca de São Jorge dos Ilhéus (1816-1875)**. 2003. (Monografia em História). UESC. Ilhéus.

ANDRADE, M. P. **Itabuna: novo estudo monográfico**. 2 ed. Itabuna, 1979.

ANDRADE-BREUST, Adriana Dantas. **Itabuna, Histórias e Estórias**. Ilhéus: Editus, 2003.

BAIARDI, A. **Subordinação do trabalho ao capitalismo na lavoura cacaeira da Bahia**. São Paulo: Hucitec, 1984.

BOLETIM INFORMATIVO DA PREFEITURA DE ITABUNA. **Nossa cidade**. Itabuna, julho de 2002.

CANO, Wilson. **Reflexões sobre o Brasil e a nova (des)ordem internacional**. São Paulo: FAPESP, 1995.

CARLOS, Ana Fani A. **Espaço e indústria**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 1992.

CORREA, Roberto Lobato. **Trajatórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

COSTA, José Pereira da. **Terra, suor e sangue: lembrança do passado**. História da região cacaeira. Salvador: EGBA, 1995.

CLASSIFICAÇÃO DOS MUNICÍPIOS BAIANOS: Informações Básicas, v. 2, 1996. SEI - Salvador, 1997.

DIAGNÓSTICO SÓCIO-ECONÔMICO DE ITABUNA E POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO. Prefeitura de Itabuna, 2002.

FAPEX. Universidade Federal da Bahia - UFBA. **Estratégia de desenvolvimento de Itabuna:** área central. Prefeitura Municipal de Itabuna, julho de 1993.

FARIA, R. de M. et al. **História 3.** Belo Horizonte: Lê, 1989.

FIGUEIREDO. J. M. de; DÓREA FILHO, C. da S. Podridão parda e seu controle. In: **20ª Semana do Fazendeiro.** Emarc: Uruçuca, BA, 1985, p. 23.

FREIRE, J. A. de. **Firmino Alves** (fundador de Itabuna). Itabuna: Itagraf, 1963.

FREITAS, V. P. **Memórias de um oficial de justiça.** Itabuna: Colorgraf, 1991.

FUNDAÇÃO CPE. **Ilhéus-Itabuna:** estratégias de desenvolvimento. Salvador, 1992.

GARCEZ, Angelina Nobre Rolim; FREITAS, Antônio Fernando Guerreiro de. **História econômica e social da região cacaueira.** Rio de Janeiro: Cruzeiro do Sul, 1975.

GASPARETTO, Agenor et al. Censo: Resultados em Itabuna e Ilhéus. In: **Análise de dados.** v. 1, n. 4. Salvador: Centro de Estatística e Informática – CEI, 1952.

GOMES, R. C. **Todas as cidades.** A cidade: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

IBGE. **Dados preliminares do Censo 2000.** DEPIS/DIEAD. Rio de Janeiro, 2000.

INFORMATIVO DA UESC. Ano 5, n. 58. UESC/Ilhéus, dez. de 2000.

JORNAL A REGIÃO. Ano 13. Itabuna, 11 de outubro de 1999, p. 10.

_____. Ano 14, n. 650. Itabuna, 26 de março de 2000, p. 13.

_____. Ano 14, n. 659. Itabuna, 28 de maio de 2000, p. 15.

JORNAL A REGIÃO. Ano 14, n. 669. Itabuna, 13 de agosto de 2000, p. 9.

_____. Ano 14, n. 686. Itabuna, 3 de dezembro de 2000, p.

_____. Ano 21, n. 1017. Itabuna, 9 a 15 de novembro de 2002;

JORNAL A TARDE. Salvador, 8 de agosto de 1978, p. 3.

_____. Suplemento especial. Salvador, 28 de julho de 1979, p. 2-3.

_____. Salvador, 28 de fevereiro de 1996.

_____. Salvador, 1 de novembro de 1996.

_____. Salvador, 1 de agosto de 2000.

JORNAL AGORA. Ano IV, n. 147. Itabuna, 28 de julho de 1985. Caderno especial p. 6.

_____. Ano VI n. 300. Itabuna, 28 de julho de 1988, p. 1.

_____. Ano VII n. 337. Itabuna, 28 de julho a 4 de agosto de 1989. Caderno 6, p. 5.

_____. Ano VII, n. 347. Itabuna, 7 a 13 de outubro de 1989, p. 3.

_____. Ano VII, n. 352. Itabuna, 11 a 17 de novembro de 1989, p. 1-3.

_____. Ano VIII, n. 363. Itabuna, 27 de janeiro a 2 de fevereiro de 1990, p. 8.

_____. Ano XIII Itabuna, 28 de julho de 1994. (Edição especial).

_____. Ano XIV n. 630. Itabuna, 20 a 26 de agosto de 1995, p. 1.

_____. Ano XIV, n. 635. Itabuna, 24 a 30 de setembro de 1995, p. 7.

_____. **Agora Documento.** Itabuna, 28 julho a 03 de agosto de 1996, p. 1.

_____. Ano XVIII. Itabuna, 28 de julho a 2 de agosto de 1999. (Edição especial) p. 2.

_____. Ano XVII. **Agora Momento.** Itabuna, 2 a 8 de outubro de 1999, p. 3.

_____. Ano XVIII, n. 858. Itabuna, 6 a 12 de novembro de 1999, p. 2.

JORNAL AGORA. Ano XIX. Itabuna, 26 de março de 2000, p. 13.

_____. Ano XIX Suplemento Especial. Itabuna, 28 de julho de 2000, p. 6.

_____. Ano XIX Banda B. Itabuna, 19 a 25 de agosto de 2000, p. 6.

_____. Ano XIX, n. 901. Itabuna, 2 a 8 de setembro de 2000, p. 12.

_____. Ano XX Itabuna, 28 de julho de 2001. Edição especial. P. 2-3.

_____. Ano XXI AGORA Rural. Itabuna, 9 a 15 de novembro de 2002. p. 11.

_____. Ano XXII Banda B. Itabuna, 1 a 3 de janeiro de 2003.

_____. Ano XXII Itabuna, 28 de julho de 2003. Edição Especial, p. 15.

JORNAL O CLARIM. Itabuna, outubro de 1998, p. 8.

JORNAL O INTRANSIGENTE. Ano 9, n. 50. Itabuna, 17 de agosto de 1935, p. 1.

_____. Ano 10, n. 41. Itabuna, 13 de junho de 1936, p. 1.

_____. Ano 14, n. 1. Itabuna, 7 de julho de 1939, p. 8.

_____. Ano 27, n. 93. Itabuna, 29 de julho de 1953.

_____. Ano 30, n. 102. Itabuna, 11 de janeiro de 1956, p. 2.

_____. Ano 30, n. 133. Itabuna, 20 de fevereiro, de 1956, p. 1

JORNAL OFICIAL DO MUNICÍPIO DE ITABUNA. Ano 1, n. 35. Itabuna, 26 de dezembro de 1931.

_____. Ano 14, n. 658. Itabuna, 2 de janeiro de 1944.

_____. Ano 30, n. 1420, 11 de junho de 1960.

_____. Ano 33, n. 1623. Itabuna, 2 de novembro de 1963.

_____. Ano 39, n. 1.828. Itabuna, 12 de julho de 1969.

JORNAL OFICIAL DO MUNICÍPIO DE ITABUNA. Ano 39, n. 1824. Itabuna, 27 de dezembro de 1969.

_____. Ano 42, n. 2020. Itabuna, 16 de dezembro de 1972.

JORNAL SB. Itabuna, 25 de março de 1973.

_____. Itabuna, 2 de setembro de 1973.

JORNAL AGORA. Ano XXII Edição Especial Itabuna 28 de julho de 2003.

_____. Ano XXI Edição Especial Itabuna 28 de julho de 2002.

_____. Ano XXII Edição Especial Itabuna 26 de julho de 1993.

LEI ORGÂNICA DO MUNICÍPIO DE ITABUNA. Capítulo II. Itabuna: Stúdio, 1990.

LUNA, W. A cidade perdida. In: MATTOS, C. de. (Org). **Itabuna, chão de minhas raízes.** Salvador: Oficina do Livro, 1996, p. 77.

MAGNOLI, Demétrio; ARAÚJO, Regina. **Projeto de ensino de Geografia – Geografia do Brasil.** São Paulo: Moderna, 2002.

MATTOS, Cyro de. **Cancioneiro do cacau.** Epopéia e mistérios da civilização do cacau na Bahia, de sua origem aos dias atuais. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

OLIVEIRA, Clarice G. S. de. **Novas Indústrias em Itabuna e Ilhéus – 1980/2000.** Dissertação (Mestrado em Geografia). UFBA, 2001.

OLIVEIRA, J. A. de. **Jornal Agora.** Itabuna, 28 de julho de 1999. Coluna Livre, p. 2.

_____. **Jornal Agora.** Itabuna, 6 a 12 de novembro de 1999. Coluna Opinião, p. 2.

PEREIRA FILHO, C. **Terras de Itabuna.** Rio de Janeiro: Elos, 1960.

PERIÓDICO RIO VIVO. **Programa de recuperação da bacia do rio Cachoeira (PRBCA).**

PINHEIRO, V. Cacau. In: PÓLVORA, P.; PADILHA, T. (Org.). **Cacau em prosa e verso.** Antares, s. d. p. 177.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO AGROPECUÁRIO DO MUNICÍPIO DE ITABUNA. Ceplac/Prefeitura municipal de Itabuna. Itabuna, julho de 1997.

PÓLVORA, H.; PADILHA, T. **Notícias sobre a “civilização” do cacau.** Itabuna: CEPLAC, 1979.

POSSIDÔNIO, Z. Gente que passa. In: CARVALHO, G. O. (Org.). **Poetas Ocultos.** Itabuna, s. d. p. 109.

PÓVOAS, R. do C. **Itan dos Mais Velhos.** Salvador: BDA, 1996.

PROJETO RADAMBRASIL. **Folha de Salvador.** v. 24 Ministério das Minas e Energia. Rio de Janeiro, 1981.

RAMOS, M. E. A cidade no capitalismo: o lugar do homem. In: **Boletim Goiano de Geografia.** Goiânia, jan./jun. 1997. v. 17, n. 1, p. 55-62.

RAMOS, Maria Conceição de Oliveira. **Relações ambientais da bacia do rio Cachoeira.** Ilhéus: Editus, 1997.

REGNI, Pietro Vitorino. OFM. **Os capuchinhos italianos (1705-1891).** Tradução: Frei Agatângelo de Crato. OFM. Caxias do Sul: Palotti, 1988.

REVISTA FOTOGRÁFICA TABOCAS 2000. Ano 1, n. 1. Itabuna, setembro de 1999.

ROCHA, Lurdes Bertol. **O centro da cidade de Itabuna: trajetória, signos e significados.** Ilhéus: Editus, 2003.

SANTOS, Milton. **Zona do Cacau.** Introdução ao Estudo Geográfico. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1957.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Marcos Roberto. **Itabuna: de vila à cidade (1890/1910).** Monografia (Graduação em História). UESC. Ilhéus, 2000.

SILVA, S. C. B. de M. Papel das cidades no processo de crescimento econômico: uma reavaliação. In: **Revista Brasileira de Geografia.** Rio de Janeiro, v. 56, n. 1/4, p. 239-253, jan/dez. 1994.

SILVA, Sylvio C. B. de M.; SILVA, Bárbara-Christine Nentwig. **O subsistema urbano-regional de Ilhéus e Itabuna**. Recife: SUDENE, 1987.

SILVA, Ana Paula. **Imigração sírio-libanesa: o caso de Itabuna (1910 a 1940)**. Monografia (Graduação em História). UESC. Ilhéus, 2001.

SILVEIRA, Adelino Kfourir. Itabuna. **Jornal A Região**, 28 de julho de 1993.

SILVEIRA, Adelino Kfourir. **Itabuna, minha terra**. Itabuna: Sta. Helena, 2002

SRH. **Diagnóstico das bacias hidrográficas dos rios Cachoeira e Almada**. caracterização ambiental. v. 1, tomos I e V. Ilhéus, UESC, 2001.

PÓLVORA, Hélio; PADILHA, Telmo. **Cacau em Verso e Prosa**. Rio de Janeiro: Editora Dantas, 1978.

TOURINHO, Manoel. A cultura de sujeiras. In: **Jornal Agora**. Itabuna: 31 de dezembro de 1982.

Primeiro não teve nome, quatro ou cinco casas apenas à margem do rio. Depois foi povoado de Tabocas, as casas se construindo umas atrás das outras, as ruas se abrindo sem simetria ao passo das tropas de burros que traziam cacau seco. (...) Tabocas continuava um povoado do município de São Jorge dos Ilhéus. Mas já muita gente, quando escrevia cartas, não as datava mais de Tabocas e sim, de Itabuna. E quando perguntavam a um morador dali, que estivesse de passeio em Ilhéus, de onde ele era, o homem respondia cheio de orgulho: Sou da cidade de Itabuna.

Jorge Amado

ISBN 123456789-X



9 1 2 3 4 5 6 7 8 9 7